

## **Proposta de Criação e Programação do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau**

**Patrícia Helena Lopes Pinto de Sousa Melo**

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia**

**Fevereiro de 2014**

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a  
orientação científica da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de projecto resultou de uma longa e árdua jornada investigação que se iniciou em Lisboa, com as aulas de Mestrado, viajou por Macau e pela China, apreendendo novas realidades e culturas, e terminou no ponto de partida, com a redacção que agora se apresenta. Durante este período, que alternou entre momentos de grande entusiasmo e motivação e outros de algum cansaço e até desânimo, o meu caminho intersectou-se com o de muitas pessoas que me apoiaram e ajudaram a concretizar esta tarefa.

Assim, agradeço primeiramente à minha orientadora, a Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, pelo acompanhamento e supervisão do trabalho de projecto, assim como pela confiança depositada em mim ao longo de todo o processo.

Agradeço ao João Santos, pela paciência (quase) infinita e tolerância demonstrada nestes longos meses de dedicação a este trabalho; à Cláudia Almeida, pelas sugestões, incentivos, troca de ideias e apoio nas horas difíceis; um obrigado muito especial à Sofia Custódio e ao Nuno Sá que tão bem me receberam em Macau e que me apoiaram em tudo o que foi necessário; aos amigos que me acompanharam durante este longo processo de escrita e investigação: Carla Telésforo, Joana Crisóstomo e Cláudia Pereira; aos meus colegas de Mestrado, Ema Rocha, Luís Lopes, Rui Pedro Nunes, Raquel Morgado e Teresa Crespo e à minha amiga e colega de trabalho Margarida Martins.

Agradeço ainda ao Dr. Eduardo Ribeiro, pelas conversas sobre a problemática da presença de Camões em Macau e ao Dr. João Botas, pela sua disponibilidade em esclarecer todas as dúvidas relacionadas com a História de Macau e a Gruta de Camões, assim como pela autorização do uso de muitas imagens do seu blog neste trabalho. Por último, um agradecimento especial também à Biblioteca do Museu do Centro Cultural e Científico de Macau, que prontamente me auxiliaram na pesquisa ali realizada; ao Centro de Documentação do Museu do Oriente; ao Arquivo Histórico de Macau e à Dr.<sup>a</sup> Maria Aires da Silveira do MNAC, que entre as várias informações prestadas, me levou a conhecer o busto de Camões pertencente ao acervo do museu, e que se pensa ser o molde usado por Bordalo Pinheiro para executar o que actualmente se encontra na Gruta de Camões em Macau.

## **RESUMO**

### **Proposta de Criação e Programação do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau**

**Patrícia Helena Lopes Pinto de Sousa Melo**

**Palavras-chave:** Macau; História e Património Cultural de Macau; Gruta de Camões; Interpretação do Património Cultural; Centro de Interpretação; Plano de Interpretação; Programação e Planificação Interpretativa

Este trabalho de projecto tem por objectivo a apresentação de uma proposta conceptual para a criação e programação interpretativa do Centro de Interpretação Luís de Camões, em Macau. O ponto de partida é o monumento designado por “Gruta de Camões” – constituído por três penedos em forma de dólmen, que abrigam um pedestal encimado por um busto de bronze do poeta -, localizado naquele território, no jardim com o mesmo nome do vate, onde este terá presumivelmente permanecido por um período de dois anos, no Século XVI e escrito parte do seu Épico. Esta plausibilidade foi responsável, a partir de finais do Século XVIII, pelas diversas transformações ocorridas no local e que culminaram, em 1923, com a criação de uma tradição de romagem aos penedos onde o vate terá permanecido, durante as celebrações do 10 de Junho. Trata-se de uma performance ritual de extrema relevância para o fortalecimento dos laços da comunidade portuguesa e macaense para a coesão identitária e para o reforço da memória colectiva. O acrescento e a remoção de elementos associados ao monumento, assim como as suas relações com a literatura e com episódios e personagens da História de Macau e de Portugal e ainda a sua área envolvente (Casa Garden e Jardim de Camões), foram responsáveis pela sua transfiguração estética e classificatória. A Gruta de Camões não é apenas uma formação geológica secular, mas um repositório de valores – patrimoniais, culturais, simbólicos -, que foram sendo construídos, reconstruídos e conjugados ao longo de séculos e que importa preservar, interpretar e valorizar.

É no âmbito das medidas de protecção do património cultural de Macau, que se iniciaram com a classificação da Gruta Camões como monumento, que se insere esta proposta. Dada a relevância do bem patrimonial e a inexistência de suportes informativos que comuniquem a sua relevância cultural e histórica, apresenta-se uma proposta de musealização e interpretação do local, que salvaguarde e comunique os valores patrimoniais associados através da modalidade “centro de interpretação”. Por outro lado e na sequência da sua criação, sugere-se ainda a condução de um programa interpretativo, que facilite à comunidade residente e a todos os possíveis públicos-alvo, a interpretação e a divulgação destes importantes conteúdos e que surge integrado numa estratégia de planificação.

## ABSTRACT

### **Interpretive Planning and Development of Luis de Camoens Heritage Centre in Macao**

**Patrícia Helena Lopes Pinto de Sousa Melo**

**Keywords:** Macao; Macao History; Cultural Heritage of Macao; Camoens Grotto; Interpretation of Cultural Heritage; Heritage Centre; Interpretive Planning; Interpretation Plan

This project was aimed at creating the “Luis de Camoens Heritage Centre in Macao” and developing its interpretation plan. The starting point is the monument known as “Gruta de Camões” - “Camoens Grotto” – composed by three large stones resembling a dolmen, with a bronze sculpture bust atop a pedestal which is underneath that geological formation -, which can be found in the Luis de Camoens Garden, located in the northern part of that city. It is common belief that the Portuguese poet was one of the first habitants of Macao and that he lived among the Portuguese settlement in the 16<sup>th</sup> century; he spent two years in that particular location, seeking refuge and inspiration for his masterpiece, *The Lusads*. The conviction of his presence in Macao was accountable for the several transformations that occurred in that setting - from the 18<sup>th</sup> century onwards -, for its classification as a monument (under the Macao’s Heritage Protection Law) and also for the invention of a tradition in 1923, which included a pilgrimage to the rocks where Luis Vaz de Camoens allegedly lived. This ritual was created by a Portuguese Macao Governor, Rodrigo Rodrigues, in his first mandate and it takes place every year in June 10<sup>th</sup>, the Portuguese holiday dedicated to “Camoens, Portugal and Portuguese Communities”. These celebrations generate important symbolic meanings for the Portuguese and Macanese communities because they work as mechanisms that strengthen cultural identities and the ties between the individuals, thus enhancing group cohesion. Through these ritual performances, social memory is activated, transforming the place in more than merely a group of rocks, but in a landscape of remembrance.

The numerous alterations and changes that the monument was subjected; its links with writers, episodes and personalities of Macao’s and Portugal History and its associations with the expansion and developing of the surrounding landscape (the garden itself and the Casa Garden) were responsible for the several aesthetics configurations of the monument and its classification. Therefore, Camoens Grotto is more than a geological formation, it is a source or prominent assets (historical, cultural and symbolic), reconstructed and recreated during many centuries and thus it is of vital importance to preserve, protect and interpret. It is in the setting of preservation of Macao’s cultural heritage that this project is introduced; the cultural and historic significance of the monument should be communicated to the public and interpreted through the creation

of an institution, the “Luis de Camões Heritage Interpretive Centre”, and its interpretation plan, developed through a systematically and comprehensively interpretive planning strategy, where objectives, audiences and means for communicating that significance to all visitors are outlined. Data for this study was collected in Portugal but mainly in Macao, throughout extensive historical research on the monument, its transformations and the relationships with local history. This project emphasizes the importance of preserving cultural heritage in a peculiar and multicultural context as Macao; it’s incessantly grow and expansion are quickly transforming the urban landscape and those changes can endanger cultural heritage if proper action is not taken.

# ÍNDICE

**Agradecimentos**

**Resumo**

**Lista de abreviaturas**

**Lista de imagens**

**Lista de mapas**

**Lista de tabelas**

**Lista de diagramas**

**Introdução .....1**

**Capítulo 1: Macau: último reduto da presença portuguesa no Oriente.....8**

1.1 Caracterização sumária da Região Administrativa Especial de Macau.....8

1.2 O Património cultural de Macau .....11

**Capítulo 2: Luís de Camões nas “partes da China” .....16**

2.1 Luís Vaz de Camões: dados biográficos .....16

2.2 A problemática da presença de Camões em Macau .....17

**Capítulo 3: A Gruta de Camões em Macau: contextualização histórica e estética e sua envolvente .....19**

3.1 A Casa Garden .....19

3.2 A Gruta de Camões .....25

3.3 O Jardim Luís de Camões .....36

3.4 Relevância cultural e simbólica da Gruta de Camões .....45

3.4.1 Representação do monumento na literatura, belas-artes e fotografia.....45

3.4.2 A romagem à Gruta de Camões e as comemorações do 10 de Junho .....47

**Capítulo 4: Proposta de Planificação Interpretativa da Gruta de Camões .....49**

4.1 Interpretação do património cultural: definição e finalidades .....49

4.2 Estratégia de planificação interpretativa .....51

4.2.1	Definição e finalidades .....	51
4.2.2	Conceitos fundamentais .....	52
4.2.3	Metodologia de planificação interpretativa.....	56
4.2.3.1	Situação actual: enquadramento institucional e diagnóstico das áreas a intervencionar .....	56
4.2.3.1.1	Enquadramento institucional: proposta de planificação conceptual do Centro de Interpretação Luís de Camões.....	57
4.2.3.1.2	Diagnóstico da interpretação e comunicação .....	69
1)	“Exposição” / valores patrimoniais.....	71
2)	Comunicação/ difusão.....	74
4.2.3.1.3	Carências detectadas e proposta de soluções .....	77
1)	“Exposição” / valores patrimoniais.....	77
2)	Comunicação / difusão.....	82
4.2.3.2	Definição de objectivos .....	84
4.2.3.3	Estratégia de programação interpretativa.....	86
4.2.3.3.1	Mensagens .....	87
4.2.3.3.2	Públicos-alvo .....	89
4.2.3.3.3	Meios interpretativos.....	97
4.2.3.4	Implementação - projectos .....	109
4.2.3.5	Avaliação, manutenção e seguimento .....	111
	<b>Considerações finais .....</b>	<b>118</b>
	<b>Bibliografia .....</b>	<b>121</b>
	Macau: história e património cultural .....	121
	Luís de Camões: vida, obra e problemática da sua presença em Macau .....	125
	Gruta de Camões em Macau, sítios e monumentos associados .....	127
	Museologia, interpretação cultural e planificação interpretativa .....	138
	Manuais de planificação interpretativa .....	142



<b>Recursos adicionais</b> .....	146
Artigos de imprensa .....	146
Legislação: Região Administrativa Especial de Macau e protecção, salvaguarda e interpretação do património cultural .....	153
Fontes em linha.....	157
Sítios institucionais – generalistas .....	157
Sítios institucionais – património cultural .....	158
Interpretação do património cultural e associações de interpretação do património cultural .....	160
Centros de interpretação e museus .....	161
Imprensa .....	161
Blogs .....	162

## **Apêndices e Anexos ..... Vol. II**

### **APÊNDICES ..... Vol. II**

**Apêndice A** - Caracterização económica e social da R.E.A. de Macau ..... AP.I

**Apêndice B** – O património cultural de Macau ..... AP.L

**Apêndice C** – Luís de Camões e *os Lusíadas*. .... AP.LXXXVII

**Apêndice D** – Caracterização histórica e estética da Gruta de Camões e a sua relevância cultural e simbólica ..... AP.XCIX

**Apêndice E** – Notas biográficas ..... AP.CCCV

**Apêndice F** – Instrumentos de planificação interpretativa. .... AP.CCCXXIII

### **ANEXOS DOCUMENTAIS ..... Vol. II**

**Anexo A** – Interpretação do património cultural..... AN.I

**Anexo B** – Gruta de Camões em Macau. ....AN.VIII

## LISTA DE ABREVIATURAS

- **AHM:** Arquivo Histórico de Macau
- **AHU:** Arquivo Histórico Ultramarino
- **CCCM:** Centro Científico e Cultural de Macau
- **CILC:** Centro de Interpretação Luís de Camões
- **CPM:** Casa de Portugal em Macau
- **DEV:** Divisão dos Espaços Verdes do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais de Macau
- **DSEC:** Direcção dos Serviços de Estatísticas e Censos de Macau
- **DSEJ:** Direcção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau
- **DST:** Direcção dos Serviços de Turismo de Macau
- **EPM:** Escola Portuguesa de Macau
- **FO:** Fundação Oriente
- **HLF:** Heritage Lottery Fund
- **HPIP:** Portal do Património de Influência Portuguesa
- **IACM:** Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais de Macau
- **IC:** Instituto Cultural da R.A.E. de Macau
- **IFT:** Instituto de Formação Turística de Macau
- **IIM:** Instituto Internacional de Macau
- **JICN:** Jardim de Infância D. Costa Nunes
- **IPOR:** Instituto Português do Oriente
- **LCPM:** Lancaster County Planning Mission
- **MM:** Museu de Macau
- **MNAC:** Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado
- **OMP:** Organização Mundial de Poetas

- **PLNM:** Português Língua não Materna
- **RAEM:** Região Administrativa Especial de Macau
- **RPC:** República Popular da China
- **TICs:** Tecnologias da Informação e da Comunicação
- **UMAC:** Universidade de Macau
- **USJ:** Universidade de São José

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de projecto, intitulado “Proposta de Criação e Programação do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau”, incide nos valores patrimoniais associados à permanência do poeta português naquele território, os quais se materializam no bem cultural designado por “Gruta de Camões”.

Este monumento, que se encontra no interior do Jardim Luís de Camões daquela cidade, é constituído por três grandes penedos em forma de dólmen, os quais abrigam um busto em bronze do poeta, da autoria do escultor Bordalo Pinheiro. Terá sido neste local que, alegadamente, o vate terá permanecido por um período de dois anos - no Século XVI - e onde terá redigido, parcialmente, aquela que é considerada como uma das obras-primas da literatura, *Os Lusíadas*. Embora a questão da sua estadia se revista de alguma polémica e tenha motivado ao longo dos tempos discussões infundáveis e inconclusivas entre investigadores, académicos e entusiastas da temática camoniana, uns afirmando que se trata de um facto histórico, outros relegando o episódio para a categoria de mito, lenda e/ou tradição, a sua relevância histórica e cultural constitui um facto incontestável. Por conseguinte, aquela determinou as diversas transformações que foram operadas no monumento (e a sua própria classificação enquanto tal), a partir do Século XVIII e que se alargaram, gradualmente e em diversos períodos, à área envolvente: à Casa Garden, palacete que integrava a propriedade onde se encontrava a Gruta e ao próprio jardim. Por outro lado, essa significância histórica e cultural foi também responsável pela valorização da carga simbólica do monumento – que desempenha um papel fundamental para a comunidade macaense e portuguesa residente -, a qual foi fortalecida com a romagem cívica aos penedos de Camões, instituída a 10 de Junho de 1923 pelo Governador Rodrigo Rodrigues. Esta coreografia ritual que se desenrola anualmente e que conta com a participação de ambas as comunidades (e também da comunidade chinesa, através de escolas e diversas organizações) transformou o recurso patrimonial, mesmo depois da passagem do território para administração chinesa, num importante elemento de coesão identitária para os dois primeiros grupos e de reforço da sua memória colectiva. A Gruta de Camões conserva-se, assim, como um marco da presença portuguesa além-mar, como símbolo da sólida e

centenária ligação histórica e cultural entre Portugal e a China e, acima de tudo, como um elemento crucial do património cultural de Macau e dos macaenses.

O monumento, amplamente representado na literatura, historiografia e iconografia – quer portuguesa, quer estrangeira - constitui assim o ponto de partida para a elaboração de uma proposta que em termos estruturais se desenvolveu em dois momentos:

(I) Planificação conceptual do Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau, a partir do monumento que lhe foi aí erigido, expressando o primeiro propósito assinalado para este trabalho;

(II) Formulação do Plano de Interpretação para os valores patrimoniais constituídos pelo monumento e sua envolvente, expressando a programação referida no título. As propostas são apresentadas sequencialmente, uma vez que integram uma estratégia de planeamento, decorrente dos procedimentos da gestão, dividida por isso nas três etapas características: análise da situação, estratégia e avaliação, mas adaptada à área interpretativa.

Metodologicamente, o trabalho de projecto dividiu-se em duas partes, uma de pesquisa bibliográfica e documental e outra de investigação no terreno.

### **Pesquisa bibliográfica/documental**

A primeira compreendeu obras de carácter geral dedicadas à História e Património Cultural de Macau (com particular enfoque na legislação de protecção neste âmbito), à vida e obra do poeta, bem como à problemática da sua presença no território, assim como manuais de boas-práticas relativas à planificação interpretativa e a estratégias de programação. No que concerne a estas temáticas, fui confrontada com uma multiplicidade de procedimentos metodológicos extremamente variados, decorrentes da importância crescente destas matérias e consequente promoção da acessibilidade ao património cultural e natural. Contudo, após a sua análise mais pormenorizada, constatei que em muitos casos se tratavam de variações metodológicas que divergiam essencialmente em função do título e do contexto geográfico da sua aplicação. Desse conjunto, os *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico* e os

diversos manuais de planificação interpretativa<sup>1</sup> e para a criação de centros de interpretação estiveram na base da minha preferência<sup>2</sup>, tanto a nível de metodologia, como de terminologia. A primeira revelou-se um recurso essencial e, apesar de inteiramente dedicada à programação e reprogramação museológica, apresentou-se como um guia de trabalho extremamente versátil, acessível e de clara apreensão. Embora este trabalho não se debruce sobre a criação de um museu, a tipologia interpretativa seleccionada partilha de atributos comuns com aquela instituição, pelo que os princípios destas publicações podem ser adoptados por outras instituições e modalidades interpretativas, tais como os centros de interpretação. O segundo conjunto é constituído por diversos manuais e guias de boas-práticas, cuja principal finalidade é a promoção e desenvolvimento de estratégias de planeamento e implementação especificamente dirigidas à área interpretativa. Os seus contributos revelaram-se preciosos para este empreendimento, não só pelas suas propostas simplificadas, mas pela perfeita adaptação ao contexto em causa. Todavia, persistiram as divergências no que concerne aos procedimentos metodológicos e terminologias empregues, pelo que se tornou urgente a sua uniformização. Esta baseou-se, por um lado, no apuramento de um conjunto de procedimentos com vista à planificação conceptual do centro de interpretação e à redacção do plano de interpretação e, por outro, à selecção de um conjunto de nomenclaturas que foram empregues no decorrer deste trabalho.

Relativamente ao primeiro aspecto, a maior dificuldade residiu na singularidade do objecto de estudo (inexistência de edifício, acervo e colecção, recursos patrimoniais ao ar livre, etc.) que não encontrava correspondência directa em nenhuma das obras consultadas. Estas revelaram-se muito específicas ou demasiado generalistas. Se por um lado a simplicidade e clareza dos *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico* se oferecia como uma vantagem inequívoca, por outro, o facto de se dedicar quase exclusivamente a museus e tipologias análogas constituía-se como um ponto menos positivo, uma vez que nem todos os campos encontravam correspondência ou faziam sentido neste contexto. Assim, em alguns sectores, as particularidades dos manuais referidos logo surgiram como a aposta mais conveniente. Esta situação foi notória, por

---

<sup>1</sup> CARTER, 2001, *A Sense of Place - An Interpretative Planning Handbook*.; CROSS, s/d, *Sharing our Stories: Using Interpretation to improve the visitor's experience at heritage sites*; JONES, 2007, *Sharing Our Stories: Guidelines for Heritage Interpretation*; HLF, 2009, *Thinking about... Interpretation*; LCPM, 2007, *Telling Our Stories, an Interpretation Manual for Heritage Partners*; NSW, 2005, *Heritage Information Series: Heritage Interpretation Policy*; TUGAS et al., 2005, *Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook*; s/d, *Interpretive Planning*.

<sup>2</sup> As opções metodológicas e de escolha de bibliografia assentaram em preferências pessoais.

exemplo, ao nível do diagnóstico, o qual contemplava, na obra acima aludida, muitos outros elementos que careciam de utilidade neste domínio, pelo que foram por mim excluídos. Por outro lado, os manuais de planificação interpretativa, nos quais o diagnóstico era denominado de “análise da situação”, não apreciavam alguns dos campos que para mim eram essenciais, ou eram abordados superficialmente, decidindo assim apresentar um conjunto de informações mais detalhadas e minuciosas, as quais tiveram grande relevância para a elaboração do plano de interpretação. Consequentemente e depois de longa e cuidada reflexão, conclui que não me devia limitar a nenhum dos recursos bibliográficos, nem optar isoladamente por métodos e técnicas. Decidi aplicar uma metodologia própria, a qual resultou da selecção dos aspectos e elementos mais importantes das obras consultadas, articulando-os com as especificidades do objecto de estudo, originando algo personalizado e pensado exclusivamente para este contexto, reflectindo por isso, as suas particularidades. Esta opção surge na sequência da minha opinião pessoal de que estas ferramentas não devem ser inflexíveis, podendo ser adoptadas por outras instituições culturais, independentemente da sua tipologia, e reformuladas consoante as suas necessidades e características. Concludentemente, a proposta de conceptualização do centro de interpretação resultou da intersecção entre as normas presentes em *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico* e em *Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook*, com os devidos ajustamentos em função da singularidade do bem cultural, retirando campos que não se adequava àquele e acrescentando outros que encarei como indispensáveis. A redacção do plano de interpretação assentou no primeiro título acima referenciado e nos diversos manuais de planificação interpretativa já mencionados, cujas metodologias se harmonizaram com o objecto em estudo.

Do mesmo modo, também as terminologias careciam da referida ponderação devido à sua variedade constante nos manuais de boas-práticas de planificação interpretativa, situação que gerou em determinados momentos alguma confusão. Foi relativamente aos conceitos de planificação, programação, plano, programa e projecto, que registei as maiores disparidades, pelo que mais uma vez me apoiei na obra *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico*. Assim, todos os conceitos relacionados com a planificação e programação – plano, programas e projectos - são para essa obra remetidos, uma vez que esta oferece definições precisas, ao contrário dos restantes manuais e são devidamente explanados no Capítulo 4.2.2.

## **Investigação no terreno**

Dado que era inconcebível a abordagem ao tema sustentada apenas em pesquisa documental, tornou-se imprescindível a investigação no terreno, a qual compreendeu a minha deslocação e permanência em Macau em dois períodos intercalados - um de seis meses e outro de um mês - e sem a qual teria sido impossível a concretização deste trabalho. Esta viagem permitiu-me colmatar algumas falhas a nível da bibliografia e da documentação (através da pesquisa bibliográfica e documental) e observar e documentar fotograficamente e *in loco*, o objecto de estudo - bem como as celebrações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas - através de deslocações frequentes e quase diárias ao Jardim Luís de Camões. A chegada ao terreno afirmou-se como o confronto entre as percepções e imagens mentais que durante meses tinham sido forjadas e alimentadas por meio de literatura e iconografia e a realidade, que ultrapassou largamente o que conceptualmente tinha idealizado. Constatei que o jardim é um local muito agradável, um refúgio do bulício da cidade, muito fresco, sobretudo nos dias quentes e húmidos de Verão. É também um excelente miradouro - com diversas perspectivas sobre o emaranhado de habitações na zona mais antiga e tradicional - para avistar a China Continental, e uma vez mais, como sucede por toda a cidade, um testemunho da miscigenação e hibridismo cultural, onde é possível atestar algumas das suas práticas quotidianas.

A redacção desta proposta baseou-se ainda nas visitas realizadas a todos os museus e monumentos e ainda ao Centro Histórico, bem como nas observações efectuadas durante as minhas deambulações por Macau, que me permitiram apreender, de uma forma mais directa e também mais pessoal, as características e idiossincrasias da cidade. Estes passeios e a convivência diária com a população chinesa da cidade nas suas múltiplas facetas, e que em muitos casos, sobretudo nos momentos iniciais da minha chegada, se constituíram como um choque cultural, proporcionaram-me um contacto e vivência da cultura local extremamente importantes para a compreensão do próprio objecto de estudo, mas que se traduziu também no assimilar e absorver de uma experiência nova e enriquecedora a todos os níveis, como são todas aquelas em que contactamos com uma cultura diametralmente oposta à “nossa”. Consequentemente, as visitas ao Jardim de Camões e aos recursos patrimoniais acima referidos, bem como o conhecimento aprofundado de Macau nas suas várias facetas foram essenciais para: contextualizar o projecto; apreender as características estéticas, espaciais e simbólicas



do bem cultural, bem como o seu posicionamento no contexto mais amplo do jardim e do palacete anexo, e face à vida quotidiana da comunidade de Macau ali presente; e para retirar ilações acerca dos comportamentos e percepções dos visitantes (chineses e ocidentais) face aos bens culturais.

Este trabalho de projecto divide-se em quatro capítulos: os três primeiros dedicam-se ao enquadramento da temática e caracterização do objecto de estudo e o último à discussão e decomposição das etapas de planificação interpretativa, com vista à prossecução dos objectivos elucidados no início deste capítulo introdutório. O **Capítulo I** aborda sinteticamente alguns aspectos da História de Macau, conferindo, porém, um maior destaque ao património cultural, tanto a nível das tipologias existentes, como ao nível dos instrumentos legais para a sua protecção e salvaguarda. No **Capítulo II** tecem-se algumas considerações biográficas sobre Luís Vaz de Camões, nas quais a sua passagem por Macau e a problemática em torno da sua permanência nesta cidade adquirem grande relevo. Estas apreciações antecedem o **Capítulo III**, no qual se procede à caracterização e descrição do objecto em análise, a Gruta de Camões, mas também a sua envolvente - Jardim Luís de Camões e Casa Garden -, quer em termos históricos, quer geográficos e espaciais, e ainda simbólicos, com uma breve passagem pelas representações da Gruta de Camões na literatura e nas Belas-Artes. Descrevem-se assim, de forma independente e em breves secções, os principais atributos de cada um daqueles elementos que, no entanto, se encontram interligados, constituindo-se a Gruta de Camões como o aglutinador do conjunto. Este capítulo termina com uma alusão às comemorações do 10 de Junho, descrevendo as actividades realizadas anualmente junto ao monumento e a relevância simbólica para a comunidade portuguesa residente. A contextualização providenciada nesta secção é determinante para, numa fase posterior, se definirem os valores patrimoniais associados ao bem cultural e a justificação, quer da criação de um centro de interpretação, quer da organização de uma estratégia interpretativa, exaltando a sua significância histórica e cultural. O **Capítulo IV**, que constitui o âmago do presente trabalho de projecto, encontra-se dividido em diversos subcapítulos que, primeiramente, se debruçam sobre aspectos teóricos relacionados com a interpretação e com as modalidades de apresentação e implementação que aqui irão ser abordadas - os centros de interpretação -, quanto à sua definição e objectivos. O *corpus* do trabalho é formado pelo subcapítulo da proposta de planificação interpretativa, que por sua vez se desdobra em duas partes:

(I) uma síntese introdutória acerca metodologia de planificação interpretativa, seguida da clarificação dos conceitos em torno dos quais aquela se estrutura: plano, programa e projecto;

(II) a descrição das etapas de planificação conducentes quer à criação do centro de interpretação, quer da elaboração do plano de interpretação e que, tendo por base os fundamentos do planeamento estratégico, embora adaptadas ao caso em análise. A planificação interpretativa da Gruta de Camões compreendeu assim os seguintes passos:

**a) Situação inicial:** composto pelo enquadramento institucional (abrangendo a planificação do centro de interpretação a nível conceptual) e pelo diagnóstico das áreas em que se pretende intervir - a exposição e comunicação/divulgação dos valores patrimoniais associados ao monumento, o qual compreende a descrição e análise destes elementos e a proposta de programas, consoante as necessidades aí identificadas;

**b) Estratégia de elaboração do plano de interpretação,** que inclui a delineação de objectivos de interpretação, a formulação da estratégia do programa interpretativo – selecção das mensagens a transmitir, públicos-alvo a atingir e meios interpretativos a empregar – e a sua implementação na forma de projectos;

**c) Avaliação do programa interpretativo,** através de métodos e técnicas próprias. Os resultados desta tarefa serão determinantes na manutenção e seguimento do programa, reavaliando as premissas iniciais e rectificando todos os aspectos cujo desempenho não permite o cumprimento das metas previamente traçadas.

Por último, o trabalho é rematado com o capítulo das considerações finais, onde se efectua uma derradeira reflexão relativamente ao foco central deste projecto. Este é acompanhado de um volume complementar, que agrega imagens, tabelas e diagramas de apoio ao texto, a sistematização dos instrumentos de planificação propostos e ainda outros documentos que sustentam a informação transmitida. Todos estes materiais se encontram devidamente organizados, possuindo um índice individualizado, a fim de facilitar a consulta.

# 1. MACAU, ULTIMO REDUTO DA PRESENÇA PORTUGUESA NO ORIENTE

## 1.1 Caracterização sumária da Região Administrativa Especial de Macau

A cidade de Macau - 澳門<sup>3</sup> -, localizada no Sudeste Asiático entre o Mar do Sul da China e o Estuário do Rio das Pérolas, fazendo fronteira com a China Continental a Norte, Oeste e Sul<sup>4</sup>, foi o primeiro entreposto comercial europeu na Ásia, uma possessão ultramarina portuguesa durante 450 anos e a derradeira colónia europeia. É, desde 20 de Dezembro de 1999, quando se efectivou o processo de transferência da Administração Portuguesa para a Administração Chinesa, uma região administrativa especial pertencente à RPC, tal como Hong Kong<sup>5</sup>. Este estatuto peculiar assenta nas cláusulas definidas pela *Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau*<sup>6</sup> assinada em 1987, e subsequente *Lei Básica da R.A.E. de Macau*<sup>7</sup>. Esta foi decretada com base nas disposições da referida *Declaração* e na Constituição da RPC, conferindo a Macau autonomia executiva, legislativa e judicial, excepto no campo da política externa e da defesa, matérias que se encontram subjugadas à RPC. Sob o princípio “Um país, dois sistemas”<sup>8</sup> a mencionada autonomia irá manter-se até 2049.

A História de Portugal e de Macau cruza-se a partir do Século XVI, na sequência dos Descobrimentos Portugueses e da exploração de novos territórios por parte dos navegadores lusos. A descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498 e a conquista de Malaca em 1511, constituíram-se como episódios fundamentais para a entrada dos portugueses no Império do Meio. As várias tentativas encetadas por

---

<sup>3</sup> *Aumen* (em mandarim), *Ou Mun* (em cantonês/cantonense)

<sup>4</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapas 1 e 2

<sup>5</sup> Tal como Macau, Hong Kong foi uma possessão colonial mas o seu estatuto alterou-se em 1997.

<sup>6</sup> Este tratado bilateral designado oficialmente por *Declaração Conjunta do Governo da República Portuguesa e do Governo da República Popular da China sobre a Questão de Macau*, foi assinado em Pequim a 13 de Abril de 1987, pelos Presidentes da República de ambos os países, Cavaco Silva e Zhao Ziyang, embora as negociações para a sua concretização já viessem a ser conduzidas desde 1985. Este tratado realça que Macau é território chinês sob Administração Portuguesa e define, para além da mencionada autonomia, um período de transição e preparação para a transferência durante o qual foram efectuadas reformas nos principais sectores da cidade.

<sup>7</sup> A *Lei Básica da Região Especial Administrativa de Macau da República Popular da China*, adoptada a 31 de Março de 1993, entrou em vigor na data da transição de poderes. Regula os direitos e deveres dos seus cidadãos, bem como as políticas a aplicar no território.

<sup>8</sup> “1982: Den Xiaoping introduz o conceito de “Um país, dois sistemas” como proposta de unificação do continente chinês com Taiwan, Hong Kong e Macau, procurando, sem trair o espírito da República Chinesa, conciliá-lo com o modelo económico-social desses territórios.” (MARTINS, 2013: xxxviii)

aqueles, para a fixação em território chinês, moldaram as suas relações com os mandarins, as quais se pautaram por diversos avanços e recuos. Apesar de não ter sido concedida uma autorização formal, a partir do momento em que a presença portuguesa na Costa de Macau se converteu numa constante, a permanência contínua dos navegadores foi alvo de múltiplas negociações, nas quais o monopólio do comércio com o Japão desempenhou um papel preponderante. Aquelas culminaram com o estabelecimento de um acordo verbal entre as duas partes, obtido em 1555 por intermédio de Leonel de Sousa, consentido a estadia dos portugueses. Todavia, a cidade foi fundada oficialmente apenas em 1557, estatuto alcançado em consequência do alegado auxílio<sup>9</sup> prestado pelos portugueses no combate aos piratas que assolavam o território.

A posição de Macau como intermediária no comércio entre a China, Japão, Manila, Goa, Sião, Malaca, Índia e Europa, no Século XVI e XVII, transformou o território - que previamente à chegada dos portugueses se resumia a um ancoradouro e a uma aldeia piscatória -, no mais importante entreposto comercial na Ásia<sup>10</sup>, e no único porto em território chinês que se encontrava aberto ao comércio com os estrangeiros. Esta conjuntura geográfica e económica específica e extremamente vantajosa, possibilitou a obtenção de elevados lucros - que revertiam quer para o desenvolvimento da própria cidade, quer para a Coroa Portuguesa -, e a instalação da sede da Companhia de Jesus, de onde partiam as missões de evangelização para toda a Ásia Oriental. Durante os cem anos designados como a “época de ouro”, Macau experimentou um progresso notável a todos os níveis, no qual os Jesuítas desempenharam um papel fundamental, não só na difusão do catolicismo, mas também no ensino e na divulgação da cultura e da língua portuguesa, e na propagação do conhecimento científico no Extremo-Oriente. Contudo e a partir do final do Século XVII, vários factores – a perda de Malaca para os holandeses, a expulsão dos missionários católicos do Japão e subsequente privação das relações comerciais com este país, as invasões das diversas potências europeias, de entre as quais se destacam os holandeses e os ingleses, e o estabelecimento de Hong Kong como colónia britânica em 1842 – favoreceram o início de um período de declínio económico que, embora dissipado temporariamente, nunca

---

<sup>9</sup>A falta de consenso por parte dos historiadores, ocidentais e orientais, acerca do modo como o território foi cedido aos portugueses, originou a veiculação de diversas teorias relativas a esta temática, sendo a acima referida uma das mais comuns (REGO, 1946; LOUREIRO, 2000).

<sup>10</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapas 3 e 4

proporcionou a Macau a reconquista da posição de domínio anteriormente detida. De facto, aquele último episódio constituiu-se como um duro golpe para a cidade, que foi substituída no panorama internacional por aquele novo porto marítimo, caracterizado desde o início por um grande dinamismo económico e comercial, e cujas repercussões se fazem sentir até à actualidade. Em virtude destas ocorrências, que ameaçavam a soberania portuguesa no território e que causavam preocupação à Coroa, foi destacado para Macau o General Ferreira do Amaral, que aportou à cidade em 1846 com a missão de restabelecer a ordem. Todavia, as várias decisões polémicas tomadas ditaram o seu assassinato pelos chineses em 1849, incidente que esteve na origem do conflito do “Passaleão”, que opôs a Macau/Portugal e a China, tendo os primeiros saído vitoriosos sob o comando de Vicente Nicolau Mesquita<sup>11</sup>. Estes episódios conduziram, posteriormente, à assinatura do *Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português* a 1 de Dezembro de 1887<sup>12</sup>, no qual ficou reconhecido o direito de Portugal à ocupação e governação de um território pertencente à China.

Apesar de alguns períodos de retoma económica alcançados por meio do comércio ilegal de ópio, de cules<sup>13</sup> e posteriormente de ouro, assim como da legalização do sector do jogo, Macau não reencontrou o fulgor do passado. Todavia, a perda do protagonismo económico-comercial em detrimento de Hong Kong possibilitou que a cidade não sofresse de forma tão acentuada as consequências da Segunda Guerra Mundial, as quais se mostraram mais severas nos territórios vizinhos - China e Hong Kong –, invadidos pelas tropas japonesas, permitindo, deste modo, auxiliar e acolher os refugiados provenientes das zonas afectadas. O estabelecimento da Democracia em Portugal em 1974 constituiu o ponto de partida para o início das negociações com vista à restituição do território à RPC, a qual se veio a concretizar em 1999, como citado anteriormente.

---

<sup>11</sup> Presume-se que a execução de Ferreira do Amaral tenha sido encomendada pelo Vice-Rei de Cantão, acontecimento que despoletou o conflito entre as forças militares de Macau e as forças imperiais chinesas, as quais se concentraram num forte (cuja designação traduzida para português seria “Passaleão”) localizado junto às actuais Portas do Cerco. Após a vitória do Coronel Mesquita, foi erigido nesse local um arco comemorativo de ambos os acontecimentos (Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 86 e 87)

<sup>12</sup> Nele tomaram parte o representante português Tomás de Sousa Rosa e o representante chinês Sun Xuwen.

<sup>13</sup> O termo “cules” designava os trabalhadores chineses que, em meados do Século XIX, emigraram para vários locais (Maurícias, Cuba, etc.) - que possuíam um deficit de mão-de-obra provocada pela abolição da escravatura - para trabalhar na exploração mineira, nas plantações de cana-de-açúcar e na recolha de guano, etc.). Apesar de a sua deslocação ser voluntária, rapidamente a actividade foi sujeita a especulação e se tornou numa espécie de escravatura encapotada. Apesar dos vários regulamentos criados pelo Governo de Macau para combater esta actividade, os resultados na prática eram insuficientes. Macau e Hong Kong foram dois importantes centros de fornecimento de trabalhadores (SILVA, 1994)

## 1.2 O Património cultural de Macau

Plataforma de encontro, de convivência e de cruzamento de duas culturas distintas que se influenciaram mutuamente, Macau possui um percurso histórico peculiar, afirmando-se como um território incomparável a vários níveis: étnico, linguístico, cultural, económico e administrativo, radizando a sua singularidade na conjugação destes factores. A convergência de diferentes tradições, idiomas, quotidianos e modos de vida, produziram uma cultura única e singular, uma amálgama de elementos e tradições que se repercutem no rico e vasto património de Macau, quer na sua configuração imaterial, através das festividades que congregam feriados do calendário chinês e português, cerimónias de culto dedicados a divindades chinesas, do *patuá*<sup>14</sup>, das manifestações de ranchos folclóricos, do teatro maquista<sup>15</sup> e da gastronomia macaense”, quer material. No contexto dos bens culturais móveis, de natureza e categorias variadas – arte (evidenciando o espólio de arte sacra na posse das Igrejas Católicas, que em alguns casos se encontra musealizado<sup>16</sup>), etnografia, história natural, etc. –, destaca-se o papel dos museus na sua custódia e conservação, os quais se demonstram diversificados quanto à temática e tipologia, embora muitos desses vestígios tangíveis, assim como documentação relativa aos mesmos, tenha sido alvo de extravio, perda ou destruição. Conquanto Macau se configure com um território densamente povoado, possui, proporcionalmente à sua dimensão, um número relativamente elevado de museus e instituições análogas<sup>17</sup> que apresentam nomenclaturas diferenciadas<sup>18</sup>: catorze museus, quatro casas-museu, um espaço patrimonial, dois museus memoriais, uma casa cultural, um centro de ciência e um núcleo museológico.

---

<sup>14</sup> O *patuá* é o dialecto crioulo de Macau baseado no português, mas que congrega muitas outras influências de diversas proveniências: chinesas, indianas, malaias, etc.

<sup>15</sup> Esta designação refere-se às peças de teatro exibidas em *patuá*, as quais são encenadas pelo grupo de teatro *Docí Papiçam di Macau*, criado em 1993 com o objectivo de recuperar a récita macaísta.

<sup>16</sup> Incluem-se neste conjunto os espólios da Igreja de São Domingos, da Santa Casa da Misericórdia e das Ruínas do Colégio de São Paulo.

<sup>17</sup> V. Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 73, 85, 91-93, 103, 105, 118, 120, 125 e 129

<sup>18</sup> Macau possui um total de vinte e quatro instituições museológicas: Museu Natural e Agrário, Museu de Arte de Macau, Museu de Macau, Museu do Vinho, Museu do Grande Prémio, Museu dos Bombeiros, Museu de Arte Sacra e Cripta, Museu Marítimo, Museu das Comunicações, Museu da História da Taipa e Coloane, Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania, Tesouro de Arte Sacra da Igreja de S. Domingos, Museu das Forças de Segurança de Macau, Museu de Antiguidades Electrónicas e Fonógrafos; Casas-Museu da Taipa, Casa do Mandarim, Casa Ye Ting, Casa de Lou Kao; Espaço Patrimonial – Uma Casa de Penhores Tradicional; Casa Memorial Dr. Sun Yat-Sen de Macau e Museu Memorial Lin Zexu de Macau; Casa Cultural de Chá de Macau, Centro de Ciência de Macau e Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia.

A face mais visível do património cultural de Macau assenta, porém, na sua preciosa e extraordinária arquitectura – com destaque para as construções de índole religiosa, militar, e residencial das famílias mais abastadas – e que compreende igrejas católicas, fortes e muralhas, templos chineses (budistas, taoistas e confucionistas) e palacetes<sup>19</sup>. Os exemplares mais antigos de cariz ocidental remontam ao início do assentamento dos portugueses no Século XVI, como é o caso da maioria das Igrejas e Conventos<sup>20</sup>. Foi durante a sua presença, aliás, que a maioria do edificado de valor histórico e cultural agora reconhecido foi construído e reconstruído. Para além dos exemplos anteriores, sobressaem na centúria seguinte importantes ilustrações do poder eclesiástico<sup>21</sup>, como a Igreja da Assunção da Nossa Senhora do Colégio da Madre Deus e a fachada e escadaria de São Paulo (1602-1638)<sup>22</sup>, o Colégio de S. Francisco (1633) e o Convento de Santa Clara (1634). Ainda durante este século<sup>23</sup>, a necessidade de defesa manifestava um carácter de duplicidade na construção; por um lado, ditou o levantamento de fortes e muralhas<sup>24</sup> e por outro, as causas dessa necessidade foram motivo de destruição de outros edifícios, condicionando a reconstrução urbana e conduzindo a uma degradação do edificado a nível global. A prosperidade de Macau no Século XVIII<sup>25</sup> e XIX com o comércio de ópio, concomitante com o advento da Companhia Britânica das Índias Orientais no território, imprimiu uma certa renovação à arquitectura, através da construção de belos palacetes e casarões que serviram de residência aos seus funcionários; são disso exemplo os que se localizavam na Avenida da Praia Grande<sup>26</sup>, hoje inexistentes. O Século XIX é igualmente palco da uma renovação a nível de arruamentos e de novas construções – que reflectem uma feição singular, combinando elementos ocidentais e orientais –, bem como a edificação de grandes templos chineses. São também desta centúria as iniciativas de reorganização dos espaços verdes e a construção do primeiro jardim público de Macau, o Jardim de S.

---

<sup>19</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 5-7, 10-12, 16-18, 52, 69-71, 74-75, 79-81, 96-97 e Apêndice B.3, imgs. 101-102, 105, 108-109, 112, 117-118, 120-21, 126-128 e 130

<sup>20</sup> A Igreja de Santo António foi a primeira igreja católica a ser erigida em Macau e data de 1562, a de São Lázaro de 1557, a de São Lourenço de 1558 e a primeira Sé de 1576. (DURÃO, 1999:77)

<sup>21</sup> Vol. II, Apêndice A.3, img. 75 e Apêndice B.3, imgs. 109, 119 e 124

<sup>22</sup> A construção e reconstrução destes edifícios foram realizadas ao longo de vários anos, devido à mudança de localização da sede dos Jesuítas da Ermida de Santo António para a zona actual, do crescimento do Colégio e das alterações causadas pelo incêndio de 1835.

<sup>23</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapas 5 e 6

<sup>24</sup> Destacam-se a Fortaleza do Monte (1617-1626), que constituía a principal linha de protecção da cidade, a da Guia (1622-1638), a de S. Tiago da Barra (1622-1629), a de S. Francisco (1629), a de Nossa Senhora do Bom Parto (1622) e ainda o Fortim de S. Pedro (1622). Estas construções encontravam-se interligadas e providenciavam um eixo de defesa do território em diferentes direcções.

<sup>25</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapas 7 e 8

<sup>26</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 1-3, 5-7, 13 e 18

Francisco<sup>27</sup>. À medida que a cidade transita para o século seguinte<sup>28</sup>, emergem novos edifícios, muitos dos quais acompanhando a estética ocidental (modernismo, arte *deco*, etc.)<sup>29</sup> e que marcaram e continuam a marcar a peculiaridade do território.

### **Protecção do Património cultural**

Embora actualmente se verifique uma grande consciencialização para a importância da preservação e salvaguarda do património cultural, sobretudo do edificado - causada parcialmente pelos empreendimentos de renovação e restauro realizados nos anos prévios à transferência da soberania (CLAYTON, 2003) e pelo processo de classificação de “Centro Histórico” como Património Mundial pela UNESCO, nem sempre tal se verificou. Consequentemente, o património imóvel permaneceu várias vezes refém de condicionalismos históricos que acarretaram a sua deterioração e, até em alguns casos, a sua aniquilação total<sup>30</sup>. Essa conjuntura de devastação teve início com a tomada de Malaca pelos holandeses em 1641, com a destruição de igrejas - na sua maioria reconstruídas no Século XIX, apresentando por isso elementos estéticos característicos do momento - e de fortes e fortalezas que, apesar de possuírem carácter mais sólido do que as edificações anteriores, se encontravam igualmente danificados. Os templos chineses resistiram mais eficazmente à passagem do tempo pelo facto de serem alvo frequente de limpeza e renovação, elementos característicos da filosofia e cultura orientais (DURÃO, 1999). No Século XX, Macau testemunhou diversas fases de intenso desenvolvimento económico, que foi acompanhado pelo crescimento urbano desmedido e pelo aumento da população, agentes responsáveis pela destruição e demolição de uma parte considerável desse importante legado urbanístico. Exemplos dessa conduta errática são o desaparecimento, na década de 70, na sequência da realização de obras para a formação de aterros, das citadas residências na Avenida da Praia Grande<sup>31</sup>.

Embora as primeiras atitudes de sensibilização neste domínio remontem à década de 1950, com a iniciativa de inventariação e classificação do património cultural

---

<sup>27</sup> Criado entre 1863 e 1883, possuía um belo passeio marítimo junto à Avenida da Praia Grande, hoje inexistente (Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 61-67).

<sup>28</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapa 9, no qual é possível observar arruamentos, monumentos e edifícios, denotando a evolução da cidade.

<sup>29</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 47, 82, 84, 86, 94-95, 98 e 99

<sup>30</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 3-5, 8, 13-15, 25-28, 51 e 52

<sup>31</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 1-9, 13-15, 18-20



por parte do Governador Marques Esparteiro<sup>32</sup>, é apenas em 1976 que é publicado o primeiro diploma de protecção dos bens culturais e naturais de Macau, o Decreto-Lei nº 34/76/M<sup>33</sup>. Este apresentava uma classificação do património artístico em edifícios, conjuntos de edifícios e sítios. No seguimento das disposições promulgadas por este instrumento jurídico, foram empreendidas um conjunto de reformas patrimoniais e renovações arquitectónicas de grande amplitude<sup>34</sup> e foi ainda fundado o Instituto Cultural<sup>35</sup>. Este ficou incumbido de zelar pela protecção do património cultural e assegurar a sua salvaguarda e valorização, através da criação de políticas concretas neste domínio. Embora a legislação inicial tenha sofrido diversas revisões e rectificações<sup>36</sup>, os pressupostos preambulares e os propósitos centrais daquele instrumento mantiveram-se inalteráveis por cerca de duas décadas, constituindo-se, por isso, como o diploma mais recente nestas matérias. Serviu ainda de base para o projecto da futura *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, o qual foi revisto e entregue para análise ao Conselho Executivo em 2006<sup>37</sup>.

Sendo assim, a lista de Património Cultural de Macau engloba cento e vinte e oito elementos distribuídos em quatro categorias: monumentos, edifícios de interesse arquitectónico, conjuntos classificados e sítios<sup>38</sup>. Na sequência das providências tomadas para a sua protecção e salvaguarda, um proeminente conjunto de bens culturais designados como “Centro Histórico de Macau”, foi classificado como Património Mundial da UNESCO<sup>39</sup> em 2005<sup>40</sup>. “*O ‘Centro Histórico de Macau’, produto único de mais de 400 anos de intercâmbio cultural entre o mundo ocidental e a civilização chinesa, coincide com o núcleo da área correspondente ao primeiro povoado ocidental no território, também conhecido como ‘cidade cristã’ no contexto da história, envolvendo legados arquitectónicos entrelaçados no seu tecido urbano original.*”

---

<sup>32</sup> Vol. II, Apêndice B.2, p. AP.LIV

<sup>33</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/76/32/declei34.asp>

<sup>34</sup> Vol. II, Apêndice B.2, pp. AP.LV-AP.LVI

<sup>35</sup> Actualmente designado por Instituto Cultural da R.A.E. de Macau.

<sup>36</sup> Vol. II, Apêndice B.2, p. AP.LVI

<sup>37</sup> Este diploma, equivalente ao *Decreto-Lei 107/2001 de 8 de Setembro* - que estabelece as bases e o regime de protecção e valorização do património cultural português -, encontrava-se ainda e à data da elaboração deste capítulo, na forma de projecto. Contudo, a 12 de Abril de 2012 foi noticiado na imprensa a aprovação da *Lei de Salvaguarda do Património Cultural* pelo Conselho Executivo, pelo que o diploma foi encaminhado para a Assembleia Legislativa e aguarda, até ao momento, a sua promulgação.

<sup>38</sup> Vol. II, Apêndice B.2, pp. AP.LVI- AP.LVII

<sup>39</sup> Esta classificação procede da *Convenção para a Protecção do Património Cultural e Natural*, firmada em 1972 e tem por objectivos a inventariação, protecção e preservação do património natural e cultural da Humanidade, detentor de um valor considerado excepcional, independentemente da sua localização geográfica. (<http://whc.unesco.org/en/about/>)

<sup>40</sup> Vol. II, Apêndice B.3, pp. AP.LIX-AP.LXXXVI

(AA.VV., 2005:7) O Centro Histórico<sup>41</sup>, que abarca três áreas distintas que convergem na Praça do Senado, engloba um conjunto de trinta bens culturais<sup>42</sup>, divididos entre praças e largos, edifícios religiosos e residenciais - chineses e ocidentais -, cemitérios, faróis, etc.<sup>43</sup>.

Conclui-se assim que, apesar das providências empregues e das recentes iniciativas governamentais destinadas à protecção e valorização do património, bem como à divulgação de acções de sensibilização e educação junto da população<sup>44</sup>, a legislação peca por tardia; os interesses imobiliários e o sector da construção, que frequentemente geraram situações de especulação, afirmaram-se como duas das forças mais poderosas contra as quais a protecção patrimonial se debate. Consequentemente, muitos testemunhos encontram-se irremediavelmente perdidos e olvidados da memória da população, sendo a sua percepção possível apenas, em alguns casos, por intermédio da observação de fotografias e pinturas e fazendo-os renascer através de iniciativas diversas como exposições<sup>45</sup>, conferências, etc. A enorme pressão urbanística, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, acarretou a descaracterização da paisagem<sup>46</sup> e inundou a cidade de estruturas de betão e arranha-céus, em detrimento dos poucos espaços verdes existentes. Esta configuração espacial<sup>47</sup> é fruto das idiossincrasias do próprio território e da instabilidade histórica que o caracterizou ao longo dos tempos. As mesmas particularidades que conferem a Macau a sua singularidade, também a confrontam diariamente com a transformação e o devir, uma realidade imparável, encarregue de metamorfosear muitos dos seus aspectos e características próprias em reminiscências longínquas, quase pertencentes à esfera onírica.

---

<sup>41</sup> Vol. II, Apêndice B.3, mapa 14

<sup>42</sup> Templo de A-Má, Largo da Barra, Quartel dos Mouros, Casa do Mandarim, Largo do Lilau, Igreja e Seminário de São José, Igreja de São Lourenço, Largo de Santo Agostinho, Teatro Dom Pedro V, Igreja de Santo Agostinho, Biblioteca Sir Robert Ho Tung, Edifício do Leal Senado, Largo do Senado, Templo de Kuan Tai, Santa Casa da Misericórdia, Igreja da Sé, Largo da Sé, Casa de Lou Kau, Igreja de São Domingos, Largo de São Domingos, Largo da Companhia de Jesus, Ruínas de São Paulo, Templo de Na Tcha, Troço das Antigas Muralhas de Defesa, Fortaleza do Monte, Largo de Camões, Casa Garden, Cemitério Protestante, Igreja de Santo António e Fortaleza da Guia.

<sup>43</sup> Vol. II, Apêndice B.3, pp. AP.LIX-AP.LXXXVI

<sup>44</sup> Neste âmbito, ressalta-se a importância do portal do património desenvolvido pelo IC e que tem como objectivos a defesa e valorização do património cultural do território. <http://www.macauheritage.net/pt/default.aspx>;

<sup>45</sup> A este respeito salienta-se a exposição “Nostalgia Renovada”, patente ao público no Museu de Arte de Macau entre 17/11/2011 e 01/04/2012 e que apresentava um conjunto notável de registos fotográficos do Século XX, permitindo perceber as avassaladoras mudanças sofridas por Macau, sobretudo no que concerne à paisagem urbana.

<sup>46</sup> Vol. II, Apêndice A.3, imgs. 3-4, 8-9, 13-15, 18-26, 32-34, 37-43, 38-43, 46-60

<sup>47</sup> Vol. II, Apêndice A.2, mapas 10-13, que demonstram a rápida transformação da cidade.

## 2. LUÍS DE CAMÕES NAS PARTES DA CHINA

### 2.1 Luís Vaz de Camões: dados biográficos

Embora na condição de maior poeta português, os dados biográficos acerca de Luís Vaz de Camões são díspares e incompletos, o que se traduziu na produção de diversas versões da sua vida. Humanista, fidalgo, guerreiro, poeta, homem de letras e viajante, nasceu entre 1517-1524, não se podendo precisar a data concreta. Descendente de uma família nobre espanhola, especula-se que por volta de 1540 tenha recebido educação clássica em Coimbra (SARAIVA, 1966:78), onde terá também aprendido latim e que posteriormente tenha abandonado os estudos e rumado à Capital, entre 1542 e 1545, tendo-se dedicado a uma vida boémia. Contudo, nos círculos onde se movimentava já era considerado um poeta célebre. Crê-se ter tido um temperamento difícil e até um pouco arruaceiro, dado ser um homem de paixões que o marcaram profundamente e que registou em muitos dos seus escritos. Os numerosos e inconstantes amores, de carácter sofrido e infeliz, marcaram de forma indelével a sua obra, constituindo-se muitas vezes como tema central daquela.

Para além das rixas em que se encontrava frequentemente envolvido, também as viagens foram uma constante na vida de Luís de Camões. Cumpriu serviço militar em Ceuta, entre 1549 e 1551 e, no seguimento de uma batalha, perdeu o olho direito. Em 1553 embarcou para Goa na nau S. Bento, com Fernão Álvares Cabral, como sanção por ter agredido um funcionário do Paço durante uma contenda de fidalgos. Dali navegou pelo Golfo Pérsico e pelas regiões que Vasco da Gama percorreu, tendo retornando mais tarde a Goa, onde desenvolveu uma relação amistosa com o Governador Francisco Barreto, por quem o poeta nutria um grande apreço. Da Índia terá embarcado para Macau, com o cargo de “Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes”, que consistia em “(...) *recolher os bens dos mercadores mortos durante as andanças pelos mares do Oriente, para evitar o seu descaminho e garantir o direito que a eles tinham os órfãos seus sucessores.*” (J. SARAIVA, 1995:163). Aí terá permanecido por dois anos, entre 1556 e 1558 e procurado refúgio em Patane, no primeiro assentamento criado pelos portugueses e mais concretamente no local correspondente aos “penedos de Camões”, onde se pressupõe ter escrito parte d’*Os Lusíadas*. Regressou a Goa com Leonel de Sousa, mas um naufrágio ocorrido presumivelmente na foz do Rio Mekong

acarretou não só o extravio dos bens dos defuntos - motivo pelo qual seria posteriormente perseguido pelo Governador daquele território –, como a morte de uma rapariga chinesa frequentemente referida como Dinamene, conseguindo, todavia, resgatar *Os Lusíadas* da força destruidora das águas. Provavelmente na sequência deste episódio e uma vez aportado em Goa, foi sentenciado à prisão, por pretensas dívidas. No seguimento da obtenção do perdão relativo àquelas, viajou para Moçambique em 1567, reunindo-se dois anos depois com Diogo do Couto, que é surpreendido pelas condições de extrema pobreza em que o poeta vivia, apesar de se encontrar a trabalhar afincadamente na sua Epopeia. Com o seu auxílio, consegue passagem para Lisboa, onde desembarcou em 1570. Após a sua chegada à Capital, obteve de D. Sebastião a autorização para a impressão da sua obra. *Os Lusíadas* são assim publicados em 1572<sup>48</sup>; o poeta recebeu pela tarefa uma tença de apenas 15000 réis, um valor irrisório para a magnitude do trabalho produzido<sup>49</sup>. Apesar de uma ligeira melhoria nas suas condições de vida, pereceu na miséria a 10 de Junho de 1580 (SARAIVA, 1966), enterrado sem honras nem louvores, numa campa rasa do Campo de Sant’ana, na qual um seu amigo mandou inscrever: “*Aqui jaz Luís de Camões príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e assim morreu.*” (SARAIVA, 1966:79)

## **2.2. A problemática da presença de Camões em Macau**

Conquanto sejam profusas as biografias de Luís de Camões, é inegável que muitos dos factos da sua vida não encontram fundamentação documental (LOPES; SARAIVA, 1978:317) e é exactamente nessa condição de incerteza que se reveste a sua estadia em Macau, a qual tem promovido acesos debates entre académicos, investigadores e entusiastas da temática camonianiana e ocasionado alguma especulação quanto à plausibilidade deste episódio, traduzindo-se na circulação de diferentes teorias a ele concernentes. De modo geral, é afirmado que Camões terá partido de Goa e permanecido em Macau entre 1556 ou 1557 e 1558 ou 1559, na condição de “Provedor dos Ausentes e Defuntos” e que terá encontrado refúgio entre um conjunto de penedos situados em Patane, onde terá composto parte do Épico. Consequentemente, as datas da sua chegada e partida de Macau, bem como o cargo que desempenhou, constituem-se como os principais pontos de discussão das várias teses que abordam esta temática,

---

<sup>48</sup> Vol. II, Apêndice C.2, img. 135

<sup>49</sup> Vol. II, Apêndice C.1, p. AP.LXXXVIII

embora se discutam igualmente outros aspectos, como sejam o local concreto da sua estadia no território ou a rapariga chinesa apelidada de *Dinamene*, narrada amiúde nas suas composições poéticas. Deste modo, as teorias concernentes àquela ocorrência delinearam-se a partir da análise d’*Os Lusíadas* - estrofe LIV do Canto II<sup>50</sup>, estrofe XLI do Canto VII<sup>51</sup> e estrofes CXXVIII, CXXIX e CXXXI do Canto X<sup>52</sup> - e dos sonetos *Onde acharei lugar tão apartado*<sup>53</sup> e *Sustenta no meu viver ua esperança*<sup>54</sup>, no cruzamento de diversos dados e fontes históricas, nomeadamente o *Título dos Bens de Raiz do Colégio de São Paulo*, a *Década VIII* de Diogo do Couto, o *Cancioneiro da Biblioteca da Real Academia de Historia de Madrid*, e o *Cancioneiro de Cristóvão Borges*<sup>55</sup>.

As principais teses que refutam a presença do poeta em Macau<sup>56</sup>, assim como outros dados relativos ao contexto da sua permanência naquele território, são as defendidas por Gonçalo da Gama, Luís Cunha Gonçalves, Charles Boxer e Rui Manuel Loureiro, respectivamente em “Tradição não é história”<sup>57</sup>, *Camões não esteve em Macau*<sup>58</sup> “Was Camoens ever in Macao”<sup>59</sup> e “Camões em Macau: Um Mito Historiográfico”<sup>60</sup>. Para estes autores<sup>61</sup>, a inexistência de vestígios documentais e de provas credíveis são os principais motivos que justificam as suas posições. Opostamente, as preposições que favorecem a sua passagem pelo território são advogadas por<sup>62</sup> Manuel Teixeira<sup>63</sup>, José Hermano Saraiva<sup>64</sup> e Eduardo Ribeiro<sup>65</sup>, que encontram nos documentos atrás apreciados e nas alusões de Luís de Camões ao Oriente, os indícios irrefutáveis da sua passagem pelo território.

<sup>50</sup> Vol. II, Apêndice C.3, p. AP.XCII

<sup>51</sup> Vol. II, Apêndice C.3, p. AP.XCII

<sup>52</sup> Vol. II, Apêndice C.3, pp. AP.XCII- AP.XCIII

<sup>53</sup> Vol. II, Apêndice C.3, p. AP.XCVIII

<sup>54</sup> Vol. II, Apêndice C.3, p. AP.XCVIII

<sup>55</sup> Vol. II, Apêndice C.3, pp. AP.XCIII-AP.XCIV

<sup>56</sup> Vol. II, Apêndice C.3, p. AP.XCVI

<sup>57</sup> Carta enviada pelo autor para o jornal *Portugal - Diário Catholico*, 1º Anno - Nr. 2, 6 de Fevereiro de 1907 (TEIXEIRA, 1940:9)

<sup>58</sup> Separata de *O Instituto*, Vol. Nº 75, nº1, Coimbra, 1927 (*Ibid.*,10)

<sup>59</sup> Este artigo foi publicado na revista *T’ien Hsia Monthly* em Abril de 1940 (TEIXEIRA, 1980:41)

<sup>60</sup> *Revista de Cultura*. Nº 7, Julho de 2003. Macau: Instituto Cultural, pp. 108-125

<sup>61</sup> Foram apenas mencionados alguns autores, de um vasto grupo de opositores à passagem de Camões pela China.

<sup>62</sup> Foram salientados apenas alguns autores e teses que favorecem esta perspectiva (Apêndice C.3, pp. AP.XCVI-XCVII).

<sup>63</sup> *Camões em Macau: Contribuições para o Estudo do Problema*, 1940; *A Gruta de Camões em Macau*, 1977, e *Camões esteve em Macau*, 1980, para além de vários artigos incluídos noutras publicações (Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXI)

<sup>64</sup> *A Vida Ignorada de Camões*, 1995.

<sup>65</sup> *Camões em Macau: Uma Certeza Histórica*, 2007; *Camões no Oriente*, 2013.

### 3. A GRUTA DE CAMÕES EM MACAU: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E ESTÉTICA E SUA ENVOLVENTE

A Gruta de Camões em Macau, objecto principal deste trabalho de projecto, situa-se no Jardim Luís de Camões<sup>66</sup>, localizado na Praça Luís de Camões, na freguesia de Santo António, na zona Norte da cidade, adjacente à Casa Garden e ao Cemitério Protestante. Esta habitação, o jardim e a Gruta integraram, outrora, o mesmo espaço e por isso se encontram histórica e simbolicamente ligados, embora actualmente se verifique uma divisão geográfica entre os três elementos. A história do Jardim Luís de Camões e da Gruta de Camões é indissociável da história e da ocupação da Casa Garden. Não obstante a relevância deste vínculo, tornou-se necessário a descrição, caracterização e evolução individualizada dos três elementos – na qual o palacete serviu como fio condutor da narrativa –, com o intuito de se providenciar uma compreensão mais eficaz do conjunto<sup>67</sup>, a qual será necessária para a elaboração dos instrumentos de interpretação do monumento no capítulo seguinte.

#### 3.1 A Casa Garden

*“A Casa Garden encontra-se pintada de branco, apresentando elementos decorativos destacados a rosa. A fachada é marcada por janelas em arco com persianas. Um lance de escadas em granito permite o acesso à entrada da mansão, que dá para a sala principal, esplendidamente decorada ao estilo do sul da Europa.”*<sup>68</sup>

A Casa Garden<sup>69</sup> – e o Cemitério Protestante que se encontra na sua área envolvente<sup>70</sup> – estão classificados, respectivamente, como “edifício de interesse arquitectónico”<sup>71</sup> e “monumento”<sup>72</sup> pela *Lei de Salvaguarda do Património Cultural* [de Macau<sup>73</sup>] e foram ainda abrangidos pela inscrição do “Centro Histórico” na Lista de

---

<sup>66</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2, mapas 15 e 16

<sup>67</sup> Para se perceber de forma global a relação entre estes três elementos, elaborei uma cronologia que cruza os principais episódios concernentes ao monumento, assim como alguns momentos relevantes da História de Macau: Vol. II, Apêndice D.1.1, pp. AP. CI-AP.CXXIII

<sup>68</sup> <http://www.macauheritage.net/pt/HeritageInfo/HeritageContent.aspx?t=M&hid=73>

<sup>69</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, mapa17

<sup>70</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, mapa18

<sup>71</sup> Vol. II, Apêndice B.2, pp. AP.LVI-AP.LVII

<sup>72</sup> Embora no Decreto-Lei nº 56/84/M estivesse classificado como “sítio”.

<sup>73</sup> <http://www.macauheritage.net/mhlaw/EnquadramentP.pdf>

Património Mundial da UNESCO<sup>74</sup>. Contudo, tanto a categoria classificatória como a nomenclatura do imóvel experimentaram alterações consoante a publicação dos instrumentos jurídicos referentes à protecção patrimonial. Surge assim denominado como “Edifício do Museu Luís de Camões” no Decreto-Lei n.º 34/76/M<sup>75</sup> e classificado na categoria de “Edifícios isolados e vestígios de edifícios que constituem documentos representativos de antigos povos ou épocas da História de Macau”. Aquela mantém-se no Decreto-Lei n.º 83/92/M<sup>76</sup>, mas a denominação do edifício é modificada para “Casa do Jardim da Gruta de Camões”, em virtude da extinção do museu acima citado.

Esta construção de características oitocentistas não possui, segundo Carla Alferes Pinto (2001:18), particular interesse em termos arquitectónicos, embora se afirme como um dos raros exemplares de edificado deste período que resistiu às alterações de gosto duvidoso (PINTO 2001:18): “ (...) estava dividida em três corpos bem marcados, uma vez que os laterais apresentam dois andares com duas janelas cada. (...) o corpo central está destacado da restante estrutura e apresenta as aberturas em arco de volta perfeita (...) A meio, a porta nobilitada pela escada que desemboca sobre uma galeria construída em rusticado.” (idem)<sup>77</sup> O imóvel, que se situava fora do centro da cidade e rodeado de arvoredos e que se destacava pelos dois andares<sup>78</sup>, sofreu algumas alterações ao longo dos tempos; por volta de 1900 perdeu o primeiro andar<sup>79</sup> (COELHO, 1991), obtendo a configuração que ainda hoje possui<sup>80</sup>. Contudo, a tipologia de portas e janelas, quer no interior, quer no exterior<sup>81</sup>, assim como outros elementos – o portão de acesso à Gruta de Camões – mantiveram-se. De facto, a entrada para o jardim<sup>82</sup> é assinalada por uma placa de azulejo azul e branco no topo do portão de ferro, com a designação do monumento em português e em chinês<sup>83</sup>, atestando a importância do bem cultural para os proprietários da residência.

---

<sup>74</sup> <http://www.macaupatrimony.net/pt/HeritageInfo/HeritageInfo.aspx>

<sup>75</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/76/32/declei34.asp>

<sup>76</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/92/52/declei83.asp>

<sup>77</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 139 e 141

<sup>78</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 137-138 e 140

<sup>79</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, img. 142

<sup>80</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, img. 152

<sup>81</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 139, 143-145 e 154-157

<sup>82</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 153 e 158

<sup>83</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 159 e 160

A designação mais usual desta habitação - Casa Garden<sup>84</sup> - relaciona-se com o exuberante jardim circundante e que foi alvo de reformas operadas pelos diversos inquilinos britânicos que habitaram a residência nos Séculos XVIII e XIX. A sua presença em Macau relaciona-se com a abertura do Porto de Cantão, em 1685, ao comércio com outros estrangeiros para além dos portugueses, situação que até esse momento se revelava inexecutável e conferia a Macau o monopólio das trocas comerciais nos mares do Sul da China. O levantamento dessas restrições repercutiu-se na intensificação dos negócios entre ingleses e chineses, a qual e em conjugação com uma multiplicidade de factores económicos e políticos, relegou Macau para segundo plano neste âmbito. Conquanto as limitações comerciais tenham sido ultrapassadas, persistia a proibição de residência em território chinês durante a época em que não se realizavam as feiras em Cantão, situação que incitou os ingleses, na prossecução e manutenção dos seus interesses, a instalarem-se o mais próximo possível dos seus negócios, pelo que Macau surgiu como a opção lógica. Esta concessão foi autorizada pelo Vice-Rei de Goa, que permitia às companhias comerciais arrendarem edifícios no território e, consequentemente, atribuía o direito de residência aos seus funcionários. Deste modo, em 1771 ou 1779<sup>85</sup> os ingleses estabeleceram em Macau a Companhia das Índias Orientais<sup>86</sup>, arrendando para o efeito quatro edifícios na Avenida da Praia Grande onde ficou instalado o Comité Selecto da Companhia e ao qual se encontrava vedado o comércio de ópio. Contudo e em virtude da inexistência de interdições quanto às transacções individuais, estas realizavam-se através dos membros do Comité que se quedavam em casas particulares, pelo que alugaram, até 1833 – data de extinção da Companhia – o palacete em Patane, que foi assim sucessivamente habitado pelos britânicos em diversos períodos. *“Temos pois, duas coisas distintas – a feitoria da Companhia Inglesa, com o seu Comité Selecto na Praia Grande e a Casa de Comércio para a transacção dos negócios particulares dos membros da mesma Companhia na Casa da Quinta de Camões a que os ingleses chamavam Casa Garden.”* (TEIXEIRA, 1977:37)

---

<sup>84</sup> Embora ela tivesse sido igualmente referida como “Casa da Gruta de Camões”, “Casa da Quinta de Camões”, “Casa do Horto”, “Casa das Rolas” e “Casa dos Pombos”. (COELHO, 1991)

<sup>85</sup> Coelho (1991) defende a primeira data, enquanto que Teixeira (1977) é apologista da segunda.

<sup>86</sup> A Companhia Britânica das Índias Orientais foi instituída em 1600 pela Rainha Elisabeth I e detinha o monopólio do comércio britânico com os territórios daquela zona do globo.



Apesar das informações disponíveis acerca da habitação, persistem as incertezas quanto à sua data de edificação e à sua posse original<sup>87</sup> e, consequentemente, a quem os ingleses a teriam arrendado, se a um conterrâneo, que detinha a propriedade, se a um português, sendo que neste caso o nome a ela associado é o do médico e abastado comerciante Conselheiro Manuel Pereira<sup>88</sup>. Estas interrogações acarretaram a circulação de diferentes versões quanto aos dados “biográficos” da residência, que importa esclarecer a fim de obter alguma organização informativa. Relativamente à data de construção, Beltrão Coelho (1991) afirma peremptoriamente que aquela ocorreu por volta 1770, socorrendo-se de diversos argumentos para defender a sua posição: as características europeias da fachada, as restrições impostas aos ingleses, aos quais estava vedada a posse de imóveis em Macau, e ao facto de a Companhia só se ter estabelecido no território um ano depois (*Id., Ibid.*). Contudo, tanto Pinto (2001) como Teixeira (1977) parecem não partilhar da mesma opinião e sustentam que a data da sua edificação é desconhecida, embora possam asseverar que foi erigida antes de 1794, dado que nesse ano aí se hospedou a primeira embaixada britânica à China (a qual decorreu entre 1792 e 1794), liderada por Lorde Macartney<sup>89</sup>. No relato da viagem da comitiva<sup>90</sup>, é efectuada uma descrição do local: “*A maioria dos conselheiros da Embaixada está alojada na feitoria (da Praia Grande). Eu fico numa casa, na parte superior da cidade, arrendada por Drummond, que teve a gentileza de a ceder durante a sua ausência. Está numa posição muito encantadora e fica junto dum jardim muito agradável e romântico, que é duma extensão considerável.*” (TEIXEIRA, 1977:36) Quanto à sua pertença, Carlos Estorninho e Manuel Teixeira sustentam opiniões divergentes. Assim, enquanto o primeiro é apologista de que Manuel Pereira tinha comprado a quinta antes do final do Século XVIII “(*...*) a britânica Companhia das Índias ocupou a propriedade, arrendada ao rico comerciante português reinol Manuel Pereira, cerca de 1772.” (1980:65), o segundo assegura que o Conselheiro adquiriu o espaço em ou depois de 1815, recorrendo à dissecação de diversas fontes para produzir essa afirmação. A primeira sustenta-se nas notas de Stauton<sup>91</sup>, nomeando James Drummond<sup>92</sup> – escrivão

---

<sup>87</sup> Nem sempre se verifica um consenso destas questões a nível da divulgação oficial, principalmente no que concerne ao proprietário. Assim, a casa é referida frequentemente como pertença da Companhia, mas por vezes a sua posse é atribuída a Manuel Pereira e em alguns casos a Loureço Marques.

<sup>88</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVIII

<sup>89</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVI

<sup>90</sup> *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China. Vol. II, 1872.*

<sup>91</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXX

<sup>92</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXI

da Companhia das Índias Orientais – como proprietário, isto é, o arrendatário. A segunda provém das conclusões obtidas após a análise da biografia do Conselheiro Pereira que, nascido em Portugal em 1757, só teria aportado a Macau por volta dos 30 anos, sensivelmente em 1787 e portanto nunca poderia ter sido o primeiro inquilino dos ingleses. A terceira auxilia-se das informações transmitidas pelo próprio Estorninho (1980) para provar que a habitação estava arrendada, antes de Drummond, a William Fitzhugh<sup>93</sup>, sobrecarga da mesma Companhia. Estas respeitam a duas menções acerca da existência dos rochedos de Camões, datadas de 1785 e de 1793 e que correspondem a uma carta redigida<sup>94</sup> em Macau e enviada para o jornal *Le Censeur Universel Anglais* e a uma descrição detalhada do local, realizada por Eyles Irwin<sup>95</sup> referindo o mesmo nome, Fitzhugh, como responsável pela “ (...) *conservação da Gruta, a admissão do público à propriedade, e a plantação e ajardinamento dos terrenos adjacentes.*” (TEIXEIRA, 1977:38) Um outro episódio apontado por Carla Pinto (2001:20) favorece a tese de Teixeira, de que a aquisição do imóvel teria sido efectuada cerca de 1815 e nunca antes. Relaciona-se com o Cemitério Protestante, o qual foi criado na sequência do falecimento da esposa do primeiro missionário protestante na China, Robert Morrison<sup>96</sup>. A inexistência de um local adequado para depositar os seus restos mortais, levou Morrison a efectuar um peditório à comunidade britânica com o intuito de adquirir um terreno com vista a providenciar a última morada da sua esposa e de todos os que professassem a mesma fé. A compra foi efectuada a Manuel Pereira, que disponibilizou uma fracção da sua quinta para esse efeito, pelo que o cemitério e respectiva capela foram instalados no terreno anexo, onde ainda hoje se conservam<sup>97</sup>.

Após a aquisição do espaço por Manuel Pereira, este manteve o arrendamento aos funcionários da Companhia Britânica, como atesta o diário de Harriet Low<sup>98</sup>, que em 1829 mencionava os jardins da Senhora Elizabeth Noad Feuron, esposa de

---

<sup>93</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIII

<sup>94</sup> “Passei a maior parte do dia nos jardins do Senhor Fitzhugh. Encontram-se situados, sobre um rochedo muito alto, sob o qual, segundo a tradição, o famoso Camões vinha sentar-se para escrever os seus “*Lusíadas*”. (TEIXEIRA, 1977:37)

<sup>95</sup> In ADAMSON, J., *Memoirs of Life and Writings of Luis de Camoens*, 1820 (Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCVI)

<sup>96</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVIII

<sup>97</sup> Neste espaço estão sepultados não só funcionários da empresa britânica (marinheiros, comandantes, etc.) mas também outras personalidades desta proveniência, como é o caso do pintor George Chinnery (Vol. II, Apêndice D.1.1.2, img. 167) e ainda protestantes de outras nacionalidades (Vol. II, Apêndice D.1.1.2, imgs. 161-171 e Apêndice B.3, p. AP.LXXXIV).

<sup>98</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVI

Christopher August Feuron<sup>99</sup>: “*Thursday, October 20, 1829 – The garden at Mrs. Feuron is the most romantic place, it is very extensive and abounds in serpentine walks, a fine view of the sea. You ascend hills, immense rocks and trees. There are several temples in the gardens, one very high. In another part, a cave in the rocks where the celebrate Camoens wrote his Lusiads. A bust of Camoens stand in the cave.*” (TEIXEIRA, 1977:82) Apesar de Low ter residido em Macau até 1833, Manuel Teixeira transcreveu os excertos que aludem à Casa Garden até 1832, demonstrando que até esse ano continuava a ser a família Feuron a arrendatária do palacete. Depois do falecimento de Manuel Pereira a 10 de Março de 1826, e da extinção da Companhia das Índias Orientais em 1833, o imóvel permaneceu desocupado por um breve período, antes de acolher a companhia Herbert Dent & C<sup>o</sup> (*Ibid.*, 49) que se dedicava ao negócio do ópio (PINTO, 2001:21). Só em 1838 a casa foi novamente ocupada permanentemente, quando a filha mais nova de Manuel Pereira, Maria Ana Josefa Cortela Pereira<sup>100</sup>, casou com o seu primo Lourenço Marques<sup>101</sup>, que assim herdou a propriedade. Foi durante o período da sua permanência na Casa Garden, que a Gruta de Camões experimentou as transformações mais significativas, as quais foram muito criticadas pela ausência de “bom gosto”. Lourenço Marques e a família habitaram no palacete até à década de 80, encontrando-se a propriedade nessa altura bastante degradada, causada provavelmente por dificuldades financeiras do seu senhorio (TEIXEIRA, 1981b:221). Este estado de decadência e de incúria, que afectava a dignidade do monumento dedicado a Luís de Camões, suscitou a intervenção no parlamento, em 1880, do deputado João Eduardo Scarnichia<sup>102</sup>. Este apresentou um projecto-lei com vista à aquisição do espaço pelo Governo de Macau, em virtude da sua importância histórica e simbólica. Todavia, foi só após o surgimento de outra proposta de compra, na qual os Padres das Missões Estrangeiras de Paris<sup>103</sup> ofereceram directamente aos proprietários 35 000 patacas para aí instalarem um sanatório, que as diligências para a aquisição do imóvel por parte do Leal Senado se tornaram mais céleres. O patriotismo de Lourenço Marques fê-lo optar pela venda da habitação aos portugueses, ainda que a um preço inferior – 30 000 patacas

---

<sup>99</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXI

<sup>100</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVIII

<sup>101</sup> Vol. II, Apêndice E, pp. AP.CCCXVII-AP.CCCXVII

<sup>102</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXX

<sup>103</sup> Apesar de comumente circular a versão de que teriam sido os Jesuítas franceses a avançar com a intenção de compra do palacete, Manuel Teixeira desmente esta afirmação e imputa a sua autoria aos padres da citada Missão, que necessitavam de um local para fundar uma instituição para os missionários da China, Indochina, Coreia e Japão, que já não se encontravam ao serviço, e a qual acabou por ser criada em Hong Kong.

-, negócio concretizado em 1885 com a intervenção do Governador Tomás Rosa e autorizado pelo Ministro da Marinha e do Ultramar, Pinheiro Chagas. As obras de recuperação da Gruta iniciaram-se no ano seguinte, apesar do desleixo do jardim se ter perpetuado até às intervenções realizadas pelo General Tancredo Casal Ribeiro.

Após a sua aquisição por parte do Governo de Macau, o palacete foi sujeito a diversas alterações e desempenhou várias funções<sup>104</sup>, a última das quais, albergando o Museu Luís de Camões, inaugurado naquele espaço em 1960<sup>105</sup>. Todavia, foi encerrado em 1989 e “*quis o destino que para além do nome de Camões, o museu viesse a comungar de fado semelhante ao do poeta errando de local em local, sofrendo também ele os maus-tratos das constantes mudanças e adaptações.*” (NUNES, 1991:187). O edifício foi adquirido em Maio do mesmo ano, pela Fundação Oriente<sup>106</sup>, por um valor de 15 milhões de patacas. Após a conclusão em 1991 dos trabalhos de renovação dos exteriores<sup>107</sup>, da autoria do Arquitecto Paisagista Rodrigo Dias, foi aqui inaugurada a delegação em Macau daquela instituição<sup>108</sup> (ESTÁCIO; SARAIVA, 1993:17).

### 3.2. A Gruta de Camões

*“Vir a Macau e não ver a Gruta é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa ou ir a Sanchoão e não ver o local onde foi sepultado S. Francisco Xavier; e a quem tal fizesse, eu diria: “Você não viu um dos mais pitorescos e históricos pontos do Oriente.”* (TEIXEIRA, 1940:68)

A Gruta de Camões está situada no Jardim<sup>109</sup> com a mesma designação, e encontra-se classificada na lista de imóveis do Decreto-Lei n.º 83/92/M<sup>110</sup> como “monumento”. Contudo, a definição desta categoria foi sujeita a uma pequena alteração no Projecto da *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, com o propósito de se tornar mais abrangente e englobar outros elementos patrimoniais, embora na sua essência se mantenha fiel ao diploma original acima referido. Deste modo, entendem-se

---

<sup>104</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs.143-145

<sup>105</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 146-148

<sup>106</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, img. 149

<sup>107</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.1, imgs. 150-151

<sup>108</sup> Esta dispõe de uma sala para exposições temporárias e de um auditório preparado para acolher concertos, conferências e peças de teatro, desempenhando ainda um papel de grande relevância no ensino e na divulgação da língua e cultura portuguesa no território, através dos protocolos estabelecidos com o IPOR e com a EPM (<http://www.foriente.pt/62/macau.htm>)

<sup>109</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, mapas 19 e 20

<sup>110</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/92/52/declei83.asp>

por monumentos as “*obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos particularmente notáveis pelo seu interesse cultural, histórico e artístico.*”<sup>111</sup>

A alusão mais antiga à Gruta, embora não referida exactamente com essa nomenclatura (que apenas surge no Século XIX com Lourenço Marques), mas como “penedos”, remonta ao Século XVII<sup>112</sup>. Ao longo dos tempos, o espaço da Gruta foi sujeito a diversas transformações, com acrescentos, remoção de alguns elementos e limpezas, algumas das quais concomitantes com a ocupação da Casa Garden e outras com reformas operadas igualmente no Jardim de Camões. A sua configuração actual data da última alteração, efectuada em 1940 (exceptuando detalhes menores que não serão aqui considerados por não influírem na sua estrutura e aspecto) e é constituído por duas áreas: aquela onde se encontra o monumento propriamente dito<sup>113</sup> e o recinto defronte deste (designada pelo IACM por “Sonetos de Camões”) <sup>114</sup>, onde permanecem expostas lápides com inscrições poéticas de autoria variada, com o propósito de homenagear Luís de Camões.

O monumento<sup>115</sup> designado como “Gruta de Camões” refere-se ao local que o poeta terá habitado durante a sua estadia em Macau, entre 1556 e 1558<sup>116</sup>. É formado por três grandes penedos<sup>117</sup>, uma escultura em bronze<sup>118</sup> que assenta num pedestal e uma lápide de formato irregular, com versos e epígrafes devotadas ao vate<sup>119</sup>. Os rochedos estão “(...) *dispostos em dólmen: os dois laterais, formando duas paredes quase paralelas, distam entre si 135 centímetros, num prolongamento de 332 com altura de 4500. O terceiro assenta sobre estes (...)*” (TEIXEIRA, 1981b:224) Sob este último é possível encontrar um pedestal quadrilongo em pedra, medindo “(...) *56 por 111 centímetros de base e 153 de altura.*” (Id., Ibid.), e encimado por um busto de bronze que ostenta uma das representações mais célebres de Luís de Camões. Entre os penedos laterais (...) abre-se uma estreita passagem dos lados do pedestal.” (Id., Ibid.) O pedestal apresenta diversas inscrições: na face dianteira do corpo, gravadas sobre uma

---

<sup>111</sup> <http://www.macauheritage.net/mhlaw/EnquadramentP.pdf>

<sup>112</sup> “Título dos Bens de Raiz do Colégio de Macau”, In *Os Jesuítas na Ásia*, Biblioteca da Ajuda, códice 49-IV-66, fl. 72 e 72v *Apud* TEIXEIRA, 1981:12, Vol. II, Apêndice C.3, pp. AP.CXIII-AP.XCIV

<sup>113</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172 e 173

<sup>114</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 195 e 196

<sup>115</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img. 173

<sup>116</sup> Conforme a versão biográfica mais comum.

<sup>117</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 173-175

<sup>118</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 173, 176, 178, 180 e 181

<sup>119</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 173, 178 e 186

placa de bronze com o mesmo formato daquele<sup>120</sup>, as estrofes I, II e III do Canto I d’*Os Lusíadas*<sup>121</sup>; na face traseira<sup>122</sup>, as estrofes XCV, XIII e LXXXI respectivamente<sup>123</sup> dos Cantos VI, VIII e VII, inscritas directamente na pedra<sup>124</sup>; no topo e dividido em três secções, “*NASCEO 1524 - LUIS DE CAMÕES - MORREO 1580*”<sup>125</sup>. Sobre o pedestal apoia-se a representação de Luís de Camões<sup>126</sup>, composta por um meio-torso em bronze, com a cabeça encimada por uma coroa de louros, cabelo curto e olhar frontal e cego do olho direito. O tronco apresenta um formato semi-circular, vestindo uma armadura militar coberta por um manto nos ombros. Ergue-se de uma peanha de base paralelepipedica com relevo, a qual possui ao centro uma coroa de louros, de pequenas dimensões.

O monumento exhibe, ainda, duas placas comemorativas nos penedos laterais: uma disposta no lado direito ostenta “*A Luís de Camões, grande poeta da Humanidade e símbolo do universalismo Português. 18 de Dezembro de 1999*”<sup>127</sup>. A outra, no lado esquerdo e mais afastada dos penedos, é formada por um conjunto de três chapas<sup>128</sup>: a primeira possui uma esfera armilar e a seguinte proposição: “*Homenagem a Luís de Camões, poeta universal. Organização Mundial de Poetas. Macau, Junho de 1999*”<sup>129</sup> e nas restantes estão patentes, respectivamente, as traduções em chinês e em francês.

O pedestal possui, junto do lado esquerdo, uma lápide<sup>130</sup> gravada com uma dedicatória para Camões<sup>131</sup> da autoria do poeta francês Louis Domeny de Rienzi<sup>132</sup>, datada de Março de 1829, e ainda uma inscrição que assinala “*As comemorações do IV Centenário da publicação d’Os Lusíadas. 10 de Junho de 1972*”. Por detrás do pedestal, do lado direito e embutido na parede, encontram-se gravados dez dísticos em francês<sup>133</sup> do mesmo autor<sup>134</sup> (embora originalmente de cor dourada, apresentam

<sup>120</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 173, 176, 178, 184 e 193

<sup>121</sup> Vol. II, Apêndice D.1.3, p. AP.CLXXXVII

<sup>122</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 175, 177, 185 e 194

<sup>123</sup> A ordem das estrofes é a constante no pedestal no sentido de cima para baixo.

<sup>124</sup> Vol. II, Apêndice D.1.3, p. AP.CLXXXVIII

<sup>125</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 176 e 192

<sup>126</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 173, 176, 177, 180 e 181

<sup>127</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 173, 176 e 187

<sup>128</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 190 e 191

<sup>129</sup> Este elemento foi ali colocado na sequência do Encontro Internacional organizado pela OMP, com o apoio do IIM e que reuniu “*poetas de muitas partes do mundo que quiseram homenagear Camões, poeta universal, no último ano da Administração Portuguesa*”. ([http://www.geocities.ws/forum\\_macau/iim-entrevistaMH-JR.htm](http://www.geocities.ws/forum_macau/iim-entrevistaMH-JR.htm))

<sup>130</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 173, 178 e 186

<sup>131</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, p. AP.CXCI

<sup>132</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIX

<sup>133</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, p. AP.CCCXIX

actualmente uma tonalidade bastante mais escura, uma vez que o tom se esbateu ao longo dos tempos). A base do pedestal, assim como toda a área em frente da Gruta, está rodeada de plantas e ramos de flores frescas que honram a memória e a obra de Camões.

O recinto defronte da Gruta – área dos “Sonetos de Camões” - ostenta uma placa rectangular<sup>135</sup> com a estrofe XLV do Canto X d’*Os Lusíadas*<sup>136</sup> e seis lápides de granito com composições<sup>137</sup> de diversos autores<sup>138</sup>, das mais variadas proveniências, com o intuito de prestar homenagem ao vate. É assim possível encontrar, na direcção da esquerda para a direita<sup>139</sup>, duas quadras em português de Francisco Maria Bordalo; uma oitava, em espanhol, de Heriberto Garcia de Quevedo<sup>140</sup>; um *Soneto* em italiano dedicado a Vasco da Gama, de Torquato Tasso; *Sonnet to Macao*, de Sir John Bowring<sup>141</sup>; *In Cavernan, ubi Camões*, cinco quadras em latim de J. F. Davis e uma estrofe do Canto Quinto do poema *Camões*, de Almeida Garrett<sup>142</sup>. As duas últimas lápides em mármore<sup>143</sup> foram aí colocadas a 10 de Junho de 1933 e exibem, em português e em mandarim, um texto que presta tributo ao “Príncipe dos Poetas Portugueses”<sup>144</sup>, da autoria do grupo de escuteiros Nuno Álvares (nº 12) e da Escola Yuet Va (grupos nºs 28, 29, 30, 32, 33 e 34).

O monumento experimentou diversas etapas de renovação a partir do Século XIX, sendo que as transformações de maior envergadura foram realizadas em quatro períodos: 1815, 1840, 1886 e 1940. A partir dessa data, verificaram-se apenas alterações pontuais. A primeira fase de transformações ocorreu quando o Conselheiro Manuel Pereira adquiriu a propriedade, cerca de 1815<sup>145</sup>, a qual era afamada já nessa altura por conter um nicho dedicado ao vate (PINTO, 2001:19). De acordo com a descrição de José Inácio de Andrade<sup>146</sup> em 1817, esse recanto era formado por “(...) *um alpendre sobre colunas, ao qual uns chamam pagode, outros Gruta de Camões.*” (1852:64) A

---

<sup>134</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 175, 177, 179, 188 e 189

<sup>135</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2., imgs. 200-202

<sup>136</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, p. AP.CXCII

<sup>137</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, pp. AP.CXCIII-AP.CXCVIII

<sup>138</sup> Vol. II, Apêndice E, pp. AP.CCCVIII, AP.CCCXIII, AP.CCCXXI, AP.CCCVIII, AP.CCCIX e AP.CCCXIII.

<sup>139</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 195-196 e 198-201

<sup>140</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img. 203

<sup>141</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img. 204

<sup>142</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img. 205

<sup>143</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 206 e 207

<sup>144</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, p. AP.CXCVII

<sup>145</sup> Apesar das várias incongruências relativas à data de aquisição da propriedade, explanadas no subcapítulo anterior, segui a teoria de Manuel Teixeira relativamente à chegada de Manuel Pereira a Macau e à sua permanência na Casa Garden.

<sup>146</sup> Vol. II, Apêndice E, pp. AP.CCCVI-AP.CCCVII

existência dos penedos consagrados a Camões constituiu um factor determinante para a obtenção da habitação por Manuel Pereira e segundo informação do Capitão Andrade após a sua passagem por Macau<sup>147</sup>, o Conselheiro tomou a iniciativa de efectuar algumas reformas na Gruta erigida “(...) *há séculos, em comemoração a ter composto alli a sua epopea Os Lusíadas*”. (ANDRADE, 1867:264). Aquelas consistiram no branqueamento do alpendre e na inscrição em bronze, no tecto do penedo horizontal, de uma selecção de cinco versos pertencentes ao poema *Camões*, escrito por Almeida Garrett em 1825<sup>148</sup>, “(...) *proprios a enriquecer aquele venerávell monumento*.” (ANDRADE, 1867:265)<sup>149</sup> O relato de Sir George Stauton (1872) refere, já em 1794, a existência de um busto nesse local: “*O busto de Camões, mal executado, está dentro de uma grade que se ssemelha a um guarda-comida*.” (TEIXEIRA, 1981a:44) Se a data de aquisição da quinta se situar por volta de 1815, conforme fundamentado por Manuel Teixeira, a escultura teria sido colocada previamente à chegada de Manuel Pereira à Casa Garden. Contudo, Estorninho (1980) e Gomes (1972) discordam, afirmando que aquele foi colocado pelo Conselheiro<sup>150</sup>, uma vez que a propriedade teria sido comprada ainda no Século XVIII. Não obstante a importância do local, a segunda missão diplomática inglesa chefiada pelo Lorde Amherst<sup>151</sup> e que aportou a Macau em 1817<sup>152</sup>, acusa o proprietário de desleixo e de manter o busto<sup>153</sup> encerrado numa estrutura: “*O secretário da embaixada escreve H. Ellis, escreve: o jardim, que encerra a gruta de Camões, não tem uma apresentação condigna, visto ser muito descurado pelo seu proprietário actual. Continua porém, a ser um lugar de retiro agradável! A gruta, formada pela abertura num rochedo, foi estragada por um esteio de alvenaria que lhe colocaram dum lado. O busto de Camões, mal executado, está colocado numa armação que se semelha a um armário*.” (TEIXEIRA, 1977:31)

Uma segunda fase de transformações foi operada por Lourenço Marques quando habitou a Casa Garden em meados do Século XIX, tendo sido durante a sua permanência que se realizaram as obras de maior vulto e que transformaram por

<sup>147</sup> *Cartas Escriptas da China e da Índia nos anos de 1815-1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade. Tomo I*, 1867.

<sup>148</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, p. AP.CXCVII

<sup>149</sup> Durante as minhas vistas ao jardim não vislumbrei vestígios dessas inscrições naquele local específico, apenas a inscrição na lápide que se encontra no recinto defronte da Gruta.

<sup>150</sup> “*Pouco durou o busto mandado colocar por Manuel Pereira*.” (ESTORNINHO, 1980:68)

<sup>151</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCVII

<sup>152</sup> *Voyage en Chine ou Journal de la Dernière Ambassade Anglaise a la Cour de Pékin, Tome Seconde*, 1818.

<sup>153</sup> Este busto seria uma das reproduções chinesas, de fraca qualidade, referidas amiúde na bibliografia.



completo a estética do conjunto de rochedos. O fervor nacionalista e o grande apreço e consideração que tinha pela figura de Luís de Camões foram determinantes para as alterações realizadas em 1840 e que incluíram: a colocação de um pedestal com um busto do poeta, uma lápide com os dísticos de Rienzi, o revestimento do interior dos penedos em alvenaria, a construção de um pórtico em torno do monumento<sup>154</sup>, o envolvimento da Gruta com um pequeno muro, também de alvenaria e com uma cancela de madeira, a disposição de três ou quatro (TEIXEIRA, 1977:53) placas com poesias<sup>155</sup>, e a edificação de um pavilhão chinês ou caramanchão (*Ibid.*, 32) no topo dos rochedos.

### O Busto de Camões

Este torso disposto no pedestal na década de 1840 e caracterizado por Teixeira como “(...) detestável, tirado em greda<sup>156</sup> por chinês do retrato que adorna a edição d’*Os Lusíadas* do P. Tomaz José d’Aquino, reproduzida em Paris em 1815.” (1981:44), substituiu o busto anterior (o qual surge nas diversas descrições do local, a partir de finais do Século XVIII, como assinalado na secção anterior), que tinha sido vandalizado - “mutilado por energúmenos” (ESTORNINHO, 1980:68) e “mãos sacrílegas” (GOMES, 1972:327) - entre 1837 e 1840. O episódio foi sentido de forma tão pesadosa pelo então superintendente-chefe do Comércio Britânico na China, Sir John Francis Davis, que o inspirou a compor uma poesia repleta de emoção<sup>157</sup> (TEIXEIRA, 1981a:44). Deste modo, “(...) Macau, pode, pois, orgulhar-se de ter sido a primeira a levantar ao poeta, em 1840, um monumento, embora tosco e um pouco ridículo.” (TEIXEIRA, 1940:66) Contudo, esta escultura de cor bronzeada (ESTORNINHO, 1980:69) não era a que Lourenço Marques pretendia exhibir inicialmente naquele local. O Comendador ambicionava uma representação mais digna do vate, motivo pelo qual efectuou um pedido ao vice-cônsul francês em Macau, Chalaye, para encomendar de Paris “(...) um busto em bronze do Poeta para a Gruta ao escultor Jules Droz, que, atendendo ao objecto e destino, pedira apenas 600 francos para o trabalho. (...) este busto, que reproduz com toda a dignidade a nobre figura do Poeta, foi enviado para Macau. Tanto quanto se sabe, o busto de bronze nunca chegou ao seu destino, mas a obra foi executada, pois que existe o seu molde em gesso – que é assim a mais antiga

---

<sup>154</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-295 e 298

<sup>155</sup> As mesmas que mais tarde foram deslocadas para o rochedo em frente, com excepção das de 1933.

<sup>156</sup> Barro macio e amarelado, que contém sílica e argila.

<sup>157</sup> Vol. II, Apêndice D.1.4, p. AP.CLXXXIX

*representação escultórica de Camões feita na Europa.*” (ESTORNINHO, 1980:70). O Visconde de Juromenha<sup>158</sup> afirmava possuir um molde em gesso deste busto, que ficou devendo à obsequiosa amabilidade de Ferdinand Denis<sup>159</sup>, que lho remeteu de Paris. Possuía uma pequena base quadrada onde se liam as seguintes inscrições: “*D’après un portait du XVI siècle, communiqué par Mr. Ferdinand Denis, 1844. Jules Droz.* Do lado esquerdo: *Os Lusíadas, Lisboa 1572. Rythmas 1595.* Do lado direito: *Pátria, ao menos morro com ela.*” (TEIXEIRA, 1977:53) Contudo e apesar destas afirmações, parece que a escultura nunca chegou a Macau, desconhecendo-se o que terá sucedido. Na ausência do acima aludido, o busto actual em bronze constitui-se como a terceira representação escultórica do poeta em Macau. Foi ali posicionado em 1866 e resultou da comissão - por intermédio de C. J. Caldeira<sup>160</sup> -, ao escultor Manuel Maria Bordalo Pinheiro<sup>161</sup> em 1860 e foi produzido em Lisboa, “*(...) fundido em 1861 pelo aparelhador de oficina nº 1 do Arsenal do Exército, Felisberto José Pereira (...) coadjuvado pelos operários da sua oficina, Cyrillo António Teixeira e Hypolito José.*” (GOMES, 1972: 327)<sup>162</sup>. O valor do busto ascendeu aos 165 mil réis (ESTORNINHO, 1980:69) e aquele pesava 49 quilos<sup>163</sup>. Foi primeiramente moldado em gesso por Bordalo Pinheiro<sup>164</sup>, a partir de um desenho do pintor flamenco Andries Pauwels<sup>165</sup>, que integra o capítulo dedicado ao vate na obra *Vários Discursos Políticos* (1624), de Manuel Severim de Faria. A indicação do retrato do poeta nessa obra adveio da consulta do grande estudioso camoniano, Visconde de Juromenha (*Ibid.*, 328). A chegada do busto a Macau, em 1862, foi alvo de uma cerimónia de comemoração com uma selecção de convidados distintos<sup>166</sup>.

<sup>158</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIV

<sup>159</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXI

<sup>160</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCIX

<sup>161</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCVIII

<sup>162</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img.182.

<sup>163</sup> Esse empreendimento foi tão bem sucedido, que eram vendidas reproduções do busto na oficina de Bordalo Pinheiro em Lisboa (Vol. II, Anexo B.3.1, p. AN.XLV)

<sup>164</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, img. 183. O MNAC possui no seu acervo um busto similar em gesso patinado, que se pensa ser o modelo usado para a fundição do que se encontra em Macau. Acresce ainda que o escultor executou seis bustos adicionais iguais a este, para oferecer como prémio de compensação aos sócios da Sociedade Promotora, a qual realizou uma exposição de escultura em 1863. Esta informação consta da ficha *Matriz* do objecto, a qual me foi gentilmente cedida pela Dr.<sup>a</sup> Maria Aires do MNAC.

<sup>165</sup> Vol. II, Apêndice C.2, img. 134

<sup>166</sup> O Boletim do Governo n.º 17, de 29 de Março, relatou (...) *uma escolhida reunião de damas e cavalheiros, nacionais e estrangeiros, n’aquelle ameno e delicioso recinto». Compareceu também, S. Exa. O Governador e mais autoridades, bem como os estudantes do seminário, tocando a interessante banda marcial dos alunos, composta de mais de 20 músicos. Alguns estudantes recitaram, a propósito, várias poesias escolhidas e adequadas, em português, latim, francês e italiano. O sr. Sá Camello, alferes do batalhão de linha recitou poesia do sr. António Serpa Pimentel intitulada «Camões na gruta de Macau»*”. <http://nenotavaiconsta.wordpress.com/2013/01/28/noticia-de-28-de-janeiro-de-1866-busto-de-camoes/>

## O pórtico e os versos de Rienzi

Rienzi residiu em Macau entre 1827 e 1829 e, tendo ficado encantado com o local de homenagem ao poeta, propôs-se a embelezá-lo e a conferir um aspecto mais honrado ao mesmo. Pretendia, assim, colocar junto aos penedos um torso do vate e um pórtico, no qual intencionava gravar versos em francês elaborados propositadamente para a ocasião, tendo requerido a sua tradução para chinês a 5 de Junho de 1831, ao Padre Lazarista Louis François Marie Lamiot. Contudo e segundo Estorninho (1980:69), através de análise iconográfica não foram encontradas evidências da concretização desse projecto, apesar de Rienzi ter afirmado que os seus intentos tinham sido dissipados pela família inglesa – os Feuron – que habitava a propriedade nesse período (TEIXEIRA, 1977:49). O único testemunho dessa intenção é atestado pelo esboço da portada<sup>167</sup> que Rienzi pretendia erigir, e pelas suas composições poéticas que ainda hoje subsistem por diligência de Lourenço Marques. De facto, é a ele que se deve essa construção<sup>168</sup> com o objectivo de evitar que o local voltasse a ser profanado (CALDEIRA, 1852:404) e, portanto, sem qualquer relação com os desígnios de Rienzi (ESTORNINHO, 1980:69). A tradução desses versos para chinês foi revista e executada pelo Vice-Rei de Cantão, Kin-Ying, que visitava assiduamente o monumento a Luís de Camões, poeta que lhe tinha sido descrito como o “Confúcio português.” (*Id., Ibid.*) A estrutura datada de 1840<sup>169</sup> apresentava a data “MDCCXL” em numeração romana no topo e era constituída por “(...) dois pórticos em arco, de alvenaria, nas duas entradas correspondentes, fechadas com baixas cancellas de madeira: o principal olha para ocidente, e é coroado por uma entablatura da ordem dorica, com ornatos emblemáticos no friso; sobre a arquitrave estão esculpidas em relevo na alvenaria, e pintadas de preto, as seguintes letras chinas 具 掌 干 que significam “O Sábio por Excelência”. (CALDEIRA, 1852:404-405) Do mesmo modo nas pilastras de alto a baixo se acham os caracteres seguintes:

奇	才
詩	德
大	超
真	人
立	因
碑	妒
傳	被
世	難

<sup>167</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.2, img. 284

<sup>168</sup> Este assemelhava-se a “(...) um pai lao ou pórtico chinês honorífico.” (TEIXEIRA, 1977:53), pelo que os propósitos do Comendador eram claros: consagração e dignificação do vate português.

<sup>169</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294, 295 e 298

*Nas bases das pilastras se lê: na da direita L. Marques Erixit – na da esquerda A.J de Vasconcellos – DELINEAVIT.” (Id., Ibid.) “A inscrição latina diz: “Lourenço Marques erigiu, A. J. de Vasconcellos dedicou.” (TEIXEIRA, 1980c:151) A versão em chinês foi interpretada pelo macaense José Martinho Marques da seguinte forma: “(...) os 3 caracteres da arquitrave: “O Sábio por excelência. Nas pilastras, de alto a baixo, a principiar pela pilastra da direita de quem entra, oito caracteres, que dizem: - Em talentos e virtudes excedeu o poeta os demais homens, mas por inveja foi perseguido. Seus admiráveis versos grandemente floresceram, e agora levanta-se-lhe este monumento para passá-lo às gerações.” (TEIXEIRA, 1977:49) Luís Gonzaga Gomes<sup>170</sup> e Carlos José Caldeira<sup>171</sup> apresentaram, igualmente, as suas interpretações dos caracteres sínicos. Posteriormente e com a demolição do pórtico, a dedicatória de Rienzi traduzida para chinês foi gravada na laje que actualmente se encontra à esquerda do pedestal<sup>172</sup>, sendo a versão inscrita a avançada por Luís Gonzaga Gomes, tal como citada na descrição actual do monumento. Uma vez que a inscrição que se encontra abaixo daquela remete para a celebração do “IV Centenário de Publicação d’Os Lusíadas” em 1972, presumo<sup>173</sup> que esse elemento tenha sido aí colocado nessa data, o que significa que desde 1886 até 1972 essa epígrafe esteve ausente do local.*

## **O pavilhão chinês**

Ao Comendador Lourenço Marques é igualmente imputado a renovação do pavilhão chinês<sup>174</sup> outrora situado no topo do penedo horizontal, o qual foi construído em alvenaria e cuja estrutura difere do anterior, como é possível de constatar pela observação das várias representações da Gruta<sup>175</sup>. Era a essa edificação que Lourenço Marques convidava os amigos e personalidades de elevada condição social (embaixadores, escritores, etc.) e a quem solicitava que prestassem a sua homenagem ao

<sup>170</sup> “A tradução dessas legendas é: “O seu talento e as suas virtudes ultrapassam as dos homens. Por inveja morreu em dificuldades. Os seus extraordinários versos tiveram grande ressonância. Erigiu-se este monumento para que a sua fama fosse transmitida à posteridade.” (1972:6) (Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIII)

<sup>171</sup> “As qualidades do espírito e do coração o elevam acima da maior parte dos homens. Os literatos sábios o honraram e veneraram; mas a inveja o reduziu à miséria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para transmitir a sua memória à posteridade.” (1852:405)

<sup>172</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 172, 178 e 186

<sup>173</sup> A minha opinião baseia-se no cruzamento de pesquisa bibliográfica com análise iconográfica e no conteúdo da própria inscrição.

<sup>174</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-298

<sup>175</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.1, Apêndice D.2.3.2 e Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-298

poeta português através da inscrição de frases ou poemas nas paredes daquela, como relata Frederico Leão Cabreira<sup>176</sup> nas notas redigidas sobre a Gruta: “*Suas paredes estão cheias de versos escriptos em lápis, por diversos nacionaes e estrangeiros, visitantes. (...) em geral escrevem alli os seus nomes e a data em que examinaram aquele quasi sagrado logar, para o qual, a maior parte dos nacionaes olham como se fosse um objecto indifferente.*” (CASTILHO, 1863:208) Mais tarde compilou-os num livro criado para o efeito, o *Álbum da Gruta*<sup>177</sup>, tendo seleccionado desse conjunto os mais belos e evocativos e ordenado que fossem esculpidos em lápides de pedra, para a posteridade, afixando-as junto do pedestal<sup>178</sup> (TEIXEIRA, 1980c:44). Foi Lourenço Marques também o responsável pela alteração da denominação do local, passando a designá-lo de “gruta” ao invés de penedos ou rochedos, uma vez que conferia ao conjunto uma áurea de romantismo, atributo essencial do sítio onde teria vivido o vate. Embora tivessem como intuito a glorificação de Camões, as características estéticas das reestruturações realizadas pelo Comendador foram questionadas por diversas personalidades, em diferentes momentos, sendo apelidadas de “*inovações de mau gosto*” (ESTORNINHO, 1980:69; TEIXEIRA, 1977:53). Contudo e no mesmo texto, Leão Cabreira insurgiu-se contra essas alterações: “*Por falta de gosto ou quiçá mal aconselhado, mandou aperfeiçoar a gruta por canteiros, desbastando as saliências interiores das rochas, e rebocando de alvenaria suas naturaes cavidades. E por esta guisa a converteo em uma pequena, e quasi regular abobada, decorada ha pouco com um marmoreo busto do heroe, honrador das Musas portuguezas. O mesmo aconteceu ao corpo do rochedo, o qual foi quasi todo revestido de alvenaria, erigindo-se-lhe na parte superior, correspondente à gruta, um caramanchão, ou pavilhão chinêz, também de alvenaria e acanhado gosto.*” (CASTILHO, 1863:296) Apesar de conceptualmente o propósito ser louvável, o resultado final revelou-se, porém e de acordo com as opiniões citadas acima, desastroso, desvirtuando o monumento relativamente ao seu significado e simplicidade originais. Todavia, parte dos “melhoramentos” efectuados por Lourenço Marques “*(...) o minarete coberto com o telhado chinês, o pórtico de alvenaria com as cancelas de madeira, o reboco dos penedos, enfim todas as excrescências.*” (TEIXEIRA, 1981b:223) foram removidos<sup>179</sup> pelo Governo de Macau em 1886<sup>180</sup>. Não

<sup>176</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCIX

<sup>177</sup> Vol. II, Anexo B.1.1, p. AN.X

<sup>178</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-298

<sup>179</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs.299-305

obstante a opinião generalizada acerca das suas transformações, o Comendador foi o principal dinamizador do monumento, ao empreender obras de grande vulto e ao organizar visitas guiadas a amigos e convidados ilustres que ali se deslocavam propositadamente para conhecer o local consagrado ao poeta português.

No entanto e após esta data, outros elementos foram sendo adicionados ao monumento, valorizando-o e enriquecendo a sua história; é o caso de uma coroa de louros (que parece ser de metal) que surge junto ao busto em finais do Século XIX<sup>181</sup>, mas que desaparece nas primeiras décadas da centúria seguinte<sup>182</sup>. Não só o seu paradeiro é desconhecido, como também o é o autor da iniciativa. Todavia, em 22 de Fevereiro de 1928 e no decorrer de uma cerimónia de homenagem dos britânicos ao poeta português, na qual compareceram o Governador Tomás Rosa e o Ministro da Inglaterra em Pequim, Sir Miles Lampson<sup>183</sup>, bem como a guarda de honra de ambos os países, foi adicionado à Gruta um outro elemento (semelhante ao acima mencionado mas de maiores dimensões) e colocado por aquele, com grande deferência. Trata-se de uma coroa de louros em bronze<sup>184</sup>, apoiada numa placa do mesmo material, onde se lia a inscrição: “*A Tribute of Admiration to Louis de Camões from British Residents in China, 1928*”<sup>185</sup>. Nas comemorações do 10 de Junho de 1933, o Grupo de Escuteiros nº 12 de Macau organizou uma Cerimónia de Juramento de cento e cinquenta escuteiros chineses, que incluiu a enunciação de um discurso<sup>186</sup> de tributo a Camões, proferido pelo dirigente do grupo, Artur Borges, e a disposição das duas placas de mármore anteriormente referidas<sup>187</sup>. Este evento simbólico contou com a presença das autoridades portuguesas, do dirigente dos escuteiros, de alunos de ambas as

---

<sup>180</sup> Teixeira (1977:56) assegura ainda que na mesma ocasião foram gravadas no pedestal as seguintes estâncias d’*Os Lusíadas*: XXIII do Canto X, LXXIX e LXXX do Canto XII, na face dianteira e XCV do Canto VI, XLII do Canto VIII e LXXXI do Canto VII, na face traseira. Contudo, a descrição da Gruta da autoria de Caldeira, publicada no *Archivo Pittoresco* nº 1 (Vol. II, Anexo B.2.2, p. AP.XXXVIII), contraria a posição de Teixeira, declarando que “(...) nas faces correspondentes às duas aberturas estão gravadas na pedra seis oitavas dos *Lusíadas*.” (1857:18), embora não refira quais são as estrofes. A observação das imagens 295 e 298 (Vol. II, Apêndice D.2.3.3), que captaram o monumento após 1840, corroboram essa afirmação e demonstram que nessa altura o plinto já exibía inscrições.

<sup>181</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, img. 304

<sup>182</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 303 e 305

<sup>183</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXV e Anexo B.3.6, p. AN.LX

<sup>184</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 306, 308-310 e 313

<sup>185</sup> Todavia, à data da minha estadia em Macau este elemento já não subsistia junto ao monumento e o seu paradeiro era e continua a ser desconhecido. Através da análise fotográfica conclui-se que teve um percurso bastante sinuoso e que foi marcado por vários desaparecimentos. Até 1940, a sua presença no pedestal era uma constante mas a partir dessa data nem sempre figurava no local. Ela foi visível, contudo, até 1979, como se pode atestar pelas imagens das comemorações do 10 de Junho desse ano (Vol. II, Apêndice D.2.6, imgs. 332-335).

<sup>186</sup> Vol. II, Apêndice D.1.5, pp. AP.XCVII-AP.CXIX

<sup>187</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.2, imgs. 195, 199 e 205-206

nacionalidades, da Escola Primária Yeut Va e sua directora e ainda da população em geral. Em 1940 e no âmbito das comemorações do “Duplo Centenário da Independência e Restauração de Portugal”, a Gruta de Camões foi limpa e sujeita a algumas alterações<sup>188</sup>. Estas abarcaram a transposição das lápides para o rochedo defronte da Gruta (e onde ainda hoje permanecem), por iniciativa do Dr. José Ferreira de Castro, reitor do Liceu de Macau, “(...) com o fim de restituir o local da “gruta” à sua pureza natural.” (GOMES, 1972:330). O autor salienta ainda que através da examinação de uma fotografia da época “ (...) a parte superior da aresta do rochedo do lado esquerdo sofreu profundo golpe, possivelmente, para se pode construir o antigo pórtico ou para se eliminar uma saliência que estava a ocultar uma parte do busto. O rochedo do lado direito foi também talhado, por haver precisão de alargar a passagem por trás da gruta.” (Id., Ibid.) e que o plinto foi “ (...) completamente revestido por uma placa de bronze cinzelada com as três primeiras estâncias do primeiro canto d’Os Lusíadas, conforme o texto de 1572, pelo artista italiano Oseo Aconcci<sup>189</sup>.” (Ibid., 331)<sup>190</sup> Interveio-se ainda no muro circundante ao monumento, prolongando-se a sua extensão e adicionando-se uma cercadura em ferro e colocaram-se dois bancos de madeira para descanso dos visitantes.

### 3.3. O Jardim Luís de Camões

*“Caminhos em declive, perfumados por elegantes festões de flores orientais, serpeando por entre os rochedos sobranceiros a cruzar-se em diversas direcções e conduzindo a vários mirantes, aves a salmodiar doces gorgeios, por entre as frondes das árvores, a frescura e amenidade do lugar e um tom pitoresco de melancólica poesia, a paisagem sobre aqueles vetustos e caprichosos rochedos, tudo ali de Camões, diz a eterna saudade.”* (TEIXEIRA, 1940:66)

O Jardim Luís de Camões está situado<sup>191</sup> na Praça Luís de Camões<sup>192</sup>. Adjacente a esta, localizam-se outros arruamentos e edifícios que referem o poeta e a Gruta<sup>193</sup>.

---

<sup>188</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 312 e 314

<sup>189</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCVI

<sup>190</sup> Teixeira declara que existiram duas dessas placas, a original em português e a sua tradução em chinês, mas Gonzaga Gomes (1972:31) é veemente na contestação desta afirmação, uma vez que inspeccionou cuidadosamente o local e não encontrou vestígios dessa evidência.

<sup>191</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, mapa 21

<sup>192</sup> “A praça está situada entre a Igreja de Sto. António e o Jardim de Camões e tem ligação com a Travessa da Palanchica, a Calçada do Botelho, o Largo de Sto. António e R. Coelho de Amaral.” (TEIXEIRA, 1981:219)

Todavia, esta praça em chinês possui a designação de *Pák Káp Ch'au Ch'in Tei*, traduzido como “Chão ou Largo do Ninho de Pombas”, a qual parece não se conectar com a presença de Luís de Camões. A razão de ser desta nomenclatura prende-se, de acordo com Teixeira (1977:31), com os alpendres circulares, semelhantes a pombais, que existiram outrora no cimo da Gruta e os quais são possíveis de perceber através da observação das gravuras e ilustrações do Século XVIII e XIX<sup>194</sup> e de algumas fotografias de finais do Século XX<sup>195</sup>, contrariando por isso a tese de Gonzaga Gomes, que atribui o vocábulo à existência de uma lenda<sup>196</sup> que aludia à presença de um poeta chinês criador de pombas.

O Jardim Luís de Camões encontra-se classificado no diploma em vigor como “Sítio”<sup>197</sup>, embora a sua nomenclatura tenha divergido consoante a publicação dos vários instrumentos relativos à preservação do património cultural de Macau. No Decreto-Lei n.º 34/76/M<sup>198</sup>, o “Jardim de Camões” é classificado como “Sítio de interesse paisagístico”<sup>199</sup>. No Decreto-Lei n.º 56/84/M<sup>200</sup> e Decreto-Lei n.º 83/92/M<sup>201</sup>, a sua denominação é alterada para “Jardim da Gruta de Camões”, conservado a categoria classificatória, ainda que no próprio espaço e no sítio da internet do IACM a nomenclatura empregue seja a de “Jardim Luís de Camões.” Este jardim é um dos mais antigos de Macau<sup>202</sup>, o segundo jardim público e outrora constituiu-se como o maior espaço verde do território. Fez parte da propriedade dos Jesuítas, quando estes ali se instalaram, mas só a partir do momento em que a Casa Garden foi arrendada à Companhia das Índias Orientais experienciou as grandes transformações que delinearam a sua configuração actual. Foi durante a residência britânica no Século XVIII e XIX que o jardim foi renovado e ampliado (embora o espaço da Gruta, apesar de conhecido por

---

<sup>193</sup> “Pátio da Gruta”, “Rua da Gruta” e “Edifício Jardim Luís de Camões”.

<sup>194</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.1, imgs. 275-283 e Apêndice D.2.3.2, imgs. 285-293

<sup>195</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-298

<sup>196</sup> “(...) nos primeiros tempos da chegada dos portugueses a esta colónia viveu naquele recatado sítio um poeta chamado Ka-Mui-Si, que por ser muito pobre, só tinha por habitação uma palhoça. Como o mísero vate se entretinha a criar pombas, o sítio ficou conhecido pelo nome de Pák-Káp-Tc'âu, isto é, ninho das pombas. (...) Um dia morreu o poeta e enterraram-no debaixo do dolmesco trílito. Mais tarde, para se comemorar o facto de o insigne vate ter vivido neste sítio colocaram aí um busto e o Governo resolveu comprar o parque, que pertenceu a diferentes donos, para o transformar em jardim público.” (TEIXEIRA, 1977:31)

<sup>197</sup> Vol. II, Apêndice B.2, p. AP.LVII

<sup>198</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/76/32/declei34.asp>

<sup>199</sup> “(...) o qual envolve “zonas verdes, conjuntos de árvores ou simples árvores isoladas de porte especialmente digno de nota.” <http://bo.io.gov.mo/bo/i/76/32/declei34.asp>

<sup>200</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/84/27/declei56.asp>

<sup>201</sup> <http://bo.io.gov.mo/bo/i/92/52/declei83.asp>

<sup>202</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 208-213



ali ter permanecido o poeta português, ter-se conservado praticamente intocado) e registou o maior incremento, tanto a nível das suas dimensões, como a nível da variedade da vegetação. Esta reorganização foi realizada por três botânicos - David Stornach, William Kerr e Thomas Beale<sup>203</sup> - procedentes de Londres. A flora foi enriquecida com muitas espécies botânicas provenientes de todos os pontos do Globo, com destaque particular para as asiáticas. Foram plantadas árvores da China, de Malaca, de Java, de Manila, de Goa, etc. que formavam “(...) *um lindo e copado bosque.*” (ESTORNINHO, 1980:66). Desempenhava igualmente a função de viveiro destes exemplares, que posteriormente foram enviados para outros locais: “*2500 plantas exóticas transplantadas para o Jardim Botânico de Londres por Thomas Beale e sementes de chá (Camellia sinensis) despachadas para o Real Horto do Rio de Janeiro, pelo Senador Rafael Botado de Almeida em 1812.*” (ESTÁCIO, 1994:42) Durante este período, os jardins foram assim remodelados ao gosto de quem habitava a quinta e para além da sua importância botânica, proviam a propriedade de uma sombra exuberante, sendo considerado por muitos dos seus hóspedes e visitantes como um espaço exemplar ao nível da flora e simultaneamente encantador e romântico, como é possível de atestar pelo diário de Harriet Low: “*8 de Setembro de 1832 ...Depois de jantar fui à casa de Mrs. Feuron, ou melhor, à “Casa Garden”. Não podes imaginar algo mais romântico. É um lugar lindíssimo. (...) A lua brilhava lindamente por entre as árvores, reflectindo-se nas águas à la distance.*” (TEIXEIRA, 1977:51) Também Jurien de la Gravière, no seu artigo sobre a colónia europeia na China, publicado na *Revue de Deux Mondes* em 1851, tem esta referência ao Jardim de Camões: “*Entre os jardins com que a opulenta fantasia dos negociantes ingleses dotou Macau, existe um que o viajante não deve esquecer-se de visitar. Os caramboleiros e as acácias protegem com o doce frémito de sua sombra este tosco mirante donde a vista descobre o estreito canal do Porto Interior, as ilhas numerosas cujos planos se sucedem e confundem ao longe e as brancas muralhas de Casa Branca.*” (Ibid, 41)

Após a dissolução da Companhia das Índias Orientais, os jardins mantiveram a sua arquitectura, dado que Lourenço Marques, ao contrário dos inquilinos anteriores, dedicou mais atenção aos penedos do que à flora. Só após a aquisição da propriedade pelo Leal Senado, se empreenderam alguns trabalhos de renovação neste domínio. De facto, remontam aos finais do Século XIX as preocupações dos governantes com a

---

<sup>203</sup> Vol. II, Apêndice E, pp. AP.CCCX, AP.CCCXV e AP.CCCVII (por ordem de referência no texto).

arborização da cidade. O aumento populacional impulsionado pela destruição das muralhas que dividia a cidade em dois bairros, o crescimento acelerado - que transformava gradualmente e de forma irreversível a paisagem urbana - aliado às características geológicas e climáticas do território – baixa fertilidade dos solos causada pela pobreza de nutrientes, declives acentuados e ocorrência frequente de tufões – não facilitavam a intervenção neste sector. Os Jesuítas constituíram-se, no Século XVII, como os pioneiros neste tipo de empreendimento, ao criarem na Ilha Verde hortos e áreas de cultivo de ervas medicinais que usavam nas suas boticas. No Século XVIII os britânicos, através da sua residência temporária em Macau, foram responsáveis pela formação de uma importante mancha verde no seio do tecido urbano. Assim, a escassa vegetação da cidade subsistia junto das ordens religiosas (uma vez que após a expulsão dos Jesuítas as restantes ordens, Dominicanos, Franciscanos e Agostinhos, também conhecedoras da farmacopeia popular, prosseguiram com o cultivo de ervas para suprimir as suas necessidades) ou na propriedade dos indivíduos mais abastados, e por isso era dotada de um carácter particular e privado.

As primeiras iniciativas governamentais de arborização remontam apenas à última metade do Século XVIII. É só com o Governador Tomás de Sousa Rosa (1883-86) que, imediatamente após a sua nomeação em 1883, criou uma Comissão<sup>204</sup> com vista a formular um plano de melhoramentos na cidade, no qual se incluíam estas inquietações<sup>205</sup>, que se traçaram estratégias com vista à implantação de uma verdadeira política de espaços verdes, imprescindível a Macau, devido à conjuntura acima enunciada. Esta estratégia englobava a plantação de árvores nas ruas e avenidas, as quais facilitavam o assoreamento das terras, bem como a publicação de posturas para a conservação de espécies arbóreas e sanções a aplicar na eventualidade da sua destruição, e ainda a criação de jardins públicos para desfrute da população. Todas estas medidas tinham por intuito a transformação e humanização da paisagem, caracterizada pela aridez e carência deste tipo de infra-estruturas. É no âmbito desta resolução que o Jardim Luís de Camões é fundado, constituindo-se como o segundo jardim público da cidade. O espaço foi alvo de renovação a todos os níveis: da flora, dos arruamentos e da

---

<sup>204</sup> Esta Comissão era “ (...) composta pelos seguintes elementos: o Director das Obras Públicas Constantino José de Brito; o Chefe dos Serviços de Saúde, Lúcio Augusto da Silva; o Vereador do Leal Senado, Miguel Ayres da Silva; o Administrador do Concelho, Leôncio Alfredo Ferreira, e por Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro, Agrónomo, que com apenas vinte e sete anos, exercia as funções de Secretário Relator.” (A. SARAIVA, 1995:202)

<sup>205</sup> O Plano Geral dos Melhoramentos da Cidade foi “(...) apresentado e publicado no Boletim nº 1, de 5 de Janeiro de 1884, da Província de Macau e Timor.” (Id., Ibid.)

Gruta, cujas intervenções foram expostas no subcapítulo anterior. O Governo usufruiu assim das transformações realizadas pelos botânicos britânicos e efectuou ali alterações distintas dos outros jardins da cidade - nos quais foram plantadas principalmente espécies autóctones -, pelo que é possível encontrar neste espaço uma grande diversidade e distinção vegetal, que lhe confere encanto, fascínio e uma certa peculiaridade em relação aos restantes. Data de 1886, após a aquisição da Casa Garden pelo Governo de Macau, a primeira grande intervenção estatal no espaço verde, e que foi motivada precisamente pela existência do monumento. *“No jardim da gruta de Camões, fizeram-se trabalhos muito importantes. Levantou-se um grande muro, que abatera com as chuvas em que se despenderam \$430,00. Abriram-se novas ruas, construiu-se um jardim com pequenos canteiros limitados por pedras britadas e de cores diferentes, compraram-se em Cantão muitas plantas para o adornar, bettonaram-se muitas ruas (...), construiu-se um viveiro com canteiros limitados de tijolo vermelho, levantou-se provisoriamente um kiosque de bambú e óla para a banda de música, mandaram-se fazer 20 bancos de madeira que custaram \$120,00, picaram-se todos os degraus de cantaria ali existentes, e fizeram-se outros trabalhos de adorno e embelezamento.”* (AFONSO, 1998:200) O Ministro determinou ainda o calcetamento do chão de terra batida (em 1888) e posterior cimentação, a plantação de acácias, a construção de um muro *“(…) a elegante escadaria aformoseada com vasos de flores e suaves rampas que nos levam à Gruta do grande Épico.”* (TEIXEIRA, 1981a:46) Planeava ainda dispor um pequeno monumento junto aos penedos, iniciativa que nunca se chegou a concretizar. A Praça Luís de Camões foi igualmente sujeita a reformas, diligenciadas por Horta e Costa<sup>206</sup>, de modo a que o espaço exterior possuísse uma configuração digna do monumento que era exibido no interior do jardim: *“O largo de Camões, que precede o sítio mais belo e pitoresco de Macau, não passa actualmente de um vasto terreno, onde a erva cresce à vontade, e onde ordinariamente se levantam barracas para festividades chinas, principalmente para enterros, oferecendo assim um espectáculo pouco agradável aos olhos dos visitantes, quer nacionais, quer estrangeiros, que constantemente vêm ver o local onde se diz que esteve o nosso grande épico.”* (Id., Ibid.) Em virtude das dimensões de uma cidade que se tornava cada vez mais exígua, desenvolveram-se diversos projectos de revitalização e dinamização do espaço, em função da sua importância histórica e simbólica, dos quais se distinguia a

---

<sup>206</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIII

criação de um Jardim Botânico e Zoológico. Todavia, nenhum deles alcançou a sua concretização devido à escassez de meios pecuniários, tal como relatou<sup>207</sup> Horta e Costa num relatório datado de 1885<sup>208</sup>. A concepção de um Jardim Botânico não foi, porém, abandonada e ressurgiu nos programas dos sucessivos governos, reforçada pela criação da Repartição da Agricultura, embora o projecto não tenha passado da intenção. A repartição que tutelava os jardins foi extinta em 1936, voltando a gestão dos espaços verdes a ser efectuada pela Repartição das Obras Públicas de Macau, situação que se manteve até à década de 1960, nos mandatos dos Governadores Silvério Marques (1959-62) e Nobre de Carvalho (1966-74). Apenas nessa altura se realizou a transferência de atribuições para o Leal Senado, actualmente IACM, que detém a tutela dos jardins e parques do território. Em 1940 o jardim foi alvo de remodelações concomitantes com aquelas que se empreenderam no espaço da Gruta, previamente assinaladas. Mais tarde, já na década de 1980 e/ou 1990<sup>209</sup>, sofreu outras alterações – a colocação de sinalética, equipamentos de ginástica, iluminação pública, vasos com plantas e flores, cascatas artificiais, etc. - que se mantiveram até à actualidade.

Presentemente, o Jardim Luís de Camões é tutelado pelo IACM, possui uma área total de 19 200m<sup>2</sup><sup>210</sup> e é constituído por uma flora riquíssima<sup>211</sup>, que prima pela variedade e exotismo, sendo possível encontrar espécies arbóreas como as “árvores de Pagode”, a falsa faia, fruta-pão, árvore de São José etc., arbustos como as cameleiras e o ligustro e ainda flores como a glicínia (ESTÁCIO; SARAIVA, 1993:17). Possui também uma área de viveiros de 4500m<sup>2</sup><sup>212</sup>. A este propósito, autores citados afirmam que “ (...) *uma diferente modelação do terreno, com pequenas plataformas e um outro traçado de caminhos, caracterizado por alinhamentos rectilíneos, o que nos leva a admitir tratar-se da parte mais antiga do jardim por evidenciar um estilo português*

---

<sup>207</sup> *O que há a fazer aqui? Muito, mas a verba distribuída é tão pequena, que pouco sobrarão depois de pagar as despesas ordinárias. E é pena isto. Há aqui local próprio para se construir um lago (...) Tem espaço para reter alguns animais raros, e tornar-se assim de curiosidade zoológica, e o viveiro, já mencionado e magnificamente disposto para ali se distribuírem, por classes e famílias, diferentes plantas, podendo fazer-se assim um attencioso estudo da flora da colonia, o que com certeza é útil e instructivo.*” (AFONSO, 1998:200)

<sup>208</sup> *Relatório da Direcção das Obras Públicas da Província de Macau e Timor relativo ao ano de 1885* datado de 1 de Julho de 1886. pág. 356 *In Boletim da Província de Macau e Timor*, de 14 de Setembro de 1886 – Suplemento ao nº 36

<sup>209</sup> Não foi possível precisar a data dessas alterações uma vez que as solicitações enviadas à tutela do espaço verde não tiveram resposta.

<sup>210</sup> Informação constante de um dos painéis informativos do jardim.

<sup>211</sup> Vol.II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 218, 223-224, 227-228, 230, 234-236, 242, 244-245, 255-259, 267 e 272-274

<sup>212</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 267 e 268. À data da minha permanência em Macau, o acesso a esta área encontrava-se vedado ao público.

*com influência do estilo italiano ou renascentista.*” (*Ibid.*, 14) Este jardim desempenha um papel extremamente importante na dinâmica da cidade, quer a nível turístico, mencionado em todos os roteiros de viagem de Macau como um ponto obrigatório de visita devido à existência da Gruta de Camões, quer a nível social, pois é muito frequentado pela população local ao longo do dia, não só porque se localiza numa zona residencial, mas também devido à frescura que proporciona nas horas de maior calor. A apropriação do espaço verde reflecte o estilo de vida, o quotidiano e as práticas culturais dos visitantes locais, imprimindo-lhe uma vivacidade e ritmo distintos dos quotidianos dos jardins “ocidentais”. Predominam por isso, neste espaço, actividades diversas como jogos tradicionais, performances informais de música tradicional chinesa (canto e instrumentos), *jogging* e exercícios de *tai-chi* (sendo que o espaço em frente à Gruta é bastante popular para a sua concretização<sup>213</sup>), sendo possível observar igualmente a convivência social e geracional através de conversas e brincadeiras<sup>214</sup>. É habitual depararmo-nos, principalmente ao nascer do dia e ao entardecer, com numerosas gaiolas de pássaros que são “passeadas” pelos seus proprietários, colocadas à sombra em cima dos muros<sup>215</sup> ou penduradas nos galhos das árvores. Estas práticas são comuns à maioria dos jardins de Macau mas neste jardim em particular adquirem uma maior relevância devido às suas dimensões e ao facto de constituir como um epíteto do cruzamento entre Ocidente e Oriente.

O jardim desenvolve-se em vários níveis e colinas<sup>216</sup> - que resultaram das movimentações de terra com vista à construção da muralha que circundava aquele espaço (A. SARAIVA, 1995:194) e que delimitava a cidade cristã da cidade chinesa, nos primeiros tempos do assentamento português - marcadas pelo predomínio de espécies vegetais, em alguns casos bastante compacta, mas sempre aprazível. Possui três pontos de acesso:<sup>217</sup> a entrada principal localiza-se na Praça Luís de Camões<sup>218</sup>, situando-se à sua direita os acessos à Casa Garden e Cemitério Protestante<sup>219</sup>. Após a transposição do portão, deparamo-nos com a alameda central – na qual se denota a imponente presença de quatro exemplares de árvores de pagode - que termina numa praceta circular, onde se encontra uma escultura em bronze de trinta e seis metros,

---

<sup>213</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 248-249, 247, 232, 244, 257, 274 e 231-233.

<sup>214</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 197-199, 223, 226-227, 247-249, 264-266

<sup>215</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 229

<sup>216</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 218, 228, 230, 234-236, 244-245, 257-259, 272-274

<sup>217</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2, mapa 16 e Apêndice D.1.2.3, mapa 22

<sup>218</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 214 e 215

<sup>219</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, mapa 22

instalada sob um espelho de água, rodeado de inúmeros vasos com flores. Esta representação escultórica designada “O Abraço”<sup>220</sup>, é da autoria de Irene Vilar<sup>221</sup> e foi aí colocada a 10 de Junho de 1996, nas Comemorações do “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”, como símbolo da amizade entre Portugal e China, “*(...) um marco simbólico da tolerância e do convívio étnico e religioso, ou do bom entendimento, ao longo dos séculos, entre portugueses e chineses.*” (VILAR, 1996:4)<sup>222</sup>

Ao seu redor e prolongando-se pela escadaria central, a qual se encontra adornada com diversos tipos de palmeiras - palmeiras Alexandras, palmeiras leque e palmeiras bambus (ESTÁCIO; SARAIVA, 1993:16) -, é possível constatar a existência de dez painéis de calçada portuguesa<sup>223</sup>, alusivos aos dez cantos d’*Os Lusíadas*, representando, respectivamente: Vénus protegendo os navegadores portugueses; a recepção dos portugueses pelo rei, na Costa Oriental de África; a morte de Inês de Castro; dois anciãos figurando os dois mais importantes rios indianos, o Ganges e o Indú; o gigante Adamastor; a recolhida das velas do navio durante a tempestade; uma cena de batalha entre os portugueses e os piratas árabes; o deslumbramento dos marinheiros contemplando um templo hindu; a Ilha dos Amores e, por último, a imortalização dos marinheiros que alcançaram um feito inigualável e sem precedentes<sup>224</sup>. Estas ilustrações d’*Os Lusíadas* que figuram nos painéis de mosaicos<sup>225</sup> são originalmente<sup>226</sup> da autoria de Lima de Freitas<sup>227</sup> mas foram adaptadas para este fim específico pelo pintor Jorge Estrela<sup>228</sup> e executados em pedra de calcário de tons variados<sup>229</sup>. Esta justaposição constituiu-se como uma inovação ao nível da técnica empregue, dado que comumente os desenhos a aplicar são de natureza simples e geométrica e neste caso apresentam uma composição mais complexa e elaborada. Uma segunda entrada<sup>230</sup> localiza-se no topo do jardim, acedendo-se a ela através das Escadas do Papel, no seio de um dos bairros tradicionais de Macau, o Bairro do Patane, sendo possível vislumbrar, através do miradouro, uma belíssima vista sobre a parte Norte da cidade - com o seu intrincado de arranha-céus misturado de forma desorganizada com habitações mais tradicionais -, o

<sup>220</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 216, 217 e 219

<sup>221</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXXII

<sup>222</sup> Vol. II, Anexo B.3.8, p. AN.LXXIV

<sup>223</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 216-226

<sup>224</sup> Síntese elaborada a partir dos textos constantes no painel “Legenda das Dez Gravuras”.

<sup>225</sup> Vol. II, Apêndice F.1.3, imgs. 398-407

<sup>226</sup> Vol. II, Apêndice F.1.4, imgs. 408-417

<sup>227</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIII

<sup>228</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXI

<sup>229</sup> Informação fornecida pelo painel “Dez Gravuras do Mestre Lima de Freitas”.

<sup>230</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, img. 237

Porto Interior e a China Continental<sup>231</sup>. Na colina onde assenta o jardim, localiza-se um complexo de templos, formado por diversos altares dedicados a divindades taoistas e budistas<sup>232</sup>. Esta entrada e a anterior conectam-se através de caminhos fechados e copados, muito frescos e agradáveis<sup>233</sup>, que conduzem à Gruta de Camões, mas através dos quais se vão desvendando apoios para descanso e jogos tradicionais<sup>234</sup>, pavilhões que fornecem sombra e abrigo dos elementos e uma área com seixos, empregues na massagem dos pés<sup>235</sup>. A terceira entrada, adjacente à Rua da Palmeira e ao Complexo de Templos de Tou Tei do Patane, possui grandes rochedos, semelhantes aos que formam o monumento<sup>236</sup>. A configuração do terreno é bastante plana (e por isso distingue-se do restante) e a paisagem é marcada por uma mescla de vegetação tropical com elementos europeus<sup>237</sup>. É também nesta área que se situa a estátua de Sto. Kim<sup>238</sup>, o parque infantil e zona de recreio (jogos e piqueniques) e a biblioteca Wong Ieng Kuan, inaugurada em 1999<sup>239</sup>. Defronte destes equipamentos e aproveitando dois enormes penedos de granito sobrepostos, foram criadas, em 1990, duas cascatas artificiais com quatorze metros de altura, que se quedam num pequeno lago, o qual se liga à zona da biblioteca. Estes rochedos são encimados por um miradouro<sup>240</sup> com vista sobre todo o jardim e parte da cidade<sup>241</sup>, supostamente construído pelo geógrafo francês La Pérouse, quando estacionou em Macau para efectuar medições sobre o magnetismo terrestre<sup>242</sup>. Este acesso encandeia-se, por sua vez, ao espaço da última entrada descrita acima, através “(...) de corredores de verdura que forram os caminhos.” (ESTÁCIO; SARAIVA, 1993:16) e rampas que circundam todo o jardim<sup>243</sup>.

<sup>231</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, img. 243

<sup>232</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 239-241

<sup>233</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 242 e 244

<sup>234</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 247 e 249

<sup>235</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 245 e 246. Esta é uma prática frequente entre os habitantes do território, pelo que estruturas semelhantes encontram-se dispersas por toda a cidade

<sup>236</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 250-254

<sup>237</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 255-260

<sup>238</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 262-263 e Apêndice E, p. AP.CCCXX

<sup>239</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 264, 263, 266 e 261

<sup>240</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 269-271

<sup>241</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 272 e 273

<sup>242</sup> Embora esta informação conste de um dos painéis informativos do jardim, não existem certezas quanto ao local concreto onde La Pérouse montou o seu equipamento, podendo essa situação ter ocorrido no topo dos penedos de Camões (Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXV).

<sup>243</sup> V. Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 257, 273 e 274

### 3.4 Relevância cultural e simbólica da Gruta de Camões

#### 3.4.1 Representação do monumento na literatura, belas-artes e fotografia

A enorme relevância da Gruta de Camões reflecte-se em múltiplas esferas, nomeadamente cultural, histórica e simbólica, actuando igualmente como estandarte de divulgação da língua e cultura portuguesas não só em Macau, como em todo o Extremo-Oriente, reforçando o papel da cidade como plataforma híbrida de encontro, cruzamento e difusão de culturas.

Conquanto as referências literárias sobre Gruta de Camões, tanto a nível de ensaio como de ficção, prosa e poesia, sejam profusas e variadas, não foi possível, devido ao foco conceptual deste trabalho, reflectir exaustivamente sobre elas. Assim e ainda que tal se evidencie redutor, ative-me às mais relevantes, isto é, àquelas que implicam directamente o monumento de forma notória, que possuem ampla circulação no meio e que já foram alvo de abordagem por estudiosos nestas matérias (GOMES, 1972; TEIXEIRA, 1977; ESTORNINHO, 1980), motivo pelo qual os seus textos se constituem como os alicerces desta secção<sup>244</sup>. Sobressaem neste domínio e no que respeita ao ensaio, os relatos de viagem enquadrados nas missões de exploração científica oitocentista, das principais potências europeias (Inglaterra, França e Rússia), e que se constituem como as primeiras alusões ao monumento (a primeira remontando ao final do Século XVIII), excluindo, evidentemente, o “Registo dos Bens de Raiz dos Jesuítas” anteriormente apontado. Ainda num contexto de literatura de viagem, mas distinto dos empreendimentos marítimos acima aludidos - abordando por isso aspectos geográficos e sociais, costumes e tradições -, inserem-se as descrições do monumento efectuadas por portugueses, como Carlos José Caldeira<sup>245</sup>, José Inácio de Andrade<sup>246</sup>, Conde d’Arnos<sup>247</sup>, etc., algumas das quais surgindo ainda em revistas da época, como o *Archivo Pittoresco* e a *Revista Ta-Sssi-Yang-Kuo* (com o especial “A Gruta de Camões, impressões e reminiscências”<sup>248</sup>). Na prosa e poesia, e seguindo o mesmo fio condutor de Estorninho (1980), segmentei as diversas composições<sup>249</sup> em dois grupos: o

<sup>244</sup> Remete-se o seu desenvolvimento para o Vol. II, Apêndice D.2.1, p. AP.CCII

<sup>245</sup> *Apontamentos D’uma Viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa*, 1852

<sup>246</sup> *Cartas Escriptas da China e da Índia nos anos de 1815-1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade*, 1867

<sup>247</sup> *Jornadas pelo Mundo*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1917

<sup>248</sup> Vol. II, Anexo B.2.2, p. AN.XXXVIII e Anexo B.2.1, p. AN.XXXVI

<sup>249</sup> Vol. II, Apêndice D.2.1, p. AP.CCIX



grupo dos autores/escritores que permaneceram ou passaram temporariamente pelo território, destacando-se Bocage, Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes<sup>250</sup>, Manuel Teixeira e Sophia de Melo Bryner e Miguel Torga<sup>251</sup> (estes dois últimos visitaram a cidade no contexto das celebrações do 10 de Junho, respectivamente em 1977 e 1987<sup>252</sup>); e o grupo daqueles que viajaram até ao local em pensamento, redigindo importantes e relevantes composições de homenagem e consagração a Luís de Camões, salientando-se e como referido anteriormente, Almeida Garrett.

No que concerne às Belas-Artes, são também diversos os registos deixados por artistas nacionais e estrangeiros, em gravura e pintura e, mais tarde, em fotografia e que se revelaram fundamentais para examinar a evolução das diversas metamorfoses do monumento, ao fornecerem pormenores que de outro modo não poderiam ser percepcionados. Estes possibilitaram a análise e a comparação de iconografia, imprescindível para obtenção da datação e também para o plano de interpretação. A bibliografia citada na página anterior, a qual apresenta um notável levantamento dos principais registos visuais do monumento, a partir do mais antigo (que remonta ao Século XVIII), serviu de alicerce a este segmento sobre a iconografia, que se apresenta aqui muito sintetizado<sup>253</sup>. Estorninho (1980) estabeleceu assim uma divisão da iconografia em dois grupos, aqueles que advêm da observação participante por parte de artistas e personalidades que visitaram o monumento e aquelas que emanam da imaginação fértil dos seus autores, entrelaçando-a com pormenores da vida e obra do poeta. O primeiro grupo é ainda decomposto em três períodos distintos (1980:73), que correspondem a diferentes momentos da história do monumento, coincidindo com as diversas alterações de que foi alvo. Assim, o primeiro corresponde ao intervalo 1775-1815<sup>254</sup>, durante o aluguer da Casa Garden aos funcionários britânicos, pelo que estão em maioria as gravuras elaboradas pelos desenhadores das embaixadas britânicas que aportaram em Macau; o segundo abarca a era de 1815-1885<sup>255</sup>, coincidindo com a permanência de Lourenço Marques na propriedade, que registou justamente a sua fase mais dinâmica e intensa, com as diversas configurações estéticas e as visitas de

---

<sup>250</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCVIII; Apêndice E p. AP. XVIII e Apêndice D.2.4, img. 320; e Apêndice E, p. AP.CCCXVII.

<sup>251</sup> Vol. II, Apêndice D.2.4, img. 322

<sup>252</sup> Vol. II, Apêndice D.2.2, p. AP.CCXVI

<sup>253</sup> O desenvolvimento desta secção (complementada com outras referências e informações), bem como a sua sistematização na forma de tabela, são remetidos para o Vol. II, Apêndice D.2.3, p. AP.CCXVIII e tabela 1, p. AP.CCXIX.

<sup>254</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.1, imgs. 275-283

<sup>255</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.2, imgs. 284-293

personalidades e funcionário consulares; o terceiro<sup>256</sup> e último inicia-se com a aquisição do bem cultural e da residência adjacente pelo Governo de Macau, embora a sua análise seja bastante mais resumida do que as anteriores, pelo facto de o autor retirar a fotografia da equação. Relativamente às restantes representações<sup>257</sup>, as quais Estorninho advoga que resultaram da imaginação e fantasia dos seus autores, destacam-se as de A. J. Desenne, de Columbano Bordalo Pinheiro e de Roque Gameiro<sup>258</sup>, que ilustram diversas edições do *Épico*<sup>259</sup> e a de Francisco Metrass, que dedicou ao poeta uma das suas mais afamadas composições<sup>260</sup> e que actualmente integra o acervo do Museu do Chiado em Lisboa.

### 3.4.2 A Romagem à Gruta de Camões e as comemorações do 10 de Junho

É com as transformações de Lourenço Marques que a Gruta de Camões se tornou num local de culto ao poeta e por extensão, à pátria. Como mencionado, foram vários os visitantes, durante o período de permanência daquele na Casa Garden, que acorreram ao local, tanto escritores e poetas, como embaixadores e políticos, tanto ocidentais, como orientais (destaca-se o Vice-Rei de Cantão, Kin-Ying<sup>261</sup> que visitava amiúde o local sempre que se encontrava em Macau) e que ali deixaram registados a sua admiração e respeito pelo vate português. Também os políticos e personalidades portuguesas (entre as quais os próprios governadores do território<sup>262</sup>) insistiam na visita ao local, assim como dos contingentes militares e da marinha, que frequentemente eternizavam a sua passagem pelo local através de fotografias, nas quais posavam, ladeando o busto de Camões<sup>263</sup>, como foi o caso de um grupo de artilheiros que passou por Macau em 1913<sup>264</sup>. A mesma situação ocorria com os cidadãos anónimos<sup>265</sup>, que

<sup>256</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.3, imgs. 294-314

<sup>257</sup> Vol. II, Apêndice D.2.3.4, imgs. 315- 318

<sup>258</sup> Vol. II, Apêndice E, pp. AP.CCCXI, e AP.CCCXII

<sup>259</sup> *Os Lusíadas. Poema Épico de Luís de Camões. Nova ed. corr. e dada à luz, por Dom Jozé Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matteus*, 1817; *Os Lusíadas. Grande Edição Ilustrada*, 1900.

<sup>260</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXVII; Vol. II, Apêndice D.2.3.4, img. 316

<sup>261</sup> “Diante deste pórtico um distinto vice-rei de cantão, ki-ying, ajoelhou-se e prestou a habitual vénia prescrita pelo rito confuciano quando lhe disseram que Camões era reverenciado pelos portugueses tanto quanto Confúcio o era pelos chineses.” (MONTALTO DE JESUS, 1990:200) “Ki Ying visitou várias vezes a gruta de Camões quando esteve em Macau em 1845, sendo Vice-Rei de Cantão e comissário imperial. (...) e a melhor ideia que se lhe pode dar do génio raro que ali se recorda, foi dizer-lhe que era o Confúcio português: então ki-ying saudava constantemente o busto do poeta, com as zumbaias do seu próprio país.” (TEXEIRA, 1977:116)

<sup>262</sup> Vol. II, Apêndice D.2.4, img. 319

<sup>263</sup> Vol. II, Apêndice D.2.4, imgs. 324-329

<sup>264</sup> “Os artilheiros de Macau – Todas as unidades que se reúnem n’aquela distante colónia se teem fotografado na célebre Gruta de Camões e onde se diz que o nosso épico se recolheu quando da sua permanência n’aquela cidade oriental. É já como uma tradição seguida escrupulosamente e que tem alguma coisa de sentimental e evocador. D’esta vez foram os artilheiros europeus ali estacionados, que

posavam (e continuam a posar, numa tradição que se tem mantendo ao longo dos tempos) junto do busto do poeta.

Contudo, o reforço do simbolismo identitário do monumento só foi efectuado em 1923, após a instituição, pelo Governador Rodrigo Rodrigues<sup>266</sup>, da romagem à Gruta de Camões, enquadrada nas celebrações do dia 10 de Junho<sup>267</sup>. O Governador foi assim o responsável pela criação da tradição da romagem em Macau<sup>268</sup>, que se tem realizado anualmente, com particular destaque para as realizadas no tricentenário do nascimento do poeta, em 1924<sup>269</sup>. Nela participavam (e continuam a participar<sup>270</sup>), a comunidade portuguesa (através dos seus membros individuais e das diversas colectividades), a macaense e também a chinesa, e alunos de muitas escolas que declamavam poemas em português e chinês e, mais tarde, em romagem, colocavam com reverência diversas flores junto do busto do poeta, tradição que ainda hoje se mantém. Até 1999 essa cerimónia contava com a presença do Governador do território, mas a partir dessa data e com a transferência da soberania do território para a RPC, Portugal é representado pelo Cônsul a residir em Macau. Alunos de vários estabelecimentos escolares, predominando os portugueses e os luso-chineses, continuam assim a cumprir a tradição da romagem à Gruta e da deposição de flores<sup>271</sup>. As cerimónias de homenagem completam-se com um conjunto de actividades relacionadas com Portugal: exposições, concertos, ciclos de cinema, etc. Apesar de este dia já não ser feriado no calendário de Macau (supressão que teve lugar após 1999), as coreografias rituais continuam a realizar-se anualmente e praticamente nos mesmos moldes, constituindo-se como uma ocasião extremamente importante para o reforço da identidade e da memória colectiva da comunidade macaense e da diáspora portuguesa em Macau.

---

*quiseram fotografar-se, enviando-nos o grupo que publicamos. São todos exemplares soldados, cumpridores do seu dever e que longe da sua pátria honram o nome português, seguindo as brilhantes tradições dos que combateram outr'ora nos logares onde defendem o nosso domínio.” (Ilustração Portuguesa, nº 359, 6 de Janeiro de 1913.*

<sup>265</sup> Vol. II, Apêndice D.2.4, imgs. 330-331

<sup>266</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXIX

<sup>267</sup> Vol. II, Apêndice D.2.5, p. AP.CCLXXIX

<sup>268</sup> “(...) logo no primeiro ano da sua chegada a Macau convidou as escolas e as forças armadas para irem à Gruta homenagear o épico. E (...) foi ele que enalteceu o vulto do imortal poeta e a sua emoção foi tão profunda que desatou a chorar, tendo de interromper o discurso.” (TEIXEIRA, 1977:68)

<sup>269</sup> Vol. II, Anexo B.3.6, p. AN.LXIII

<sup>270</sup> V. Vol. II, Apêndice D.2.6, imgs. 332-380

<sup>271</sup> V. Vol. II, Apêndice D.2.6, imgs. 335, 337, 355-363, 365, 367-371, 373-376 e 379

## 4. PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO INTERPRETATIVA DA GRUTA DE CAMÕES

### 4.1 Interpretação do património cultural: definição e finalidades

A génese da interpretação do património surge associada à criação dos primeiros parques nacionais nos EUA, em finais do Século XIX. Todavia, foi só em 1957 com a publicação de *Interpreting Our Heritage*, de Freeman Tilden<sup>272</sup>, que emergiu uma primeira definição formal e aquela que é considerada a pioneira neste domínio: uma actividade educativa, que tem por propósito revelar significados e relações através do uso de objectos originais, experienciados em primeira mão pelos próprios visitantes e por meio de uma multiplicidade de meios interpretativos, ao invés da simples comunicação de dados factuais<sup>273</sup>. Esta definição assenta em seis princípios basilares postulados pelo autor, os quais sustentam a actividade interpretativa<sup>274</sup>: **(I)** a interpretação dos bens culturais deve relacionar-se com as características dos visitantes; **(II)** a informação em si, não é interpretação; **(III)** a interpretação conjuga em si muitas artes; **(IV)** o principal objectivo desta actividade é a provocação; **(V)** deve apresentar o todo em vez das partes e **(VI)** quando dirigida às crianças, deve possuir uma abordagem própria e diferente da usada para os adultos. Deste modo, a interpretação não pode ser reduzida à relação comunicativa, mas nesse processo de transmissão deve interrogar, reflectir e provocar, com vista ao entendimento dos conceitos e ideais veiculados.

Os motivos para a interpretação dos recursos patrimoniais são de vária ordem – sociais, económicos, ambientais, culturais, etc. - e relacionam-se com a sua natureza e tipologia. Contudo e em última análise, os propósitos da interpretação devem contribuir e assegurar a compreensão e, através desta, a protecção e salvaguarda dos bens culturais, razão pela qual os planos de interpretação devem ser conceptualizados com estas premissas em mente. “*As Freeman Tilden described it, interpretation not only tells people what is interesting about a place, it aims to convince people of its value, and encourage them to want to conserve it. (...) But behind all interpretation there is still a sense that what is being interpreted is valuable.*” (CARTER, 2001:4)

---

<sup>272</sup> Vol. II, Apêndice E, p. AP.CCCXXI

<sup>273</sup> Tradução minha, a partir do original: “*An educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by first hand experience, and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information.*” (TILDEN, 1957:8)

<sup>274</sup> Tradução minha, a partir do original constante no Vol. II, Apêndice B.1, p. AP.LI

A interpretação *in situ* configura-se habitualmente nas abordagens: (I) criação de museus de sítio e (II) musealização de sítios, conceitos similares mas respeitantes a diferentes modalidades operativas (GOUVEIA, 1992). O primeiro caso respeita ao nascimento de uma instituição museológica no local exacto onde os bens culturais estão implantados, verificando-se o cumprimento das várias funções que lhe são comumente atribuídas – inventário, conservação, comunicação e exposição. Já a “musealização de sítio” consiste numa abordagem que desenvolve apenas uma das funções museológicas e que geralmente se circunscreve à interpretação/comunicação dos valores patrimoniais, os quais podem respeitar a “(...) a sítios, monumentos ou mesmo a testemunhos culturais isolados.” (Ibid., 90) Pode ainda desdobrar-se em duas modalidades: (I) uma respeitante à existência autónoma de meios de comunicação (painéis informativos, folhetos desdobráveis, etc.), que pode englobar uma estratégia interpretativa mais vasta, associada ou não a um centro de apoio a visitantes; (II) e outra em que a interpretação é realizada por intermédio de estruturas que albergam ou são construídas nas imediações dos valores patrimoniais a interpretar, denominadas de centros de interpretação, cuja existência é opcional, uma vez que nem sempre e pelos mais variados motivos, estão reunidas as condições favoráveis à sua criação.

Os centros de interpretação distinguem-se, portanto, dos museus<sup>275</sup>, pelas suas características e segmentação das suas actividades base, o que acarreta a ausência de autonomia em termos funcionais. Esta condicionante propícia, em alguns casos, a colaboração e o estabelecimento de parcerias com organizações análogas, com vista à satisfação das suas necessidades e prossecução dos seus objectivos (conservação, organização de exposições, etc.). Assim e apesar da ausência de uma definição formal<sup>276</sup> para esta modalidade interpretativa (como sucede com a enunciação do ICOM para aos museus), ela pode definir-se como: “*Heritage Interpretation Centres are specially created facilities for evaluation of the cultural and/or natural heritage of a given area and it's transformation into an educational, cultural or tourism product. They provide visitors with an insight into a natural park, a specific territory or an event on the basis of a message highlighting what makes it especially unique. Unlike museums, they do*

---

<sup>275</sup> “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.” <http://www.icom-portugal.org/conteudo.aspx?args=55,conceitos,2,museu>

<sup>276</sup> Tendo em conta esta situação, a definição veiculada neste trabalho pertence ao manual *Heritage Interpretation Centres – The Hicira Handbook*.

*not fundamentally aim to collect, preserve and study objects (although they may indeed do this). Instead their essential purpose is to facilitate public appreciation of the value of the specific cultural or natural heritage features, by raising awareness and providing education.”* (TUGAS *et al.*, 2005:41) Esta proposição prefigura-se adequada relativamente à modalidade interpretativa em apreciação para a Gruta de Camões, coadunando-se com todos os elementos previamente analisados.

## 4.2. Estratégia de planificação interpretativa

### 4.2.1 Definição e finalidades

*“La planificación interpretativa es un proceso de complejidad variable que analiza diversas necesidades y oportunidades para la interpretación y presentación del patrimonio, proponiendo soluciones racionales y viables...(…) La complejidad del proceso es variable porque dependerá de la escala a la que vayamos a trabajar.”* (MORALES, 1998:2)

A estratégia de planificação a empregar neste trabalho de projecto decorre do pensamento táctico proveniente das ciências económicas e empresariais, pelo que partilha de atributos comuns a esses procedimentos. Desdobra-se, por isso, em três etapas essenciais: **(I)** situação inicial; **(II)** estratégia de planificação e **(III)** avaliação e monitorização, que por sua vez se desenrolam em torno de três eixos: **planos**, **programas** e **projectos**. A planificação é, neste domínio, uma estratégia de organização e racionalização dos meios e recursos da interpretação (a qual pode estar ou não afecta a uma instituição<sup>277</sup>), com vista à concretização de uma finalidade específica: comunicar efectivamente e de forma apropriada os valores patrimoniais. Deste modo, este procedimento implica equacionar um conjunto de variáveis que intervêm directamente na actividade interpretativa (O quê? Porquê? Para quem? Como?) e que, por esse motivo, não pode ser delineado de forma incerta e casual<sup>278</sup>: *“Planning involves thinking about: Why you want to communicate with visitors; Who your visitors are; What your place is like and what it has to offer; What else is happening around; What*

---

<sup>277</sup> É possível o desenvolvimento e implementação de um plano de interpretação sem a existência de um equipamento interpretativo de suporte, podendo aquele instrumento funcionar de forma autónoma com o auxílio de dispositivos comunicativos e interpretativos (painéis, folhetos, etc.)

<sup>278</sup> Vol. II, Apêndice F.3, diagrama 1, p. AP.CCCLXXI

*you want to say about your place; How, and where, are you going to say it.”* (CARTER, 2001:9) A complexidade do processo de planificação depende de muitos factores - acervo e colecção, dimensão da tipologia interpretativa, recursos humanos, etc. -, pelo que este procedimento é realizado diferentemente consoante o caso em questão. Contudo, é requisito obrigatório a sua ancoragem na missão, acervo e objectivos da instituição, uma vez que são estes elementos que justificam a organização de estratégias e a redacção dos referidos instrumentos de planeamento. A metodologia de planificação interpretativa que aqui se propõe reflecte a singularidade dos valores patrimoniais associados ao monumento, dividindo-se em três partes:

**1. Análise da Situação:**

- 1.1 Enquadramento Institucional (planificação do centro de interpretação)
- 1.2 Diagnóstico das áreas a intervir (interpretação e comunicação)
- 1.3 Carências identificadas
- 1.4 Proposta de soluções (programa interpretativo)

**2. Definição da Estratégia do Plano de Interpretação**

- 2.1 Definição de objectivos
- 2.2 Estratégia do Programa interpretativo
  - 1) Mensagens
  - 2) Públicos-alvo
  - 3) Meios interpretativos
- 2.3 Implementação do programa – projectos

**3. Avaliação, manutenção e seguimento**

É crucial que a concretização destas etapas, que serão explicadas e analisadas detalhadamente nos próximos subcapítulos, se efectue de forma consecutiva e sem falhas, uma vez que a organização hierárquica é a base da sua eficácia.

#### **4.2.2 Conceitos fundamentais**

##### ***Plano***

*“An interpretation plan is a comprehensive long strategy, a management tool, for ensuring that the heritage significance of places, objects or traditions can be communicated in specific programs.”* (JONES, 2007:27)

O plano é o meio pelo qual o equipamento interpretativo concretiza as suas acções, com vista a alcançar os objectivos definidos previamente - neste caso, a interpretação dos valores patrimoniais identificados -, assegurando, nesse processo, uma gestão eficaz dos meios disponíveis. Para além deste propósito, o plano de interpretação possui outras funções complementares: contribui para o diferenciamento e distinção do “produto” relativamente a outras ofertas culturais, incentiva o estabelecimento de relações com instituições congéneres na prossecução dos objectivos inicialmente traçados, etc. Em suma, *“Based on detailed knowledge and research it is designed to: identify and present the most significant themes and stories about sites, buildings and collections; outline the most suitable way of presenting themes and stories so that visitors have stimulating experiences; ensure that the heritage values of places, structures and objects are preserved; provide a framework for managing visitors; provide general costs and a timetable for implementation; be practical, achievable and realistic but above all, flexible and open to further development; outline a prioritised list of achievable projects.”* (Id., Ibid.)

Apresenta-se de seguida e de forma esquemática, a essência do plano de interpretação em apreciação de forma esquemática, a qual teve por base os recursos bibliográficos já citados<sup>279</sup> e aplicados a este caso em concreto. O presente plano de interpretação encontra-se assim organizado em torno de dez questões:

- 1. O que se está a interpretar?**
- 2. Porquê interpretar o património?**
- 3. Quem deve estar envolvido no processo?**
- 4. Quais são os objectivos específicos a atingir?**
- 5. Para quem se está a interpretar? Quais são as audiências e públicos-alvo?**
- 6. Quais as mensagens que se pretende comunicar?**
- 7. Que meios interpretativos serão empregues?**
- 8. Como é que a interpretação será implementada?**
- 9. Como é que a interpretação vai ser avaliada?**
- 10. Como é que a interpretação vai ser mantida?**

---

<sup>279</sup> Introdução, p. 3



Os itens 1, 3 e 4 são abordados pela formulação de objectivos<sup>280</sup>; os itens 4-7 constituem o corpo do programa interpretativo; o 8 corresponde à implementação dos diversos programas, na forma de projectos e os dois últimos à fase final da estratégia, a avaliação e manutenção da ferramenta desenvolvida. São estas dez questões que se constituem como os princípios basilares do plano de interpretação. As respostas surgirão da combinação entre a análise da situação actual e a proposta de soluções adequadas para as áreas em que se pretende intervir, as quais serão organizadas conceptualmente através de programas e concretizadas através de projectos<sup>281</sup>.

O plano de interpretação, enquanto instrumento de gestão e organização, carece de atributos fundamentais à sua viabilização: deve ser detalhado, claro e objectivo. (MOORE, 2005; AA.VV., 2006) Nele devem participar todos os funcionários da instituição/equipa do projecto em todas as suas etapas: concepção, execução, implementação e avaliação. Em casos específicos, justifica-se ainda a participação externa, por meio da colaboração com investigadores, consultores ou instituições similares. No caso de planos de interpretação de centros de interpretação ou de modalidades interpretativas autónomas, localizados em meios geográficos de menores dimensões, a abrangência participativa deve transpor os limites institucionais e envolver igualmente a comunidade local e os públicos (reais e potenciais), uma vez que estes possuem perspectivas relevantes sobre a organização e que importa considerar no decorrer deste processo (MOORE, 2005). Os membros da comunidade são agentes essenciais na criação e desenvolvimento deste tipo de ferramentas, detendo, conseqüentemente, um papel decisivo no sucesso da actividade interpretativa: *“Ideally, local interpretative plans should involve your community as much as possible. This ensures that future developments are, much as possible, fulfilling their wishes and taking into account their concerns. (...) Community participation work can allow each individual to contribute, and give enough data to allow an objective appraisal of the value a community places on its multi-faceted resources.”* (CARTER, 2001:31) O plano deve ainda permitir à instituição delinear estratégias futuras com base na sua situação actual, motivo pelo qual necessita de constante revisão e actualização. É condição

---

<sup>280</sup> O segundo item, apesar de parte integrante desta ferramenta, não será aqui analisado, uma vez que irá ser dissecado na categoria de recursos humanos da planificação conceptual do centro de interpretação, Cap. 4.2.3.1.1, secção 7, pp. 67-68.

<sup>281</sup> Os projectos, que se configuram como a materialização dos programas, não irão ser abordados pormenorizadamente, devido a uma questão de foco conceptual. Contudo e de modo a complementar este trabalho, apresentam-se algumas propostas de projectos no Vol. II, Apêndice F.3, pp. AP.CDIII-AP.CDXXXI.

fundamental que não se encontre desarticulado da sociedade onde está inserido, mas atento a todas as transformações a que esta está sujeita - o que no caso de Macau é imprescindível, devido ao intenso crescimento e rápida metamorfose da cidade - e que seja flexível e dinâmico, de modo a permitir alterações que indubitavelmente irão surgir durante o decorrer das várias etapas, mas sem comprometer os objectivos propostos inicialmente.

### **Programas**

*“(...) a document that provides the policies, strategies and detailed advice for interpreting an heritage item. It is based on research and analysis and plans to communicate the significance of the item, both during a conservation project and in the ongoing life of the item. The plan identifies key themes, storylines and audiences and provides recommendations about interpretation media. It includes practical and specific advice about how to implement the plan.”* (HERITAGE INTERPRETATION POLICY, 2005:4)

Os programas constituem-se assim como as linhas de acção sectoriais que têm por função responder conceptualmente às necessidades identificadas no diagnóstico. A análise da situação actual, a detecção das carências e a identificação das subsequentes intervenções precedem a formulação de programas e projectos. A cada área de diagnóstico corresponderá um programa, concepção teórica, que se materializará num projecto, vertente de execução daquele.

### **Projectos**

Tal como salientado acima, os projectos definem-se como a concretização dos programas e a cada um poderão corresponder um ou mais projectos, consoante os resultados obtidos pelas análises sectoriais, cuja execução não carece de sincronia, mas pode ser realizada gradualmente mediante as preferências e as condicionantes da instituição ou as necessidades interpretativas evidenciadas. Pela sua natureza, os projectos contemplam finalidades e prazos específicos para a sua realização, a qual poderá ser da responsabilidade dos funcionários da instituição ou da equipa que tem a cargo o plano de interpretação ou ainda por profissionais externos, quando o objecto de intervenção a nível de projecto requer conhecimentos técnicos ou científicos muito especializados.

### **4.2.3. Metodologia de planificação interpretativa**

*“A rational process involving: formulation of objectives, analysis of the resources and its potential (and limitations), virtual visitors, choice of messages to be transmitted, selection of interpretation media and interpretation facilities and services, recommendations regarding program implementation (works personnel), and suggestions for evaluation of effectiveness. The outcome of this process is the interpretation plan.” (TUGAS et al., 2005:21)*

#### **4.2.3.1 Situação Actual - enquadramento institucional e diagnóstico das áreas a intervencionar**

A análise da situação actual por intermédio do diagnóstico constitui-se como a primeira etapa da estratégia de elaboração do plano de interpretação e adapta-se tanto a instituições que se propõem desenvolver actividades interpretativas, como à concretização de planos de interpretação autónomos. Define-se essencialmente como uma ferramenta de análise, reflexão e avaliação da situação presente da instituição - na sua globalidade ou de algumas das suas áreas funcionais -, tendo em vista a sua intervenção, através de acções de programação ou de reprogramação. Em ambos os casos, o processo deve proceder da missão, visão e metas delineadas previamente pela organização (AA.VV., 2006).

A metodologia de elaboração do diagnóstico desenrolou-se em três fases, ordenadas hierarquicamente: **(I)** enquadramento institucional; **(II)** análise da situação e **(III)** proposta de soluções com vista a satisfazer as necessidades e carências identificadas na etapa anterior. (AA.VV., 2006) A primeira teve por finalidade enquadrar histórica e funcionalmente a organização, através do levantamento dos seus dados institucionais e funcionais. Uma vez que a instituição que é objecto de estudo ainda não existe, etapa concretizará um dos objectivos centrais deste trabalho, como salientado na Introdução. A segunda examinou detalhadamente e mediante determinados parâmetros, a(s) área(s) sujeita(s) a intervenção, de acordo com as metas traçadas inicialmente, e que neste caso se situam no plano comunicativo/interpretativo. Por último, as conclusões aferidas na etapa anterior foram usadas na elaboração do programa interpretativo que se apresenta no capítulo seguinte, com vista a agir, futuramente e através de projectos executáveis, sobre os sectores “problemáticos”.

#### **4.2.3.1.1 Enquadramento institucional – proposta de planificação conceptual do Centro de Interpretação Luís de Camões**

*“When, as a part of a project aiming to revitalize heritage resources, it is necessary to build or renovate a museum, interpretation centre or similar facility, it is important to set out from a clear defined basis. This includes the following: Interpretation objectives and criteria; spatial locality; spatial functionality; features and services; infrastructure and facilities; the exhibition; theme and message; content network; presentation resources” (TUGAS et al., 2005:45)*

A conceptualização do centro de interpretação nesta fase deve ser entendida a nível global, circunscrevendo-se aos seus aspectos corporativos e institucionais. Nesta etapa, esboçaram-se as características elementares da instituição e estabeleceram-se as premissas gerais de funcionamento. Propuseram-se, teoricamente, as directrizes que irão sustentar os futuros programas e projectos a desenvolver nos domínios de actuação da organização, promovendo o cumprimento da sua missão. Esta fase deve resultar de uma abordagem interdisciplinar, que congregue representantes do saber de áreas diversas, através de metodologia própria e técnicas de planeamento, produzindo um documento único e distinto de outros centros de interpretação, dado que cada um possui as suas próprias particularidades, que devem aí ser evidenciadas. *“Each centre may have its own specific features and characteristics. The institutional framework, the type of heritage features, the physical area, the type of public and a range of other fundamental factors all combine to create specific dynamics making each project unique. It is absolutely vital that centre design and planning be in the hands of a multi-disciplinary team: museologists, educators, archeologists, etc. (Id., Ibid.)* Reitera-se ainda que, e do mesmo modo que foi apontado para a elaboração do plano de interpretação, esta tarefa de planificação da modalidade interpretativa pode requerer a contratação de técnicos especializados, exteriores ao projecto. Destaca-se ainda, neste contexto, a pertinência e relevância da cooperação com outras modalidades interpretativas, museus e instituições culturais e ainda com a própria população.

A planificação foi assim efectuada em dois momentos: através de um pré-diagnóstico realizado no local, para justificar a existência da modalidade interpretativa e avaliar a pertinência dos seus valores patrimoniais, e da conceptualização da proposta propriamente dita, elaborada com base em leituras, com vista a providenciar esquemas e

modelos de planificação e investigação no terreno. Assim e de acordo com as considerações tecidas, propõem-se as seguintes categorias para a conceptualização do centro de interpretação:

## **1) Génese Institucional**

**1.1 Designação:** Centro de Interpretação Luís de Camões em Macau (CILC)

**1.2 Principais intervenientes:** uma equipa de elaboração do projecto; uma equipa de implementação a designar; consultores externos, etc.

**1.3 Fases ou etapas de criação:** proposta de projecto de criação a apresentar a entidades relevantes (IACM, IC, FM, etc.) estudos de prospecção/diagnóstico; investigação e documentação; planificação; execução; implementação; apresentação e avaliação.

## **2) Localização e Envolvente da instituição**

**2.1 Localização:** Jardim Luís de Camões, situado na freguesia de Santo António, na Região Administrativa Especial de Macau, República Popular da China.

**2.2 Envolvente natural e espacial:** A Gruta de Camões integra o espaço verde supracitado, que se localiza numa zona antiga a Norte da cidade, relativamente próxima do Centro Histórico. O jardim, que começou por ser um pequeno horto onde os Jesuítas - nos Séculos XVI e XVII - plantavam as ervas necessárias à sua botica, conheceu diversas fases de renovação, após o aluguer do palacete à Companhia Britânica das Índias Orientais<sup>282</sup>.

**2.3 Envolvente humana e social:** O jardim situa-se num dos bairros mais antigos da cidade, observando-se uma elevada densidade populacional. O espaço é frequentado por todos as faixas etárias, sobretudo a população idosa e infantil. No primeiro caso, devido aos hábitos culturais da população chinesa, praticante assídua de *tai-chi* e propensa ao jogo, ao convívio social e aos passeios matinais. A biblioteca desempenha um importante papel neste contexto, pois é nesse local que os mais idosos despendem uma grande percentagem do seu tempo, na leitura dos periódicos diários. No segundo caso, motivado pela existência do parque infantil no interior do jardim e de uma escola primária nas imediações.

---

<sup>282</sup> Uma vez que o enquadramento foi redigido no capítulo anterior, remete-se o desenvolvimento deste campo para a sistematização deste instrumento de planificação, constante do Vol. II, Apêndice F.5, p. AP.CDLVIII.

### 3) Acervo/Valores Patrimoniais

**3.1 Campo disciplinar do Centro de Interpretação:** História de Macau e Portugal; Património Cultural de Macau; Artes e Letras.

**3.2 Valores patrimoniais<sup>283</sup>:** são formados pelo monumento “Gruta de Camões”, isto é, o somatório dos diversos elementos (quer os actuais, quer os que já desapareceram) que ao longo dos tempos foram adicionados pelos proprietários do espaço<sup>284</sup> - os penedos, o busto e o seu suporte, as placas comemorativas, as lápides com inscrições de homenagem a Camões -, a sua envolvente - Casa Garden e Jardim de Camões - e a sua história<sup>285</sup> - a construção do palacete anexo, os vários inquilinos (funcionários da Companhia Britânica das Índias Orientais, Manuel Pereira, Lourenço Marques, etc.), as transformações a que os espaços circundantes foram sujeitos (desenvolvimento e expansão do jardim, as intervenções do Governo de Macau em 1886, etc.). De salientar que o monumento se constitui simultaneamente como “coleção” e “exposição”, dado que os “bens culturais” se encontram em permanente exibição.

**3.3 Temas:** História de Macau; História de Portugal; Património Cultural de Macau; Literatura e Cultura Portuguesa; Cultura de Macau; Belas-Artes.

**3.4 Investigação, documentação e inventariação:** A definição dos valores patrimoniais constitui uma etapa fundamental para a planificação desta modalidade interpretativa e para a elaboração do seu plano de interpretação, uma vez que são aqueles fundamentam a sua existência e desenvolvimento. Aquela tarefa permite ainda a diferenciação do CILC das outras ofertas culturais e patrimoniais existentes em Macau, dado que o seu acervo apresenta características únicas, pela confluência de condicionantes e elementos a ele associada. Os valores patrimoniais do monumento devem assim ser definidos através da aferição da sua significância<sup>286</sup> histórica e cultural, a qual se obtém por meio de investigação detalhada e rigorosa e pesquisa bibliográfica e iconográfica pormenorizada, as quais devem ser conduzidas de acordo com as técnicas mais adequadas para o efeito. Aquelas permitirão efectuar, por um lado, o levantamento

---

<sup>283</sup> “Understanding the characteristics of the place of the or object, people’s memories and stories about it, its condition, how its fabric and use relate to its significance, its suitability for access, and the facilities for visitors are all important elements in planning interpretation.” (HIP, 2005:6)

<sup>284</sup> Cap. 3.2, p. 25

<sup>285</sup> Cap. 3.2 e 3.3, pp. 19-45

<sup>286</sup> “Significance means the importance and meaning we place on a landscape, site, building, collection or installation in the past, now and in the future. (...) Significance is assessed in terms of: historic, aesthetic, scientific, social and spiritual values.” (JONES, 2007: 6)

e a documentação de todas as suas características; os condicionalismos da sua criação; a sua evolução; a contextualização do objecto de estudo no espaço e no tempo<sup>287</sup>, traçando, sempre que possível, o seu percurso até ao presente. Por outro lado, proporcionam a construção um *corpus* teórico com uma dupla função: sustentar a actividade interpretativa, actuando como a matéria-prima a partir do qual se definirão actividades e eventos futuros e facilitar a gestão e manutenção do património: “*Accurate information is essential for meaningful interpretation*”. (JONES, 2007:14) A documentação existente (e já descrita previamente<sup>288</sup>) alterna entre as obras dedicadas inteiramente ao monumento, as referências na imprensa, os ensaios e discussões em torno da problemática da passagem de Camões em Macau, nos quais a Gruta adquire um lugar de relevo e as composições poéticas dedicadas aos penedos onde presumivelmente o vate terá habitado por dois anos<sup>289</sup>. Relativamente aos registos visuais, também já abordados, alternam entre as gravuras, pinturas e fotografias<sup>290</sup>.

Estes bens patrimoniais deverão ainda e na sequência das actividades anteriores, ser incluídos numa base de dados que permita a sua preservação, gestão e comunicação. Aquela deverá possuir fichas individualizadas<sup>291</sup> para cada elemento a listar, as quais deverão ser acompanhadas de uma imagem principal (de preferência actualizada), descrição de todos os componentes e sua evolução histórica e ainda associação de documentação (bibliográfica, arquivística, fotográfica e iconográfica: publicações, recortes de imprensa, fotografias, pinturas, etc.) que a complete, por um lado e que por outro, permita reunir no mesmo local o maior número de informações sobre esses bens culturais. As fichas individualizadas revelar-se-ão fulcrais, entre outras iniciativas, para a realização de exposições temporárias ou mesmo para prestar informações no seguimento de pedidos de esclarecimento sobre determinados elementos do monumento (por exemplo, busto, pedestal, etc.)

**3.5 Conservação, protecção e salvaguarda:** a singularidade do “acervo” reflecte-se ainda no campo da conservação. Este requer a observação e implementação de medidas de conservação e protecção, comuns a qualquer bem cultural, mas simultaneamente adaptadas à natureza do objecto de estudo. A aferição do seu estado deve constituir-se como a primeira

---

<sup>287</sup> “Context is often an important aspect of significance. This may have changed over time, and explanation of an earlier context – physical, historical or spiritual – may be needed to explain a present situation.” (2005:8)

<sup>288</sup> Cap. 3.4.1, pp. 45-47

<sup>289</sup> Vol. II, Apêndice D.2.1, pp. AP.CCIII-CCVIII

<sup>290</sup> Vol. II, Apêndice D.2.2, pp. AP.CCXVIII-AP.CCXXX

<sup>291</sup> Vol. II, Apêndice F.1, Proposta 1, p. AP.CCCXXIV

tarefa a ser desenvolvida no âmbito das práticas de conservação preventiva, as quais incluem ainda a monitorização periódica do seu estado, a gestão dos agentes de deterioração e a elaboração de um plano de resposta a emergências. A mensagem de preservação deve ser uma constante ao longo do processo interpretativo, assegurando a contínua protecção e salvaguarda do recurso patrimonial, sobretudo durante a permanência dos visitantes. As políticas de conservação e protecção devem ser delineadas com o auxílio – através de consultoria ou contratação externa – de profissionais devidamente qualificados nesta área. Estes ficarão incumbidos de proceder ao levantamento pormenorizado das condições dos componentes do recurso patrimonial e, com base naquele, devem deliberar e enunciar as medidas mais apropriadas, de modo a retardar os processos de deterioração a que todos os bens estão sujeitos, prolongando o seu tempo de vida e produzindo, simultaneamente, respostas adequadas em caso de catástrofe. Estas deverão estar em conformidade com legislação internacional de protecção do património, bem como com os instrumentos jurídicos do território neste domínio<sup>292</sup>.

#### **4) Missão, visão, valores e objectivos**

##### **4.1 Missão**

A declaração da missão constitui, inequivocamente, o ponto de partida para a criação do centro de interpretação, já que é o motivo da sua existência, a âncora a partir da qual se estabelecerão os seus pressupostos e se organizarão os seus programas e actividades e deve proceder do acervo da organização. A missão é então “(...) *an objective statement of the underlying rationale for its existence.*” (LORD & LORD, 2001:340), que deve responder às seguintes questões: “*Cuál es el propósito de nuestra organización? Que hay de singular en que lo hacemos? Qué pretendemos conseguir?*” (KOTLER&KOTLER, 2001:111) Nesta etapa, pretende-se esboçar o propósito da instituição – o que é, para que serve e quem serve -, o qual deve reflectir a sua identidade e posicionamento, as suas idiossincrasias e o seu património, uma vez que é por meio da sua singularidade, que assenta naquelas condicionantes, que ela se distingue da missão das demais instituições. O seu acervo, único e peculiar, é o factor de distinção em relação a outras organizações similares e ofertas culturais e de lazer em Macau (MOORE, 2005; KOTLER&KOTLER, 2001).

---

<sup>292</sup> Cap. 2.1, p. 14



O delineamento da missão<sup>293</sup> é uma tarefa da maior importância que irá condicionar todas as estratégias, práticas e actuações da instituição no futuro, quer a nível da programação da interpretação e comunicação, quer a nível do planeamento estratégico. A sua composição, que deve ser realizada pela equipa do projecto, rege-se por alguma complexidade e deve seguir alguns preceitos essenciais: ser o mais detalhada e minuciosa possível, ao invés de ampla e generalizada como sucede frequentemente; adequada à sociedade onde se encontra inserida; englobar uma pluralidade de perspectivas (abrangendo para além da perspectiva da tutela, a dos visitantes e a da comunidade local) e ser inspiradora e motivadora, tanto para os públicos (reais e potenciais), como para os próprios departamentos da instituição. A esta tarefa adicionam-se outros elementos que fortalecem e complementam a identidade e razão de ser da instituição: visão e valores ou princípios, que são definidos por Kotler&Kotler da seguinte maneira: *“Visión es lo que la organización quiere ser o llegar a ser (el ideal; la forma y la sustancia óptimas a las que aspira) y refleja las prioridades de la organización; Valores, son las creencias y normas básicas de la organización, las ideas de lo que es correcto, bueno, justo o deseable.* (2001:111)<sup>294</sup>

Assim, propõe-se que a missão, visão e valores do Centro de Interpretação Luís de Camões assentem nas seguintes premissas:

### **Missão – Visão - Valores:**

O CILC pretende contribuir para o estudo, preservação, interpretação e comunicação do património histórico, cultural e literário legado pela presença de Luís de Camões em Macau, através do monumento que lhe foi consagrado, por meio da oferta de actividades e produtos culturais de qualidade, geradora da participação social, e que possa incentivar a afirmação de Macau e do Jardim Luís de Camões como destino turístico e cultural, contribuindo simultaneamente para a sua preservação, para coesão da comunidade macaense e portuguesa e para o reforço dos seus laços com as várias comunidades étnicas existentes no território.

---

<sup>293</sup> A metodologia de formulação da missão de uma organização apresenta-se diversificada, não existindo uma fórmula única e consensual para a sua redacção. Para além disso, surge frequentemente sob a designação de “vocação” ou de “visão”, embora se tratem de conceitos distintos.

<sup>294</sup> Estas ideias apreciadas para os museus encontram uma correspondência real e efectiva nos centros de interpretação e em outras tipologias interpretativas, pelo que os mesmos procedimentos e critérios serão aplicados ao objecto de estudo.

## 4.2 Visão

O CILC procura afirmar-se como a instituição cultural de referência para o estudo, preservação e transmissão, às gerações futuras, do legado de Camões em Macau, apoiando a investigação científica desenvolvida neste domínio e colaborando com instituições congéneres.

## 4.3 Valores

- Cooperação, com as diversas instituições de protecção e salvaguarda do património cultural de Macau, e com aquelas que contribuem para a divulgação e valorização da cultura macaense e de Macau e da língua e cultura portuguesa no território;
- Integração, na história e cultura locais;
- Respeito, nas relações interpessoais e pela diversidade histórica e cultural do território.

## 4.4 Objectivos

Esta categoria engloba as finalidades gerais do centro de interpretação. Os objectivos caracterizam-se pela sua especificidade e, face à missão, constituem-se como a expressão da sua concretização. Contudo, a organização de exposições temporárias ou outras actividades, ainda que enquadradas no âmbito da missão, requerem a definição de objectivos exclusivos, os quais serão desenvolvidos no decorrer da formulação dos seus planos de interpretação. Assim, actividades distintas requerem planos de interpretação diferenciados, porque apresentam necessidades próprias. Deste modo, enquanto que a missão se destina a formular metas a longo prazo, os objectivos são definidos a curto prazo. Propõem-se os seguintes objectivos para o CILC:

**- Divulgar a vida e a obra de Luís Vaz de Camões, principalmente *Os Lusíadas*.** Este é o foco central do projecto e, simultaneamente, o seu elemento aglutinador, pelo que a sua abordagem é essencial para qualquer grupo de audiências. Não só a presumível presença de Camões implicou a edificação de um monumento a ele consagrado, como condicionou todos os desenvolvimentos da área circundante. Figura maior da literatura mundial, foi apropriada pela comunidade macaense e portuguesa residente com símbolo cultural e também, para aquela última, como símbolo da diáspora.

- **Contribuir para a compreensão, valorização e interpretação da Gruta de Camões.** O cumprimento desta finalidade é efectuado através da sua caracterização e evolução histórica, estética e espacial, a qual intenta proporcionar e difundir os valores associados ao local. Estes são indispensáveis para a compreensão do património de Macau e do legado cultural e histórico deixado pelos portugueses neste território e que não se expressa somente nesta vertente, mas também na literária e artística, tendo influenciado muitos escritores e artistas. Este e o objectivo acima elucidado permitem a compreensão do monumento e simultaneamente servem de base à enunciação dos restantes propósitos desta modalidade interpretativa.

- **Incentivar o conhecimento e a preservação da História Local,** a partir da visita ao monumento, o qual representa não só a presença portuguesa no Extremo-Oriente, mas também o encontro de duas culturas distintas que ainda hoje mantêm uma convivência harmoniosa. Nesta relação de amizade, a cultura e a língua portuguesa adquirem um papel de grande destaque que importa preservar, valorizar e difundir. Por outro lado, este recurso patrimonial possui uma relevância proeminente na expansão da cidade, evidenciando episódios do seu desenvolvimento, como sejam a criação dos jardins públicos, o desenvolvimento de arruamentos, a influência na arte e literatura, etc.

-**Promover a coesão entre os residentes,** envolvendo e integrando as diversas comunidades num projecto comum, que não é somente português, mas também macaense e, sobretudo, de Macau, propósito que assume uma grande importância dada a configuração multicultural desta sociedade. Assim, pretende-se que a interpretação deste bem cultural e a consciencialização para a existência de valores comuns contribua para a construção de uma noção de identidade e património enraizada no território. Este objectivo articula-se ainda com o que foi exposto acima relativamente à disseminação da história local.

-**Preservar e salvaguardar o monumento e a sua envolvente cultural e natural.** Interpretar o património é uma forma de protecção, tarefa que em Macau se afigura complexa, devido ao acelerado desenvolvimento urbano<sup>295</sup> e à morosidade que a aprovação da legislação de protecção dos bens culturais tem conhecido, subsistido apenas na forma de projecto<sup>296</sup>. Estes dois motivos adquirem grande proeminência no

---

<sup>295</sup> Mesmo as áreas circundantes ao património classificado pela UNESCO têm dificuldade de protecção, devido à primazia dos factores económicos. <http://hojemacau.com.mo/?p=36600>

<sup>296</sup> Cap. 1.2, p. 14

contexto desta modalidade interpretativa, pelo que esta mensagem, apesar de ser transversal a todas as audiências, possui particular impacto na comunidade local, de modo a fomentar a consciencialização para a protecção de um legado comum.

**-Aumentar o fluxo de turistas culturais**, estabelecendo sinergias com a indústria do jogo, por um lado, e por outro, complementando-se com as ofertas já existentes neste domínio, beneficiando da ampla divulgação e destaque concedidos pelas instituições oficiais à divulgação do património classificado pela UNESCO. Sendo o turismo em Macau um dos principais motores do seu crescimento económico, pretende-se que estas actividades actuem como catalisadoras da visita ao monumento, atraindo ao local os visitantes que já se encontram no território, independentemente dos seus propósitos turísticos primordiais, visitas essas que irão implicar o aumento do tempo de permanência na cidade e, consequentemente, incrementar os gastos com hotelaria e restauração. No segundo caso, procura-se usufruir do estatuto de “Património Mundial” de alguns dos bens culturais adjacentes à Gruta de Camões, através do estabelecimento de parcerias com as instituições oficiais e a integração do monumento em roteiros específicos, contribuindo para a manutenção do estatuto de Macau como território de cruzamento multicultural, ancorado nos seus testemunhos históricos e culturais.

**-Fomentar a criação de oportunidades de lazer e simultaneamente de aprendizagem informal** para visitantes de todas as faixas etárias, grupos étnicos e culturais, estimulando a curiosidade e promovendo experiências singulares e frutíferas, que se distingam das já existentes no território, quer a nível cultural, quer de entretenimento.

## **5) Estrutura funcional e disciplinar**

**5.1 Disciplinas e áreas disciplinares:** apesar da perspectiva de actuação do equipamento se constituir como interdisciplinar, irá ancorar-se principalmente na História de Macau e Portugal e História da Literatura de ambos os territórios.

**5.2 Funções instaladas:** o equipamento em questão diferencia-se dos museus, pelo que não pode assumir a totalidade das funções que lhe são inerentes. A sua tipologia condiciona a sua actividade principal, fundeada na interpretação, a qual se encontra associada à exposição, comunicação e educação e cuja concretização se sustenta na investigação e documentação relacionadas com as áreas disciplinares e conteúdos do centro de interpretação. O cumprimento de outras necessidades e funções da modalidade

interpretativa (como por exemplo, a conservação) poderá passar pelo estabelecimento de parcerias com instituições análogas (museus relacionados com as temáticas em discussão, fundações, etc.), cujas sinergias possam igualmente ser aplicadas em projectos futuros e de intercâmbio a nível expositivo, de investigação, de empréstimo de espaços ou mesmo de financiamento. Neste domínio, o IC, o MM, os departamentos das universidades que leccionem cursos de PLNM e cultura portuguesa e a FO – Casa Garden, poderiam constituir-se, respectivamente, como aliados preferenciais nos diversos projectos.

**5.3 Actividades de base:** Na sequência da alínea anterior, a actividade primária do centro de interpretação e a que justifica simultaneamente a sua criação é a “exposição” permanente dos valores patrimoniais já definidos, formados pelo monumento “Gruta de Camões”. Tal não exclui, contudo e numa fase posterior, a organização de exposições temporárias relacionadas com a temática principal ou de acções destinadas a complementar e a apoiar a actividade de base (*workshops*, conferências, ateliers, etc.).

## **6) Arquitectura: infra-estrutura e áreas funcionais**

**6.1 Edifícios e espaços:** Numa primeira fase, a existência do CILC subsistirá a nível conceptual, proporcionado o acesso à interpretação através de meios diversos e usufruindo da biblioteca e estruturas existentes no próprio Jardim de Camões, para apoio dos visitantes.

**6.2 Estrutura e organização territorial:** Dadas as condicionantes acima verificadas, o percurso expositivo irá desenvolver-se em torno dos espaços do jardim, onde se localizam os bens culturais e das instituições com as quais se estabelecerão parcerias<sup>297</sup>.

**6.3 Espaços e funções:** Actualmente, esta proposta não permite destringir estes espaços.

## **7) Modelos de Gestão**

**7.1 Tutela e estrutura orgânica:** a considerar, dependentes da aceitação do projecto e entidades envolvidas.

**7.2 Órgãos de gestão:** responsável/director do centro de interpretação.

---

<sup>297</sup> A estrutura territorial da “exposição” vai depender da colocação de meios interpretativos junto ao monumento, cuja quantidade e conteúdos só poderá ser aferida após a realização do diagnóstico. Assim, esta secção irá articular-se com a dos meios interpretativos, explanada no Cap. 4.2.3.3.3, p. 97 e ainda com as propostas 2, 3 e 4, e tabelas 8, 9 e 10 (pp. AP.CDVI-AP.CDXX), constantes do Apêndices F.3, Vol. II.

**7.3 Instrumentos de gestão:** plano de actividades; relatório de actividades; plano estratégico, etc.

**7.4 Recursos humanos:** Esta é uma matéria sensível que requer uma cuidadosa selecção dos intervenientes em função das suas competências, as quais se revelam fundamentais para atingir as metas traçadas e para se obter um ambiente harmonioso de constante interacção entre todos os membros da equipa. Numa fase inicial de arranque do projecto, sem um centro de visitantes aberto permanentemente, a maior parte das actividades a desenvolver serão de cariz intelectual (planeamento, investigação, reuniões, etc.), podendo ser realizadas em gabinetes fornecidos pela instituição que virá a tutelar o CILC. Contudo, desenvolvimentos posteriores exigirão a avaliação desta situação, que poderá ser alterada sempre que as condições o justifiquem. A equipa responsável pela génese do centro de interpretação deverá ser constituída por um mínimo de três pessoas, recomendação patente igualmente no manual *Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook*:

(I) Um dirigente – “*director-manager head of the heritage project / heritage manager / cultural manager specialised in heritage management*” (TUGAS *et al*, 2005:57), com formação superior (na área da História, Património ou Museologia) e detentor de competências no domínio da gestão cultural e/ou gestão de património, que seja responsável pela definição, execução e implementação do projecto (ou se o projecto for encomendado, que o possa supervisionar) e também pelo planeamento estratégico e pelos recursos humanos;

(II) Um técnico / coordenador com a mesma formação – “*head of the interpretation-mediator-heritage animator. Heritage managers specialised in interpretation-heritage education professionals.*” (*Id., Ibid.*). Preferencialmente, deve possuir experiência no desenvolvimento de projectos interpretativos e educativos e conhecimentos na área da gestão e marketing cultural, responsabilizando-se pela concepção e coordenação dos programas interpretativos, pela condução das actividades diárias do centro de interpretação e ainda pela avaliação e monitorização dos resultados.

(III) Guias-intérpretes<sup>298</sup> – “*Guide/interpreter-heritage educators.*” (*Id., Ibid*) para integrar o serviço educativo, onde irão conduzir visitas guiadas e participar em outras

---

<sup>298</sup> A designação eleita para esta posição não é categórica, pelo que pode ser substituída por outra equivalente; neste domínio divergem as denominações de “intérprete” e de “guia” ou “mediador”

actividades organizadas por aquele. O *background* académico destes intervenientes deverá gravitar em torno das ciências sociais, patrimoniais ou turísticas, com ou sem experiência profissional relevante neste campo, dado estar previsto a realização de acções de formação especificamente direccionadas para a interpretação do património. Contudo, deverão possuir algumas características essenciais ao desempenho desta função<sup>299</sup> para que a mensagem seja transmitida eficazmente<sup>300</sup>. O número de guias será proporcional à dimensão e necessidades educativas e interpretativas do equipamento. Numa primeira fase, será de considerar o estabelecimento de parcerias com instituições que ministrem cursos ou disciplinas vocacionados para as áreas do património, sobretudo na vertente de animação e gestão. É o caso do IFT<sup>301</sup>, que disponibiliza uma oferta formativa bastante razoável na área do turismo, na qual o património cultural ocupa um papel de grande relevância. Dado que muitos desses cursos requerem a realização de um estágio curricular, a junção desse propósito com as necessidades do CILC neste domínio permitiria beneficiar ambas as partes. A oferta de parcerias poder-se-á alargar à USJ<sup>302</sup>, que lecciona um Mestrado em História e Património Cultural de Macau e à UMAC<sup>303</sup>, que apresenta uma oferta formativa com ênfase na História, Cultura e Língua portuguesas. Todavia, sempre que a situação o justifique poderão ser contratados profissionais devidamente qualificados, tais como consultores especializados na área de gestão e interpretação patrimonial, ou recorrer aos serviços ou facilidades providenciadas por associações estrangeiras de interpretação do património.

## **7.5) Recursos económicos: *Idem* 7.1**

---

(TUGAS *et al.*, 2005:57) para quem exerce a actividade interpretativa. Contudo e por uma questão de uniformização de nomenclaturas, será designado em doravante como “guia”.

<sup>299</sup> Vol. II, Anexo A.2, p. AN.V

<sup>300</sup> “The success of many interpretation centers lies not only in how they present heritage but also in the role played by the guide – the person who culminates the entire process of research, conservation and action in that he or she must present all of this in an attractive, dynamic and even entertaining format to the public, while ensuring, at the same time, the message is authentic.” (TUGAS *et al.*, 2005:55)

<sup>301</sup> <http://www.ift.edu.mo/>

<sup>302</sup> <http://www.usj.edu.mo/en/education>

<sup>303</sup> <http://www.umac.mo/port/index.html>

#### 4.2.3.1.2. Diagnóstico da interpretação e da comunicação

A fase de diagnóstico desenrolou-se de modo idêntico à planificação conceptual do CILC, isto é, sustentada por uma metodologia especificamente criada para este projecto e que se realizou em dois momentos. O primeiro, constituído por diversas leituras, teve por fim “aperfeiçoar” uma técnica de análise que se coadunasse com os objectivos propostos e uma segunda, realizada no local, para efectuar o levantamento da informação mediante os critérios por mim estabelecidos previamente. Deste modo e embora tenha parcialmente sustentado o diagnóstico nos *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico*, fi-lo de forma maleável, isto é, admitindo apenas as categorias que se enquadram no contexto deste caso e excluindo outras que não têm aqui lugar. O resultado final de cada diagnóstico é por isso único e irrepetível, dado que procede das idiossincrasias e necessidades específicas de cada instituição cultural<sup>304</sup>. Por outro lado e dada a natureza do equipamento e os propósitos deste trabalho de projecto, irei-me ater à interpretação e elementos relacionados - exposição, comunicação e difusão -, que aí subsistem de forma incipiente, dado que o caso em estudo não se centra num museu ou em qualquer outro equipamento cultural, mas num espaço verde de tutela pública, com interesse histórico-cultural, no qual foi implementado uma “política” de comunicação e difusão meramente informativa e sem preocupações interpretativas. Este tipo de informação não pode ser e de acordo com o que foi estipulado previamente, considerado interpretação, pois carece dos atributos que a consignam como tal. As conclusões obtidas pelo diagnóstico requerem uma análise cuidada e não devem ser percebidas individualmente, mas enquadradas no contexto de criação do jardim, cujas alterações nunca contemplaram uma função interpretativa, mas apenas uma tentativa de providenciar ao seu público alguns dados históricos sobre o poeta português que ali terá presumivelmente habitado.

A presente análise será, então, ligeiramente diferente e adaptada às condicionantes verificadas, pelo que nem a realização do diagnóstico, nem os programas e projectos, poderão corresponder na íntegra ao *modus operandi* explicitado na obra anteriormente citada. Assim, o diagnóstico do sector de comunicação num centro de interpretação ou museu abordaria o seu principal meio de comunicação com os públicos, a exposição e ainda a difusão - aqui entendida como o conjunto de meios

---

<sup>304</sup> Conquanto o seu esquema de análise se apresente aqui individualizado, na prática, tal não se sucede com a mesma liquidez, pelo facto de as várias áreas e espaços da instituição actuarem em conjunto.



pelos quais é divulgada a exposição. Neste caso concreto, e em virtude da especificidade dos valores patrimoniais pautada pela inexistência de “acervo”, ponderei a aplicação das categorias da **“exposição”** e da **“difusão”**, fazendo corresponder à primeira, o monumento e demais elementos - incluindo os painéis informativos sobre a vida e obra do poeta - e à segunda, tudo o que se relaciona com a divulgação dos primeiros. A inclusão do elemento “difusão” - que nos diversos manuais<sup>305</sup> relativos à elaboração de planos de interpretação é inerente ao próprio plano e não possui existência autónoma -, neste contexto abarca, não só os meios de divulgação a nível institucional<sup>306</sup>, mas todas as informações respeitantes à orientação e sinalética e que, apesar de exteriores, se configuram da maior importância na comunicação dos valores patrimoniais com os seus futuros públicos. Salienta-se ainda que, e conquanto tenha sido referido previamente que a cada área diagnosticada corresponde um programa, esta análise não tem como finalidade a elaboração de um plano de difusão e divulgação. A sua inclusão nesta etapa relaciona-se com o levantamento de informações essenciais para a planificação do centro de interpretação e para a preparação do plano de interpretação, principalmente no que concerne à elaboração das mensagens. É fulcral determinar o modo como as entidades oficiais veiculam as informações sobre o monumento e o espaço verde para, posteriormente, as articular com os conteúdos produzidos pelo centro de interpretação, visando a criação de uma mensagem coerente e uniformizada com aquela que é transmitida por aqueles canais.

Consequentemente, o diagnóstico apresenta-se decomposto em duas partes: **“exposição/valores patrimoniais”** e **“comunicação/difusão”**. A primeira não se debruça sobre o conceito de exposição na sua acepção museológica, mas sobre os valores patrimoniais previamente definidos que se encontram “expostos” no jardim e que num plano museológico corresponderiam à exposição permanente. Exposições temporárias que venham a ser organizadas futuramente serão dotadas de outros planos de interpretação, uma vez que encerram finalidades distintas. A “exposição” compreende a “Gruta”, o pedestal e o busto, bem como a área designada como “Sonetos de Camões” e os painéis informativos sobre a vida e obra de Camões e sobre o próprio jardim. Serão alvo de análise o **“discurso expositivo”**, em termos de “conteúdos gerais” e “principais temáticas abordadas”, descrevendo os principais tópicos; os **“critérios**

---

<sup>305</sup> N.R 1, p. 3

<sup>306</sup> Optei por circunscrever este grupo apenas às fontes oficiais (governamentais e turísticas), excluindo outros meios de divulgação, tais como guias turísticas ou sítios na Web com recomendações de visita.

**expositivos e níveis de comunicação**”, quanto à segmentação das mensagens; a **“transmissão de informação”**, quanto ao suporte de apresentação da mensagem e estrutura desta, a nível da forma e do conteúdo; as **“condições de montagem”**, relativamente às alterações de que foi alvo e ao seu estado de conservação e **“acessibilidade”** física e intelectual. A segunda parte concerne à comunicação dos valores patrimoniais no sentido da sua comunicação e difusão, e também com a organização da informação, pelo que se propõe uma circunspecção assente em três parâmetros: **“imagem institucional”**, **“tipos de públicos”** e **“divulgação”**, abarcando portanto aspectos relativos à divulgação dos conteúdos presentes no jardim.

## 1) “EXPOSIÇÃO”/VALORES PATRIMONIAIS

### 1.1) Discurso expositivo

- **Conteúdos e temáticas abordadas**<sup>307</sup>: As temáticas abordadas incidem na vida do poeta; n’*Os Lusíadas* nas gravuras ilustrativas dos seus dez cantos, patentes no pavimento do jardim e em informação de carácter geral sobre este e a sua história, no qual o monumento é um dos equipamentos referenciados. Estes conteúdos estão distribuídos por três painéis: dois intitulam-se **“Legenda das Dez Gravuras”**<sup>308</sup>: um contém dois textos - **“Nota Explicativa”**<sup>309</sup> e **“Dez Gravuras do Mestre Lima de Freitas”**<sup>310</sup> - e o outro apresenta as ilustrações dos mosaicos, a respectiva legenda e mapa de localização<sup>311</sup>. O terceiro painel agrega três textos: **“Jardim Luís de Camões”**, **“Estátua do Santo Kim Taegon”** e **“Templo Tou Tei do Patane”**<sup>312</sup>.

- **Critérios “expositivos” e níveis de comunicação**: Não existe um critério específico para a transmissão da informação; esta é realizada de forma desestruturada e assenta apenas nas temáticas apresentadas. A mensagem é veiculada uniformemente para todas as audiências.

---

<sup>307</sup> Não está incluído nesta categoria o mapa do jardim intitulado “Jardim Luís de Camões”, sendo este remetido para o campo da sinalética, p. 75.

<sup>308</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 383-384

<sup>309</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 385 e 387 e Apêndice F.1.2, pp. AP.CCCXXXVII-AP.CCCXXXVIII

<sup>310</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 388-389 e Apêndice F.1.2, p. AP.CCCXXXIX

<sup>311</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 386 e 390-393 e Apêndice F.1.3, imgs. 398-407

<sup>312</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 394-397 e Apêndice F.1.2, pp. AP.CCCXXXIX-AP.XLI

## 1.2) Transmissão da informação

- **Suportes informativos:** A informação anteriormente mencionada é apresentada em dois tipos de suporte: estruturas metalizadas vidradas<sup>313</sup> e em molduras envidraçadas com caixilho<sup>314</sup>. As primeiras são constituídas por duas traves verticais de metal azul-escuro, unidas no topo por uma chapa da mesma cor e material, contendo o título do painel *“Legenda das Dez Gravuras”* a dourado, em português e, em baixo, em mandarim. Aquelas sustentam, ao centro, uma moldura vidrada rectangular, que possui no interior um painel branco, sobre o qual foram afixados os conteúdos. Estes surgem impressos num material que parece ser papel<sup>315</sup> e localizam-se no final da alameda central, à direita do “espelho de água”<sup>316</sup>. Este tipo de equipamento parece obedecer à política informativa do IACM para os espaços verdes, dado que estruturas semelhantes subsistem nos outros jardins. O segundo tipo de suporte situa-se na entrada da Rua da Palmeira e está disposto na parede da estrutura aí construída (de formato rectangular assente em colunas e pintada de amarelo)<sup>317</sup>. É formado por um caixilho preto de material indeterminado, no qual se encontra disposto um painel impresso com os textos<sup>318</sup>.

- **Estrutura da informação/texto:** As temáticas acima citadas são exibidas em três conjuntos de textos. Assim, o texto *“Nota Explicativa”*, em português e mandarim, é constituído por quinze parágrafos justificados, sem espaçamento de linhas e caracteres<sup>319</sup>; *“Dez Gravuras do Mestre Lima de Freitas”* é formado por três parágrafos justificados, embora com espaçamento entre eles<sup>320</sup>; o painel das gravuras exhibe essencialmente informação gráfica, com título e legenda em português e em mandarim<sup>321</sup>; *“Jardim Luís de Camões”* exhibe quatro parágrafos justificados com espaçamento<sup>322</sup> e *“Estátua do Santo Kim Taegon”* e *“Templo Tou Tei do Patane”* contêm apenas um parágrafo cada, com a mesma formatação dos restantes<sup>323</sup>. Embora não possa precisar o tipo e o tamanho de fonte, esta não tem serifa e apresenta-se a

---

<sup>313</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 383-386 e 390

<sup>314</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 395

<sup>315</sup> Não foi possível determinar o tipo de material.

<sup>316</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 383 e 384

<sup>317</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 394

<sup>318</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 395-397

<sup>319</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 387 e Apêndice F.1.2, pp. AP.CCCXXXVII-AP.CCCXXXVIII

<sup>320</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 388 e 389 e Apêndice F.1.2, p. AP.CCCXXXIX

<sup>321</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 390-393 e Apêndice F.1.3, imgs. 398-407

<sup>322</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 395-397 e Apêndice F.1.2, pp. AP.CCCXXXIX-AP.CCCXL

<sup>323</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 397 e Apêndice F.1.2, pp. AP.CCCXL- AP.CCCXLI

“negrito” ao longo de todos os textos. O topo do painel é encabeçado por uma montagem de imagens, a preto e branco, agregando os elementos acima descritos: a estátua do mártir à esquerda, o busto de Camões ao centro e o templo chinês, cujas silhuetas sobressaem da vegetação que se encontra no fundo, à direita<sup>324</sup>.

### 1.3) Condições da “montagem”

- **Última remodelação:** As derradeiras intervenções na Gruta de Camões datam, conforme abordado previamente, de 1940<sup>325</sup> e desde esse momento que não se conhecem intervenções de grande vulto no local, com excepção das alterações realizadas no jardim na década de 1990<sup>326</sup>. Dado que não disponho de informações nesse sentido, presumo que aos suportes informativos remontem ao mesmo período<sup>327</sup> e que não tenham sido actualizados (quer as estruturas, quer os conteúdos) desde essa data.

- **Estado de conservação:** A aferição deste critério foi realizada através de um levantamento preliminar sobre as condições de conservação do monumento<sup>328</sup>. Constatou-se que o espaço circundante à Gruta encontrava-se limpo; os penedos denotavam, sobretudo no topo, algumas marcas da anterior construção que foi removida no Século XIX; as suas paredes manifestavam marcas do reboco a que foi sujeito; o bronze do busto não exhibia manchas ou qualquer outro tipo de marcas, bem como o seu suporte; algumas das lápides de pedra exibiam manchas verdes e outras apresentavam fendas; uma das placas de metal exibia indícios de ferrugem<sup>329</sup>. Conclui assim que o estado de conservação na sua generalidade é “Bom”, mesmo estando localizado no exterior, à mercê dos elementos. A esta condição não é alheio o tipo de materiais constituintes daquele, pedra e metal, os quais são mais resistentes à acção de determinados agentes de deterioração, como as condições climáticas. Apesar de não existir qualquer barreira de segurança entre o bem cultural e os visitantes, não impedindo por isso o toque ou mesmo actos de vandalismo, não existe registo de qualquer tipo de ocorrência neste domínio. Todavia, a mensagem de preservação deve

---

<sup>324</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 396

<sup>325</sup> Cap. 3.2, p. 28 e p. 36

<sup>326</sup> Cap. 3.3, pp. 43

<sup>327</sup> Esta suposição baseia-se na investigação realizada e na comparação de fotografias do jardim e do monumento, uma vez que não obtive resposta às solicitações enviadas para as entidades oficiais.

<sup>328</sup> Esta é uma conclusão superficial, obtida pela observação *in loco* cruzada com os conhecimentos de conservação preventiva adquiridos durante o ano lectivo deste Mestrado.

<sup>329</sup> Nem todos estes sinais (as marcas do pavilhão chinês ou do reboco das paredes, por exemplo) devem ser considerados como factores de deterioração do recurso patrimonial, uma vez que fazem parte do seu historial e da sua identidade e não interferem, nem ameaçam, a sua estabilidade e integridade.

ser uma constante ao longo do processo interpretativo, assegurando a contínua protecção e salvaguarda do recurso patrimonial, sobretudo durante a permanência dos visitantes.

#### **1.4) Acessibilidade**

- **Acesso físico e adaptação do percurso:** devido à construção desnivelada, o Jardim de Camões possui inúmeras rampas de acesso, bem como passeios de grande amplitude, que favorecem a circulação dispositivos de transporte para visitantes com mobilidade reduzida. Não dispõe, no entanto, de informação em *Braille* para visitantes cegos ou amblíopes.

## **2) COMUNICAÇÃO / DIFUSÃO**

### **2.1) Definição dos públicos-alvo**

- **Tipo de públicos:** Através de observação participante constatei que as visitas à Gruta de Camões eram constituídas maioritariamente por turistas, tanto ocidentais como chineses. Verifiquei ainda a existência de padrões de visita, subsistindo uma maior tendência para os primeiros viajarem sozinhos e/ou em pares, enquanto que os segundos geralmente estavam incluídos em grupos de maiores dimensões. Esta situação apresenta consequências a nível da comunicação do monumento e do tempo dispendido junto dele, próprios das dinâmicas colectivas deste contexto, o que não se observa no primeiro caso, marcado por uma certa autonomia em termos de percurso e horário. Foi ainda possível de atestar, relativamente aos turistas ocidentais, que muitos ingressavam no jardim consultando o seu guia de viagem, evidenciando a importância turística deste espaço a nível internacional. A presença portuguesa, excepto em circunstâncias especiais ou nas comemorações do 10 de Junho, era rara e esporádica.

- **Estudos de públicos:** Não existem dados para aferir estatísticas de visitantes do património cultural, nem mesmo daquele classificado pela UNESCO, pelo que o mesmo se aplica em relação ao jardim e ao monumento.

- **Contagem de visitantes:** *Idem.*

## 2.2) Comunicação

- **Imagem institucional:** Inexistente. O jardim é tutelado pela DEV do IACM, responsável pela gestão, manutenção e limpeza do espaço. Toda a comunicação e difusão são efectuadas primordialmente por esta entidade, à qual o espaço se encontra institucionalmente ligado em termos de imagem<sup>330</sup>. Não existe qualquer símbolo ou logótipo distintivo para este ou os restantes espaços verdes da cidade.

### - Orientação e sinalética:

#### a) Exterior<sup>331</sup>

Comprovou-se a existência de dois tipos de elementos: mapa do jardim<sup>332</sup> e sinalética de orientação<sup>333</sup>. O mapa, devidamente legendado e intitulado “Roteiro do Jardim Luís de Camões, encontra-se à direita da entrada principal, um local lógico e adequado, pois permite uma fácil e rápida apreensão do espaço por parte dos visitantes. Inclui uma representação esquemática do jardim e uma legenda com os pontos de interesse e localização de equipamentos culturais<sup>334</sup>. Por todo o jardim se verifica a existência de sinalética indicativa dos principais elementos, com destaque para as indicações das “Dez Gravuras” e “Gruta e Sonetos de Camões”<sup>335</sup>, mesmo nos caminhos mais cerrados pelas copas das árvores. Este tipo de estrutura é semelhante ao que se encontra disperso por toda a cidade na sinalização dos diversos pontos de interesse cultural e patrimonial, incluindo aquele que está classificado pela UNESCO<sup>336</sup>. Atesta-se assim uma uniformização da sinalética, que permite facilmente identificar os bens culturais de relevância. A entrada principal exhibe ainda uma placa identificativa, em português e em mandarim, onde consta a denominação do espaço – “Jardim Luís de Camões”, bem como o horário de funcionamento do mesmo<sup>337</sup>.

#### b) Indicadores urbanos

O jardim encontra-se apropriadamente assinalado na sua área envolvente, marcação essa que se prolonga até ao Centro Histórico, que dista poucos minutos deste espaço verde. A praça que antecede o jardim – “Praça Luís de Camões” - é ela própria um marco de

<sup>330</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 381-382; o logótipo do IACM encontra-se ao cimo e à esquerda.

<sup>331</sup> Devido a especificidade do bem cultural, apenas se analisou a orientação exterior.

<sup>332</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 381-382

<sup>333</sup> Vol. II, Apêndice F.1.5, imgs. 420 e 422-423

<sup>334</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 382

<sup>335</sup> Vol. II, Apêndice F.1.5, imgs. 420 e 422-423

<sup>336</sup> Vol. II, Apêndice F.1.5, img. 421

<sup>337</sup> Vol. II, Apêndice F.1.5, img. 419

sinalização, uma vez que possui o nome do poeta<sup>338</sup>. Conclui-se assim que, neste âmbito, a informação facilitada pelos indicadores urbanos é suficiente e apropriada, proporcionando um reconhecimento rápido e inteligível do local.

### 2.3) Divulgação

A divulgação do monumento e do jardim é efectuada por quatro entidades distintas, consoante o seu nível de actuação: IACM, Governo de Macau, Turismo de Macau e IC da RAE de Macau. As responsabilidades institucionais e de gestão do “Jardim Luís de Camões” são atributo do IACM, que transmite informação relativa àquele através do seu sítio na internet<sup>339</sup>. É dada primazia ao espaço verde, pelo que não há referências directas ao monumento<sup>340</sup>. Estas surgem de forma explícita na versão actualizada do guia turístico em linha disponibilizado pelo Governo de Macau, o “Guia da Cidade”<sup>341</sup>, na secção “Jardins”<sup>342</sup>. Ainda que o jardim, a Gruta de Camões e a Casa Garden surjam historicamente ligadas, a inclusão desta (bem como do Cemitério Protestante) é efectuada em categorias separadas<sup>343</sup>. O Turismo de Macau é a organização governamental responsável pela comunicação, em termos turísticos, da Gruta de Camões e os dois elementos adjacentes. Cumpre essa tarefa através do Posto de Turismo, localizado na Praça do Leal Senado, disponibilizando mapas, roteiros e brochuras temáticas<sup>344</sup> e ainda por intermédio do seu sítio na Internet, na página “Descobrir Macau”, secção “Jardins”<sup>345</sup>. O monumento é abordado sumariamente, através de uma descrição onde estão patentes alguns elementos históricos e complementado com informações de carácter geral relativas ao jardim<sup>346</sup>. As informações concernentes à Casa Garden e Cemitério Protestante situam-se na mesma página de recomendações, mas são remetidas posteriormente para a secção “Macau, Património Mundial”<sup>347</sup>. Por último, a difusão de natureza patrimonial é incumbência do Instituto Cultural, que emprega amplamente as TICs nesse empreendimento. O Portal da

---

<sup>338</sup> Vol. II, Apêndice F.1.5, img. 418

<sup>339</sup> <http://www.iacm.gov.mo/p/facility/content/garden,a048da4e-ade7-40b2-af99-e704f0dce95b>

<sup>340</sup> Vol. II, Apêndice F1.6, imgs. 424 e 425

<sup>341</sup> <http://www.cityguide.gov.mo/visit/spot.aspx?id=8c5d2f8a-8509-4940-9e17-84f83b46ba55>

<sup>342</sup> Vol. II, Apêndice F.1.6, img. 427 e 428

<sup>343</sup> Vol. II, Apêndice F.1.6, p. AP.CCLXI

<sup>344</sup> Vol. II, Anexo B.3.9, p. AN.LXXXV. O Jardim de Camões encontra-se na secção respeitante aos “Jardins.”

<sup>345</sup> [http://www.macautourism.gov.mo/pt/discovering/sightseeing\\_detail.php?catid=40](http://www.macautourism.gov.mo/pt/discovering/sightseeing_detail.php?catid=40)

<sup>346</sup> Vol. II, Apêndice F.1.6, img. 429 e 430

<sup>347</sup> [http://www.macautourism.gov.mo/pt/discovering/sightseeing\\_detail.php?catid=54](http://www.macautourism.gov.mo/pt/discovering/sightseeing_detail.php?catid=54)

“Rede do Património Cultural de Macau”<sup>348</sup> é a principal forma de comunicação com os públicos, sejam eles residentes ou turistas, em virtude da tradução daquele para português, inglês e mandarim. Deparamo-nos com as informações afectas ao objecto de estudo na categoria “Monumentos” da página “Lista de Património de Macau”<sup>349</sup>, na qual é possível apreciar a existência de três itens: “Designação”, “Localização” e “Introdução”, sendo que este último respeita a uma breve síntese do daquele<sup>350</sup> e ainda na página da “Localização do Património Cultural”.<sup>351</sup>

#### 4.2.3.1.3 Carências detectadas e proposta de soluções

### 1) “EXPOSIÇÃO”/VALORES PATRIMONIAIS

#### 1.1) Discurso expositivo

- **Conteúdos gerais e temáticas abordadas:** Os tópicos abordados, apesar de se constituírem como um bom ponto de partida para a interpretação do monumento, manifestam-se claramente insuficientes e incompletos, não referenciando toda a história que envolve aquele, nem as alterações a que foi sujeito ao longo dos tempos, bem como os restantes elementos do jardim associados ao bem cultural. Verificaram-se assim:

Lacunas nos conteúdos sobre o próprio monumento: datas da sua fundação, dados sobre a sua formação e evolução cronológica, personalidades de vulto que contribuíram para a sua afirmação, etc. Estes elementos que ao longo dos séculos foram enriquecendo a Gruta de Camões, não podem ser descurados e ignorados. Devem ser alvo de reflexão e comunicados ao público. A este respeito constata-se apenas a existência, na entrada da Rua da Palmeira (que não é a principal, tornando-se invisível aos visitantes que acedem ao espaço pelos outros acessos), de uma menção sucinta. Junto do pedestal não se vislumbra, para além das lápides e placas comemorativas, qualquer outro tipo de informação textual que proporcione, de forma mais completa, uma compreensão do recurso patrimonial. A isto, acresce o facto de a maioria das inscrições se encontrar em

---

<sup>348</sup> <http://www.macauheritage.net/pt/default.aspx>

<sup>349</sup> O Jardim de Camões e a Casa Garden surgem nas categorias atribuídas pela referida legislação, a qual foi abordada no Cap.1.2, p. 14; Cap. 3.1, pp.19-20 e Vol. II, Apêndice B.2, pp. AP.LVI-AP.LVII.

<sup>350</sup> Vol. II, Apêndice F.1.6, imgs. 431-433

<sup>351</sup> Vol. II, Apêndice F.1.6, imgs. 434-435



português e sem qualquer tradução, excepto as dedicatórias que foram originalmente gravadas noutros idiomas. A lógica subjacente a esta opção é bastante perceptível, dado que a intenção inicial da entidade responsável pela gestão do espaço não era a musealização do sítio. Contudo, na perspectiva da planificação interpretativa esta é uma questão inequívoca a ser reformulada.

Inexistência de uniformização nas mensagens apresentadas. Algumas temáticas são bastante extensas – é o caso da “Nota explicativa”-, enquanto que outras são extremamente abreviadas – é o caso da descrição do jardim, texto que se detém pormenorizadamente sobre vários aspectos, como a referência aos botânicos britânicos mas que não cita a figura de Lourenço Marques. Por outro lado, verifica-se que foram excluídos deste conjunto dados relativos à escultura em bronze – cujo fabrico e colocação na alameda central foram alvo de uma cerimónia oficial<sup>352</sup> -, os quais só poderão ser obtidos com a consulta adicional de materiais<sup>353</sup>. Conquanto se verifique, da parte do IACM, um esforço em apresentar conteúdos sobre o poeta e a sua Epopeia, aquele revela-se ainda num estado bastante embrionário, o qual não permite percepcionar a riqueza histórica e simbólica do próprio monumento, uma vez que carece de dados e de documentação que o complementem.

**- Critérios expositivos e níveis de comunicação:** A inexistência de diferentes níveis comunicativos, consoante o tipo de audiências, é uma das falhas de maior relevância de qualquer meio interpretativo. Neste caso, o tipo de linguagem e a formatação dos conteúdos é a mesma para todas os grupos, ignorando as competências e necessidades de cada um. Esta conjuntura pode desencorajar a leitura, o que implica a interrupção do processo comunicativo e consequente falha da actividade interpretativa.

## **1.2) Transmissão da Informação**

### **- Suportes informativos:**

Localização desadequada dos painéis informativos, o que apresenta graves consequências a nível da eficácia comunicativa e interpretativa e do próprio acesso ao monumento. Através de observação não participante, constatei que a maioria dos visitantes ignorava os painéis informativos próximos da alameda principal, uma vez que

---

<sup>352</sup> Vol. II, Anexo B.3.8, pp. AN.LXXIV

<sup>353</sup> Vilar, Irene, 1997, *Abraço: Uma Escultura para Macau – Jardim Luís de Camões*. Macau: Governo de Macau

a sua visibilidade é diminuta. Esta situação é provocada por dois factores: pela colocação de aparelhos de ginástica em frente das estruturas<sup>354</sup>; e pelo facto de os suportes informativos estarem afastados das entradas e do próprio monumento, não havendo nenhum elo de ligação entre ambos os elementos, que assim se conservam num vácuo interpretativo. Ambas as opções podem ser compreendidas numa lógica de maximização e aproveitamento do espaço, desviando a sua colocação dos caminhos principais do jardim, que assim se mantêm livres e desimpedidos para passeios<sup>355</sup>. Não obstante, esta preferência de disposição contraria a sua própria essência e objectivo primordial, o qual assenta no fornecimento de detalhes explicativos sobre o poeta que atribuiu nome ao espaço verde e sacrifica importantes aspectos comunicativos e interpretativos. O primeiro caso evidencia de sobremaneira esse descuido com as preocupações comunicativas, uma vez para além da distância de colocação dos equipamentos de ginástica em relação aos painéis ser extremamente diminuta, dificultando o acesso e consequente a leitura (prejudicada ainda pelos reflexos no vidro), alguns dos equipamentos, quando em uso, inviabilizam por completo a passagem para aquele local. O segundo caso denotava consequências negativas em duas vertentes. Por um lado, na eventualidade dos visitantes se aperceberem efectivamente da sua presença, nem sempre a leitura se concretizava (atestei que apenas um em dez se deslocava efectivamente até ao local), o que originava uma de duas situações: ou percorriam o caminho até à Gruta ou dirigiam-se imediatamente à saída. A consulta da informação não determinava a visita ao monumento, esta podia ocorrer independentemente da primeira. Por outro lado, a leitura dos elementos próximos da entrada –mosaicos ilustrativos dos Cantos d’*Os Lusíadas* – não era realizada convenientemente. A natureza, o modo e o ângulo de disposição destes elementos no pavimento não permitem uma clara percepção das figuras, nem da totalidade das mesmas enquanto colecção pictórica<sup>356</sup>. Aquela só é possível de ser efectuada num plano contrapicado<sup>357</sup>, uma tarefa que é completamente inexequível. Todavia, os meios interpretativos que poderiam auxiliar a apreensão do conjunto não podem cumprir a sua missão, dada a separação pronunciada entre estes e os objectos em questão, a qual os

---

<sup>354</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 383-384

<sup>355</sup> Apesar de ter assumido que esta opção foi tomada desde o início, constatei que se trata de uma situação recente; a imagem 226 do Apêndice D.1.2.3, Vol. II, revela que o espaço defronte dos painéis se encontrava, à data da fotografia, completamente livre, concentrando-se estes equipamentos numa área adjacente, onde ainda hoje se mantêm. A escolha deste local para a disposição de mais duas estruturas foi completamente intencional.

<sup>356</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 219-221

<sup>357</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 222-226

remete para a invisibilidade, originando lacunas no processo comunicativo. De facto, a maioria dos visitantes não se apercebia sequer da existência dos mosaicos no solo; se por acaso tinham essa percepção, ela era isolada dos restantes e ignoravam a conexão entre o conjunto, já que esta se encontra assinalada apenas no painel informativo.

Tipologia dos suportes informativos desapropriada, não favorecem a leitura e por consequência, dificultam a interpretação. O vidro gera demasiados reflexos e apesar de o sol não incidir directamente sobre aquele, o tipo de luminosidade predominante em Macau, sobretudo no Verão, condiciona a percepção textual<sup>358</sup>. Concomitantemente, o suporte no qual é veiculada a mensagem – por meio de papel inserido no interior da estrutura – não é o mais indicado, assim como a altura a que o texto é exibido e que não se coaduna com a estatura de todos os visitantes<sup>359</sup>, situação notória principalmente na entrada da Rua da Palmeira<sup>360</sup>.

**-Estrutura da informação/texto:** Os textos constituem-se como uma das principais carências detectadas a nível da comunicação e interpretação, seja a nível da forma, seja do conteúdo (item já discutido anteriormente). Em relação à primeira, constatou-se de forma inequívoca, após uma breve observação, que a leitura apresentava interferências motivadas pela existência de parágrafos muito longos, com um diminuto espaçamento entre os caracteres e tamanho de fonte reduzido<sup>361</sup>, sem sub-títulos e destaques. Esta conjuntura promove uma mancha de texto de grandes dimensões que se torna extremamente cansativa, quer a nível ocular, quer intelectual (a abordagem interpretativa deve ser simples e despreocupada, dado que é habitualmente realizada nos tempos livres) e que poderá induzir a uma desmotivação dessa actividade. Se a estas condicionantes adicionarmos o facto de que a leitura é realizada na posição vertical, obtemos uma conjuntura totalmente desapropriada para a comunicação, a qual se manifesta obviamente ineficaz e não se coaduna com o modo como devem ser redigidos actualmente estes suportes.

Os elementos gráficos (ilustrações, fotografias, mapas, etc.) que poderiam contribuir de modo mais efectivo para a transmissão da mensagem são inexistentes, o que amplifica ainda mais a mancha de texto, a qual se torna longa e compacta e difícil

---

<sup>358</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 381-392

<sup>359</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, img. 384

<sup>360</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 394-395. A leitura pode ser realizada, mas com dificuldade, uma vez que este painel agrega todas as dificuldades evidenciadas: altura de afixação, reflexos no vidro, texto compacto, etc.

<sup>361</sup> Vol. II, Apêndice F.1.1, imgs. 387-389 e 395-397

de ler. O contraste de cores, embora não seja condenável, poderia ser melhorado com a substituição do fundo cinzento/prateado pelo branco, o que aumentaria indubitavelmente o contraste das letras no fundo. O tipo de linguagem empregue não é o mais acessível, denotando ainda o uso de construções frásicas complexas, de problemas de sintaxe e de colocação da pontuação. Não existem elementos de destaque nem informação hierarquizada.

### **1.3) Acessibilidade**

- **Acessibilidade física e adaptação do percurso:** Embora a predominância de rampas e de largos caminhos se constitua como uma vantagem à primeira vista, ela reveste-se de duas dificuldades de resolução bastante complexa e que irão exigir uma requalificação do espaço. Uma relaciona-se com a transposição, por parte de visitantes de mobilidade reduzida, da extensa escadaria que se encontra no final da alameda central e que constitui o único ponto de acesso ao monumento, a partir da entrada da Praça Luís de Camões. A outra respeita aos restantes acessos do jardim, os quais apresentam igualmente longos lances de escadas<sup>362</sup>, não subsistindo qualquer passagem alternativa. Ressalta-se ainda, neste domínio, que estes visitantes com necessidades especiais estão impedidos de ler os vários painéis informativos devido a vários factores: à ausência de interpretação para *Braille*, à altura a que os painéis estão colocados e ainda devido à existência de obstáculos em frente dos que se localizam junto ao “Abraço”. A leitura dos painéis no Jardim de Camões não se compadece com visitantes de baixa estatura ou que se façam transportar em dispositivos como cadeiras de rodas.

### **PROPOSTA DE SOLUÇÕES:**

- Reformulação dos conteúdos, incluindo informação relacionada com o próprio monumento e suas transformações, etc.;
- Reestruturação do discurso expositivo: redacção de textos mediante os parâmetros estabelecidos para este tipo de meio comunicativo (legibilidade, design, construção e orações, etc.) e enriquecimento da composição textual com informação gráfica (mapas, imagens, etc.);

---

<sup>362</sup> Vol. II, Apêndice D.1.2.3, imgs. 218, 220, 223, 237 e 254

- Os objectivos acima referidos destinam-se a proporcionar acesso intelectual ao recurso patrimonial, o qual pode ser amplificado através de medidas específicas para visitantes com necessidades especiais, como por exemplo, disponibilização de legendas em *Braille*, visitas guiadas orientadas especificamente para esse grupo-alvo, etc.;
- Segmentação das mensagens consoante o tipo de audiências;
- Renovação das estruturas informativas quanto aos materiais e realocização das mesmas em pontos estratégicos;
- Requalificação, em termos de acessibilidade física, do espaço circundante ao monumento, permitindo o acesso a cadeiras de rodas.

## **2) COMUNICAÇÃO / DIFUSÃO**

### **2.1) Públicos-alvo**

- Divulgação insuficiente do monumento entre a própria população, constituída maioritariamente por chineses e outros habitantes asiáticos e que, portanto, desconhecem a personalidade retratada pelo busto de bronze, apesar de com ele conviverem diariamente.
- Desconexão entre os valores patrimoniais associados ao monumento e os programas educativos formais (escola) e não formais (ATLs, *workshops*, cursos PLNM, etc.), situação que poderia ser colmatada com introdução dos elementos históricos nos programas ou visitas de estudo ao Jardim de Camões. Estas não constituem prática comum entre as várias instituições de ensino e formação abordadas, apesar de no 10 de Junho a EPM, o JICN e algumas escolas luso-chinesas integrarem o rol das actividades de comemoração.

### **2.2) Divulgação**

- Disparidade de informação transmitida pelos vários canais de comunicação, quanto à sua amplitude e quanto ao tipo de mensagem disseminada. Por um lado, apresenta-se mais extensa em alguns casos (nos textos de divulgação do Turismo de Macau e no Guia da Cidade) e diminuta noutros (no Portal do Património Cultural, o que é revelador de alguma contradição, dado que este é o canal oficial de divulgação dos bens culturais),

denotando ausência de articulação da informação entre os meios de transmissão institucionais<sup>363</sup>. Os dados dever-se-iam complementar e não repetir. De salientar ainda que, comparativamente à informação transmitida sobre a Casa Garden e o Cemitério Protestante, as referências ao monumento são bastante mais abreviadas e até incompletas.

- O discurso veiculado é bastante inconsistente, apresentando várias incongruências de cariz histórico, respeitantes quer a datas, quer a personalidades envolvidas e mesmo a nível dos conteúdos<sup>364</sup>.

- Lacunas na relação entre o Jardim e a Gruta Camões e a Casa Garden e Cemitério Protestante, descurando a sua ligação histórica e desperdiçando oportunidades interpretativas. Para além da localização e breves menções aos proprietários da residência, não se verifica um elo de ligação entre todos os espaços que, apesar da sua actual existência autónoma, outrora integraram a mesma propriedade nem a alusão ao portão de acesso à Gruta Camões. As áreas são constantemente descritas individualmente e o fio condutor entre elas perde-se na compartimentação da apresentação, a qual é realizada em categorias distintas para cada uma<sup>365</sup>.

- No seguimento do exposto acima, e na minha opinião, não se verifica a existência de uma verdadeira sinergia entre os bens culturais abrangidos pela classificação da UNESCO e os que ficaram excluídos desse processo e que dele poderiam beneficiar, ainda que colateralmente. O Jardim e a Gruta de Camões, embora classificados pelo diploma legal, não beneficiam do tratamento preferencial que é concedido aos monumentos que se encontram sob a designação de “Centro Histórico.” Dever-se-ão considerar outras estratégias comunicativas e uma delas poderá passar pela presença mais vinculada do monumento na divulgação turística e patrimonial efectuada pelas entidades oficiais, concomitante com a divulgação da Casa Garden e do Cemitério Protestante. Esta parceria a nível da difusão permitiria obter benefícios em duplicado: por um lado, atrairia mais visitantes a estes dois locais que, embora integrem os roteiros do património mundial, se situam já na parte Norte da cidade e na “periferia” do “Centro Histórico” e, por outro, providenciaria aos seus visitantes informação mais

---

<sup>363</sup> No entanto, é de salientar o esforço das diversas entidades oficiais na actualização em linha dos conteúdos relativos ao monumento, a qual foi efectuada diversas vezes durante o período de redacção deste trabalho.

<sup>364</sup> A pormenorização destes conteúdos consta do Vol. II, Apêndice F.5, p. AP.CDLVIII

<sup>365</sup> A pormenorização destes conteúdos consta do Vol. II, Apêndice F.5, p. AP.CDLVIII

completa sobre aqueles, preenchendo as lacunas assinaladas na alínea anterior. Em síntese, esta parceria mais sólida e consistente possibilitaria que os diferentes bens patrimoniais conquistassem mais públicos e que os dados sobre o palacete e o cemitério fossem enriquecidos com os da Gruta de Camões, incentivando a apreciação destes elementos em conjunto.

### **PROPOSTA DE SOLUÇÕES:**

- Alargamento dos grupos de públicos através da redefinição das políticas de comunicação e divulgação e do estabelecimento de parcerias com instituições educativas: escolas, universidades, centros de aprendizagem de PLNM;
- Reformulação das políticas de comunicação e difusão da Gruta de Camões: imprimir rigor e coerência aos conteúdos que são veiculados relativamente ao monumento e proceder à articulação da informação a transmitir pelos meios interpretativos daquele com aquela que é veiculada pelos canais “oficiais” da cidade relativamente ao turismo e património;
- Desenvolvimento de imagem institucional e criação de logótipo que seja identificativo do local de interpretação da “Gruta de Camões”;
- Presença mais vincada do jardim e do monumento no roteiro patrimonial de Macau, exaltando o elo de ligação entre os vários espaços e providenciando informações que possibilitem a sua apreciação enquanto parte de um conjunto;
- Estabelecimento de parcerias de divulgação em termos territoriais e internacionais: guias de viagem, sítios na internet, etc.

#### **4.2.3.2. Definição de objectivos**

*“It’s easier to get where you want to go if you know where it is that you want to go.”*  
(JONES, 2007:13)

Como em qualquer instrumento planificativo, a delineação de objectivos é uma fase crucial, que deve ser organizada antes da enunciação da estratégia propriamente dita. Esta é uma tarefa que deve ser realizada em conformidade com as metas inicialmente

traçadas para este projecto e com a missão enunciada para o CILC, sem que se verifique repetição ou sobreposição daquela<sup>366</sup>. Cada exposição de bens culturais deve contemplar o seu próprio plano de interpretação individualizado e adaptado para finalidades específicas. Para o sucesso do plano é indispensável que esta tarefa seja realizada rigorosa e meticulosa, seguindo a fórmula SMART<sup>367</sup>. Esta é constituída pelas iniciais dos atributos que os objectivos devem possuir para que sejam atingidos com eficácia: **específicos** – focados em metas claras e identificáveis -, **mensuráveis** – quantificáveis; **orientados para a acção, realistas e temporizáveis**. Apesar de ser esta a sua configuração base, tal não impediu a sua reformulação, pelo que outros atributos foram assim sendo adicionados à fórmula inicial. Neste caso concreto, os manuais de boas práticas recomendam objectivos **SMARTER**: “*Specific, Measurable, Action oriented, realistic, timed evaluate, review.*” (JONES, 2007:13), o que significa que para além dos predicados evidenciados acima, aqueles devem estar sujeitos a avaliação periódica e consequente revisão.

Embora na planificação interpretativa possam ser apontadas diversas categorias de objectivos (MIRANDA, 1998), os que aqui se evidenciam são de natureza comunicativa, emocional e comportamental: “*They include what you want people to know, to do, and to feel about your place as a result of your interpretation.*” (CARTER, 2001:14) e “*(...) can cover any one, or any combination, of these things.*” (*Ibid*, 30) Pretende-se assim que os visitantes da Gruta de Camões adquiram, informalmente: conhecimentos acerca da presença do poeta português em Macau e por extensão, da História Local, através das alterações a que o sítio e a sua envolvente foram sujeitos devido à suposta permanência do vate; da importância da presença portuguesa nesse território e das suas influências no domínio da História, Artes e Letras. A nível emocional, ambiciona-se contribuir para o sentimento de integração das comunidades residentes na cidade, como terreno de hibridismo cultural e como elemento de identidade para a cultura macaense e, de um modo geral, pretende-se contribuir para a conservação patrimonial, ao mesmo tempo que se maximizam as potencialidades do recurso, integrando-o de forma mais presente nos roteiros de turismo cultural. Em suma,

---

<sup>366</sup> Contudo, uma vez que existe uma correspondência directa entre os objectivos do CILC e os do plano de interpretação, estes irão ser, por uma questão de organização de informação e para evitar a sua repetição, suprimidos desta secção, surgindo no documento de sistematização do plano de interpretação, Vol. II, Apêndice F.5, p. AP.CDLVIII.

<sup>367</sup> Este acrónimo proveniente da área da Gestão é formado pelos atributos: *Specific; measurable; achievable; realistic; timetabled* (TUGAS *et al.*, 2005:60; MCLEAN, 2003:194-95)



todos os objectivos são esboçados a partir do monumento, que actua como catalisador da informação sobre o poeta (relativamente à sua vida, obra e permanência em Macau) e sobre a própria história local. Estes serão subdivididos em secções mais curtas de modo a se formularem mensagens coerentes.

#### 4.2.3.3. Estratégia de Programação Interpretativa

*“Start with some clear thinking about why you want to provide interpretation: this will affect everything else. Then decide who the interpretation is to be for, and what it is about your place that you want to interpret. You can then make informed decisions about how you’re going to do it.” (Ibid, 9)*

O programa interpretativo configura-se como uma síntese dos resultados do diagnóstico nas áreas da interpretação, comunicação e divulgação e que terá a sua concretização material através de projectos individualizados. Importa salientar que o diagnóstico é um dos elementos de concepção do programa interpretativo, mas não constitui a totalidade do mesmo, principalmente neste caso, devido à já enfatizada natureza peculiar do recurso patrimonial. A análise das áreas referidas pretende aperfeiçoar e restaurar aspectos comunicativos pré-existentes, mas outros elementos a esta altura inexistentes terão obrigatoriamente de ser incluídos. Assim, o programa interpretativo deve responder conceptualmente às questões 4 a 7 referidas no Capítulo 4.2.2, p. 53<sup>368</sup>, incorporando as conclusões ditadas pelo diagnóstico e as proposições relativas à planificação conceptual do CILC<sup>369</sup>. As respostas obtidas constituem-se como os princípios basilares da conceptualização de propostas. Tenhamos então em conta a análise das mensagens e dos públicos-alvo.

---

<sup>368</sup> “Para **quem** se está a interpretar? Quais são as **audiências** e **públicos-alvo**?”; “O **que** se pretende comunicar? Quais as **mensagens** a desenvolver?”; e “**Como** interpretar as mensagens redigidas? Que **meios** interpretativos serão empregues?”

<sup>369</sup> Cap. 4.2.3.1.1, pp. 58-69

#### 4.2.3.3.1. Mensagens

*“Whatever media you chose for your interpretation, it is the quality of the content that matters the most. Poorly conceived, written, designed or presented material will fail, however the appealing media.”* (HLF, 2009:10)

As mensagens são os conteúdos relativos ao monumento que pretendemos transmitir aos visitantes. Aqueles derivam da investigação da significância dos bens culturais, obtida em termos de valores e que incluem outras informações que se considerem pertinentes no contexto do plano, como por exemplo, questões relativas à conservação e à preservação do local. Todavia, torna-se impossível por razões de carácter logístico e da própria eficácia comunicativa e interpretativa<sup>370</sup>, disponibilizar toda a informação acerca dos bens culturais em causa. Consequentemente, é crucial seleccionar e editar os conteúdos de forma criativa e eficaz. A apresentação dos mesmos varia na sua tipologia, quantidade e nível de pormenorização, dependendo dos objectivos previamente estabelecidos, das audiências e das dimensões do local alvo de interpretação, de modo a que a informação seja proporcional e corresponda à escala daquele. Assim, a preparação das mensagens é de primordial importância e delas depende o sucesso interpretativo. Os conteúdos a veicular devem estar adequadamente organizados e preferencialmente fragmentados em pequenas secções, a fim de facilitar a sua interpretação e “digestão” pelos visitantes. A informação será assim dividida<sup>371</sup> em “**tópicos/assuntos gerais**” (*topic* e *subject*), que podem conter diversos “**temas**” ou “**histórias**” (*themes* e *stories*), os quais se podem ainda dividir ainda em “**subtemas**”.

Os **tópicos/assuntos** referem-se às noções gerais acerca do monumento; a interpretação do bem cultural é passível de apresentar um ou mais tópicos, dependendo das necessidades interpretativas e finalidades pré-estabelecidas. Os **temas**, por sua vez, são as secções nas quais os primeiros se podem decompor e correspondem ao estreitamento das questões a abordar, referindo-se a conteúdos mais específicos (ideias/valores/crenças/factos, etc.) –, podendo ainda subdividir-se em subtemas, caso o

---

<sup>370</sup> A apresentação e transmissão de uma grande quantidade de informação num curto espaço de tempo, pode implicar a sensação de fastio do visitante, bem como induzir situações de cansaço (*museum fatigue* no original. GILMAN, 1916; DAVEY, 2005; FALK&DIERKING, 1992), que se irão reflectir negativamente não só na concretização dos objectivos propostos para o plano, como também na própria imagem da modalidade interpretativa que é percebida pelo público.

<sup>371</sup> Embora existem outras metodologias de divisão da informação, a que se aqui apresenta resulta das minhas preferências pessoais.

programa assim o exija<sup>372</sup>. Estes expressam-se a partir de conceitos, cuja articulação é realizada através da formulação de frases (*storylines*<sup>373</sup>) que permitam conectar todos os elementos de determinada temática e assim proporcionar a sua compreensão. Contudo, tal não impede que no decurso da comunicação de um tema outro não possa ser abordado, ainda que não constitua o foco principal daquele. Em alguns casos, os temas poderão corresponder aos objectivos delineados pelo plano de interpretação, sobreposição que não acarreta implicações negativas para o programa interpretativo.

Propõem-se assim os seguintes tópicos/assuntos gerais para a interpretação da Gruta de Camões:

**A. Breve síntese biográfica de Luís Vaz de Camões**, para contextualizar a sua presença em Macau;

**B. Referência à obra-prima da literatura, *Os Lusíadas***, para introduzir a importância da figura do poeta, tanto a nível nacional, como internacional e assim justificar a criação do centro de interpretação e de um plano de interpretação, a partir do monumento dedicado à sua estadia no território;

**C. Caracterização estética e evolução do monumento**, para dar a conhecer as diversas transformações a que foi sujeito, as personalidades envolvidas, as diversas configurações estéticas;

**D. Valor patrimonial da Gruta de Camões para a História Local**, dando a conhecer a evolução dos elementos associados ao recurso patrimonial, primeiramente ligados à presença dos funcionários britânicos e posteriormente à família de Manuel Pereira, até à sua aquisição pelo Governo de Macau, com a subsequente intervenção na área circundante; a criação da tradição da romagem à Gruta no 10 de Junho e as celebrações do feriado e a importância do monumento nos círculos literários e artísticos.

E os seguintes temas:

**A.** 1. Nascimento e morte de Camões | 2. O contexto da sua permanência em Macau, quando chegou e por quanto tempo permaneceu; 3. As polémicas associadas à sua presença na cidade;

**B.** 1. Data, local de publicação e temática d’*Os Lusíadas* | 2. Referências de Camões a Macau | 3. Relevância da sua obra no contexto das correntes artísticas da época;

---

<sup>372</sup> (CARTER, 2001; HLF, 2009; JONES, 2007)

<sup>373</sup> (LCPM, 2007:19)

C. 1. Descrição física do monumento e primeiros registos da sua existência | 2. Transformações operadas | 3. Figuras de relevo envolvidas nas reformas do monumento | 4. Diversas representações escultóricas do poeta e datas aproximadas da disposição das mesmas no local | 5. O busto actual;

D. 1 A Casa Garden | 2. O Jardim Luís de Camões | 3. O 10 de Junho e a comunidade portuguesa | 4. Outras comunidades locais | 5. Influência do monumento nas Artes e Letras (Macau/Portugal)

Por último, importa sublinhar que, apesar de todos os esforços se conjugarem no sentido de proporcionar melhor e mais eficaz interpretação, nem todas as mensagens devem ser transmitidas explicitamente<sup>374</sup>; os elementos principais devem ser comunicados de forma interessante e criativa, devendo apelar à auto-exploração do local e dos seus significados “ocultos”, tornando a visita mais apelativa.

#### 4.2.3.3.2. Públicos-alvo

*The more you know about your visitors, the more you can communicate with them.” (LCPM, 2007:25)*

Depois de determinar o tipo de mensagens a transmitir, torna-se imprescindível delimitar os receptores daquelas. As audiências são, na sua essência, bastante heterogéneas (famílias, estudantes, turistas, residentes, grupos excursionistas, etc.) quanto aos seus atributos demográficos, culturais e linguísticos (características que no contexto de Macau assumem uma relevância extraordinária, devido à configuração multicultural do território), com diferentes *backgrounds* educativos e académicos e possuem necessidades e motivações de visita diferentes (lazer, aprendizagem informal, etc.). Consequentemente, audiências distintas requerem conteúdos diversificados, cuja elaboração demanda a aferição prévia das características dos receptores e das suas expectativas relativamente ao bem cultural em causa: “*Who are they? What are they expecting? What do they already know about your place? How long will they stay? Who do they come with? Where will they go after they leave your place? Or where would you like them to go?*” (CARTER 2001:26) Essa tarefa terá de desenvolvida através de

---

<sup>374</sup> “*Too much interpretation is unnecessary and intrusive, and you should always leave some things for your visitors to discover.*” (HLF, 2009:10)

pesquisa qualitativa (entrevistas) e/ou quantitativa (observação não participante, contagem de visitantes, estudos de públicos), sendo que a escolha dos métodos a aplicar procede dos objectivos definidos pelo CILC, do tipo de informações que se pretendem obter e dos custos envolvidos, entre outras condicionantes. Neste sentido e tendo em consideração os propósitos da instituição, os estudos de público afiguram-se a melhor opção para conhecer os atributos dos visitantes e segmentá-los de acordo com propriedades comuns (idade, interesses, proveniência, etc.)<sup>375</sup>, para mais facilmente se lhe dirigirem as mensagens<sup>376</sup>.

Dado que não existem estudos de público ou estatísticas oficiais sobre o número e tipo de visitantes que circulam pelo Jardim de Camões e muito menos dos que contemplam o monumento, não é possível responder com rigor a questões primordiais como: Quem são? De onde vêm? Quantos são? Com quem vêm? Porque é que vêm? Qual é a frequência da sua visita? Quanto tempo permanecem no local? O que lhes interessa particularmente? Contudo, as conclusões obtidas, ainda que bastante superficiais<sup>377</sup>, permitiram segmentar as audiências em grupos distintos, para os quais se irão direccionar de forma diferenciada as mensagens propostas. Sugere-se assim uma tripla divisão dos públicos-alvo deste projecto: turistas<sup>378</sup>, públicos escolares/grupos educativos e comunidades locais.

## 1) Turistas culturais

O turismo cultural apresenta-se como um tipo específico de turismo<sup>379</sup> que tem crescido exponencialmente a nível internacional, verificando-se em Macau a mesma

---

<sup>375</sup> Esta técnica proveniente do Marketing denomina-se de segmentação: *“Market segmentation is the process of splitting customers into different groups, or segments, within which customers with similar characteristics have similar needs. By doing this, each one can be targeted and reached with a distinct marketing mix.”* (McLEAN, 2003:99)

<sup>376</sup> Esta operação designa-se de “targeting”: *“Once different segments have been identified, it is then possible to target one or more segments which the organization wishes to attract.”* (McLEAN, 2003:99)

<sup>377</sup> Estas foram adquiridas na sequência de observação não participante. A concretização de um plano de interpretação implica a realização de estudos de públicos estruturados e com objectivos específicos, a fim de determinar os principais atributos daqueles e assim responder às interrogações acima colocadas.

<sup>378</sup> Este grupo, que resulta da segmentação geográfica, poderia ainda ser dividido em sub-grupos – locais, nacionais e internacionais. Contudo e no presente contexto, carecia de sentido, devido à ausência de dados que fomentassem essa decomposição. Assim, optou-se por incluir os visitantes locais na categoria de residentes, dada a sua diversidade cultural.

<sup>379</sup> *“Cultural tourism is that form of tourism whose object is, among other aims, the discovery of monuments and sites. It exerts on these last a very positive effect insofar as it contributes - to satisfy its own ends - to their maintenance and protection. This form of tourism justifies in fact the efforts which said maintenance and protection demand of the human community because of the socio-cultural and*

tendência, apesar da importância concedida à indústria do jogo. Embora de reduzidas dimensões territoriais, a cidade possui recursos culturais e patrimoniais de grande relevância e qualidade<sup>380</sup> que tornaram esta actividade na segunda forma de captação de receitas<sup>381</sup>. Os consumidores desta actividade designam-se assim por turistas culturais (recaindo nesta categoria os visitantes da Gruta de Camões), cujas motivações de visita diferem não só dos restantes turistas, mas também entre si, uma vez que o interesse cultural tanto poderá ser o móbil da viagem como uma actividade adicional, integrada num roteiro turístico pré-definido. Estes sujeitos caracterizam-se pela sua heterogeneidade quanto a atributos étnicos, proveniência geográfica e cultural (de acordo com as estatísticas fornecidas pelas entidades oficiais<sup>382</sup>, verifica-se que a maioria procede da China Continental, Hong Kong e Taiwan, logo seguido de outros países asiáticos, como a Coreia, o Japão, etc.), nível educativo, estilo de vida, interesses e motivações, os quais devem ser aferidos pormenorizadamente e previamente à produção dos conteúdos, através de ferramentas próprias, como os já mencionados estudos de públicos<sup>383</sup>. Para além destes elementos, é crucial o conhecimento da natureza e dos princípios de funcionamento do turismo cultural (o qual e apesar da sua denominação, é uma actividade comercial)<sup>384</sup>, bem como das diversas categorias classificatórias dos turistas culturais<sup>385</sup> e ainda a apreciação de um conjunto de factores que irá influenciar as visitas<sup>386</sup>: o acesso e a proximidade da oferta cultural, o tempo disponível para usufruir das atracções e o carácter efémero desta actividade. Relativamente a estes últimos factores, importa referir que a facilidade de acesso ao recurso patrimonial, bem como a sua proximidade ao centro da cidade, aumentam a

---

*economic benefits which they bestow on all the populations concerned."*  
[http://www.icomos.org/tourism/tourism\\_charter.html](http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html)

<sup>380</sup> Cap. 1.2, pp. 11-12

<sup>381</sup> Um estudo realizado em 2012 pelo Instituto do Jogo da UMAC concluiu que de uma amostra de sete mil visitantes, 36,9% tinham por objectivo conhecer as atracções turísticas do território, surgindo as compras e o jogo respectivamente em segundo e terceiro lugar. Embora pouco minucioso no que concerne às questões culturais, estes resultados indicam o despontar de uma tendência de crescimento neste domínio.

<sup>382</sup> Estes dados reportam-se ao 3º trimestre de 2013: <http://www.dsec.gov.mo/statistics.aspx#P18653>

<sup>383</sup> As informações providenciadas pelas entidades oficiais de Macau (DSEC e Página electrónica da Indústria Turística de Macau) constituem um bom ponto de partida para esta análise, mas são insuficientes, uma vez que se concentram apenas no turismo e não individualizam o sector cultural. As estatísticas das entradas dos visitantes, dos gastos efectuados em casinos e da ocupação hoteleira e restauração, bem como a proveniência dos turistas são apresentadas em conjunto, não sendo possível obter dados relativamente à fruição do património cultural como opção, quer primária, quer secundária.

<sup>384</sup> Vol. II, Apêndice F.2, Tabela 2, p. AP.CCCLXXIII

<sup>385</sup> Estes sujeitos possuem características diferentes, pelo que podem ser agrupados em categorias baseadas nas suas motivações, nível/grau da experiência turística e organização da visita, etc. (McKERCHER & Du CROS, 2002), Vol. II, Apêndice F.2.1, p. AP.CCCLXXIV

<sup>386</sup> Vol. II, Apêndice F.2, Tabela 2, p. AP.CCCLXXIII

probabilidade da visita. Uma vez que a Gruta de Camões já se situa fora desse eixo central mas a sua localização é adjacente a elementos pertencentes ao Centro Histórico (Cemitério Protestante, Casa Garden e Igreja de Santo António), aquele poderá actuar como catalisador da visita ao monumento. Esta situação é extremamente relevante no contexto deste plano de interpretação, uma vez que a sua localização pode ser determinante na intenção da visita. No que respeita ao carácter efémero desta actividade, é relevante considerar que estes indivíduos estão de passagem e por isso dispõem de pouco tempo para assimilar informação, pelo que as mensagens a formular deverão ser curtas e concisas, focando sumariamente os principais aspectos concernentes ao monumento e inculcando no visitante a percepção de que a visita se constituiu como uma mais-valia e uma experiência agradável, susceptível de repetição e divulgação entre familiares e amigos. É assim crucial definir os principais pontos de interesse do local, uma vez que o tempo de visita é limitado, sobretudo quando se encontram integrados em excursões.

Sendo assim, propõem-se os seguintes conteúdos para este grupo: **(a)** síntese abreviada da biografia e obra de Camões, destacando os motivos da sua estadia em Macau; **(b)** caracterização do monumento e suas principais alterações, concomitantes com a ocupação do palacete, Casa Garden, e desenvolvimento do Jardim de Camões, um dos mais importantes da cidade no Século XIX.

## **2) Públicos escolares: escolas secundárias/universidades/aprendentes de PLNM e outros grupos educativos**

Este grupo abarca, sob a mesma designação, um conjunto muito diversificado de indivíduos, devido ao seu nível de escolaridade, o qual pode ir da primária à universidade. Dado que o propósito central destes públicos é a educação informal, a preparação dos conteúdos deverá moldar-se a esse intento e também à idade dos participantes, uma vez que aquela condiciona as estruturas cognitivas e de aprendizagem. Assim, a formulação de mensagens deverá ser diferenciada para as distintas faixas etárias. Não obstante a relevância destas matérias, serão propostos neste projecto apenas os conteúdos a direccionar para os grupos de estudantes do ensino secundário, dos cursos universitários relacionados com língua e cultura portuguesa e dos cursos de PLNM, excluindo-se os restantes. Esta escolha relaciona-se não só com opções metodológicas, mas também com as próprias especificidades do território,

nomeadamente aquelas que concernem ao sistema educativo e à composição étnica e cultural dos estudantes.

No que respeita ao primeiro factor, é fundamental que a concepção do programa interpretativo considere a singularidade do sistema de ensino em Macau, que se reflecte na enorme diversidade de instituições educativas, na falta de uniformização dos programas escolares<sup>387</sup> e consequentemente na coexistência de diferentes abordagens pedagógicas, programas curriculares e manuais escolares, que variam de acordo com o tipo de ensino praticado (e que se divide essencialmente em três vertentes: chinês, luso-chinês e internacional). Estes condicionalismos são responsáveis pela produção de diferentes concepções e perspectivas da realidade e do mundo, no geral, e no particular, da História de Macau e das suas relações com Portugal<sup>388</sup>. No que concerne às origens étnicas e geográficas dos alunos, estas apresentam-se díspares (embora a etnia chinesa seja predominante), pelo que nem sempre se irão identificar com as mensagens formuladas, uma vez que se reportam a um contexto cultural alheio ao da maioria. Contudo, uma das formas de contornar esta situação seria a sua articulação com os programas de História Local, a qual poderia apresentar uma dupla vantagem para os alunos: enriquecimento dos programas escolares por um lado e, por outro, identificação com uma herança comum, que é o património do local onde residem e com o qual possuem laços territoriais. Perante a diversidade avassaladora e extremamente confusa de instituições e planos de estudos, cada qual com a sua autonomia, tornou-se complicado apresentar uma oferta uniformizada para os estudantes do ensino secundário. Propõe-se, assim, uma abordagem generalizada sobre o monumento, que posteriormente poderá ser customizada de acordo com o tipo de escola e o *background* cultural dos estudantes.

Sugerem-se os seguintes conteúdos para este segmento: **(a)** introdução sumária do poeta e sua obra; **(b)** presença de Camões em Macau, articulando História Local e da China (desenvolvimento do território, trocas comerciais, etc.) e História de Portugal (Descobrimentos); **(c)** caracterização do monumento, salientando sinteticamente as diversas alterações; **(d)** desenvolvimento do local (jardins, arruamentos) a partir do final

---

<sup>387</sup> Ambas as situações são consequência da ausência de implementação de um sistema educativo universal no território durante a Administração Portuguesa, conjuntura que transitou para a Administração actual e que ainda não se encontra resolvida na sua totalidade, apesar das várias medidas que foram tomadas logo após o processo de transferência de soberania (Vol. II, Apêndice F.2.2, p. AP.CCCLXXV).

<sup>388</sup> Vol. II, Apêndice F.2.2, p. AP.CCCLXXV- AP.CCCLXXVI



do Século XIX, justificado pela passagem do poeta por Macau e sua relação com o património envolvente - natural, histórico e edificado.

Relativamente ao panorama universitário, a situação é menos diversificada, verificando-se apenas a tutela oficial<sup>389</sup> e as tutelas privadas. No processo de formulação de mensagens, a primazia será concedida aos cursos dedicados às áreas disciplinares da Língua e Cultura Portuguesa<sup>390</sup>, os quais subsistem no território sob a forma de estudos pós-graduados<sup>391</sup> e cuja oferta conheceu um incremento progressivo a partir de 1999. Neste âmbito, a língua portuguesa não é somente o objecto de estudo, mas também o veículo linguístico de vários cursos ministrados quer na universidade estatal, quer noutros estabelecimentos de Ensino Superior. A procura pela aprendizagem de PLNM conheceu grande expansão nos últimos anos (tanto de residentes de Macau, como de residentes da RPC) -, após um período de entorpecimento, percepcionado por muitos como um idioma “colonialista” (YOUNG, 2009) -, situação a que não é alheia a conjuntura económica internacional<sup>392</sup>. A língua de Camões é leccionada em centros de línguas localizados em várias universidades (UMAC, USJ, IPM, IFT<sup>393</sup>), escolas luso-chinesas e outras instituições educativas<sup>394</sup>, salientando-se, neste contexto, o papel desempenhado pelo IPOR<sup>395</sup> e pela Casa de Portugal<sup>396</sup>.

Embora os programas curriculares destes cursos não apresentem os mesmos constrangimentos dos cursos do secundário, é necessário, na preparação das mensagens,

---

<sup>389</sup> UMAC

<sup>390</sup> Poderão ainda ser considerados neste conjunto os alunos de cursos relacionados com o turismo cultural e a gestão de património cultural, que abordem temáticas relacionadas com os conteúdos do programa interpretativo do monumento, como é o caso dos existentes no IFT.

<sup>391</sup> [http://www.umac.mo/fsh/dp/master\\_PLC\\_introduction.html](http://www.umac.mo/fsh/dp/master_PLC_introduction.html);  
<http://www.umac.mo/fsh/dp/doctorate.html>; <http://www.cityu.edu.mo/index.php/en/academic-research/faculty-of-portuguese-programs/about-us>; <http://www.cityu.edu.mo/index.php/en/academic-research/faculty-of-portuguese-programs/about-us>

<sup>392</sup> A tendência crescente desta oferta está indubitavelmente conectada com o intenso desenvolvimento de economias emergentes como Angola e Brasil e nas quais o português é o idioma empregue. A abertura do diálogo da China com o Ocidente nos últimos anos reflectiu-se no incremento das trocas comerciais; aqueles países são percepcionados actualmente pela RPC como bons parceiros de investimento, motivo pelo qual o domínio da língua de Camões se constitui como uma vantagem, desempenhando Macau o papel de plataforma privilegiada nas possíveis negociações. [http://hojemacau.com.mo/?p=31776&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=comercio-com-paises-de-lingua-portuguesa-sobe-17](http://hojemacau.com.mo/?p=31776&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=comercio-com-paises-de-lingua-portuguesa-sobe-17)

<sup>393</sup> <http://www.umac.mo/>; <http://www.usj.edu.mo/>; <http://www.ipm.edu.mo/en/index.php>;  
<http://www.ift.edu.mo/>

<sup>394</sup> Centro de Difusão de Línguas da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude e outras escolas particulares subsidiadas pelo Governo de Macau, com o objectivo de promover o ensino de português, ainda que seja como opção. (TEIXEIRA&SILVA, MOUTINHO: 2010)

<sup>395</sup> <http://ipor.mo/>

<sup>396</sup> Estas instituições destacam-se não só no ensino de PLNM em Macau, mas também na divulgação da língua portuguesa e na organização de actividades e eventos relacionadas com a cultura portuguesa, premiando anualmente os melhores alunos nesta área.

adaptar os conteúdos às diversas ofertas formativas, criando para o efeito dois grupos principais de receptores: **(a)** para os cursos de Língua e Cultura Portuguesa, conteúdos que enriqueçam os seus programas, através de visitas de estudo ao monumento, enaltecendo igualmente a História Local, a sua divulgação e preservação; **(b)** para os grupos de aprendentes de PLNM, o programa interpretativo deve assumir um carácter informal, valorizando a relação de Macau com Portugal e a sua influência na História Local.

### **3) Comunidade local (residentes)**

Este grupo é constituído por todos os habitantes de Macau, independentemente da sua proveniência geográfica e cultural. Contudo, a sua grande diversidade, fruto de movimentos migratórios e cruzamentos multiculturais ao longo de séculos, exige a decomposição em dois sub-grupos: o grupo de residentes macaenses e portugueses, e os restantes que não se enquadram nesta categoria por possuírem nacionalidades e origens distintas. O primeiro conjunto é constituído pelos portugueses e macaenses e que, apesar de partilharem parte da herança cultural e coabitarem no mesmo território, não devem ser confundidos. A etnia macaense resultou do cruzamento, durante várias gerações e a partir da expansão do território no Século XVI, com portugueses e chineses e ainda com outros grupos asiáticos, nomeadamente malaio, indianos, filipinos, etc. Este processo de miscigenação decorreu ao longo de séculos, dando origem a um grupo que possui dialecto e costumes próprios influenciados pelas tradições portuguesa e chinesa. Todavia, apesar deste hibridismo cultural e geográfico, os macaenses não se consideram nem portugueses nem chineses, mas antes um grupo distinto daqueles. A singularidade deste grupo reside, portanto, na mestiçagem, partilhando atributos e influências de ambos os grupos. O território assume assim o papel de vínculo entre estes indivíduos e é um elemento fulcral da sua identidade<sup>397</sup>. O segundo grupo é formado por todos os outros residentes de Macau, cujas proveniências étnicas e geográficas são extremamente díspares, sendo que os habitantes chineses são os mais numerosos, seguidos de outros povos asiáticos<sup>398</sup>. A ausência de ligação com o património de

---

<sup>397</sup> Este mesmo aspecto é alvo de preocupação entre os macaenses da diáspora, que consideram a acelerada metamorfose da urbe e a transfiguração da paisagem, que sempre conheceram e identificaram como *sua*, como uma das ameaças à sua identidade. (RANGEL, 2010)

<sup>398</sup> (DSEC, 2012b)

influência ocidental é por demais evidente, não partilhando nenhum dos seus elementos ou atributos.

O facto de existirem audiências tão diversificadas coloca desafios acrescidos ao programa interpretativo, nomeadamente no que se refere à preparação dos conteúdos, pois a eficácia da estratégia interpretativa depende exactamente da relevância que aqueles assumem para os públicos-alvo. Neste contexto multicultural, elaborar mensagens eficazes é uma tarefa complexa que depende de uma investigação pormenorizada dos potenciais visitantes. Consequentemente e para efeitos do presente trabalho académico, apenas se podem apresentar propostas simplificadas que apostem no **território** – elemento fundamental na construção e na manutenção das identidades culturais - como a chave para a auxiliar a compreensão dos valores patrimoniais e para o incremento das relações entre este grupo de visitantes e o bem cultural em causa. Assim, o monumento não será apropriado por nenhum grupo em específico, mas por todos, embora de diferentes maneiras e com significados distintos<sup>399</sup>. É, por isso, importante, gerar e alimentar uma relação de identificação entre os habitantes e o recurso patrimonial, pelo que a mensagem mais apropriada para este grupo deve assentar na História Local e no território. Sendo a multiculturalidade um factor crucial neste programa interpretativo, as mensagens a formular deverão considerar as diferentes etnias, pelo que se propõe a seguinte divisão dos conteúdos para os seguintes segmentos:

### **3.1) Portugueses e macaenses**

Para este grupo propõem-se conteúdos com um maior nível de pormenorização que promovam o conhecimento histórico, quer do seu país de natal (no caso dos portugueses) quer do seu território de origem (no caso dos macaenses). As mensagens devem evidenciar, particularmente, os episódios relacionados com a presença do poeta no território, bem como todas as transformações do monumento e a sua importância ao longo dos séculos como local de “culto”, constituindo-se como motivo de visita obrigatória a Macau. Vale a pena considerar, igualmente, que existe uma forte probabilidade deste grupo em repetir as visitas ao local, pelo que devem ser equacionadas, dentro do possível, alterações nos conteúdos, evitando a repetição de

---

<sup>399</sup> As diferenças étnicas e culturais são determinantes para o afastamento dos vários grupos e a sua vivência territorial é praticamente individualizada, subsistindo, no entanto, alguns locais e momentos onde se cruzam e onde é possível observar a sua convivência, como é o caso do Jardim de Camões.

informação por um lado e, por outro, imprimindo maior dinamismo à relação entre os visitantes e o bem cultural. Parece-me pertinente incluir na proposta dos conteúdos a influência do monumento nos círculos literários e artísticos de Macau e Portugal, pela mesma razão acima apontada.

### **3.2) Outros *backgrounds* étnicos e culturais**

À luz das idiossincrasias deste segundo conjunto e de acordo com o que foi dissertado precedentemente, propõem-se conteúdos mais generalizados que enfoquem a História Local, concedendo destaque ao próprio jardim e ao desenvolvimento da cidade. Conquanto a vertente expositiva possa ser complementada posteriormente com outros materiais informativos (folheto, sítio na Web, etc.), a que irá ser implantada no jardim deve circunscrever-se, por uma questão de eficácia, aos tópicos referidos.

#### **4.2.3.3.3. Meios interpretativos**

*“Once you’ve decided on the stories you want to tell, and how you want to tell them, it’s time to consider the right interpretive “media” – the different tools you can use to present interpretation. Interpretive media includes everything from printed brochures to guided tours to digital formats.”*(LCPC, 2007:39)

Actualmente, os centros de interpretação e outros congéneres têm ao seu dispor uma panóplia de meios interpretativos para satisfazer as suas necessidades. Painéis, visitas guiadas, encenações/recriações históricas, *workshops*, publicações, recursos multimédia e em linha, são amplamente usados por estas tipologias interpretativas nos seus processos comunicativos. Cada um deles apresenta vantagens e desvantagens<sup>400</sup>, pelo que a sua escolha deve ser criteriosa e fazer-se em função dos parâmetros anteriormente evidenciados<sup>401</sup>. Só após a clarificação destes elementos se devem escolher os meios mais apropriados. São aqueles que devem determinar os últimos e

---

<sup>400</sup> Vol. II, Apêndice F.2, Tabela 4, p. AP.CCCLXXX

<sup>401</sup> Objectivos, valores patrimoniais a interpretar, características do acervo e dos públicos, tipo de mensagens a transmitir, recursos humanos envolvidos, custos de fabrico, implementação e manutenção dos suportes interpretativos.

não o inverso<sup>402</sup>. “*The important thing to remember is that the method of presentation is not an end to itself but simply a vehicle for: communicating your stories and messages effectively to audiences; enriching visitor experience; meeting learning objectives.*” (JONES, 2007: 19) A produção destes instrumentos compreenderá diferentes fases – concepção, execução e implementação –, durante as quais deverão ser observadas, para além de considerações gerais<sup>403</sup> comuns a todos os meios interpretativos, os princípios interpretativos definidos por Tilden<sup>404</sup> (e ainda normas próprias e individualizadas para cada etapa de cada suporte interpretativo, de modo a que o resultado final se coadune com as metas inicialmente traçadas para o plano de interpretação. A eficácia da interpretação não dependerá somente do tipo, quantidade e qualidade dos meios empregues (nem sempre a transmissão de mensagens realizada através de inúmeros canais ou com a tecnologia mais avançada é a que alcança maior êxito), mas também do modo como serão executados e implementados, razão pela qual as normas referidas devem ser seguidas escrupulosamente.

Apresentam-se de seguida, os meios interpretativos que considero mais indicados para a interpretação da Gruta de Camões e que se configuram como o resultado do diagnóstico ali efectuado, assim como de outras conclusões obtidas no decorrer desse procedimento<sup>405</sup>.

### **1) Painéis interpretativos**

Os painéis interpretativos transmitem ideias e conceitos através de texto e/ou imagem, diferindo assim dos painéis informativos, que apenas disponibilizam dados de carácter geral sobre o espaço, por meio de sinalética e dispositivos de orientação próprios<sup>406</sup>. São fabricados a partir de uma multiplicidade de materiais (metal, acrílico, melanina, etc.) e surgem em diferentes formatos (rectangulares, quadrangulares, circulares, etc.), podendo estar organizados linearmente, em quiosques ou mesmo no

---

<sup>402</sup> A fim de se obter uma percepção mais clara dos meios interpretativos mais adequados para as mensagens e públicos-alvo propostos nas secções anteriores, incluiu-se no Vol. II uma tabela que efectua o cruzamento dessas variáveis (F.2, Tabela 5, p. AP.CCCXCVII)

<sup>403</sup> Vol. II, Apêndice F.2.3, p. AP.CCCLXXVIII

<sup>404</sup> Vol. II, Apêndice B.1, p. AP.LI

<sup>405</sup> Vol. II, Apêndice F.2, tabela 6, p. AP.CCCXCIX

<sup>406</sup> Por este motivo, os painéis existentes no Jardim de Camões têm sido designados ao longo de todo o trabalho como “painéis informativos”. Contudo, através do diagnóstico realizado ao “discurso expositivo”, constatei que as matérias neles incluídas poderiam servir de base para a apresentação das propostas interpretativas, sendo necessário, no entanto, a edição dos conteúdos e o seu enriquecimento com novos dados e informações.

interior, sob estruturas concebidas para o efeito. Para que estes suportes promovam uma interpretação eficaz, é necessário que sejam observados alguns parâmetros<sup>407</sup> na sua concepção, relativamente **(I)** à elaboração de textos, **(II)** à organização dos elementos gráficos e **(III)** do *layout* gráfico e **(IV)** à selecção dos materiais de fabrico. Assim e no que concerne ao primeiro, é importante atentar no estilo de escrita (quanto à composição, estrutura das orações e tipo de vocabulário) e na aparência do texto relativamente à legibilidade (tamanho e tipo de fonte e dimensão do texto), ao contraste (cores, tamanhos e estilos de fontes, bem como as tonalidades de impressão do texto em correlação com o painel) e à organização (parágrafos, espaçamento de linhas e caracteres e formato do bloco de texto). Também os elementos gráficos deverão ser alvo de análise e a sua introdução deve ser justificada por motivos comunicacionais e interpretativos e não apenas estéticos, ilustrando portanto a evolução do monumento, as diversas fases de renovação, etc. O *layout gráfico* respeita à organização da informação, à selecção da paleta de cores e à distribuição espacial de todos estes componentes, cuja conjugação irá influir na transmissão da mensagem, que se pretende legível e sem ruídos. Por último, deve proceder-se à selecção cuidada dos materiais de fabrico consoante os custos, as mensagens e as condições ambientais dos locais de implementação. No caso de Macau, estes factores são cruciais dadas as suas condições climáticas e por isso devem privilegiar-se matérias-primas resistentes aos elementos e duráveis (telas plastificadas poderão ser uma das soluções) - garantindo a sua preservação a longo prazo, de modo a que a mensagem perdure - e que simultaneamente possibilitem a leitura sem reflexos ou outras perturbações, ao contrário do que sucede com os actuais suportes de vidro. Conquanto estas apreciações para a concepção, execução e implementação dos painéis interpretativos se revistam de extraordinária importância no que concerne à eficácia da interpretação, respeitam apenas ao conjunto de factores que o emissor controla no processo comunicativo e que não correspondem à totalidade dos elementos que intervêm na actividade interpretativa. Por esta razão, a avaliação assume um papel de grande importância neste processo<sup>408</sup>.

Deste modo, propõe-se a concepção de onze painéis interpretativos<sup>409</sup> (que deverão ser redigidos de acordo com critérios já mencionados, de forma a potenciar as

---

<sup>407</sup> Vol. II, Apêndice F.2.4, p. AP.CCCLXXXVII

<sup>408</sup> Cap. 4.2.3.5, p. 111

<sup>409</sup> Neste total não estão incluídos os mapas (quer as reformulações, quer as novas propostas) uma vez que não são painéis interpretativos. Contudo, são importantes complementos da interpretação, motivo pelo

capacidades comunicativas e interpretativas destes suportes), os quais se devem dirigir a todos os tipos de públicos (ressalvando e como mencionado anteriormente, as faixas etárias mais jovens), uma vez que são os canais de comunicação prioritários. Destes onze, quase metade são propostas de reformulação dos painéis existentes<sup>410</sup> quanto à forma (nova tipologia de suportes), quanto às mensagens (reformulação de textos) e quanto à sua realocação<sup>411</sup>. Os restantes configuram-se como as respostas às carências identificadas pelo diagnóstico, propondo assim conteúdos que estavam em falta em localizações cruciais e que são da maior relevância para a interpretação do bem cultural<sup>412</sup>.

## 2) Placas identificativas / legendas

*“The object label is a critical element in the interpretive flow of information. (...) and answers a basic question: What is it?”* (DEAN, 1994:114)

As placas identificativas (*plaques*)<sup>413</sup> e as legendas (*labels*)<sup>414</sup>, no presente contexto, têm por objectivo facilitar o reconhecimento dos elementos existentes na área interpretativa. Enquanto que as primeiras exibem dados elementares sobre os bens culturais (designação, datação, autoria, material, etc.) (*idem*), as legendas<sup>415</sup> contêm informação detalhada sobre aqueles, que pode ainda ser complementada através de outros suportes interpretativos. A opção pela escolha de um ou outro elemento deverá ser efectuada conforme as suas características do local e os conteúdos que se pretendem transmitir, devendo a escolha de materiais guiar-se pelos mesmos pressupostos dos painéis para a interpretação ao ar livre. A utilização destes suportes na interpretação da comunicação da Gruta de Camões poderá colmatar algumas das lacunas identificadas no diagnóstico, principalmente naquelas que concernem à escassez de informação sobre o

---

qual integram as propostas 2, 3 e 4, e as tabelas 9 e 10 do Apêndice F.3, Vol. II, pp. AP.CDVI-AP.CDXXI.

<sup>410</sup> 1 sobre a vida e obra de Camões, 2 sobre dez gravuras d’*Os Lusíadas* e 1 sobre o Jardim Luís de Camões.

<sup>411</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 8, p. AP.CDX

<sup>412</sup> Destacam-se a caracterização e evolução do recurso patrimonial, a sua relação com os elementos circundantes, como o jardim e a Casa Garden, as transformações operadas e as personalidades envolvidas, a relevância para a História Local, etc.). Vol. II, Apêndice F.2, tabela 9, p. AP.CDXIV

<sup>413</sup> (HLF, 200:27)

<sup>414</sup> (HLF, 200:27)

<sup>415</sup> *Caption label* (DEAN, 1994:114)

monumento<sup>416</sup>, evitando ainda a repetição de informação nos painéis e aumentando assim o espaço disponível para a transmissão de outro tipo de mensagens sobre o recurso patrimonial. Devem dirigir-se, tal como os painéis interpretativos, à generalidade dos públicos-alvo. Propõem-se assim e respectivamente<sup>417</sup>, e em localizações específicas<sup>418</sup>:

- Duas placas identificativas, para o busto do poeta e o seu suporte: deverão conter informações concisas (designação e datas) e ser colocadas junto da placa comemorativa da transferência de poderes, de modo a obstruir o menos possível a contemplação dos bens culturais;

- Três legendas, para a lápide com a dedicatória de Rienzi e a inscrição da comemoração do “IV Centenário da Publicação d’*Os Lusíadas*”, para a lápide com os dísticos de Rienzi e para a área dos “Sonetos de Camões”: deverão apresentar denominação, datas de colocação no local, materiais, personalidades envolvidas e informações adicionais. A sua disposição deverá realizar-se, respectivamente, por cima e ao lado da primeira lápide referida e no recinto dos “Sonetos de Camões”, por cima da lápide que apresenta a estância d’*Os Lusíadas*.

### **3) Materiais impressos: publicações, folhetos, guias e catálogos**

*“The best leaflet in the world is useless if it is not found and enjoyed by those who can make use of it.”* (LCPC, 2007:45)

Os materiais impressos na forma de folhetos desdobráveis, guias, catálogos e recursos educativos (fichas de trabalho, etc.) de diferentes formatos, a cores ou em escala de cinza, são, a par dos meios atrás explanados, uma das opções interpretativas mais usadas neste contexto. A redacção dos textos deve ser submetida às regras abordadas previamente para a elaboração destes suportes escritos, sobretudo para os folhetos desdobráveis, mais apelativos para a generalidade dos públicos. Carecem, todavia, da rigidez constatada na produção de conteúdos para os painéis interpretativos,

---

<sup>416</sup> Por um lado, todas as notas explicativas encontram-se numa área diferente do monumento (junto ao acesso do jardim pela Praça Luís de Camões), e por outro, referem dados sobre a vida e obra do poeta, mas muito pouco conteúdo acerca do bem cultural ali localizado (prováveis datas da sua colocação, personalidades relacionadas, principais transformações, etc.).

<sup>417</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 10, p. AP.CDXIX

<sup>418</sup> Vol. II, Apêndice F.3, proposta 3, p. AP.CDXVII e proposta 4, p. AP.CDXXI



dado que se verifica uma maior segmentação neste domínio<sup>419</sup>. A preparação de cada um destes instrumentos deve estar sujeita ao cumprimento de normas, nomeadamente a adequação dos materiais, cores e *design* às mensagens a transmitir e aos públicos-alvo. De igual modo, também a sua implementação deve ser escrupulosa: seleccionar cuidadosamente os pontos de venda e distribuição; considerar a instalação de suportes com receptáculos para a colocação dos folhetos, os quais devem estar situados em locais acessíveis e com boa visibilidade para os visitantes; definir políticas de preços e planificar a manutenção destes instrumentos, a fim de evitar gastos desnecessários. Dada a inexistência, nesta fase, de uma infra-estrutura de apoio a esta modalidade interpretativa, sugere-se o estabelecimento de parcerias com instituições congéneres ou adjacentes ao monumento, para que alberguem alguns dos materiais impressos produzidos pelo CILC (e também outro tipo de recursos concernentes ao recurso patrimonial, tais como livros e registos visuais -filmes e fotografias), de modo a estarem disponíveis para todos aqueles que pretendam consultá-los. Esta vertente científica é de grande relevância, uma vez que configura parte da *Visão* que foi estabelecida para o CILC<sup>420</sup>. Os materiais poderão assim ser consultados por quem possua especial interesse nas temáticas abordadas (a nível pessoal ou para a realização de trabalhos escolares e académicos) ou mesmo exibidos em ocasiões e eventos específicos (10 de Junho, etc.).

Através do diagnóstico, constatou-se a existência de alguns materiais impressos que abordam sumariamente a Gruta de Camões, embora o façam de forma complementar ao verdadeiro objecto de comunicação, o Jardim Luís de Camões. São inexistentes, aliás, os folhetos, brochuras ou mesmo sítios na Web dedicados exclusivamente ao monumento (com excepção dos que se relacionam directamente com o património cultural). De forma a colmatar esta lacuna, apresentam-se três propostas<sup>421</sup>, as quais deverão ser traduzidas para diversos idiomas consoante as necessidades dos públicos:

- Um folheto desdobrável com informação simplificada acerca do local e que poderá ser lido por todos os visitantes;

---

<sup>419</sup> Geralmente os catálogos são direccionados para o público especializado, podendo, no entanto, produzirem-se guias mais generalistas para os “não especialistas” que pretendam aprofundar as temáticas ali abordadas.

<sup>420</sup> Cap. 4.2.3.1.1, p. 63

<sup>421</sup> É importante salientar que estas publicações respeitam exclusivamente aos valores patrimoniais evidenciados e a cada uma delas corresponderá um projecto de execução diferenciado, com os seus objectivos e particularidades próprias.

- Um guia da “exposição permanente” com conteúdos mais pormenorizados e que poderá assumir as funções de catálogo; é essencialmente dirigido à comunidade local e também a uma audiência mais especializada que procura aprofundar os seus conhecimentos sobre a temática;
- Recursos educativos (fichas de trabalho, etc.) para escolas secundárias, universidades e centros de aprendizagem de PLNM, cujos conteúdos irão divergir consoante o nível de ensino, os programas curriculares e a idade dos públicos.

#### 4) Passeios temáticos

Os passeios são percursos efectuados nas áreas circundantes à localização dos valores patrimoniais a interpretar. A sua organização assenta num conceito ou ideia, transmitida por suportes complementares (painéis, panfletos, etc.), cuja conexão origina uma narrativa temática dividida em várias partes. Este tipo de meio interpretativo carece de linearidade e prima, por isso, pela flexibilidade do trajecto, proporcionando a exploração livre das temáticas de acordo com o interesse e disponibilidade dos visitantes<sup>422</sup>.

Sugere-se assim a organização, para a interpretação da Gruta de Camões, de três passeios temáticos<sup>423</sup> cuja selecção ficará a cargo do público, consoante as suas preferências e o tempo disponível para a sua realização:

**- Proposta 1: A permanência de Camões em Macau.** Aborda a vida do poeta na cidade e, simultaneamente, aspectos relacionados com o desenvolvimento da urbe - já que o vate ali desembarcou nos primórdios do assentamento português -, enfatizando, para além do monumento, pontos de interesse relacionados com a temática, como sejam a muralha que dividia a “cidade cristã” da “cidade chinesa”; a área correspondente à Igreja de Santo António, primeiro domicílio dos Jesuítas em Macau, onde cultivavam a sua botica verde e que abarcava parte do jardim actual; a panorâmica sobre o Porto Interior e a China Continental e a parte antiga da cidade. Este passeio permitirá fomentar, não só um conhecimento mais aprofundado da biografia do poeta, mas

---

<sup>422</sup> Os passeios que possuem uma estrutura ininterrupta e sucessiva, percorrida continuamente, designam-se por circuitos (LUDWIG, 2003:26) e, dada a sua natureza, requerem de bastante espaço para a sua concretização. A configuração e as dimensões do Jardim de Camões não permitiriam a sua concretização, pelo que se optou pela solução acima descrita.

<sup>423</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 11, p. AP.CDXXII

também do próprio território, articulando-se com a História Local. Por este motivo, estes conteúdos demonstram ser mais propensos aos públicos-alvo constituídos pela comunidade residente e estudantes.

- **Proposta 2: Lourenço Marques e a Gruta de Camões.** Abrange o período em que o Comendador habitou a Casa Garden, as diversas intervenções operadas no monumento, destacando-se a construção do pórtico e a colocação do busto de bronze e as visitas de convidados ilustres ao local, as quais ficaram imortalizadas nas lápides com composições poéticas situadas no recinto defronte daquele. Este itinerário tem como objectivos a caracterização e evolução histórica e estética do monumento, adequando-se, portanto, a públicos mais especializados e à comunidade portuguesa e macaense.

- **Proposta 3: O Jardim Luís de Camões.** Intenta efectuar uma abordagem evolutiva deste espaço verde, cujo principal motor de desenvolvimento e expansão foi a presumível estadia do poeta português neste local. Embora a sua ampliação se tenha iniciado com a presença dos Jesuítas no Século XVI, a época de maior expansão coincidiu com a presença britânica na Casa Garden, cuja extraordinária diversidade botânica da propriedade, impulsionada por aqueles, foi responsável pelas reformas dos finais do Século XIX, as quais originaram o segundo jardim público de Macau. Já no Século XX, tem sido palco das cerimónias realizadas no 10 de Junho e actualmente é um símbolo das relações amistosas entre Portugal e China, ostentando uma escultura que celebra essa ligação secular. A relevância de Camões é ainda solenizada com a disposição de painéis de mosaicos figurativos dos cantos da Epopeia, da autoria de um dos mais conceituados artistas plásticos portugueses. Dada a transversalidade da temática, oferece uma perspectiva generalista do local e pode dirigir-se à comunidade local (portugueses e outros), a estudantes e a turistas.

Estes passeios podem ser realizados independentemente uns dos outros (ou em conjunto, complementando-se), a fim de proporcionar mais oportunidades de aprendizagem sobre o monumento e, apesar de particularmente dirigidos aos públicos mencionados, não excluem nenhum grupo que manifeste interesse em participar nestas actividades. Terão como meios de suporte alguns painéis de carácter geral, mas os principais auxiliares interpretativos serão os folhetos produzidos propositadamente para o efeito, dada a especificidade dos conteúdos, *podcasts* e ainda secções especializadas no sítio do Centro de Interpretação na Web.

## 5) Interpretação na primeira pessoa – *personal interpretation*<sup>424</sup>

*“Being guided by an entertaining and kindly host is often the most successful form of interpretation.”* (LCPC, 2007:42)

Embora a evocação de interpretação na primeira pessoa remeta imediatamente para as visitas guiadas, trata-se de uma categoria bastante ampla, que não se limita à prática acima referida mas que abrange uma multiplicidade de outras actividades - performances, palestras, *workshops*, etc. Estas não se resumem a meras conversas, muito pelo contrário, são dotadas de especificidade própria e por isso alvo de projectos de desenvolvimento individualizados. A interpretação na primeira pessoa consiste no diálogo/processo comunicativo estabelecido entre um intermediário - o guia, intérprete ou mediador - e os visitantes do recurso patrimonial no contexto de uma visita guiada, performance, demonstração etc., no decurso do qual são veiculadas as mensagens, na forma de ideias e conceitos, que se articulam através de um fio condutor – a temática. Sugiro assim que se organizem dois tipos de actividades com vista à interpretação dos valores patrimoniais da Gruta de Camões: visitas guiadas e recriações históricas.

### 5.1) Visitas guiadas

*“A walk is a moving talk where the interpreter guides the audience through a series of thematically planned stops, directly involving the audience with the resources.”* (WARD; WILKINSON, 2006:113)

As visitas guiadas consistem na relação comunicativa estabelecida entre os visitantes e os bens culturais, por intermédio de um guia, numa área específica, enfatizando os valores patrimoniais daqueles, assim como as suas características e atributos. De entre os vários meios interpretativos que têm sido alvo de apreciação nesta secção, estes emergem como os mais dinâmicos e, por isso, aqueles que mais favorecem a participação dos visitantes, a sua interacção com o recurso patrimonial e a sua envolvente (o que, no caso da Gruta de Camões, é particularmente relevante, dadas as associações entre o monumento, o jardim e o palacete) e ainda o despertar e o revelar de sensações e emoções relacionadas com os bens culturais. Contudo, este dinamismo não é inato a este meio interpretativo, muito pelo contrário, ele manifesta-se através do seu

---

<sup>424</sup> A designação original no contexto dos manuais de planificação interpretativa consultados é *personal interpretation* (LUDWIG, 2003:18), tendo-a traduzido livremente para português como “interpretação na primeira pessoa”.

intermediário, o guia, pelo que os benefícios da visita dependem então do modo como esta é conduzida e, em última análise, dos atributos e idiossincrasias desta figura<sup>425</sup>.

A tipologia das visitas guiadas é diversificada<sup>426</sup>, variando em função das mensagens a transmitir e dos seus receptores. Neste caso em concreto, propõem-se dois tipos de visitas guiadas subjacentes a uma temática específica - ambas exigindo um processo de planeamento prévio (este é fundamental para o seu êxito e deve assentar na investigação realizada previamente): as estruturadas e as que abordam um fenómeno sob diversas perspectivas, ambas dirigidas a dois tipos de audiências - o público em geral e os estudantes<sup>427</sup>. Mantêm, por isso, a mesma organização, mas diferem nos conteúdos apresentados e deverão ser divulgadas pelos meios complementares (folhetos, sítios na internet, parcerias com outras instituições, etc.), explicitando a duração, local de início e de término. Os temas<sup>428</sup> gravitam em torno de aspectos específicos concernentes ao monumento e a sua localização, podendo coincidir com os já tinham sido propostos para os passeios<sup>429</sup>. Para o primeiro segmento, mais generalista, pretende-se fornecer uma perspectiva histórica do local e sua envolvente, iniciando-se a visita com a presumível estadia do poeta português em Macau. É este o ponto de partida para a abordagem ao monumento e as suas principais transformações, com destaque para as encetadas por Lourenço Marques, que condicionaram o desenvolvimento do espaço verde e onde se continuam a realizar as cerimónias de comemoração do 10 de Junho, momento de grande relevância simbólica para duas das comunidades locais. As visitas dirigidas aos estudantes e dependendo das suas finalidades, aferidas antecipadamente, intentam dar primazia a conteúdos que salientam os episódios da História Local, a fim de estabelecer uma relação com o património cultural, assentando, contudo, na mesma temática. Apenas o seu tratamento será diferenciado. Estruturalmente, as visitas guiadas irão dividir-se em três partes - introdução, corpo e conclusão -, cada uma delas correspondendo a locais específicos, onde o guia alimenta, paulatinamente e através do discurso, a imaginação e o interesse dos visitantes

---

<sup>425</sup> Vol. II, Anexo A.2, p. AN.V

<sup>426</sup> (LUDWIG, 2003:19-20)

<sup>427</sup> Vol. II, Apêndice F.3, proposta 5, p. AP.CDXXIV e tabela 12, p. AP.CDXXVI

<sup>428</sup> Apesar das visitas guiadas se desenvolverem em torno de temáticas pré-estabelecidas, tal não invalida a incorporação do inusitado e do inesperado na estrutura das mesmas, deixando assim espaço para a criatividade e para o fluxo dos acontecimentos. Mesmo os temas que não estão planeados podem e devem ser abordados, consoante as solicitações e necessidades das audiências.

<sup>429</sup> pp. 103-104

relativamente aos assuntos em foco. Os pontos de início e término, assim como os tempos de paragem, devem estar bem evidenciados na planificação.

Relativamente às visitas guiadas que adoptam diversas perspectivas sobre determinado fenómeno, propõe-se que se organizem em torno de temas concretos previamente definidos, tal como a “Gruta de Camões”, abordada em todas as suas vertentes - importância histórica, artística, etc. – (incluindo várias versões do busto, alterações do local, visitas de ilustres, lápides e poemas, etc.). No entanto e mediante solicitações específicas (por exemplo, por parte de estudantes ou investigadores), devidamente atempadas, outros temas poderão ser percorridos.

## **5.2) Recriações/encenações históricas – *living history***

Este tipo de meio interpretativo consiste numa encenação teatral apresentada aos visitantes (com actores contratados ou funcionários da modalidade interpretativa), na forma de recriação de episódios históricos relacionados com o recurso patrimonial a interpretar. Neste sentido, o bem cultural pode beneficiar deste tipo de performances realizadas ocasionalmente, em feriados ou dias específicos relacionados com o monumento, o que contribuirá para maximizar seu potencial interpretativo e comunicativo. Sugerem-se encenações históricas no dia 10 de Junho e em outras datas simbólicas, ilustrando o quotidiano de Camões durante a sua presumível permanência em Macau, a época em que Lourenço Marques habitou na Casa Garden e na qual se verificaram as maiores transformações no monumento, as visitas que recebeu dos convidados “ilustres” e as composições de homenagem ao poeta, podendo-se articular estes episódios com a História Local, através de conteúdos que abranjam igualmente o desenvolvimento do jardim e do palacete anexo<sup>430</sup>.

## **6) Tecnologias da informação e comunicação<sup>431</sup>**

### **6.1) Sítios em linha/redes sociais**

*“Websites, an online window to your heritage asset.” (HLF, 2009:30)*

---

<sup>430</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 12, p. AP.CDXXVII

<sup>431</sup> Vol. II, Tabela 13, p. AP.CDXXVIII

O desenvolvimento das TICs confere à interpretação dos valores patrimoniais novas potencialidades criativas e possibilidades de aprendizagem sem precedentes, para além de permitirem um alcance superior relativamente aos *media* “tradicionais”. Assim, a presença dos equipamentos culturais na internet, através de sítios, blogues e redes sociais (as quais possuem actualmente grande impacto junto dos utilizadores), configura-se como uma necessidade premente que não pode ser olvidada por aquelas instituições. Embora cada uma destas ferramentas cibernéticas possua objectivos distintos, o seu uso deve ser combinado, de forma a maximizar as potencialidades comunicativas de cada uma.

Assim, sugere-se que o CILC detenha um sítio na internet (actualizado periodicamente)<sup>432</sup>, que se pretende um reflexo da instituição em todas as suas vertentes e que simultaneamente marque presença em redes sociais como o *facebook* e o *twitter*<sup>433</sup>, construindo uma relação de maior proximidade com os seus visitantes, a qual deve favorecer a interactividade e a partilha. Deste modo, os principais conteúdos a abordar pelo sítio na Web, que deve ser (pelo menos numa primeira fase) trilingue (mandarim, português e inglês), são: localização e acesso; história; missão e objectivos; “exposição”; actividades; recursos e materiais; mapa do sítio e contactos<sup>434</sup>.

## **6.2 ) Aplicações para dispositivos móveis/ “áudio-media”**

A evolução tecnológica proporcionou ainda a criação de mecanismos de interpretação inovadores para as modalidades interpretativas. Salientam-se, neste domínio, as aplicações para *tablets* e *smartphones* e os *podcasts*<sup>435</sup>, os quais desempenham um papel de grande relevância neste programa interpretativo devido à conjugação de três factores: ao consumo elevado deste tipo de dispositivos em Macau e na RPC, à excelente cobertura de *wi-fi* no território e à popularidade granjeada por eles entre os mais jovens, podendo servir de estímulo à visita ao bem patrimonial.

---

<sup>432</sup> Vol. II, Tabela 13, p. AP.CDXXVIII

<sup>433</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com); [www.twitter.com](http://www.twitter.com);

<sup>434</sup> Vol. II, Apêndice F.3, diagrama 2, p. AP.CDXXXI

<sup>435</sup> Apesar de não serem novidade, apresentam agora uma nova configuração e potencialidades que permitem aprimorar o processo interpretativo, uma vez que podem ser combinados com os dispositivos móveis.

Sugere-se assim o desenvolvimento de aplicações especificamente concebidas para os recursos patrimoniais em debate<sup>436</sup>:

- Colocação de oito códigos de barras (*Qr code*)<sup>437</sup> junto das legendas e placas identificativas, os quais irão redireccionar os visitantes para o sítio na internet (requerendo por isso ligação *wi-fi* no local), permitindo aprofundar a informação. Sugere-se ainda a disposição destes dispositivos junto dos penedos e das placas comemorativas da transferência de soberania e da organização, pela OMP/IIM, do Encontro Internacional dedicado a Camões, articulando-se a informação constante do código de barras com a que irá estar presente nos painéis interpretativos, providenciando assim conteúdos suplementares sobre o monumento, estimulando a interpretação;
- Desenvolvimento de um *app*<sup>438</sup> para o CILC, constituído por textos e gráficos multilingues (mandarim, português, inglês, francês e japonês) e inteligíveis para a generalidade dos públicos, podendo possuir, no entanto, elementos adicionais para quem pretende explorar mais aprofundadamente o monumento;
- Produção de dois *podcasts* multilingues e de temáticas variadas, que podem ser descarregados no sítio do CILC na Web.

Estes suportes, extremamente versáteis, adaptam-se à generalidade dos públicos<sup>439</sup> embora na elaboração dos conteúdos textuais devam observar-se procedimentos normativos semelhantes aos indicados para os painéis interpretativos, devendo ainda ser actualizados periodicamente e sempre que necessário.

#### 4.2.3.4 Implementação – projectos

No decurso do procedimento de planificação interpretativa, suceder-se-á a sua materialização através de acções concretas – projectos -, as quais resultarão da combinação entre os resultados obtidos pelo diagnóstico<sup>440</sup>, da dissecação das variáveis

---

<sup>436</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 12, p. AP.CDXXIX

<sup>437</sup> A leitura do símbolo é realizada através de um programa adequado (*Qr reader*) instalado no dispositivo móvel.

<sup>438</sup> O termo “app” é traduzido do inglês para português como “aplicação” e refere-se aos programas informáticos que actualmente são concebidos especialmente para dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, mas diferindo dos primeiros pelo facto de necessitarem menos espaço em disco e por possuírem funcionalidades reduzidas.

<sup>439</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 4, p. AP.CCCLXXXV-AP.CCCLXXXVI

<sup>440</sup> Vol. II, Apêndice F.2, tabela 6, p. AP.CCCXCIX



explanadas (objectivos, mensagens e audiências)<sup>441</sup> e respectivas propostas aduzidas em cada uma das devidas secções<sup>442</sup>. Cada uma das propostas enumeradas corresponderá a um projecto individualizado, com objectivos, metodologias, regras, custos e prazos de execução distintos<sup>443</sup>. Sugere-se assim que o programa interpretativo da Gruta de Camões seja composto por um total de 46 projectos<sup>444</sup>:

- 22 projectos de interpretação *in situ*: 11 painéis interpretativos; 2 placas identificativas; 3 legendas e 6 mapas (apesar de não contarem como painéis, respeitam à sinalética e por isso integram igualmente esta secção);
- 5 projectos de publicações: 2 folhetos desdobráveis (1 em português/inglês e outro em mandarim); 3 guias do CILC, traduzidos para cada um dos idiomas referidos e fichas educativas, que ainda não são possíveis de serem contabilizadas uma vez que serão elaboradas previamente às visitas e consoante as necessidades dos públicos;
- 4 projectos de interpretação na primeira pessoa: 3 tipos de visitas guiadas (2 estruturadas e 1 visita que adopta várias perspectivas sobre determinado fenómenos) e 1 tipo de recriação histórica;
- 3 projectos de actividades *in situ*: 3 passeios temáticos;
- 12 projectos<sup>445</sup> de TICs: 1 sítio na Web e 1 *app* do CILC, ambos traduzidos para vários idiomas; 8 códigos de barras, um junto de cada legenda e placa identificativa e ainda 2 adjacentes aos penedos e das duas placas comemorativas; 2 *podcasts*, um que acompanha os passeios temáticos e o outro que relata pequenas histórias relacionadas com os elementos associados ao monumento (busto, lápides, etc.)

---

<sup>441</sup> Vol. II, Apêndice F.2, tabela 5, pp. AP.CCCXCVII

<sup>442</sup> Cap. 4.2.3.3.1, Cap. 4.2.3.3. e Cap. 4.2.3.3.3, pp.86-108

<sup>443</sup> Apesar de se proporem nesta secção uma contabilização dos projectos a executar para a concretização do programa interpretativo, estes não irão ser, como referido anteriormente, dissecados nem analisados.

<sup>444</sup> Vol. II, Apêndice F.3, tabela 7, pp. AP. CDIV

<sup>445</sup> Não estão incluídas neste número as presenças nas redes sociais uma vez que requerem apenas a sua inscrição nos respectivos sítios da Web.

#### 4.2.3.5 Avaliação, manutenção e seguimento

*“Creating interpretation isn’t a “once and done” kind of exercise – it’s a dynamic process that requires an ongoing commitment to maintain visitor’s interest in your resource and in the stories you’re telling.” (LCPC, 2007:43)*

A avaliação da interpretação constitui a última etapa da estratégia de elaboração do plano e é fundamental para a subsistência e manutenção de todo o procedimento<sup>446</sup>. A avaliação pode ser definida como a averiguação sistemática e organizada de um conjunto de procedimentos - assente em indicadores previamente definidos, os quais irão fundamentar a análise -, procurando determinar se o seu desempenho se está a efectuar satisfatoriamente. Existem, no contexto interpretativo, três tipos de avaliação, que correspondem a diferentes momentos da sua execução na estratégia de planificação e portanto, têm finalidades e métodos diferenciados: **avaliação preliminar**, **avaliação formativa** e **avaliação final** ou **sumativa**<sup>447</sup>. O primeiro tipo é uma avaliação executada previamente à elaboração do plano. Aplicando os métodos e técnicas mais adequadas, tem por objectivo investigar/averiguar as audiências (perfis sócio-demográficos, etc.), os conhecimentos prévios que estas detêm sobre as temáticas a apresentar ou quais as suas áreas de interesse preferenciais. O segundo tipo desenrola-se durante a concepção dos projectos, acompanhando, por exemplo, a redacção de textos dos painéis interpretativos e a preparação do seu *layout*, das publicações ou das visitas guiadas. Tem por finalidade melhorar o programa durante o seu desenvolvimento, através da análise das versões de teste dos projectos. Responde a questões como: *“What are the strengths and the weaknesses of the program? How can it be improved? What is working well and what is not?”* (KORN, 1989:223) Estes dois tipos de avaliação realizados concomitantemente à estratégia interpretativa são extremamente importantes, pois permitem obter *feedback* de grande utilidade para a concretização das metas iniciais estabelecidas pelo plano de interpretação, operando, simultaneamente, como coadjuvantes das etapas posteriores. Por último, a avaliação sumativa ou final é o tipo mais comum de avaliação, realizado no final da estratégia e aquele ao qual os manuais de boas-práticas e bibliografia de referência aludem quando abordam esta temática. É

---

<sup>446</sup> Vol. II, Apêndice F.4, diagrama 3, p. AP.CDXXXIII.

<sup>447</sup> Cada tipo de avaliação possui propósitos diferenciados dos demais, pelo que os métodos e técnicas adequados são selecionados em função dos primeiros. A tabela 15 do Apêndice F.4, no Vol. II, pp. AP.CDXLV, apresenta o cruzamento dessas variáveis, exibindo as propostas apropriadas a cada momento de apreciação.

recorrentemente usado pelas modalidades interpretativas e museus e visa determinar o sucesso ou insucesso da actividade interpretativa, conhecer o funcionamento do processo de avaliação e desenvolver um sentido crítico, retirando conclusões que possam ser úteis no futuro, obtendo-se respostas para as interrogações “*Has the program been effective? Should the program continue? Did the program produce the desired outcome?*” (Id., Ibid.) “*Is our interpretation meeting its objectives?*” (INTERPRETIVE PLANNING, s/d:3)

Todavia, nem sempre os resultados obtidos imprimem melhorias ao processo, uma vez que estas conclusões podem surgir tardiamente, numa fase em que já não é possível fazer alterações no programa interpretativo ou nos diversos projectos. Por este motivo, estas práticas devem ser adoptadas desde o início da planificação do CILC e do seu plano de interpretação, integrando, na estratégia, os três tipos de avaliação atrás definidos<sup>448</sup>.

Importa ainda ressaltar que a avaliação da interpretação, na perspectiva dos receptores, é apenas um dos tipos de aferição que a modalidade interpretativa deve prosseguir no âmbito das suas actividades<sup>449</sup>. Também a estratégia de planificação do CILC deverá ser examinada na sua totalidade, num processo de auto-avaliação, para assegurar que cumpre os seus propósitos, podendo empregar nessa tarefa a *Carta Ename do ICOMOS para a Interpretação do Património Cultural*<sup>450</sup>, como bitola de aferição<sup>451</sup>. Assim, os princípios de interpretação aí consignados devem ser assinalados sempre que a modalidade interpretativa os faça cumprir<sup>452</sup>.

Contudo e apesar da relevância dos vários tipos de avaliação referidos, nesta secção irão propor-se apenas os métodos e técnicas para a avaliação sumativa, uma vez

---

<sup>448</sup> Esta tarefa foi sendo efectuada ao longo do trabalho, mesmo não possuindo essa designação. Na secção referente à delineação de mensagens e públicos-alvo da interpretação dos valores patrimoniais associados à Gruta Camões, salientei a importância da realização de estudos de públicos, a fim de se conhecerem previamente os visitantes do monumento e os seus interesses e motivações, tarefa que corresponde claramente à avaliação preliminar. Por outro lado, a necessidade de testar os meios interpretativos antes da implementação final da estratégia configura a avaliação formativa.

<sup>449</sup> Qualquer instrumento estratégico a que a instituição se proponha desenvolver no futuro, deve ser acompanhado da respectiva avaliação. Neste caso ela concerne apenas à interpretação, uma vez que o plano proposto se situa somente neste quadrante.

<sup>450</sup> Vol. II, Anexo A.1.1, p. AN. II

<sup>451</sup> “Today, the best gauge of effective interpretation is a set of principles adopted by the International Council on Monuments and Sites (ICOMOS), a non-governmental organization dedicated to conserving the world’s historic monument an sites. (...) It’s an extensive checklist, so don’t feel as though you have to say “yes” to every item. It’s just meant to inspire you to think more critically about the interpretation you create.” (LCPC, 2007:43)

<sup>452</sup> Vol. II, Apêndice F.4.1, p. AP.CDXXXIV

que se pretende averiguar a eficácia e o sucesso da actividade interpretativa após a sua implementação (sendo que os indicadores a empregar neste processo serão os objectivos formulados na fase inicial da estratégia) e aperfeiçoar as lacunas e imperfeições que subsistirem. Para além destas finalidades, quaisquer resultados obtidos poderão ser de grande utilidade em planificações futuras<sup>453</sup>.

A metodologia de avaliação é diversificada e interdisciplinar e as suas técnicas podem ser directas e indirectas, no que concerne à sua intrusão no processo interpretativo, ou quantitativas e qualitativas consoante o tipo de resultados (numéricos, opiniões, comportamentos, etc.) que se pretendem obter<sup>454</sup>. Similarmente aos meios interpretativos, cada método apresenta vantagens e desvantagens<sup>455</sup>. Contudo, a obtenção de resultados mais seguros e com maior representatividade é assegurada pela combinação de vários métodos. A sua selecção irá depender de um conjunto de factores: objectivos, questões que necessitam de ser respondidas, etapa em que a avaliação será empreendida, orçamento disponível e pormenores técnicos, de modo a que a metodologia seja a mais adequada ao caso em questão, em função das suas características e particularidades. Quaisquer que sejam os métodos e técnicas a empregar, deverão ser alvo de uma planificação estruturada<sup>456</sup>.

Apresento, de seguida, as técnicas de avaliação que considero mais apropriadas para examinar a eficácia da interpretação da Gruta de Camões (avaliação final): observação não participante, inquéritos por questionário e entrevistas estruturadas<sup>457</sup>.

### **3.1) Observação não participante**

A observação é a técnica mais indicada para estudar o comportamento dos visitantes e suas atitudes durante a visita ao recurso patrimonial<sup>458</sup>. Para as finalidades definidas previamente, a observação não participante revela-se a mais indicada para este caso, uma vez que não é intrusiva e não interfere nem com o ritmo nem com o percurso

---

<sup>453</sup> “Above all, evaluation will provide irrefutable evidence of whether your interpretation is working, or whether that your plan will work. (...) If it doesn’t, evaluation will, most likely, indicate why not, thereby indicating, at least in part, that there is a problem. It may also suggest a way to rectify that problem.” (SAVAGE&JAMES, 2001:7)

<sup>454</sup> Vol. II, Apêndice F.4, tabela 16, p. AP.CDXLVII

<sup>455</sup> Vol. II, Apêndice F.4 tabela 14, p. AP.CDXXXVIII

<sup>456</sup> Vol. II, Apêndice F.4.2, p. AP.CDXLI

<sup>457</sup> Vol. II, Apêndice F.4, tabela 17, p. AP.CDXLVII

<sup>458</sup> A sua versatilidade permite que seja aplicada em qualquer dos tipos de avaliação previamente mencionados.

dos públicos. De entre as várias técnicas usadas proponho o acompanhamento dos visitantes e as contagens, para colectar, respectivamente, dados qualitativos e dados quantitativos.

A primeira tem por objectivo conhecer os trajectos das audiências, que elementos do recurso patrimonial lhes interessam particularmente, etc., pelo que envolve o acompanhamento discreto dos seus percursos, a cronometração dos tempos (de paragem, de contemplação do bem cultural, etc.) e ainda a audição de algumas das suas conversas (visando a obtenção de dados suplementares que enriqueçam a análise final). Pretendo assim, através deste método, recolher um significativo conjunto de informações<sup>459</sup>, nomeadamente: Quantos visitantes circulam diariamente pelo Jardim de Camões? Quantos desses visitantes se deslocam à Gruta de Camões? Qual o acesso preferencial ao espaço verde? Qual o percurso efectuado? Quanto tempo despendem na observação do bem cultural? Quais os meios interpretativos que mais captam a sua atenção? Quanto tempo demoram a ler os painéis interpretativos? Foi-lhes entregue um folheto desdobrável? Quais os aspectos que suscitam a sua curiosidade ou interrogação? Vêm sozinhos ou acompanhados? Estão integrados numa excursão? A segunda técnica tem por finalidade a recolha de estatísticas de acesso, as quais serão obtidas em moldes diferentes dos habitualmente empregues em outras modalidades interpretativas e museus, uma vez que os valores patrimoniais se localizam num espaço gratuito e de livre acesso, com três pontos de entrada e saída. De uma perspectiva logística, a contabilização manual não é sustentável (dado que não existem recursos humanos disponíveis para permanecerem durante o dia inteiro nas várias entradas do jardim) e, por isso, sugerem-se dois tipos de contagem: as realizadas nas visitas guiadas, com ou sem marcação, e as informais, efectuadas diariamente junto ao monumento, em vários momentos do dia, com particular destaque para fins-de-semana, feriados ou outras ocasiões onde o fluxo de visitantes seja mais elevado.

### **3.2) Inquéritos por questionário**

Os inquéritos por questionário neste contexto têm por objectivo reunir no mesmo local um conjunto de informações acerca da interpretação dos bens culturais e podem ser aplicados em todas as fases de avaliação daquela. Podem ser auto-administrados ou

---

<sup>459</sup> Vol. II, Apêndice F.4, proposta 6, p. AP.CDXLVIII

administrados por um intermediário, cada uma das formas de aplicação possuindo vantagens e desvantagens<sup>460</sup> e devem ainda ser alvo de planificação prévia<sup>461</sup>, de modo a que a sua elaboração prime pelo rigor, o qual se irá reflectir na qualidade e na relevância dos dados obtidos. O inquérito por questionário afigura-se como uma das técnicas mais apropriadas para examinar a efectividade do processo interpretativo dos valores patrimoniais associados à Gruta de Camões. As respostas às questões colocadas e o seu cruzamento com os dados obtidos pela observação não participante irão permitir uma abordagem sólida aos objectivos delineados para cada projecto.

Sugerem-se assim dois tipos de questionários aplicar *in situ*: estudo de públicos a efectuar no decorrer da estratégia interpretativa (e os quais já foram abordados previamente)<sup>462</sup>, inquirindo os visitantes da Gruta de Camões, e inquéritos de avaliação final, após a implementação dos vários projectos constituintes do programa interpretativo<sup>463</sup>. Dadas as suas características e peculiaridades e porque se trata de um espaço ao ar livre - inadequado para a existência de suportes que contenham questionários em papel, que poderiam estar sujeitos à degradação, vandalismo ou condições climáticas adversas -, propõe-se que os questionários sejam administrados por um membro da equipa de projecto ou alguém designado para essa tarefa, através de contratação externa. A actividade interpretativa realizada mediante as tecnologias da informação e comunicação - o sítio do CILC na Web e os *apps* - necessita igualmente de aferição de resultados. Por este motivo, o sítio em linha deve disponibilizar, em secção própria, um formulário com vista à obtenção de *feedback* destes meios interpretativos em concreto, mas estendendo o seu âmbito à interpretação *in situ* incluindo por isso questões relacionadas com aquele.

### 3.3) Entrevistas estruturadas

As entrevistas estruturadas configuram-se como uma excelente técnica para a obtenção de dados qualitativos, explorando em profundidade elementos que não são possíveis de serem apreendidos na sua totalidade por outros métodos. Uma vez que são intrusivas e consomem bastante tempo na sua aplicação, adequam-se particularmente a pequenos grupos e a finalidades específicas.

---

<sup>460</sup> Vol. II, Apêndice F.4, tabela 14, pp. AP.CDXXXIX-AP.CDXL

<sup>461</sup> Vol. II, Apêndice F.4, diagrama 4, p. AP.CDLIII

<sup>462</sup> Cap. 4.2.3.3.2, p. 90

<sup>463</sup> Vol. II, Apêndice F.4, proposta 7, p. AP.CDLV

Devido às características e perfis das audiências (visitantes de diferentes proveniências, que requerem entrevistadores multilingues, e grupos excursionistas, com pouco tempo disponível para outras actividades que não sejam as que foram programadas previamente), as entrevistas deverão ser realizadas com alguma parcimónia e apenas na presença de propósitos claros e bem formulados. Correspondem a estas premissas as entrevistas a efectuar às amostras de cada um dos segmentos dos públicos-alvo, no início e no fim da implementação dos projectos, visando: o conhecimento aprofundado das suas características pessoais, das suas motivações de visita, dos seus interesses na temática, do cumprimento de expectativas relativamente à visita ao recurso patrimonial e das opiniões desenvolvidas e fundamentadas relativamente à interpretação da Gruta de Camões.

Por último, importa atentar no facto de que a proficuidade dos resultados obtidos através destes métodos e técnicas recai em três parâmetros que devem ser cuidadosamente seguidos: validade, confiança e representatividade. O primeiro é condicionado pela selecção adequada das técnicas de examinação, que se devem coadunar com os objectivos avaliativos formulados previamente; o segundo preocupa-se com a coerência e consistência dos dados obtidos no intervalo de tempo estabelecido para a implementação do processo de avaliação, observando que a repetição de padrões é determinante no grau de confiança dos resultados; por fim, a representatividade é fulcral neste procedimento, uma vez que implica a preparação cuidada da amostragem. No âmbito da interpretação da Gruta de Camões, estas normas revestem-se de particular relevância dada a singularidade do recurso patrimonial e do tipo de audiências definidas, as quais necessitam, como anteriormente assinalado, de estudos prévios que facilitem a constituição de amostras entre o universo dos visitantes e a implementação dos métodos de avaliação.

O desempenho destas tarefas de avaliação poderá ficar a cargo dos próprios funcionários do CILC (que deverão integrar o processo de avaliação desde o seu início), ou ser realizada por profissionais externos contratados, com experiência e competências adequadas para estas funções. No presente caso e numa primeira fase, estas funções poderão ser exercidas pelos próprios membros do projecto, ou através da realização de parcerias com as referidas universidades e instituições de Ensino Superior. Numa fase posterior e após o período de implementação do equipamento interpretativo, poderá recorrer-se a profissionais especializados.

Por último, é imprescindível salientar que o valor e a utilidade da avaliação dependem da sua aplicação concreta para aperfeiçoar e modificar os aspectos negativos, imperfeitos ou cujo funcionamento suscitava dúvidas. A avaliação *per se* não possui valor, tal sucede apenas quando os dados obtidos tiverem aplicação prática.

Após a implementação e avaliação do programa interpretativo, a sua manutenção e seguimento devem ser realizadas periodicamente, a fim de assegurar que todos os componentes do programa se encontram a funcionar correctamente. As técnicas a empregar no cumprimento destas tarefas divergem consoante os elementos em causa, pelo que só após a execução dos projectos é possível delinear tal estratégia. Todavia, esta deverá assentar, indubitavelmente, em vistorias regulares ao monumento e meios interpretativos, visando a aferição preliminar do seu estado de conservação - principalmente após a ocorrência de fenómenos climatéricos extremos, como tufões e tempestades tropicais -, o correcto funcionamento dos suportes interpretativos (painéis correctamente instalados, etc.), a reposição dos folhetos desdobráveis nos locais designados, etc. A identificação das anomalias deve ser registada em documento próprio para o efeito e comunicada à Direcção do Centro de Interpretação, para que sejam tomadas as medidas mais adequadas consoante a gravidade do sucedido. Salienta-se ainda que, neste domínio, as tarefas acima evidenciadas devem ser articuladas com a DEV, departamento do IACM que assegura a gestão e a limpeza dos espaços verdes de Macau, criando sinergias para a manutenção da limpeza, higiene e segurança do recurso patrimonial, que é pertença de todos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redacção desta proposta de projecto, visando a criação de um centro de interpretação e do seu plano de interpretação para os valores patrimoniais associados à Gruta de Camões em Macau, revelou-se uma tarefa árdua - devido às condicionantes particulares do território -, mas simultaneamente desafiante, pelas mesmas razões, já que aquelas produziram um extraordinário e notável património cultural, fruto da convivência multicultural. Assim, os principais reptos colocados à concepção do programa interpretativo proposto relacionam-se com a inexistência de um acervo “convencional”, com a configuração multicultural da sociedade onde ele seria implementado e ainda com os públicos-alvo definidos.

A primeira situação levantou múltiplas questões a nível da estratégia de planificação, uma vez os atributos singulares dos valores patrimoniais a interpretar, radicados na presumível presença de Camões em Macau, não encontravam correspondência na maioria das propostas de planificação interpretativa existentes nos manuais consultados. Contudo, essas inquietações foram ultrapassadas com o auxílio dos diversos instrumentos de planificação interpretativa adaptados a este contexto, produzindo metodologias específicas que facilitaram a formulação de uma proposta mais concreta. A segunda situação revelou-se bastante mais complexa e até paradoxal; a convivência dos diferentes povos desde os tempos do assentamento português e que moldou a configuração cultural e étnica do território, servindo de alavanca ao seu desenvolvimento (particularmente no período de crescimento mais intenso), foi (e continua a ser) geradora de múltiplas concepções da realidade e do mundo, quer ancoradas nas suas próprias tradições culturais, quer veiculadas pelo (também) intrincado sistema educativo, e que em alguns casos podem colidir com a origem do bem cultural retratado neste trabalho de projecto, uma vez que o modo de atribuição do território aos portugueses nunca gerou consenso. A terceira e última situação, embora englobe todos os segmentos de audiência, apresenta-se diferenciada para cada grupo, uma vez que cada um é detentor das suas próprias idiossincrasias, interesses e motivações, os quais deverão ser, para efeitos da eficácia da estratégia interpretativa, aferidos por estudos de públicos específicos e adequados, como salientado anteriormente.

Assim, e no caso dos turistas culturais, urge a qualificação dos recursos humanos e a diversificação linguística das suas ofertas, sobretudo no caso do português, que tem tido interesse crescente não só em Macau, como também na RPC. No que concerne aos públicos escolares e grupos educativos e considerando as dificuldades imputadas à já referida diversidade de opções de ensino, a abordagem a efectuar deve ser cuidadosa e calculada, privilegiando as relações com o ensino formal, quer a nível do Secundário (sobretudo com a disciplina de História), quer a nível do Ensino Superior. Na primeira situação e apesar das particularidades de que aquele se reveste, seria fundamental articular as mensagens do programa interpretativo com os conteúdos programáticos da disciplina, focando a História Local (do qual faz parte o bem cultural e a sua envolvente), ainda que a ênfase daqueles seja a História da R.P.C (CLAYTON, 2002). Assim, as mensagens a veicular poderiam complementar a aprendizagem formal e simultaneamente inculcar valores de preservação, protecção e salvaguarda do património local, os quais se apresentam como uma mais-valia a nível educativo e cívico, respondendo, simultaneamente, aos propósitos das instituições que tutelam e gerem o património cultural do território e coadunando-se com as metas traçadas pelo equipamento interpretativo proposto por este trabalho de projecto. Para além destas finalidades, o conhecimento do património cultural local veiculado através da disciplina acima referida é extremamente relevante nos processos de redefinição e reafirmação das identidades culturais dos sujeitos, nos quais o território desempenha um papel crucial face à configuração étnica e cultural de Macau e ao aumento dos fluxos migratórios: *“(...) introduce Macao history as topic in Macao’s middle schools, so to educate young people into the sense of appreciation for and belonging to their city that provide them with a strong collective identity as “Macao people”.* (Ibid., 170) No caso do Ensino Superior e dos aprendentes de PLNM, com graus de aprendizagem e necessidades pedagógicas distintas dos primeiros, mantém-se a mensagem de preservação, mas acresce-se uma componente cultural muito importante ao ensino da língua, reforçando assim a sua assimilação. Por último, a comunidade local, não só a macaense ou portuguesa, mas a comunidade de Macau como um todo, poderia adoptar o centro de interpretação como elo de ligação entre os indivíduos e o património do local onde habitam e que por esse motivo é também seu e não apenas exclusivo de determinados grupos culturais.

Neste âmbito, o programa interpretativo, que tem como objecto Macau - mas ancorado na sua ligação secular com Portugal e nas relações multiculturais que moldaram a configuração patrimonial do território - poderia contribuir especificamente e no que respeita aos três segmentos identificados, para: o conhecimento e interpretação dos valores patrimoniais associados à Gruta de Camões, a promoção do conhecimento histórico local e a reflexão sobre temáticas diversas, como sejam: a protecção e salvaguarda do (*seu*) património cultural, a relação entre este e o território (cada vez mais a âncora dos processos de redefinição das identidades individuais e colectivas num mundo globalizado) e o seu papel enquanto cidadãos do mesmo e, simultaneamente, sensibilizar a população para esta, *a sua*, herança cultural, em risco de ser alterada ou mesmo aniquilada (como já aconteceu num passado recente, quando muito do edificado de valor histórico-patrimonial de Macau foi preterido em função de uma paisagem urbana de betão) devido ao intenso e rápido desenvolvimento da cidade.

A mensagem de preservação patrimonial, que é o foco deste trabalho de projecto, poderia ser amplificada com a constituição de parcerias entre a modalidade interpretativa e outras organizações, articulando-se assim com os seus propósitos e missões, permitindo beneficiar ambas as partes. Tendo já sublinhado a importância das relações a forjar com os estabelecimentos educativos, importa ainda referir as instituições detentoras ou que tutelam património cultural, como é o caso do IC de Macau (articulando-se com a *Lei de Salvaguarda do Património Cultural*, ainda em aprovação, e configurando uma das disposições da UNESCO relativamente à protecção do património classificado), museus e organizações congéneres e as instituições oficiais de divulgação turística. Estas poderiam usufruir da vantajosa relação com Portugal e a Língua Portuguesa para fornecer um produto distinto, atraindo mais visitantes ao território. Sendo Macau um território de dimensões reduzidas mas com uma oferta cultural e turística que prima pela quantidade e qualidade, a criação de sinergias entre as entidades acima referidas revelar-se-ia como uma mais-valia para todos os envolvidos e contribuiria para a dinamização e valorização quer da oferta de Macau neste domínio, quer da própria modalidade interpretativa.

## BIBLIOGRAFIA

### MACAU: HISTÓRIA E PATRIMÓNIO CULTURAL

- ARESTA, António; VEIGA DE OLIVEIRA, Celina, 2009, **Macau - Uma História Cultural**. Lisboa: Fundação Jorge Álvares.
- CLAYTON, Cathryn Hope, “History of and for Macao. Some observations on teaching local history and identity in Macao’s middle schools” *In Revista de Cultura – Edição Portuguesa*, nº 2, 2002. Macau: Instituto Cultural, pp 170-191.
- \_\_\_\_\_ “Discourse on the city: Identity formation and the urban change in contemporary Macao” *in Review of Culture – Edição Internacional*, nº 3, Junho-Julho, 2003. Macau: Instituto Cultural, pp 59-80.
- \_\_\_\_\_ “City of museums. Reflections on Exhibiting Macao” *In Review of Culture – Edição Internacional*, nº 5, 2003. Macau: Instituto Cultural, pp. 99-124.
- COELHO, Rogério; TOMÉ, Eduardo, 1982, **Macau – Crónica de Hoje dos Tempos de Sempre**. Macau: Edições Á-Má Lda.
- COELHO, R. Beltrão, 1990, **Macau, Retalhos: Passado, Presente, Futuro**. Macau: Livros do Oriente.
- CORREIA, Ana Cristina Rouillé, “Macau, macaenses e língua portuguesa.” *In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 7 – Macau, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp.119-124.
- DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO DE MACAU (DSEC), s/d, **Macau – Património Mundial**. Macau: DSTM
- \_\_\_\_\_ (s/d), **Macau ao Ar Livre**. [Em linha.] Macau: DSTM [Consult. a 20 Dez. 2012] Disponível na internet <<http://pt.macautourism.gov.mo/corner/brochures.php>>
- \_\_\_\_\_ (2010), **Macau – Guide Book**. Macau: DSTM
- \_\_\_\_\_ (Março de 2012a), **Inquérito ao Ensino: 2010-2011**. [Em linha] Macau: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos. [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet<[http://www.dsec.gov.mo/getAttachment/c8b29b86-3dd0-446b-9cf3-5d17eae35b9/P\\_EDU\\_PUB\\_2011\\_Y.aspx](http://www.dsec.gov.mo/getAttachment/c8b29b86-3dd0-446b-9cf3-5d17eae35b9/P_EDU_PUB_2011_Y.aspx)>

\_\_\_\_\_ (Abril de 2012b), **Resultado dos Censos de 2011**. [Em linha] [Consult. 20 Out. 2012] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=8d4d5779-c0d3-42f0-ae71-8b747bdc8d88>

\_\_\_\_\_ (2013a), **Macau em números – 2012**. [Em linha] [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=ba1a4eab-213a-48a3-8fbb-962d15dc6f87>

\_\_\_\_\_ (2013b), **Inquérito ao sector do jogo - 2012**. [Em linha] [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=f5c8d76d-4db1-4ac1-8541-f578907583b2>

\_\_\_\_\_ (Abril de 2013c), **Boletim Económico de Macau - 4º trimestre de 2012**. [Em linha] [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=bd432adf-9594-43f0-87fc-4acefd98005a>

\_\_\_\_\_ (Agosto 2013d), **Movimento de Visitantes – Julho de 2013**. [Em linha] [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=251baebb-6e5b-4452-8ad1-7768eafc99ed>

\_\_\_\_\_ (Agosto de 2013e), **Anuário Estatístico de 2012**. [Em linha] [Consult. 20 Nov. 2013] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=d45bf8ce-2b35-45d9-ab3a-ed645e8af4bb>

\_\_\_\_\_ (Janeiro de 2014), **Estimativas da População de Macau para o 3º trimestre de 2013**. [Em linha] [Consult. 15 Jan. 2014] Disponível na internet

<http://www.dsec.gov.mo/Statistic.aspx?NodeGuid=7bb8808e-8fd3-4d6b-904a-34fe4b302883>

- DURÃO, Luís António, “Património de Macau, um álbum da sua História” *In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 7 – Macau, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp. 70-83.
- ESTORNINHO, Carlos, “Macau” *In* SERRÃO, Joel (ed.), 1971, **Dicionário da História de Portugal, Vol. II (E-Ma)**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, pp. 858-861.
- FIGUEIRA, Francisco Manuel, 1988, **Património Arquitectónico de Macau**. Macau: Instituto Cultural.
- FILIPE, Mário, “Macau e a situação futura da língua portuguesa.” *In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 7 – Macau, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp. 102-106.
- FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES, 2010, **Fundação Jorge Álvares: 10º Aniversário da Transferência da Administração Portuguesa de Macau**. Lisboa: Fundação Jorge Álvares.
- GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA REAM, 2013, **Macau Livro do Ano - 2012 – Educação**. [Em linha.] [Consult. a 20 de Dezembro de 2012] Disponível na internet  
<<http://yearbook.gcs.gov.mo/files/yearbook/2012/myb2012pPA02CH08.pdf>>
- GROSSO, Maria José Reis, “Macau, identidade multilingue.” *In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 7 – Macau, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp. 96-101.
- LOUREIRO, Rui Manuel, “Um porto seguro no litoral da China” *In* SANTOS, Carlos Pinto (Ed.), 2000, **De Longe à China: Macau na Literatura e Historiografia Portuguesa, Vol. 5**. Macau: Instituto Cultural, pp. 561-591.
- LOUREIRO, Rui Manuel, “Macau: grande empório da Ásia Marítima” *in* PINTO, Carla Alferes (Ed.), 2008, **Presença Portuguesa na Ásia. Testemunhos. Memórias. Coleccionismo**. Lisboa: Fundação Oriente, pp.144-245.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (Dir.), 1998, **História dos Portugueses no Extremo-Oriente, Vol 3: Macau e Timor**. Lisboa: Fundação Oriente.

- MOUTINHO, Ricardo; TEIXEIRA & SILVA, Roberval, “O ensino da língua portuguesa em Macau/China: fatos e perspectivas” [Em linha] In **Revista SIPLE, Ano 1, nº1**, Outubro de 2010, Brasília. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=149:o-ensino-da-lingua-portuguesa-em-macauchina-fatos-e-perspectivas&catid=53:educacao-1&Itemid=91](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=149:o-ensino-da-lingua-portuguesa-em-macauchina-fatos-e-perspectivas&catid=53:educacao-1&Itemid=91)>

- NGAI, Gary, “A questão da identidade cultural de Macau.” In **Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 7 – Macau**, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp. 46-56.

- NUNES, Isabel, “O Museu Luís de Camões e a sua criação” In **Revista de Cultura-Edição Portuguesa, nº16**, Outubro-Dezembro, 1991. Macau: Instituto Cultural de Macau, pp. 187-195.

- OLIVEIRA, Celina Veiga de; CAVALHEIRO, Jorge, 1999, **Guia Histórico e Cultural de Macau**. Macau: Instituto de Estudos Europeus de Macau.

- OLIVEIRA, Francisco Roque de, “Cartografia antiga da cidade de Macau c. 1600-1700: confronto entre modelos de representação europeus e chineses.” [Em linha] In **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía e y Ciencias Sociales, Vol. X, nº 218 (53)**, Agosto de 2006. Barcelona: Universidad de Barcelona. [Consult. 20 Mai. 2013] Disponível na internet <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>>

- RANGEL, Alexandra Sofia de Senna Fernandes H., 2010, **Filhos da Terra: A Comunidade Macaense Ontem e Hoje**. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Cultura – Especialização em Comunicação e Cultura. Lisboa : Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- REGO, António da Silva, 1946, **A Presença de Portugal em Macau**. Lisboa: Agência Geral das Colónias.

- SILVA, Beatriz Basto da, 1992, **Cronologia da História de Macau. Vol. I: Séculos XVI-XVII**. Macau: Serviços de Educação e Juventude.

\_\_\_\_\_ (1993), **Cronologia da História de Macau. Vol. II: Século XVII**. Macau: Serviços de Educação e Juventude.

\_\_\_\_\_ (1994), **Emigração de Cules: dossier Macau 1851-1894**. Macau: Fundação Oriente.

\_\_\_\_\_ (1995), **Cronologia da História de Macau. Vol. III: Séculos XIX.** Macau: Serviços de Educação e Juventude.

- TAN, John Kang, “Secondary School History Curricula”, *In* BRAY, Mark; KOO, Ramsey (Eds.), 1999, **Education and Society in Hong Kong and Macao: Comparative Perspectives on Continuity and Change.** Hong Kong: Springer & Comparative Education Research Centre, The University of Hong Kong.

- YOUNG, Ming Yee Clarissa, “Multilingual education in Macao” *In* **International Journal of Multilingualism**, Vol. 6, Nº 4, November 2009. London & New York: Routledge, pp. 412-425.

### **LUÍS DE CAMÕES:**

#### **VIDA, OBRA E PROBLEMÁTICA DA SUA PRESENÇA EM MACAU**

- BEIRANTE, Cândido, “Os Lusíadas de Camões: Circunstâncias epocais e aspectos da obra” *In* **Separata da Revista Estudos de Castelo Branco.** Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior, 1981, pp. 5-35.

- BERNARDES, José Augusto Cardoso e outros (Dir. Lita.), 1995, “Luís de Camões.” *In* **BIBLOS: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, Vol. I.** Lisboa: Edições Verbo, pp. 882-906.

- BOXER, C. R., “Was Camoes ever in Macao?” *In* **Boletim do Instituto Luís de Camões, Vol. 14, Nº 1-4**, 1980. Macau: Instituto Luís de Camões, pp. 33-40.

- CAMÕES, Luís Vaz de; MATEUS, Morgado de (Ed. Lit.) (1817) 1972, **Os Lusíadas. Poema Épico de Luís de Camões. Nova ed. corr. e dada à luz, por Dom Jozé Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matteus.** Lisboa: Livraria Sam Carlos.

- CAMÕES, Luís Vaz de; VITERBO, Sousa (Introd.), 1900, **Os Lusíadas. Grande Edição Ilustrada.** Lisboa: Empresa da História de Portugal.

- CAMÕES, Luís Vaz de; CIDADE, Hernâni (Dir. Lit.); FERREIRA, Serafim (Dir. Lit.); FREITAS, Lima (Il.), 1972, **Os Lusíadas.** Lisboa: Círculo de Leitores.

- FREITAS, Jordão Apolinário de, 1911, **Camões em Macau: no 331º Aniversário do Falecimento do Poeta.** Lisboa: Imprensa Libânio da Silva.



- LOUREIRO, Rui Manuel, “Camões em Macau: Um Mito Historiográfico” *In Revista de Cultura*, Nº 7, Julho de 2003. Macau: Instituto Cultural, pp. 108-125.

- REIS, Carlos (Dir.), 1999, “Luís de Camões” *In História Crítica da Literatura Portuguesa. Vol. II – Humanidade e Renascimento*. Lisboa: Edições Verbo, pp. 371-381.

- RIBEIRO, Eduardo, 2007, **Camões em Macau: Uma Certeza Histórica**. Macau: Edições COD.

\_\_\_\_\_ “Os “Penedos de Camões” em Macau.” [Em linha] **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses**, Nº7, 1º semestre de 2010. Universidade Estadual de Feira de Santana. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet

[http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01\\_2010/03\\_artigo\\_eduardo\\_alberto\\_correia\\_ribeiro.pdf](http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2010/03_artigo_eduardo_alberto_correia_ribeiro.pdf)

\_\_\_\_\_ “Camões nas “Partes da China” [Em linha] *In Revista Labirintos. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses*, nº 3, 1º semestre de 2008. Universidade Estadual de Feira de Santana. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet

[http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01\\_2008/04\\_artigo\\_eduardo\\_alberto\\_correia\\_ribeiro.pdf](http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2008/04_artigo_eduardo_alberto_correia_ribeiro.pdf)

\_\_\_\_\_ (2012), **Camões no Oriente**. Lisboa: Labirinto de Letras.

\_\_\_\_\_ (2013), **Camões em Macau: Uma Verdade Historiográfica**. Lisboa: Labirinto de Letras.

- SARAIVA, António José, 1966, “Luís de Camões” *In História Ilustrada das Grandes Literaturas. VIII: Literatura Portuguesa, 1º Volume, Das Origens ao Romantismo*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, pp. 78-100.

- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar, 1978, **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora.

- SARAIVA, José Hermano, 1995, **A Vida Ignorada de Camões – Uma História que o Tempo Censurou**. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

\_\_\_\_\_ “Camões em Macau” *In Revista de Cultura - Edição Portuguesa*, 2ª série, nº 22, Janeiro-Março de 1995. Macau: Instituto Cultural, pp. 161-168.

- TEIXEIRA, Monsenhor Manuel, 1940, **Camões em Macau: Contribuições para o Estudo do Problema**. Macau: Imprensa Nacional.

\_\_\_\_\_ “Camões em Macau” *In Boletim Luís de Camões*, Vol. 14, Nº 1-4, 1980a). Macau: Instituto Luís de Camões, pp. 1-10.

\_\_\_\_\_ “Camões in Macau” *In Boletim Luís de Camões*, Vol. 14, Nº 1-4, 1980b). Macau: Instituto Luís de Camões, pp. 41-61.

\_\_\_\_\_ (1981a), **Camões Esteve em Macau**. Macau: Imprensa Nacional.

## **GRUTA DE CAMÕES EM MACAU, SÍTIOS E MONUMENTOS ASSOCIADOS**

- ADAMSON, John, 1820, **Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. Vol. I**. [Em linha] London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown. [Consult. 20 de Fev. 2012] Disponível na internet

<<http://archive.org/stream/memoirsoflifewri00adamiala#page/n0/mode/2up>>

- AFONSO, José da Conceição, “A revolução verde de Macau (Século XIX - Década de 80) *In RC: Revista de Cultura II Série – Edição Portuguesa*, nº 35/36, Abril-Setembro, 1998. Macau: Instituto Cultural, pp. 148-170.

- “Álbum da Gruta: trechos em prosa e verso de um álbum pertencente a Lourenço Marques, antigo proprietário da Gruta de Camões (Macau).” *In Boletim do Instituto Luís de Camões*, Vol. 14, nº 1-4, 1980. Macau: Instituto Luís de Camões, pp. 193-214.

- ALLOM, Thomas “The Grotto of Camoens, Macao.” [Em linha] *In ALLOM, Thomas; WRIGTH, G. N., 1845, China, its Scenery, Architecture, and Social Habits, etc. Illustrated, Vol. III*. London: Fisher, Son & Cº, pp. 42-44. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet

<<http://archive.org/stream/chinainseriesofv3to4allo#page/n7/mode/2up>>

- ALMEIDA, Isabel, “Se nenhum amor pode ser perdido. Sophia e Camões.” [Em linha.] Comunicação apresentada no **Colóquio Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa, 27 e 28 de Janeiro, Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 10 Mar. 2012] Disponível na internet

<[http://www.coloquiointernacionalsophiademellobreynerandresen.com/sophia\\_comunica/isabel\\_almeida.pdf](http://www.coloquiointernacionalsophiademellobreynerandresen.com/sophia_comunica/isabel_almeida.pdf)>

- ANDRADE, José Ignácio de, 1847, **Cartas Escriptas da China e da Índia nos anos de 1815-1835 a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade. Tomo I e Tomo II.**

[Em linha] Lisboa: Imprensa Nacional. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet

<[http://books.google.pt/books?id=UdVAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=UdVAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>

<<https://archive.org/stream/cartasescriptasd02andr#page/n9/mode/2up>>

BLASCO IBANEZ, Vicente, 1924, **La Vuelta al Mundo de un Novelista, Tomo II.**

[Em linha] Valencia: Prometeo, pp. 184-189. [Consult. 15 Out. 2012] Disponível na internet

<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01349497544359072979680/ima0192.htm>

- BOCAGE, Maria Manuel Barbosa du, 1800, “Soneto LXXIX” *In Rimas, Tomo I.* Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, p. 79.

- BOUGAINVILLE, Hyacinthe-Yves-Philippe-Potentien, Barão de, 1837, **Journal de la Navigation autour du Globe de la Frégate "la Thétis" et de la Corvette "l'Espérance" Pendant les Années 1824, 1825 et 1826.** [Em linha] Paris: A. Bertrand.

[Consult. 5 Jul. 2012] Disponível na internet

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k503778f.r=fr%C3%A9gate+La+Thetis+et+de+la+corvette+L%27Esp%C3%A9rance+.langPT>>

- BOUGAINVILLE, Hyacinthe-Yves-Philippe-Potentien de, 1837, **Journal de la Navigation autour du Globe de la Frégate "la Thétis" et de la Corvette "l'Espérance" Pendant les Années 1824, 1825 et 1826, Atlas.** [Em linha] Paris: A.

Bertrand. [Consult. 5 Jul. 2012] Disponível na internet

<<http://archive.org/stream/mobot31753002754585#page/n1/mode/1up>>

- BULOZ, François, 1831, “M. de Rienzi” [Em linha] *In Revue des deux mondes, Tome Quatrième.* Paris: Auguste Aufray, pp. 229-238. [Consult. 5 Jul. 2012]

Disponível na internet

<<https://archive.org/stream/revuedesdeuxmond041831pari#page/n239/mode/2up>>

- “Busto de Camões para a Gruta de Macau.” In **Arquivo Pittoresco – Semanário Ilustrado**, Vol. IV, nº 24, 1861. Lisboa: Typographia de Castro & Irmão, pp. 189-190.

- CALDEIRA, Carlos José, 1852, **Apontamentos D’uma Viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa**. [Em linha] Lisboa: Typographia G.M. Martins. [Consult. 5 Jul. 2012] Disponível na internet

<http://books.google.pt/books?id=e6gwAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

- CASTILHO, António Feliciano de, 1849, **Camões: Estudo Histórico-Poético Liberrriamente fundado sobre um Drama Francez dos Senhores Victor Perrot e Armand du Mesnil**. [Em linha] Ponta Delgada: Typographia da Rua das Artes. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet

[http://books.google.pt/books?id=YGyuAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=YGyuAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

\_\_\_\_\_, 1863, **Camões: Estudo Histórico-Poético Liberrriamente fundado sobre um Drama Francez dos Senhores Victor Perrot e Armand du Mesnil. 2ª Edição, Tomo III**. [Em linha] Lisboa: Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/comesestudohis03cast#page/n0/mode/2up>

- COELHO, Beltrão, 1991, **Casa Garden**. Macau: Fundação Oriente.

- “Comemorações do Dia de Portugal.” In **Macau. Boletim Informativo da Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral – Secção de Propaganda e Turismo, Ano III, nº 60**, 15 de Junho de 1956, pp. 2-5.

- COUTINHO, Bernardo Xavier da Costa, 1946, **Camões e as Artes Plásticas: Subsídios para a Iconografia Camoniana, Vol. I**. Porto: Figueirinhas

- COUTO, Diogo do, 1786, **Da Ásia de Diogo do Couto. Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na Conquista e Descobrimento das Terras, e Mares do Oriente, Década Oitava**. [Em linha] Lisboa: Régia Officina Typographica [Consult. 20 Mai. 2012] Disponível na internet

<https://archive.org/stream/daasiadejoodebar08barr#page/n3/mode/2up>

- COUTO, Patrícia, “Camões e Macau num romance neerlandês.” *In Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 7 – Macau, Outubro-Dezembro, 1999. Lisboa: Instituto Camões, pp.107-118.

- DANIELL, William; DANIELL, Thomas, 1810, **A Picturesque Voyage to India: by the way of China**. [Em linha] London: Longman, Hurst, Rees, and Orme. [Consult.07 Abr. 2013] Disponível na internet <<http://ebook.lib.hku.hk/CTWE/B3659927X/>>

- “Descrição de Macáu” [Em linha] *In* PEDRA, M. A. Vianna; MASSA, João Baptista; PINTO, Félix da Costa, (Dirs.), **O Panorama. Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Série I, Vol. I, Nº. 5**, Junho de 1937. [Em linha] Lisboa: Imprensa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, pp. 38-40. [Consult.10 Jan. 2013] Disponível na internet

<[http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/OPanorama/1837/N5/N5\\_master/N5.pdf](http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/OPanorama/1837/N5/N5_master/N5.pdf)>

- DIAS, Rodrigo Rodrigues, “Espaços e Jardins de Macau” *In Revista Macau*, 2ª série, nº 1, Maio de 1992, pp. 106-109.

\_\_\_\_\_ “Os misteriosos caminhos das rochas de Camões” *In Revista Macau*, 2ª série, nº 2, Junho de 1992, pp. 105-107.

- DUMMONT D’URVILLE, Jules Sébastien César, 1830, **Voyage de la Corvette l’Astrolabe: Exécuté par Ordre du Roi, Pendant les Années 1826-1827-1828-1829, Tome Première**. [Em linha] Paris: J. Tastu. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://archive.org/stream/voyagedelacorvet11dumo#page/n7/mode/2up>>

- DUMMONT D’URVILLE, Jules Sébastien César (Ed.) ; SAINSON, 1834, **Voyage Pittoresque Autour du Monde, Résumé Générale des Voyages Découvertes. Accompagné de Cartes et de nombreuses gravures en taille-douce sur acier, d’après les dessins de M. De Sainson, dessinateur du voyage de L’Astrolabe. Tome Première**. [Em linha] Paris: L. Tenre. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet

[http://books.google.pt/books?id=LwRUAAAcAAJ&pg=PR10&lpg=PR10&dq=voyage+pittoresque+autour+du+monde+dumont+d%27urville+tome+premiere&source=bl&ots=k3lX\\_gQEr6&sig=YM2v2z0Ba5Np9U4SDHdmVrr2yds&hl=en&sa=X&ei=uBf4UfKQJ8Gw7AanjIG4Cg&ved=0CGIQ6AEwCA#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=LwRUAAAcAAJ&pg=PR10&lpg=PR10&dq=voyage+pittoresque+autour+du+monde+dumont+d%27urville+tome+premiere&source=bl&ots=k3lX_gQEr6&sig=YM2v2z0Ba5Np9U4SDHdmVrr2yds&hl=en&sa=X&ei=uBf4UfKQJ8Gw7AanjIG4Cg&ved=0CGIQ6AEwCA#v=onepage&q&f=false)

- ELLIS, H., 1818, **Voyage en Chine ou Journal de la Dernière Ambassade Anglaise a la Cour de Pékin, Tome Seconde**. [Em linha] Paris. [Consult. 18 Set. 2012] Disponível na internet

<[http://books.google.pt/books?id=9Ro6P6RA7mgC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=9Ro6P6RA7mgC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>

- ESTÁCIO, António Júlio Emerenciano, 1982, **Dinâmica das Zonas Verdes na Cidade de Macau**. Macau: Serviços Florestais e Agrícolas de Macau.

- ESTÁCIO, António Júlio Emerenciano; SARAIVA, António Manuel Paula, 1993, **Jardins e Parques de Macau**. Macau: Instituto Português do Oriente.

- ESTÁCIO, António Júlio Emerenciano, 1994, **Zonas verdes, Particularidades da Flora de Macau**. Macau: A. E.

\_\_\_\_\_. “Espaços Verdes em Macau” In **Revista Macau**, 2ª série, nº 76, Agosto de 1998, pp. 26-39.

- ESTORNINHO, Carlos, “A gruta de Camões na história, na literatura e nas belas- artes” In **Boletim do Instituto Luís de Camões**, Vol. 14, nº 1-4, 1980. Macau: Instituto Luís de Camões, pp. 63-75.

- FARIA, Manoel Severim de, 1624, **Vários Discursos Políticos**. [Em linha] Lisboa: Officina de António Gomes. [Consult. 20 Mar. 2012] Disponível na internet

<<http://archive.org/stream/discursosvariosp00fari#page/n0/mode/2up>>

- “Figuras e Factos” [Em linha] In **Ilustração Portuguesa**, nº 359, 6 de Janeiro de 1913. [Consult. 15 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1913/N359/N359\\_master/N359.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1913/N359/N359_master/N359.pdf)>

- FRANCHETTI, Paulo, “Camilo Pessanha e o Liceu de Macau”, [Em linha] In **Voz Lusíada - Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes**, nº 5, Agosto-Dezembro, 1995. [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://camilopessanha.com.sapo.pt/ensaio\\_pessanhacamilo/ensaio5.htm](http://camilopessanha.com.sapo.pt/ensaio_pessanhacamilo/ensaio5.htm)>

\_\_\_\_\_. “Pessanha e a Gruta de Camões”. [Em linha] Texto apresentado no **Colóquio Camilo Pessanha: orientalisme, exil et esthétiques fin-de-siècle**. Universidade Paris Oeste/Nanterre, 2008. [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet

<http://dlcv.fflch.usp.br/node/36>

- GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, 1825, **Camões – Poema**. [Em linha] Paris: Imprimerie de J. Mac Carthy [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet

[http://books.google.pt/books?id=9uFBAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gb\\_s\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=9uFBAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

- **George Chinnery, Imagens de Macau Oitocentista**. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

- GOMES, Luís Gonzaga, “Representação iconográfica da Gruta de Camões em Macau.” In **Garcia de Orta, número especial comemorativo do IV Centenário de Publicação de Os Lusíadas**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972, pp. 325-331.

- “Gruta de Camões, impressões e reminiscências I.” [Em linha] In PEREIRA, J. F. Marques (ed.), **TA-SSI-YANG-KUO, Archivo e Annaes do Extremo Oriente Portuguez, Série I, Vol. II, nº 9**, Julho de 1900. Lisboa: Companhia Nacional Editora, pp. 525- 543. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/tassiyangkuoarch01marquoft#page/n9/mode/2up>

- “Gruta de Camões, impressões e reminiscências II (continuação).” [Em linha] In PEREIRA, J. F. Marques (ed.), **TA-SSI-YANG-KUO, Archivo e Annaes do Extremo Oriente Portuguez, Série I, Vol. II, nº 10**, Julho de 1900. Lisboa: Companhia Nacional Editora, pp. 612-619. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/tassiyangkuoarch01marquoft#page/n9/mode/2up>

- “Gruta de Camões, impressões e reminiscências III (continuação).” [Em linha] In PEREIRA, J. F. Marques (ed.), **TA-SSI-YANG-KUO, Archivo e Annaes do Extremo Oriente Portuguez, Série II, Vol. III, nº 1 e nº 2**, 1902. Lisboa: Companhia Nacional Editora, pp. 31-38 e pp. 383-391. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/tassiyangkuoarch34marq#page/n9/mode/2up>

- “Gruta de Camões, impressões e reminiscências IV (continuação).” [Em linha] In PEREIRA, J. F. Marques (ed.), **TA-SSI-YANG-KUO, Archivo e Annaes do Extremo**

**Oriente Portuguez, Série II, Vol. IV, nº 4, 1903.** Lisboa: Companhia Nacional Editora, pp. 674-683. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

[<http://archive.org/stream/tassiyangkuoarch34marq#page/n9/mode/2up>](http://archive.org/stream/tassiyangkuoarch34marq#page/n9/mode/2up)

- “A Gruta de Camões.” *In* **Macau. Boletim Informativo da Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral – Secção de Propaganda e Turismo, Ano I, nº 21**, 15 de Junho de 1954, pp. 8-10.

- IRWIN, Eyles, “A description of the Grotto of Camoens at Macao, on the Coast of China, with a view; By Eyles Irwin, Esq. M.R.I.A, 1797” *In* OUSELEY, William (ed.), (1793) 2013, **The Oriental Collections, consisting in Original Essays, Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers, Vol. I.** [Em linha] Cambridge: Cambridge University Press, pp. 127-130. [Consult. 15 Jun. 2013] Disponível na internet

[<http://books.google.pt/books?id=CIBl1tzojSkC&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>](http://books.google.pt/books?id=CIBl1tzojSkC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

- “No jardim da gruta de Camões” *In* **Macau. Boletim Informativo da Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral – Secção de Propaganda e Turismo, Ano II, nº 46**, 15 de Junho de 1955, pp. 10-12.

- JOÃO, Maria Isabel da Conceição, 1999, **Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960).** [Em linha] Dissertação de Doutoramento em História Contemporânea. Lisboa: Universidade Aberta. [Consult. 15 Jun. 2013] Disponível na internet <http://hdl.handle.net/10400.2/2466>

- JORGE, Cecília; COELHO, Rogério Beltrão, 1990, **Álbum Macau: 1844 – 1974, Vol. I.** Macau: Livros do Oriente.

- JORGE, Cecília; COELHO, Rogério Beltrão, 1991, **Álbum Macau: Sítios, Gentes, Vivências, Vol. II.** Macau: Livros do Oriente.

- JUROMENHA, Visconde de, 1860, **Obras de Luiz de Camões - precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições inéditas do poeta, Vol. I.** [Em linha] Lisboa: Imprensa Nacional. [Consult. 1 Mar. 2012] Disponível na internet

[<http://archive.org/stream/obrasdeluizdeca02petrgoog#page/n8/mode/2up>](http://archive.org/stream/obrasdeluizdeca02petrgoog#page/n8/mode/2up)



- KRUZENSHTERN, Ivan Federovich, 1812, **Reise um die Welt in den Jahren 1803, 1804, 1805 und 1806 auf Befehl seiner Kaiserl. Majestät Alexanders des Ersten, auf den Schiffen Nadeshda und Newa unter dem Commando des Capitäns von der Kaiserl. Marine A.J. von Krusenstern, Zweiter Teil, zweite abtheilung.** [Em linha] Berlin: Haude und Spener. [Consult. 15 Fev. 2012] Disponível na internet

<[http://books.google.pt/books?id=U0BAAAAYAAJ&pg=PA90&lpg=PA90&dq=garten+der+herr+drummond+macao&source=bl&ots=MXbphbSPfk&sig=9sYtfyZml09FN0JzH7e62Z8lsM0&hl=en&sa=X&ei=9d7nUciTAaTR7Abh14G4DQ&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=U0BAAAAYAAJ&pg=PA90&lpg=PA90&dq=garten+der+herr+drummond+macao&source=bl&ots=MXbphbSPfk&sig=9sYtfyZml09FN0JzH7e62Z8lsM0&hl=en&sa=X&ei=9d7nUciTAaTR7Abh14G4DQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>

- KRUZENSHTERN, Ivan Federovich; HOPPNER, Richard Belgrave, 1813, **Voyage round the World, in the Years 1803, 1804, 1805, & 1806, by Order of His Imperial Majesty Alexander the First, on Board the Ships Nadeshda and Neva, under the Command of Captain A.J. von Krusenstern, Vol. II.** [Em linha]. Londres: T. Davison para J. Murray [Consult. 15 Fev. 2012] Disponível na internet

<[http://books.google.pt/books?id=Oh4RAQAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=Voyage+round+the+world,+in+the+years+1803,+1804,+1805,+%26+1806,+by+order+of+His+Imperial+Majesty+Alexander+the+First,+on+board+the+ships+Nadeshda+and+Neva,+under+the+command+of+Captain+A.J.+von+Krusenstern&hl=en&sa=X&ei=Kon6Ub utDJKP7Abv\\_ICgCw&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=Oh4RAQAAIAAJ&printsec=frontcover&dq=Voyage+round+the+world,+in+the+years+1803,+1804,+1805,+%26+1806,+by+order+of+His+Imperial+Majesty+Alexander+the+First,+on+board+the+ships+Nadeshda+and+Neva,+under+the+command+of+Captain+A.J.+von+Krusenstern&hl=en&sa=X&ei=Kon6Ub utDJKP7Abv_ICgCw&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false)>

- LEI, Grace; KONG, Connie; SIT, Roy (Ed. Lit.), 2009, **Uma Viagem através da Luz e da Sombra – A Invenção da Fotografia e as Primeiras Fotografias de Macau, China.** Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau.

- LOUREIRO, João, (1995), 2005, **Postais Antigos de Macau.** Lisboa: João Loureiro & Associados.

- MARTINS, Rui (Dir.), 2010, **Ditama: Dicionário Temático de Macau, Vol. I.** Macau: Universidade de Macau.

- **Memória dos Festejos Celebrados em Hong Kong por ocasião do Tricentenário do Príncipe dos Poetas Portuguezes Luís de Camões.** Hong Kong: Tipografia De Souza e Ca., 1880.

- MILLET-MUREAU, M. L. A., 1797, **Voyage de La Pérouse, Autour du Monde, publié conformément au décret du 22 Avril de 1791, Tome Quatrième.** [Em linha] Paris: Imprimerie de la République. [Consult. 13 Mar. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/voyagedelaprouse04lapr#page/n7/mode/2up>

- MONTALTO DE JESUS, Carlos, 1990, **Macau Histórico. Primeira edição portuguesa da versão apreendida em 1926.** Macau: Livros do Oriente.

- MORAES, Wenceslau de, (1890) 1940, **A Gruta de Camões.** Macau: Imprensa Nacional.

- OUSELEY, William (Ed.), (1798), 2013, **The Oriental Collections, The Oriental Collections, consisting in Original Essays, Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiques, the Art, Sciences and Literature of Asia, Vol. II.** [Em linha] Cambridge: Cambridge University Press. [Consult. 15 Jun. 2013] Disponível na internet

<http://books.google.pt/books?id=BC7x7vPHE2UC&pg=PP7&lpg=PP7&dq=The+Oriental+Collections:+Consisting+of+Original+Essays+and+Dissertations+..+vo+I&source=bl&ots=OVGZSzC4BK&sig=KAI4Bhft43yIYFXOfAlzge3GavI&hl=en&sa=X&ei=j5L6UaH7GMjR7Abm8ID4DA&ved=0CDUQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false>

- PAMPLONA, Fernando de, 1954-1959, **Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal, Vol. 3, 4 e 5.** Lisboa: Livraria Civilização Editora.

- PEREIRA, João Camacho, 1950, **Gravuras Portuguesas – Além-mar, 6ª série.** [Em linha] Lisboa: Litografia Júlio de Amorim. [Consult. 22 Abr. 2012] Disponível na internet <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/CGP/CGP-06&p=1>

- PERRY, Matthew Calbraith; HAWKS, Francis L., 1856, **Narrative of the expedition of an American squadron to the China Seas and Japan, performed in the years 1852, 1853, and 1854, under the command of Commodore M.C. Perry, United States Navy, by order of the Government of the United States.** [Em linha] Washington: Beverley Tucker, Senate Printer. [Consult. 20 Jul. 2012] Disponível na internet

<http://archive.org/stream/narrativeofexped0156perr#page/n5/mode/2up>

- PESSANHA, Camilo, “Macau e a Gruta de Camões”. [Em linha] In **Revista Contemporânea, 3ª série, nº 3**, Julho-Outubro, 1926, pp. 116-118. [Consult. 22 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1926/N3/N3\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1926/N3/N3_item1/index.html)>

- PINTO, Carla Alferes, “A casa Garden na cidade do nome de Deus de Macau” In **Revista Oriente, nº 1**, Setembro-Dezembro, 2001. Lisboa: Fundação Oriente, pp. 18-22.

- PIRES, Daniel, 2005, **A Imagem e o Verbo. Fotobiografia de Camilo Pessanha**. Macau: Instituto Cultural da R.A.E. de Macau; IPOR.

- REMLAP, L. T. (ed.) 1880, **Grant's Tour Around The World**. [Em linha] San Francisco: S. W. Dunn [Consult. 22 Abr. 2012] Disponível na Internet

<<https://archive.org/stream/generalusgrantst01reml#page/n7/mode/2up>>

- SANDMANN, Marcelo Corrêa, “As comemorações do tricentenário de Camões no Brasil” [Em linha] In **Revista de Letras, nº 59**, Janeiro-Junho, 2003, pp. 197-205. [Consult. 30 Abr. 2013] Disponível na internet

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/2848>>

- SANTOS, António Manuel (Coord. Geral), 1999, **Jardins e Zonas Verdes de Macau**. Macau: Leal Senado de Macau.

- SARAIVA, António Manuel Paiva, “Jardins e História de Macau” In **Macau: Encontros de Debate e Divulgação de Ciências Sociais**. 1995, S/L: Sociedade de Estudos e Intervenção Patrimonial, pp. 193-200.

- SCHERZER, Karl, 1862, **Narrative of the Circumnavigation of the Globe by the Austrian Frigate Novara, in the years of 1857, 1858 & 1859, Vol. II**. [Em linha] London: Saunders, Otley & Cº. [Consult. 25 Set. 2012] Disponível na internet

<<http://archive.org/stream/narrativeofcircu02sche#page/n7/mode/2up>>

- SEABRA, José Augusto, “Macau, o Oriente e a poesia portuguesa: de Camões a Camilo Pessanha.” In **Revista de Cultura / Review of Culture, nº 37**, Outubro de 1988-Março 1989. Macau: Instituto Cultural, pp. 113-124.

- S.G., “A Gruta de Camões”, *In* COMISSÃO EXECUTIVA DA PARTICIPAÇÃO DE MACAU NA EXPOSIÇÃO PORTUGUESA DE SEVILHA, 1929, **Monografias, Mapas e Gráficos Estatísticos Coligidos para a Representação da Colónia de Macau na Exposição Portuguesa em Sevilha**. Macau: Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes, pp. 26-27.

- STAUTON, George (Sir), 1872, **An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China, Vol. II**. [Em linha]. London: W. Bulmer & Co. [Consult. 15 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://archive.org/stream/authenticaccount02stau#page/n0/mode/2up>](http://archive.org/stream/authenticaccount02stau#page/n0/mode/2up)

- STAUTON, Georges ; MACARTNEY, Georges ; CÁSTERA, J., 1798, **Voyage dans l'intérieur de la Chine et en Tartarie, fait dans les années 1792, 1793 et 1794 par Lord Macartney, Ambassadeur du Roi d'Angleterre auprès de l'Empereur de la Chine. Traduit de l'anglais, avec des notes, par J. Cástera, Tome Première**. [Em linha] Paris: F. Buisson. [Consult. 15 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://books.google.pt/books?id=X6oUAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>](http://books.google.pt/books?id=X6oUAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

- STAUTON, Georges ; MACARTNEY, Georges ; CÁSTERA, J., TARDIEU, A. 1804, **Voyage dans l'intérieur de la Chine et en Tartarie, fait dans les années 1792, 1793 et 1794 par Lord Macartney, Ambassadeur du Roi d'Angleterre auprès de l'Empereur de la Chine. Traduit de l'anglais, avec des notes, par J. Cástera, troisième édition. Collection des planches et cartes**. [Em linha] Paris: F. Buisson [Consult. 15 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://books.google.pt/books?id=DzJZAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=\[Illustrations+de+Voyage+dans+l%27int%C3%A9rieur+de+la+Chine\]&hl=en&sa=X&ei=yn6UeHiF-PR7Ab3-YDIDA&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>](http://books.google.pt/books?id=DzJZAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=[Illustrations+de+Voyage+dans+l%27int%C3%A9rieur+de+la+Chine]&hl=en&sa=X&ei=yn6UeHiF-PR7Ab3-YDIDA&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false)

- TEIXEIRA, Manuel, 1942, **Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX**. Macau: Imprensa Nacional.

\_\_\_\_\_ (1977), **A Gruta de Camões em Macau**. Macau: Imprensa Nacional.

\_\_\_\_\_ (1977) **Macau através dos Séculos**. Macau: Imprensa Nacional.

\_\_\_\_\_ (1980c), **A Voz das Pedras de Macau**. Macau: Imprensa Nacional.

\_\_\_\_\_ (1982), **Vultos Marcantes de Macau**. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Cultura.

\_\_\_\_\_ (1981b), **Toponímia de Macau – 2, Ruas com nomes de pessoas**. Macau: Imprensa Nacional, pp. 219-224.

\_\_\_\_\_ (1984) **Macau no Século XVIII**. Macau: Serviços de Turismo.

- TORGA, Miguel, (1990), 2011, “Na Gruta de Camões” *In Diário. Volumes XVIII a XVI*. Alfragide: D. Quixote, p. 216.

- VILAR, Irene, 1997, **Abraço: Uma Escultura para Macau – Jardim Luís de Camões**. Macau: Governo de Macau.

- WATHEN, James, 1814, **Journal of a voyage in 1811 and 1812 to Madras and China: returning by the Cape of Good Hope and St. Helena; in the H.C.S. the hope, capt. James Pendergrass**. London: Nicholas, Son and Bentley.

## **MUSEOLOGIA, INTERPRETAÇÃO CULTURAL E PLANIFICAÇÃO INTERPRETATIVA**

- AA.VV., 2006, **Criterios para la Elaboración del Plan Museológico**. [Em linha] Madrid: Ministerio de Cultura. [Consult. 13 Out. 2011] Disponível na internet

<<http://www.mcu.es/museos/MC/PM/index.html>>

- ALEXANDER, Edward P., 1979, **Museums in Motion: an Introduction to the History and Functions of Museums**. Nashville: American Association for State and Local History.

- ALONSO FERNANDÉZ, Luis; GARCIA, Isabel, 2001, **Diseño de Exposiciones. Concepto, Instalación y Montaje**. Madrid: Alianza Editorial.

- AMBROSE, Timothy; PAINE, Crispin, 2006, **Museum Basics**. London & New York: Routledge.

- BELCHER, Michael, 1991, **Exhibitions in Museums**. Washington D.C: Smithsonian Institution Press.

- DAVEY, Gareth, “What is museum fatigue?” [Em linha] *In Visitors Studies Today*, **Vol.8, nº 3**, 2005, pp. 17-21. [Consult.10 Jan. 2013] Disponível na internet  
<[http://kora.matrix.msu.edu/files/31/173/1F-AD-260-8-VSA-a0a5y5-a\\_5730.pdf](http://kora.matrix.msu.edu/files/31/173/1F-AD-260-8-VSA-a0a5y5-a_5730.pdf)>
- DEAN, David, 1994, **Museum Exhibition. Theory and Practice**. London: Routledge.
- EKARV, Margareta, “Combating redundancy: writing texts for exhibitions.” *In* HOOPER-GREENHILL, E. (Ed.), 2004, **The Educational Role of the Museum**. London & New York: Routledge, pp. 201-204.
- FALK, John H.; DIERKING, Lynn D., (1992), 2002, **The Museum Experience**. Washington D.C.: Mellen Candage.
- GILMAN, Benjamim Ives, “Museum Fatigue” [Em linha] *In Scientific Monthly*, **Vol. 2, nº 1**, January 1916, pp. 62-74 [Consult. 10 Jan. 2013] Disponível na internet  
<<http://www.jstor.org/stable/6127>>
- GILMORE, Elizabeth; SABINE, Jennifer, “Writing readable text: evaluation of the Ekarv method.” *In* HOOPER-GREENHILL, E. (Ed.), 2004, **The Educational Role of the Museum**. London: Routledge, pp. 205-214.
- GOUVEIA, Henrique Coutinho, “A musealização de sítios – questões relativas à formulação do programa interpretativo”, *In Trabalhos de Antropologia e Etnologia – Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, **Vol. 32**, 1992. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp.85-97.
- \_\_\_\_\_ “Museologia-Glossário”. Documento policopiado entregue na disciplina de História e Teoria da Museologia do Mestrado em Museologia, Ano lectivo 2009/2010, FCSH - UNL.
- \_\_\_\_\_ “Terminologia e conceitos: contributos para um glossário museológico em língua portuguesa.” *In Estudos de Castelo Branco – Revista de Cultura*, **nº 1**, Outubro de 2003, pp. 225-229.
- HAM, Sam, “Meaning making – the premise and promise of interpretation.” [Em linha] **Keynote address to Scotland's First National Conference on Interpretation**, Royal Botanic Gardens, Edinburgh, April 4<sup>th</sup>, 2002. [Consult. 20 Jul. 2012] Disponível

na internet <[http://www.interpretationaustralia.asn.au/documents/cat\\_view/121-resources/124-general-articles](http://www.interpretationaustralia.asn.au/documents/cat_view/121-resources/124-general-articles)>

- HAM, Sam; WEILER, Betty, "Interpretation is persuasive when themes are compelling." [Em linha], *In Interpret Scotland, Issue 8*, Autumn 2003. [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://www.interpretsotland.org.uk/website/interpretsotland.nsf/byunique/issue8.html/\\$FILE/interpretation.pdf](http://www.interpretsotland.org.uk/website/interpretsotland.nsf/byunique/issue8.html/$FILE/interpretation.pdf)>

- **Heritage Information Series: Heritage Interpretation Policy** [Em linha]. 2005. New South Wales: NSW Heritage Office, Department of Planning. [Consult. 16 Mai. 2012] Disponível na internet

<<http://www.environment.nsw.gov.au/resources/heritagebranch/heritage/infointerpretin g.pdf>>

- HOOPER-GREENHILL, E., "Counting Visitors or Visitors who count?" *In* LUMLEY, Robert, 1988, **The Museum Time Machine. Putting Cultures on Display.** London: Routledge.

- HOOPER-GREENHILL, E. (Ed.), 1995, **Museum, Media, Message.** London: Routledge.

- HOOPER-GREENHILL, E., 1998, **Los Museos y sus Visitantes.** Gijón: Ediciones Trea.

\_\_\_\_\_ 2004, **The Educational Role of the Museum.** London & New York: Routledge.

- HOWARD, Peter, 2003, **Heritage: Management, Interpretation, Identity.** London & New York: Continuum.

- **Interpretation Journal - Planning for Success: interpretative plans and strategies, Vol. 13, nº 3**, Autumn, 2008. [Em linha] Association for Heritage Interpretation. [Consult. 15 Abr. 2012] Disponível na internet

< [http://www.lord.ca/Media/AHI\\_Journal\\_V13\\_No3.pdf](http://www.lord.ca/Media/AHI_Journal_V13_No3.pdf)>

- KORN, Randi, "Introduction to evaluation: theory and methodology." *In* BERRY, Nancy; MEYER, Susan. (Ed.), 1989, **Museum Education: History, Theory and Practice.** Virginia: National Art Education Association, pp. 219-237.

- KOTLER, Neil; KOTLER, Philip, 2001, **Estrategias y Marketing de Museos**. Barcelona: Editorial Ariel S.A.
- LORD, Barry; LORD, Gail Dexter, (Eds.), 2001, **The Manual of Museum Exhibitions**. Walnut Creek: Altamira Press.
- LORD, Barry; LORD, Gail Dexter, 2001, **The Manual of Museum Planning**. Lanham: Altamira Press.
- McKERCHER, Bob; Du CROS, Hilary, 2002, **Cultural Tourism: the Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management**. Binghamton: The Haworth Hospitality Press.
- McLEAN, Fiona, 2003, **Marketing the Museum**. London & New York: Routledge.
- MIRANDA, Jorge Morales, 1998, “La planificación interpretativa asegura la excelencia en interpretación.” [Em linha] [Consult. 13 Mar. 2012] Disponível na internet  
<<http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/docs/pdf/Planificacioninterpretativa.pdf>>
- MONTE, María Morente del, “Museo y patrimonio. Del objeto a la planificación estratégica.” [Em linha] **In Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales, Nº 3**, 2007, pp. 16-29. [Consult. 15 Mar. 2012] Disponível na internet  
<[http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev03/Rev03\\_EnTornoalMuseo.pdf](http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev03/Rev03_EnTornoalMuseo.pdf)>
- MOORE, Kevin, “La planificación estratégica en los museos” [Em linha] **In Museos.es: Revista de la Subdirección General de Museos Estatales, Nº. 1**, 2005, pp. 24-38. [Consult. 15 Abr. 2012] Disponível na internet  
<[http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev1/s2\\_2Planificacion.pdf](http://www.mcu.es/museos/docs/MC/MES/Rev1/s2_2Planificacion.pdf)>
- MOORE, Kevin (Ed.), 1994, **Museum Management**. London & New York: Routledge.
- RICHARDS, Greg (Ed.), 2007, **Cultural Tourism: Local and Global Perspectives**. Binghamton: Haworth Press.
- RICHARDS, Greg, “What is cultural Tourism?” [Em linha] [Consult. 10 Set. 2012] Disponível na internet  
<[http://www.academia.edu/1869136/What is Cultural Tourism](http://www.academia.edu/1869136/What_is_Cultural_Tourism)>



- RIVIÈRE, George-Henry, 1989, **La Muséologie Selon Georges Henri Rivière: cours de muséologie: textes et témoignages**. Paris: Dunod.
- SANTOS, Eloísa Pérez, 2000, **Estudio de Visitantes en Museos. Metodología y Aplicaciones**. Gijón: Ediciones Trea.
- SUYAN, Shen, 2009, **Visitor's Intention to Visit World Cultural Heritage Sites: Empirical Evidence from the Cases of Cologne and Suzhou**. [Em linha] Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Mathematisch-Naturwissenschaftlichen Fakultät der Universität zu Köln. [Consult. 12 Out. 2011] Disponível na internet  
<[http://www.kups.ub.uni-koeln.de/2996/1/Suyan\\_Shen\\_Dissertation.pdf](http://www.kups.ub.uni-koeln.de/2996/1/Suyan_Shen_Dissertation.pdf)>
- TILDEN, Freeman, 1967, **Interpreting our Heritage**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- WALSH, Kevin, 1992, **The Representation of the Past: Museums and Heritage in the Post-Modern World**. London & New York: Routledge.

## MANUAIS DE PLANIFICAÇÃO INTERPRETATIVA

- CARTER, James, (1997), 2001, **A Sense of Place - An Interpretative Planning Handbook**. [Em linha] Inverness: Tourism and Environmental Initiative. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <<http://www.greentourism.org.uk/SOFP.PDF>>
- CROSS, Susan, 2010, **Sharing our Stories: using interpretation to improve the visitor's experience at heritage sites**. [Em linha] Fáilte Ireland ed. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet  
<[http://www.failteireland.ie/FailteIreland/media/WebsiteStructure/Documents/2\\_Develop\\_Your\\_Business/1\\_StartGrow\\_Your\\_Business/Heritage-Interpretation-Manual.pdf?ext=.pdf](http://www.failteireland.ie/FailteIreland/media/WebsiteStructure/Documents/2_Develop_Your_Business/1_StartGrow_Your_Business/Heritage-Interpretation-Manual.pdf?ext=.pdf)>
- “Evaluating Interpretation.” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet  
<[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,catalog\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,catalog_view/)>

- **Heritage Centre Sustainability: Online Resource Manual to assist organizations in the sustainable development and management of small-scale heritage centers.** [Em linha] Quebec: Canadian Heritage, Quebec Labrador Foundation, 2011. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <<http://www.qlf.org/>>
- **Interpretation. A Guide to Make Interpretation Easy to Understand, Plan and Deliver.** [Em linha] Government of Western Australia: State Heritage Office. [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://stateheritage.wa.gov.au/docs/heritage-tourism/interpretaion\\_2012.pdf?sfvrsn=4](http://stateheritage.wa.gov.au/docs/heritage-tourism/interpretaion_2012.pdf?sfvrsn=4)>
- “Interpretive Planning” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat_view/)>
- “It’s easy as 1, 2, 3...Good practice guidelines.” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat_view/)>
- JONES, Shar, 2007, **Sharing Our Stories: Guidelines for Heritage Interpretation.** [Em linha] The National Trust of Australia & Museums Australia. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <<http://www.nationaltrust.net.au/sites/default/files/20110208%20Sharing%20our%20Stories.pdf>>
- LANCASTER COUNTY PLANNING COMMISSION, 2007, **Telling Our Stories, an Interpretation Manual for Heritage Partners.** [Em linha] Lancaster: Lancaster County Planning Commission. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <<http://www.lancastercountyheritage.com/lancheritage/cwp/view.asp?a=1121&q=603753&lancheritageNav=|>>>
- LUDWIG, Thorsten, 2003, **Basic Interpretative Skills. The Course Manual.** [Em linha] Werleshausen: Bildungswerk Interpretation. [Consult. 15 Nov. 2011] Disponível na internet <[http://www.interp.de/dokumente/topas\\_course\\_manual.pdf](http://www.interp.de/dokumente/topas_course_manual.pdf)>

- “Making Interpretation Accessible to All” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat_view/)>
- “Producing Interpretive Panels” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,cat_view/)>
- SAVAGE, Gilian; JAMES, Jane, 2001, **A Practical Guide to Evaluating Natural and Cultural Heritage Interpretation. Exit Interviews, Observation Methods, Focus Group Discussions.** [Em linha] Adelaide, SA: Flinders University Press. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet < [http://www.magsq.com.au/dbase\\_upl/workshopBG.pdf](http://www.magsq.com.au/dbase_upl/workshopBG.pdf)>
- **Standards and Practices for Interpretative Methods.** [Em linha] National Association of Interpretation, 2009. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <<http://www.interpnet.com/docs/BP-Methods-Jan09.pdf>>
- **Thinking about...Community Participation.** [Em linha] Novembro de 2010, Heritage Lottery Fund. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <[http://www.hlf.org.uk/HowToApply/furtherresources/Documents/Thinking\\_about\\_community\\_participation.pdf](http://www.hlf.org.uk/HowToApply/furtherresources/Documents/Thinking_about_community_participation.pdf)>
- **Thinking about...Interpretation.** [Em linha] Fevereiro de 2009, Heritage Lottery Fund. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <[http://www.hlf.org.uk/HowToApply/furtherresources/Documents/Thinking\\_about\\_interpretation.pdf](http://www.hlf.org.uk/HowToApply/furtherresources/Documents/Thinking_about_interpretation.pdf)>
- TUGAS Pere Izquierdo; JUAN-TRESSERAS, Jordi; MELLIN, Juan Carlos Matamala (Eds.), 2005, **Heritage Interpretation Centres: The Hicira Handbook.** [Em linha] Barcelona: Institut d'Edicions de la Diputació de Barcelona. [Consult. 15 Set. 2011] Disponível na internet <[http://www.diba.cat/c/document\\_library/get\\_file?uuid=63952a92-928c-4eb9-a698-587bea5cf637&groupId=99058](http://www.diba.cat/c/document_library/get_file?uuid=63952a92-928c-4eb9-a698-587bea5cf637&groupId=99058)>

WARD, Carolyn Widner; WILKINSON, Alan E., 2006, **Conducting Meaningful Interpretation: A Field Guide for Success**. Golden: Fulcrum Publishing.

-“Writing Interpretation.” [Em linha] [Consult. 12 Jan. 2013] Disponível na internet

<[http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com\\_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,catalog\\_view/](http://www.pathsforall.org.uk/component/option,com_docman/Itemid,166/dir,DESC/gid,57/limitstart,16/order,date/task,catalog_view/)>

## RECURSOS ADICIONAIS

### ARTIGOS DE IMPRENSA

- ALMEIDA, Fátima, “Para difundir a língua do poeta.” **Tribuna de Macau** [Em linha], 11 de Junho de 2012. [Consult. 15 Jul. 2012] Disponível na internet <<http://arquivo.jtm.com.mo/view.asp?dT=404403005>>

- “Ao lado de Camões.” **Hoje Macau** [Em linha] 14 de Maio de 2012. [Consult. 14 Mai. 2012.] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?p=33004&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=ao-lado-de-camoes](http://hojemacau.com.mo/?p=33004&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=ao-lado-de-camoes)>

- ARESTA, António, “Luís de Camões.” **Tribuna de Macau** [Em linha], 9 de Junho de 2011. [Consult. 9 Jun. 2011] Disponível na internet <<http://www.jtm.com.mo/view.asp?dT=404403005>>

\_\_\_\_\_ “O governador Horta e Costa.” **Tribuna de Macau** [Em linha], 2 de Março de 2012. [Consult. 2 Mar. 2012] Disponível na internet <<http://arquivo.jtm.com.mo/view.asp?dT=397802001>>

- BAXTER, Alan, “Qual será o futuro da Língua Portuguesa em Macau?” **Hoje Macau** [Em linha], 20 de Dezembro de 2010. [Consult. 27 Jul. 2011] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=6592>>

- “Casinos começam 2012 e Ano do Dragão em grande.” **Hoje Macau** [Em linha], 31 de Janeiro de 2012. [Consult. 31 Jan. 2012] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?p=28015&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=casinos-comecam-2012-e-ano-do-dragao-em-grande](http://hojemacau.com.mo/?p=28015&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=casinos-comecam-2012-e-ano-do-dragao-em-grande)>

- “Comércio com países de língua portuguesa sobe 17%.” **Hoje Macau** [Em linha], 17 de Abril de 2012. [Consult. 17 Abr. 2012] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?p=31776&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=comercio-com-paises-de-lingua-portuguesa-sobe-17](http://hojemacau.com.mo/?p=31776&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=comercio-com-paises-de-lingua-portuguesa-sobe-17)>

- “Diga lá outra vez.” **Ponto Final** [Em linha], 17 de Dezembro de 2012. [Consultado a 17 de Dezembro de 2012.] Disponível na internet

< <http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/12/17/diga-la-outra-vez/>>

-“*En-Cantos* promovem Portugal no 10 de Junho.” **Ponto Final** [Em linha], 15 de Maio de 2012. [Consultado a 15 de Maio de 2012.] Disponível na internet

<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/05/15/en-cantos-promovem-portugal-no-10-de-junho/>>

- FALCÃO, António, “Camões apartado como um bicho-do-mato.” **Hoje Macau** [Em linha], 30 de Novembro de 2010. [Consult. 27 Jul. 2011] Disponível em <<http://hojemacau.com.mo/?p=5704>>

- FERNANDO, Hélder, “O ensino da língua portuguesa na China”. **Hoje Macau** [Em linha], 10 de Julho de 2012. [Consult. 10 Jul. 2012] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?p=36280&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=o-ensino-da-lingua-portuguesa-na-china](http://hojemacau.com.mo/?p=36280&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=o-ensino-da-lingua-portuguesa-na-china)>

\_\_\_\_\_ “Este é que é o livro sobre Camões em Macau. Entrevista a Eduardo Ribeiro”. **Hoje Macau** [Em linha], 27 de Novembro de 2012. [Consult. 27 Nov. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=44698&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=este-e-que-e-o-livro-sobre-camoes-em-macau](http://hojemacau.com.mo/?p=44698&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=este-e-que-e-o-livro-sobre-camoes-em-macau)>

\_\_\_\_\_ “Para negociar com a China, é importante a empresa ser de Macau”. **Hoje Macau** [Em linha], 11 de Dezembro de 2012. [Consult. 11 Dez. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=45438&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=para-negociar-com-a-china-e-importante-a-empresa-ser-de-macau](http://hojemacau.com.mo/?p=45438&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=para-negociar-com-a-china-e-importante-a-empresa-ser-de-macau)>

- FREITAS, Joana, “Portuguesamente falando. Uma análise ao ensino do português na RAEM.” **Hoje Macau** [Em linha], 20 de Dezembro de 2012. [Consult. 20 Dez. 2012] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=6521>>

\_\_\_\_\_ “A tapar a história com prédios altos.” **Hoje Macau** [Em linha], 13 de Julho de 2011. [Consult. 13 Jul. 2011] Disponível na internet

<<http://hojemacau.com.mo/?p=17077>>

\_\_\_\_\_ “Nada de novo no panorama.” **Hoje Macau** [Em linha], 13 de Julho de 2011. [Consult. 13 Jul. 2011] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=17076&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=nada-de-novo-no-panorama](http://hojemacau.com.mo/?p=17076&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=nada-de-novo-no-panorama)>

\_\_\_\_\_ “Património à mercê.” **Hoje Macau** [Em linha], 27 de Setembro de 2011. [Consult. 27 Set. 2011] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=20955&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=patrimonio-a-merce](http://hojemacau.com.mo/?p=20955&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=patrimonio-a-merce)>

\_\_\_\_\_ “Quem avisa amigo é.” **Hoje Macau** [Em linha], 17 de Outubro de 2011. [Consult. 17 Out. 2011] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=21766&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=quem-avisa-amigo-e](http://hojemacau.com.mo/?p=21766&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=quem-avisa-amigo-e)>

\_\_\_\_\_ “Aniversário da Declaração Conjunta: 25 anos depois, o que sabem os estudantes universitários?” **Hoje Macau** [Em linha], 13 de Abril de 2012. [Consult. 13 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=31640&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=%25c2%25b4aniversario-declaracao-conjunta-25-anos-depois-o-que-sabem-os-estudantes-universitarios](http://hojemacau.com.mo/?p=31640&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=%25c2%25b4aniversario-declaracao-conjunta-25-anos-depois-o-que-sabem-os-estudantes-universitarios)>

\_\_\_\_\_ “Relatório sobre património histórico de Macau está concluído e foi entregue às autoridades chinesas”. **Hoje Macau** [Em linha], 16 de Janeiro de 2013. [Consult. 16 Jan. 2013] Disponível na internet

<<http://hojemacau.com.mo/?p=46866>>

- GONÇALVES, Inês Santinhos, “Turistas insatisfeitos com o património.” **Ponto Final**. [Em linha] 17 de Julho de 2012. [Consult. 17 Jul. 2012.] Disponível na internet  
<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/07/17/turistas-insatisfeitos-com-o-patrimonio/>>

\_\_\_\_\_ “Uma certeza nos penedos.” **Ponto Final** [Em linha], 28 de Novembro de 2012. [Consult. 28 Nov. 2012.] Disponível na internet

<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/11/28/uma-certeza-nos-penedos/>>

- “A Gruta de Camões através dos tempos.” **O Clarim**. 11 de Junho de 1950, p. 5. Macau: Diocese de Macau.

- “Lei do Património já tem sanções para incumpridores.” **Hoje Macau** [Em linha], 18 de Abril de 2012. [Consult. 18 Abr. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=31833&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=lei-do-patrimonio-ja-tem-sancoes-para-incumpridores](http://hojemacau.com.mo/?p=31833&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=lei-do-patrimonio-ja-tem-sancoes-para-incumpridores)>

- LOBO PINHEIRO, Gonçalo, “Os portugueses não prestaram a devida atenção ao ensino da língua portuguesa.” **Hoje Macau** [Em linha], 5 de Maio de 2011. [Consult. 5 Jul. 2012] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=13175>>

\_\_\_\_\_ “De mãos dadas com a Ilha da Montanha.” **Hoje Macau** [Em linha], 5 de Julho de 2012. [Consult. 5 Jul. 2012] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?p=36122&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=de-maos-dadas-com-a-ilha-da-montanha](http://hojemacau.com.mo/?p=36122&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=de-maos-dadas-com-a-ilha-da-montanha)>

- LUSA, “ Já são 5 000 os jovens e adultos chineses a aprender português em Macau.” **Diário de Notícias** [Em linha], 03 de Novembro de 2010. [Consult. 15 Set. 2012] Disponível na internet

<[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1701801](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1701801)>

\_\_\_\_\_ “Linguista brasileira justifica interesse com êxito económico dos dois países.” **Hoje Macau** [Em linha], 28 de Agosto de 2012. [Consult. 15 Set. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=38774&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=linguista-brasileira-justifica-interesse-com-exito-economico-dos-dois-paises](http://hojemacau.com.mo/?p=38774&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=linguista-brasileira-justifica-interesse-com-exito-economico-dos-dois-paises)>

- “Luzes de alerta no Farol da Guia.” **Tribuna de Macau** [Em linha], 29 de Novembro de 2007. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://arquivo.jtm.com.mo/view.asp?dT=265203003>>

- “Metade do destino cumprido.” **Ponto Final** [Em linha], 13 de Abril de 2012. [Consultado a 13 de Abril de 2012.] Disponível na internet

<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/04/13/metade-do-destino-cumprido/>>

- Revista **Macau**, 1ª Série, nº2, Junho de 1987.

- NEVES, Patrícia, “Defendida consagração de Camões como poeta de Macau”. **Tribuna de Macau** [Em linha], 11 de Junho de 2011. [Consult. 11 Jun. 2011] Disponível na internet <<http://www.jtm.com.mo/view.asp?dT=377303003>>



- “Poeta de Macau.” **Hoje Macau** [Em linha], 13 de Junho de 2011. [Consult. 13 Jun. 2011.] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=15446>>

- “Português em Macau – Língua ao Alto.” **Hoje Macau - Suplemento** [Em linha], 20 de Dezembro de 2010. [Consult. 08 Nov. 2011] Disponível na internet <[http://hojemacau.com.mo/?page\\_id=6352](http://hojemacau.com.mo/?page_id=6352)>

- PICASSINOS, Carlos, “Portugal (e Macau) assinalado.” **Hoje Macau** [Em linha], 22 de Julho de 2011. [Consult. 22 Jul. 2011] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=17603&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=portugal-e-macau-assinalado](http://hojemacau.com.mo/?p=17603&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=portugal-e-macau-assinalado)>

-QUEIROZ, Filipa, “O português tem futuro no território.” **Hoje Macau** [Em linha], 13 de Abril de 2011. [Consult. 22 Jul. 2011] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=12182>>

- RAMOS, Rita Marques, “Assembleia garante Lei de Salvaguarda do Património chega este ano ao plenário”. **Hoje Macau** [Em linha], 16 de Maio de 2012. [Consult. 16 Mai. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=33149&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=assembleia-garante-lei-de-salvaguarda-do-patrimonio-chega-este-ano-ao-plenario](http://hojemacau.com.mo/?p=33149&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=assembleia-garante-lei-de-salvaguarda-do-patrimonio-chega-este-ano-ao-plenario)>

\_\_\_\_\_ “Ex-dirigente diz que cada vez há menos guias a falar línguas fundamentais.” **Hoje Macau** [Em linha], 31 de Maio de 2012. [Consult. 31 Mai. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=34134&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=ex-dirigente-diz-que-cada-vez-ha-menos-guias-a-falar-linguas-fundamentais](http://hojemacau.com.mo/?p=34134&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=ex-dirigente-diz-que-cada-vez-ha-menos-guias-a-falar-linguas-fundamentais)>

\_\_\_\_\_ “Revitalizar Camões e seus amigos.” **Hoje Macau** [Em linha], 31 de Outubro de 2012. [Consult. 31 Out. 2012] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=43102>>

\_\_\_\_\_ “Procura do português leva DSEJ a “equacionar medidas para formar mais professores locais”. **Hoje Macau** [Em linha], 1 de Fevereiro de 2013. [Consult. 01 Fev. 2013] Disponível na internet <<http://hojemacau.com.mo/?p=47710>>

- RANGEL, Jorge, “Versos dos governadores de Hong Kong no Jardim Camões.” **Tribuna de Macau** [Em linha], 9 de Junho de 2008. [Consult. 20 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://arquivo.jtm.com.mo/view.asp?dT=282802003>>
- “Repensar o modelo”. **Ponto Final** [Em linha] 27 de Junho de 2012. [Consult. 27 Jun. 2012] Disponível na internet  
<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/06/27/repensar-o-modelo/>>
- RIBEIRO, Eduardo, “A Língua de Camões.” **Hoje Macau** [Em linha], 20 Dezembro 2010. [Consult. 11 Jun. 2011] Disponível na internet  
<<http://hojemacau.com.mo/?p=6595>>
- SENNA FERNANDES, Miguel, “Português para a China usar.” **Hoje Macau** [Em linha], 20 de Dezembro de 2010. [Consult. 27 Jul. 2011] Disponível na internet  
<<http://hojemacau.com.mo/?p=6566>>
- SILVA, Andreia Sofia, “Jogo é a terceira preferência dos turistas.” **Hoje Macau** [Em linha], 20 de Abril de 2012. [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet  
<[http://hojemacau.com.mo/?p=31943&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=jogo-e-a-terceira-preferencia-dos-turistas](http://hojemacau.com.mo/?p=31943&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=jogo-e-a-terceira-preferencia-dos-turistas)>
- \_\_\_\_\_ “O lugar do património numa RAEM adolescente.” **Hoje Macau** [Em linha], 26 de Dezembro de 2012. [Consult. 26 Dez. 2012] Disponível na internet  
<[http://hojemacau.com.mo/?p=45924&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=o-lugar-do-patrimonio-numa-raem-adolescente](http://hojemacau.com.mo/?p=45924&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=o-lugar-do-patrimonio-numa-raem-adolescente)>
- SIMÃO, Jorge Rodrigues, “A epopeia de Monsenhor Manuel Teixeira.” **Hoje Macau** [Em linha], 16 de Abril de 2012. [Consult. 16 Abr. 2012] Disponível na internet  
<[http://hojemacau.com.mo/?p=31709&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=a-epopeia-de-monsenhor-manuel-teixeira](http://hojemacau.com.mo/?p=31709&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=a-epopeia-de-monsenhor-manuel-teixeira)>
- \_\_\_\_\_ “A cidade depositária da história.” **Hoje Macau** [Em linha], 8 de Junho de 2012. [Consult. 12 Jun. 2012] Disponível na internet  
<[http://hojemacau.com.mo/?p=34707&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=a-cidade-depositaria-da-historia](http://hojemacau.com.mo/?p=34707&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=a-cidade-depositaria-da-historia)>
- SOARES, Catarina Brites, “Camões também é de Macau.” **Ponto Final** [Em linha], 26 de Novembro de 2010. [Consult. 27 Jul. 2011] Disponível na internet

<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2010/11/26/%E2%80%9Ccamoes-e-tambem-de-macau%E2%80%9D/>>

- “Trocas comerciais entre China e países lusófonos continuam a crescer.” **Hoje Macau** [Em linha], 17 de Dezembro de 2012. [Consult. 17 Dez. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=45727&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=trocas-comerciais-entre-china-e-paises-lusofonos-continuam-a-crescer](http://hojemacau.com.mo/?p=45727&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=trocas-comerciais-entre-china-e-paises-lusofonos-continuam-a-crescer)>

- “Vai uma aposta?” **Ponto Final**. [Em linha] 20 de Abril de 2012. [Consult. 20 Abr. 2012] Disponível na internet

<<http://pontofinalmacau.wordpress.com/2012/04/20/vai-uma-aposta/>>

- YI, Pu, “Ensino do português a crescer.” **Hoje Macau** [Em linha], 7 de Setembro de 2012. [Consult. 7 Set. 2012] Disponível na internet

<[http://hojemacau.com.mo/?p=39402&utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=ensino-do-portugues-a-crescer](http://hojemacau.com.mo/?p=39402&utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=ensino-do-portugues-a-crescer)>

## LEGISLAÇÃO

### REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU E PROTECÇÃO, SALVAGUARDA E INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

- **Convenção da UNESCO para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural**, 1972. [Em linha] [Consult. 3 Dez. 2011] Disponível na internet <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>
- **Declaração Conjunta Do Governo Da República Portuguesa e Do Governo Da República Popular Da China Sobre a Questão De Macau**. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/88/23/dc/pt/>>
- **Decreto-Lei n.º 34/76/M, de 7 de Agosto de 1976** - Classifica o património artístico de Macau. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/76/32/declei34.asp>>
- **Decreto-Lei n.º 52/77/M, de 31 de Dezembro** – Actualiza o Tombo e dá nova redacção aos artigos 11.º e 15.º do Decreto n.º 34/76/M, de 7 de Agosto (Classifica o património artístico de Macau). [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/77/53/declei52.asp>>
- **Decreto-Lei n.º 43/82/M, de 4 de Setembro de 1982** - Cria o Instituto Cultural de Macau. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/82/36/declei43.asp>>
- **Decreto-Lei n.º 56/84/M, de 30 de Junho de 1984** - Cria a Comissão de Defesa do Património Arquitectónico, Paisagístico e Cultural. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/84/27/declei56.asp>>
- **Decreto-Lei n.º 102/85/M, de 25 de Novembro** - Extingue a Comissão de Estética. — Revoga o Decreto Provincial n.º 4/74, de 23 de Fevereiro. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/85/47/declei102.asp>>
- **Decreto-Lei n.º 63/89/M, de 25 de Setembro** - Reestrutura o Instituto Cultural de Macau e extingue a Comissão do Património Arquitectónico, Paisagístico e Cultural e

bem assim o Centro Cultural Sir Robert Ho Tung – Revogações. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://bo.io.gov.mo/bo/i/89/39/declei63.asp>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/89/39/declei63.asp)

- **Decreto-Lei n.º 20/90/M, de 14 de Maio** - Dá nova redacção a diversos artigos do Decreto-Lei n.º 63/89/M, de 25 de Setembro, (Orgânica do Instituto Cultural de Macau).

[Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://bo.io.gov.mo/bo/i/90/20/declei20.asp#20>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/90/20/declei20.asp#20)

- **Decreto-Lei n.º 83/92/M, de 31 de Dezembro** - Altera a relação dos monumentos, conjuntos e sítios classificados, anexa ao Decreto-Lei n.º 56/84/M, de 30 de Junho, e à Portaria n.º 90/89/M, de 31 de Maio. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet [<http://bo.io.gov.mo/bo/i/92/52/declei83.asp>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/92/52/declei83.asp)

- **Decreto-Lei n.º 63/94/M, de 19 de Dezembro** - Aprova a nova estrutura orgânica do Instituto Cultural de Macau. — Revoga os Decretos-Leis n.º. 63/89/M, de 25 de Setembro, e 20/90/M, de 14 de Maio. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet [<http://bo.io.gov.mo/bo/i/94/51/declei63.asp#63>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/94/51/declei63.asp#63)

- **Decreto-Lei n.º 31/98/M, de 20 de Julho** - Cria a estrutura administrativa do Museu de Macau, no Instituto Cultural. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet [<http://bo.io.gov.mo/bo/i/98/29/declei31.asp#31>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/98/29/declei31.asp#31)

- **Despacho n.º 24/81, de 16 de Maio** - Respeitante à nova constituição da Comissão de Defesa do Património Urbanístico, Paisagístico e Cultural de Macau, criada pelo Decreto-Lei n.º 34/76/M, de 7 de Agosto. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet [<http://bo.io.gov.mo/bo/i/81/20/desp24.asp>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/81/20/desp24.asp)

- **Despacho n.º 15/86/ECT de 7 de Abril** - respeitante à transferência do Arquivo Histórico e da Biblioteca Nacional de Macau para o Instituto Cultural de Macau. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet [<http://bo.io.gov.mo/bo/i/86/14/bo14.asp>](http://bo.io.gov.mo/bo/i/86/14/bo14.asp)

- **Despacho n.º 2/SAEC/87** - Respeitante à revisão e actualização da lista das peças culturais classificadas, anexa ao Decreto-Lei n.º 56/84/M, de 30 de Junho. Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet

[<http://pt.io.gov.mo/Legis/record/141320.aspx>](http://pt.io.gov.mo/Legis/record/141320.aspx)

- **Despacho do Chefe do Executivo n.º 202/2006, de 24 de Julho** - Respeitante à definição gráfica e respectivas zonas de protecção dos monumentos, edifícios de interesse arquitectónico, conjuntos e sítios classificados do «Centro Histórico de Macau». (Complementa o anexo V ao Decreto-Lei n.º 83/92/M, de 31 de Dezembro). [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet

<<http://bo.io.gov.mo/bo/i/2006/30/despce.asp#202>>

- **Despacho do Chefe do Executivo n.º 83/2008, de 16 de Abril** - Fixa as cotas altimétricas máximas permitidas para a construção de edifícios nas zonas de imediações do Farol da Guia. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet

<<http://bo.io.gov.mo/bo/i/2008/15/despce.asp#83>>

- **Despacho Conjunto n.º 7/86, de 30 de Agosto** - Respeitante à definição gráfica dos valores culturais classificados. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/86/35/desp07.asp>>

- **ICOMOS Ename Charter for the Interpretation and of Cultural Heritage Sites**, 2008. [Em linha] [Consult. 15 Jan. 2013] Disponível na internet

<<http://www.enamecharter.org/>>

- **ICOMOS International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (The Venice Charter)**, 1964. [Em linha] [Consult. 15 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.icomos.org/charters/venice\\_e.pdf](http://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf)>

- **ICOMOS International Cultural Tourism – Managing Tourism at Places of Heritage Significance**, 1999. [Em linha] [Consult. 15 Jan. 2013] Disponível na internet <[http://www.international.icomos.org/charters/tourism\\_e.pdf](http://www.international.icomos.org/charters/tourism_e.pdf)>

- **ICOMOS The Nara Document on Authenticity**, 1994. [Em linha] [Consult. 15 Jan. 2013] Disponível na internet <<http://www.icomos.org/charters/nara-e.pdf>>

- **Lei n.º 107/201 de 8 de Setembro — Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural**. [Em linha] **Diário da República, Iª série - A, 209**. [Consult. 15 Jan. 2013] Disponível na internet

<<http://dre.pt/pdf1sdip/2001/09/209A00/58085829.pdf>>

- **Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China.** [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/leibasica/index.asp>>

- **Lei de Salvaguarda do Património Cultural [de Macau] - Projecto** [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://www.macaupatrimony.net/mhlaw/EnquadramentP.pdf>>

- **Portaria n.º 3/80/M, de 12 de Janeiro** - Determina que os novos edifícios a construir na Avenida Almeida Ribeiro, no troço compreendido entre o Largo do Leal Senado e a Rua Visconde Paço de Arcos (Porto Interior) devem possuir arcadas. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/80/02/port03.asp>>

- **Portaria n.º 89/89/M, de 31 de Maio** - Desclassifica, como monumento, um elemento anexo ao Palacete Lou Lim Ioc. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/89/22/port89.asp>>

- **Portaria n.º 90/89/M, de 31 de Maio** - Fixa a lista dos monumentos classificados, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 56/84/M, de 30 de Junho. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/89/22/port90.asp>>

- **Regulamento Administrativo n.º 4/2008, de 10 de Março** - Altera a organização e funcionamento do Instituto Cultural. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/2008/10/regadm04.asp>>

- **Regulamento Administrativo n.º 5/2010, de 29 de Março** - Alteração à organização e funcionamento do Instituto Cultural. [Em linha] [Consult. 10 Fev. 2012] Disponível na internet <<http://bo.io.gov.mo/bo/i/2010/13/regadm05.asp>>

## FONTES EM LINHA

### SÍTIOS INSTITUCIONAIS - GENERALISTAS

- **Casa de Macau em Portugal:** <http://www.casademacau.pt/>
- **Casa de Portugal em Macau:** <http://www.casadeportugal.ctm.net/menu.html>
- **Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal:** <http://www.turismodemacau.com.pt/>
- **CIA World Factbook:** <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- **Direcção dos Serviços de Economia de Macau:** [http://www.economia.gov.mo/web/DSE/public?nfpb=true&pageLabel=Pg\\_Home&locale=pt\\_PT](http://www.economia.gov.mo/web/DSE/public?nfpb=true&pageLabel=Pg_Home&locale=pt_PT)
- **Direcção dos Serviços de Estatísticas e Censos de Macau:** <http://www.dsec.gov.mo/Home.aspx?lang=pt-PT>
- **Direcção dos Serviços de Juventude de Macau:** <http://www.dsej.gov.mo>
- **Direcção dos Serviços de Turismo de Macau:** <http://www.macautourism.gov.mo/>
- **Departamento de Português da Universidade de Macau:** <http://www.umac.mo/fsh/dp/port/index.html>
- **Fórum Macau – Documentos:** [http://www.geocities.ws/forum\\_macau/docs.htm](http://www.geocities.ws/forum_macau/docs.htm)
- **Fundação Casa de Macau:** <http://www.fundacaocasamacau.org/>
- **Hemeroteca digital:** [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1926/N3/N3\\_item1/P28.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1926/N3/N3_item1/P28.html)
- **Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais de Macau:** <http://www.iacm.gov.mo/>
- **Instituto de Formação Turística de Macau (IFT):** <http://www.ift.edu.mo/>



- **Indústria Turística de Macau:**  
[http://industry.macautourism.gov.mo/pt/Statistics\\_and\\_Studies/list\\_statistics.php?id=29&page\\_id=10](http://industry.macautourism.gov.mo/pt/Statistics_and_Studies/list_statistics.php?id=29&page_id=10)
- **Macau: Guia da Cidade:** <http://www.cityguide.gov.mo/>
- **Macau Hub:** <http://www.macauhub.com.mo>
- **Observatório da Língua Portuguesa:** <http://www.observatorio-lp.sapo.pt/pt>
- **Portal do Governo da R.A.E. de Macau:** <http://portal.gov.mo/>
- **Universidade de Macau:** <http://www.umac.mo/>
- **Universidade de São José:** <http://www.usj.edu.mo/>

## SÍTIOS INSTITUCIONAIS – PATRIMÓNIO CULTURAL

- **American Memory - Library of Congress: Macau, uma selecção de imagens cartográficas:**  
[http://memory.loc.gov/ammem/gmdhtml/macau/macau\\_portuguese.html](http://memory.loc.gov/ammem/gmdhtml/macau/macau_portuguese.html)
- **Antiques and Monuments Office Hong Kong:**  
<http://www.lcsd.gov.hk/CE/Museum/Monument/en/index.php>
- **Arquivo Histórico de Macau:** <http://www.archives.gov.mo/pt/>
- **Cartoteca Digital: mapes i fotografies antigues de Catalunya i tot el món – Moz:** <http://cartotecadigital.icc.cat/cdm/>
- **Cultural Heritage Tourism:**  
<http://www.culturalheritagetourism.org/index.html>
- **Ethnologue, Languages of the World:** <http://www.ethnologue.com/home.asp>
- **Hong Kong Leisure and Culture Service Department- Museums:**  
[http://www.lcsd.gov.hk/en/cs\\_mus.php](http://www.lcsd.gov.hk/en/cs_mus.php)
- **IGESPAR – Património de Macau:**  
<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/mundial/origemportuguesa/133/>

- **Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau:** <http://www.icm.gov.mo/deippub/indexP.asp>
- **Instituto dos Museus e da Conservação (IMC-PI) / Direcção Geral do Património Cultural:** <http://www.ipmuseus.pt/>
- **International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (ICCROM):** <http://www.iccrom.org/>
- **International Council on Monuments and Sites (ICOMOS):** <http://www.icomos.org/>
- **International Council of Museums (ICOM):** <http://icom.museum/>
- **Macau Património Mundial:** <http://www.wh.mo/wh/indexP.asp>
- **Museum Galleries Scotland:** <http://www.museumsgalleriesscotland.org.uk/>
- **National Park Service:** <http://www.nps.gov/index.htm>
- **Quebec-Labrador Foudation:** <http://www.qlf.org/>
- **Rede do Património Cultural de Macau:** <http://www.macauheritage.net/pt/>
- **Services and Information of the Hong Kong University of Science and Technology Library:** <http://library.ust.hk/info/exhibit/maps-2002/maps-gallery5.html>
- **UNESCO Património Mundial:** <http://www.unesco.org/culture/heritage>
- **UNESCO World Heritage List – Historic Centre of Macao:** <http://whc.unesco.org/en/list/1110/>
- **Wellcome Collection:** <http://www.wellcomecollection.org/>
- **World Digital Library:** <http://www.wdl.org/en/>

## INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E ASSOCIAÇÕES DE INTERPRETAÇÃO DE PATRIMÓNIO

- **Asociación para la Interpretación del Patrimonio:** <http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/>
- **Association for Heritage Interpretation:** <http://www.ahi.org.uk/>
- **Community Planning:** <http://www.communityplanning.net/>
- **Department of Conservation *Te papa Atawai* - Government of New Zealand:** <http://www.doc.govt.nz/>
- **English Heritage:** <http://www.english-heritage.org.uk/>
- **European Association for Interpretation:** <http://www.interpret-europe.net/>
- **Heritage Lottery Fund:** <http://www.hlf.org.uk/Pages/Home.aspx>
- **Interpretation Australia:** <http://www.interpretationaustralia.asn.au/>
- **Interpretation Canada – An Association for Heritage Interpretation:** <http://www.interpcan.ca/new/>
- **Interpretation Network New Zealand:** <http://www.innz.net.nz/>
- **Interpret Scotland – the website for Scottish interpreters:** <http://www.interpretsotland.org.uk/>
- **National Association for Interpretation:** <http://www.interpnet.com/>
- **Scottish Natural Heritage:** <http://www.snh.gov.uk/>
- **US Forest Service:** <http://www.fs.fed.us/>

## CENTROS DE INTERPRETAÇÃO E MUSEUS

- **Ellis Island Immigration Museum:**  
[http://www.ellisland.org/genealogy/ellis\\_island\\_visiting.asp](http://www.ellisland.org/genealogy/ellis_island_visiting.asp)
- **Hong Kong Heritage Discovery Centre:**  
[http://www.lcsd.gov.hk/CE/Museum/Monument/en/discovery\\_center.php](http://www.lcsd.gov.hk/CE/Museum/Monument/en/discovery_center.php)
- **Hong Kong Heritage Museum:** <http://www.heritagemuseum.gov.hk/>
- **Hong Kong Museum of Education:** <http://www.museum.ied.edu.hk/>
- **Hong Kong Museum of History:**  
<http://www.lcsd.gov.hk/ce/Museum/History/en/aboutus.php>
- **Museu de Arte de Macau:** <http://www.mam.gov.mo/>
- **Museu de Macau:** <http://www.macaumuseum.gov.mo/>
- **Museu do Centro Científico e Cultural de Macau:** <http://www.cccm.pt/>
- **Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania de Macau:**  
<http://handovermuseum.iacm.gov.mo/index.htm>
- **Museu do Oriente:** <http://www.museudooriente.pt/>
- **National September 11 Memorial & Museum:**  
<http://www.911memorial.org/national-september-11-memorial-museum>
- **Topographie des Terrors:** <http://www.topographie.de/en/>

## IMPrensa

- **Jornal Ponto Final:** <http://pontofinalmacau.wordpress.com/>
- **Jornal Tribuna de Macau:** <http://www.jtm.com.mo/>
- **Macau Daily Times:** <http://www.macaudailytimes.com.mo/>
- **Macao Magazine:** <http://www.macaomagazine.net/>
- **Revista Macau:** <http://www.revistamacau.com/>

## BLOGS

- **Bairro do Oriente:** <http://bairrodooriente.blogspot.pt/>
- **Caderno do Oriente:** <http://caderno-do-orienteblogspot.pt/>
- **Crónicas Macaenses:** <http://cronicasmacaenses.com/>
- **Jorge Morbey:** <http://jorgemorbey.blogspot.pt/>
- **Macau Antigo:** <http://macauantigo.blogspot.pt/>
- **Nenotavainaconta:** <http://nenotavaiconta.wordpress.com/>